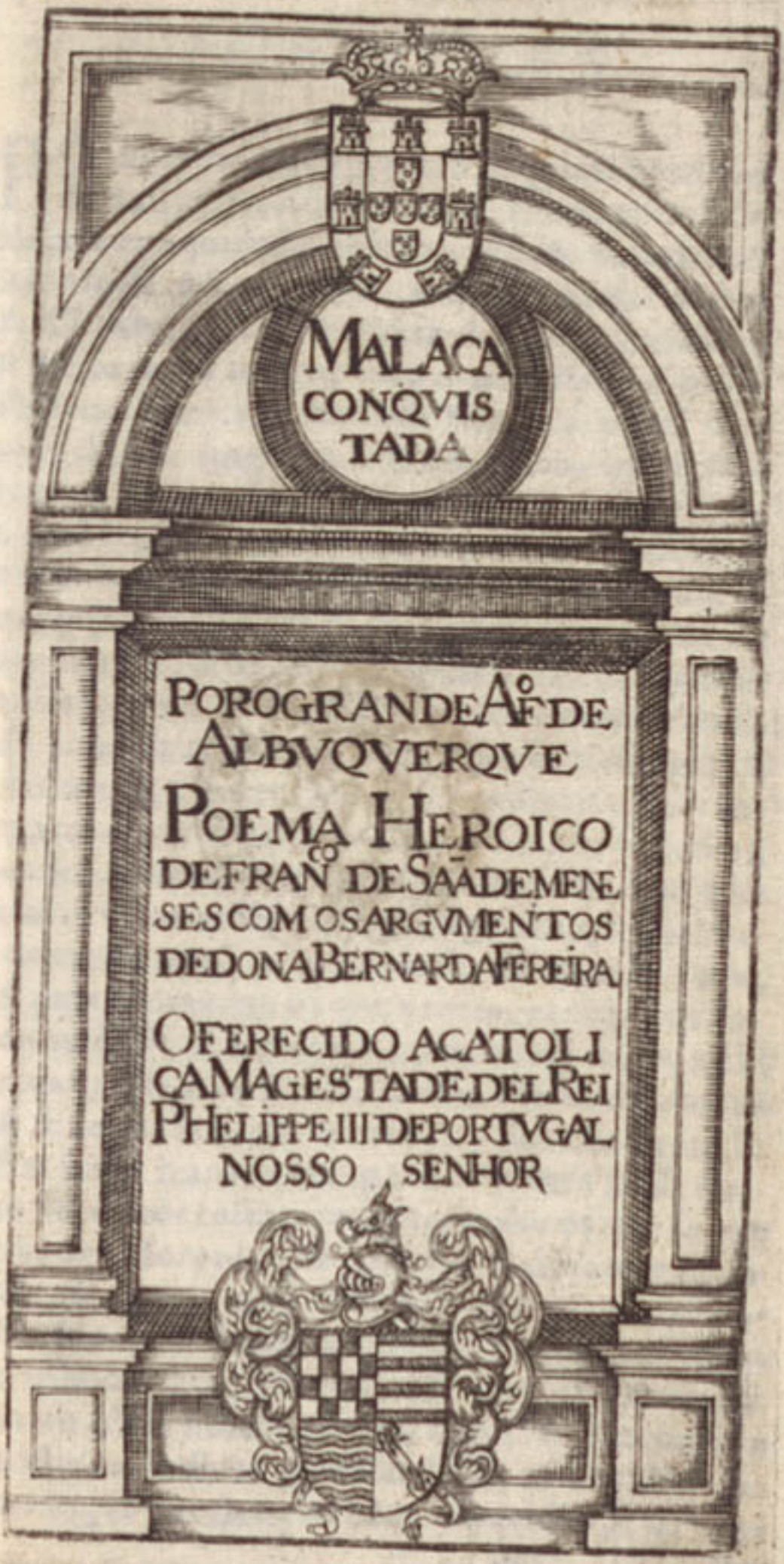

POROGRANDE Aº F DE
ALBVQVERQVE

POEMA HEROICO

DE FRAN CO DE SAA DE MENE
SES COM OS ARGVMENTOS
DE DONA BERNARDA FERREIRA

OFERECIDO A CATOLI
CA MAGESTADE DEL REI
PHELIPPE III DE PORTVGAL
NOSSO SENHOR

LICENÇAS.

POr mandado do supremo. & geral conselho da Santa Inquisição, vi este liuro, intitulado Malaca conquistada, pelo grande, & inuencivel Afonso de Albuquerque, vnico defensor da ley de Christo, honra, & gloria do reyno Lusitano: & Autor desta insigne obra o nobilissimo, & doctissimo Francisco de Sâ de Menezes; oqual mouido de seu singular zelo, & animo generoso, tomou â sua custa esta excellente empreza: com a qual traz â memoria de todos, & resuscita as obras heroicas, & as façanhas admiraueis dos animosos, & illustres Portugueses, que à custa de seu sangue, & de suas proprias vidas conquistarão as Indias Orientais, & conquistarão o Mundo todo, se a honrada morte se não anticipara a muitos, & a outros se não impediraõ os bós intentos de seus desejos; mas nem assi se poderá nunca sepultar a memoria, & fama de suas gloriosas vitorias, & feitos milagrosos, que eternamente durarão para exemplo do Mundo todo, & para animarem os que viuem, para que de todo não viuaõ sepultados, pois ainda saõ os mesmos que sempre forão, & serão se os deixarem & se os premiarem como seu valor esta pedindo Em fim o liuro não tem cousa contra nossa santa Fè, & bós costumes; antes todos os que se prezão de esforçados, & curiosos se deuem exercitar, & imitar as proesas que em taõ famosa obra se contẽ: dando as deuidas graças a taõ magnanimo Autor, que com taõ singular, & verdadeiro estilo honra o reyno todo, & ennobrece a todas as illustres familias delle, os deuidos louores, as excelencias bẽm merecidas, & os titu-

los ſublimádos, com que os ſeus antepaſſados as ennobreceraõ, & engrandeceraõ. E declaro que ainda que na obra vão algũas palauras, como Deidades, diuinas, & ſoberanas, que iſto he vſar do eſtilo poetico, como coſtumauaõ os antigos, & como na poeſia ſe coſtuma. Lisboa em o Moſteiro de N. Senhora do Deſterro da Ordem de S. Bernardo, aos 17. dias do mes de Mayo de 1619. annos.

O Doutor Fr. Melchior de Abreu.

VIſtas às informaçoẽs podeſe imprimir eſte liuro intitulado, Malaca conquiſtada, & depois de impreſſo torne conferido com ſeu original para ſe dar licença para correr, & ſem eſſa naõ correrâ. Lisboa a 29. de Mayo de 1629.

G. Pereira. Barreto. Fr. Antonio de Souſa.

DOu licença para ſe imprimir eſte liuro. Liſboa a 11. de Iunho de 629.

Gaſpar do Rego da Fonſeca.

SENHOR.

COm muito vagàr, & curiosidade vi este liuro de Francisco de Sà de Menezes; & achei nelle tanta erudiçaõ, & artificio, que me pareceo naõ sò imitador, se naõ verdadeiro competidor dos mais celebres Poemas do tempo antigo. Faz o Autor ser de mayores quilates a perfeiçaõ desta sua obra, com os da pureza de seu sangue, & das virtudes naturais de que he dotado; com que tambem naõ só imita, senão iguala, ou ainda excede a prudencia, valor, & merecimento de seus illustres antepassados; autorizando com a excelencia de seus versos a patria q̃ elles tanto honraraõ cõ o esforço de seus braços: respeitos que manifestamente estaõ declarando q̃ em tal liuro se não podia escreuer cousa contra o seruiço de V. Magestade, & aclamando por muy notorio o geral aplauso, proueito, & honra que deue resultar da impressaõ della. Almada 26. de Iunho 629.

Diogo de Paiua de Andrada.

QVe se possa imprimir este liuro vistas as licenças do S. Officio, & ordinario, & depois de impresso torne para se taixàr, & sem isso não correrâ. Lisboa 28. de Iunho de 629.

Araujo. Cabral, Pimenta de Abreu.
Salazar. Barreto.

VIstã a conferencia pode correr este liuro. Lisboa 8. de Abril de 1634.

G. Pereira. D. *Ioão da Silua.*
Manoel da Cunha. Fr. Ioão de Vasconcellos

TAxão este liuro á cẽm reis em papel. Lisboa 27. de Abril 634.

B. Salazar. Barreto. Luis Barreto.

AELREYN.
Senhor.

S. R. M.

Tanto que o grande Afonso de Albuquerque conquistou a Malaca a destinou o Ceo a ser possuida de V. Magestade. Deuiase a melhor joya do Oriente à mais dilatada Monarquia do Mundo. O mesmo me sucedeo neste Poema, retrato (ou bosquejo) do muyto que em tal empresa obrou o Portugues valor capitaneado de varaõ taõ insigne, inda na idea, offerecido a V. Magestade. Dignalo V. Mag. do mais pequeno rayo de seu real fauor, seria premiar a fama de quem fez taõ gloriosas façanhas: dar nouos brios a seus descendentes para intentar outras mayores: & a mi alento para celebralas debaixo do auspicio de V. Mag. cuja pessoa guarde Deos como a Christandade necessita.

Francisco de Sâ de Meneses.

PROLOGO A nobreza Lusitana.

SE parecer demasiada confiança dar a luz a occupaçaõ de minha primeira idade, discul peme o amor da patria. Este só respeito me obrigou a antepor aos proprios o desejo de celebrar os valerosos feitos de nossos passados. Cada qual delles, auós, & pays vossos, (illustre, & Lusitana nobreza) merecia, como Achilles, hum Homero. Se de parte da pouca proporção de minha pena com seus louuores, ei de recear a censura: confesso que a mereço. Mas quando naó vos obrigue a vontade, & o intento, vos peço considereis as muytas partes de que se compoem hum Poema Epico, qual eu procurei fosse este que vos offereço; & as difficuldades grandes a que este genero de composiçaõ está sogeito; tais que não seria fora de proposito

valerme

valerme daquella trilhada sentença. *In magnis voluisse satis.* Digno sojeito era o grande Afonso de Albuquerque de mais limado estylo: mas pois seu nome, & seu valor não foi inferior ao de Alexandre, igualeo tambe na sorte de faltarlhe Homero: genero de infelicidade fatal aos nossos Lusitanos: cujas façanhas valerosas não tem que inuejar aos estranhos, mais que a dita de ser celebradas. Conseguilo eu em parte, seria premio de meu trabalho, pois a que nella me cabe, não sofre desejar outro. Vale

DIDA.

DIDACVS DE PAIVA de Andrada pro laude selectissimi operis: alloquitur Auctorẽ.

Horrida concussus miratur prælia Ganges,
Dum premit Eoas Lysia turba plagas:
Sistit inexhaustum Tagus ad noua gaudia cursu,
Pollice magnifico dum vaga plectra moues:
Ille racemiferos irroràns sanguine campos,
Suspicit Hesperios, Marte sonante, duces;
Hic steriles mulcens celebri dulcedine cautes,
Despicit Aonios, te modulante, choros:
Ille beat rutilis Indorum æraria gemmis,
Cantibus hic celsis Lysia sceptra beat:
Ille potens armis: hic vate potentior, auget
Carmine, quod iaculis obtinet ille decus:
Ille sonat bellis, hic plausibus; ille tuorum
Viribus, hic numeris fertur ad astra tuis:
Hæc diuisa procul, tu vatum ò maxime iungis
Egregium absoluens Martis, & artis opus;
Nam simul exiguis latè celeberrima chartis
Extollunt Gangem prælia, plectra Tagum.

Auctori

AVCTORI PARENTI suo amantissimo Balthasar de Sà Leitão.

CVm laus ex gnato veniat suspecta parenti,
Me gnatum, fateor, vix iuvat esse tuu m.
At dum conspicio laudanda poëmata; lætor,
Cum me sors tanto fausta parente beat.
Insequar ergo patris vestigia; carmina condam,
Carminibus sed erit gloria nulla meis.
Phœbo digna moues nam solus plectra: nec vlla
Ingenium poterit vincere Musa tuum.
Si fuit in gnato virtus inuisa Philippi,
Dum famæ credit nil superesse suæ:
Ipse tuos possem merito incusare triumphos,
Spes etenim laudi nulla relicta meæ est.
Ergó omnes vteró mittamus plectra: reliquit
Hic liber exhaustas, quas lyra claudit, opes.

Ad

Ad Auctorem Franciſcum de Sà de Meneſes.

Dona Bernarda Ferreira.

AEri explicatis
Crinibus formoſis
Lilijs, atque roſis
Perfecte adornatis.
Per turres deauratas,
Fama læta tendit
Et velox extendit
Alas oculatas,
Pennis diſcurrendo
Pertranſilit muros
Altos, & ſecuros,
Tubàque canendo,
Sà, (dicens) diuine
Gloria Luſitaniæ;
Decor magnæ Hiſpaniæ
Omni laude digne:
Si moues ingentes
Duræ terræ montes,
Et retines fontes,
Fluioſque currentes
Si ſuſpendis ventos,
Et attonas denſas
Nubes, & condenſas
Rores ipſe lentos.
Si detines Solem,
Si Stellas, & Lunam
Similiter vnam
Magni Cæli molem;
Albuquerquius ille
Felix appelletur
Nõ ter, ſed vocetur
Vicibus ter mille
Siquidem laudatur
Ipſo plectro tuo,
Nominique ſuo
Fama æterna datur
Si fulminum flumen
Ille Mauritaniæ,
Aſiæ atq; Hiſpaniæ:
Id plectrũ eſt lumẽ
Ille ſi condonat
Coronas regales
Luſo; iſtud tales
Palmas Gãgi donat.
Ad alarum motum
Sic Fama dicebat,
Felixque currebat
Terræ globũ totũ
Celeribus pennis
Non vrbibus tantũ
Dat Frãciſci cantũ,
Sed ſiluis amenis.
Montes reſonabant
cum tubæ clangore
Valleſque rumore
Varios ecchos dabãt

A Fran-

A FRANCISCO DE SAA de Meneſes na ſua Malaca conquiſtada.

D. Bernarda Ferreira.

SE de Albuquerque cãntais
A Fama de vos cantando
Com voſſa pena voando
Vos chega donde o chegais:
Porque não ha ſubir mais,
E poucos ſubiraõ tanto,
Sois ambos do Mundo eſpanto,
E de Luſitania gloria:
Que he illuſtre ſua memoria,
E diuino voſſo canto.
Por vos noſſo patrio Douro
Nouo Aganipe ſe moſtra,
Vendo que a voſſos pés poſtra
Apollo ſeu plectro de ouro:
O Tejo de verde louro
As Nimphas manda mais bellas
Vos teção dignas capellas,
Que o Ganges, por mais galantes,
Vos offrece de diamantes
Tão claros, como as eſtrellas.
De ouro, & perlas vos preſenta
Precioſiſsima guirnalda,
Que com palmas de eſmeralda
Glorias, & triumphos oſtenta:

Más

Mas pór mais que a arte inuenta;
E que o engenho se cança,
Nenhum louuor se abalança
Com tanto merecimento:
Que he só vosso entendimento
Quem assi mesmo se alcança.
De aquella illustre vitoria:
Foi vosso sangue grão parte
Que o rigor amou de Marte
Por ganhar tão alta gloria:
Porem deixo esta memoria
Do nome Sá pois me toca,
Passo a que por vos na boca
Da Fama immortal se veja,
Pois (por vosso) a mesma inueja
Em seus louuores proucca.
Por vos, claro Sá, se espera
Que nouo valor tomando
Vá com triumpho voando
Sobre a quarta, & quinta esphera;
Por singular vos venera
Quem corre estas folhas bellas,
Admirando as flores dellas,
Que com perpetuo verdor
São da Aurora resplandor
E emulação das estrellas.

A Fran

A FRANCISCO DE Sà de Meneſes na ſua Malaca conquiſtada.

Violante do Ceo Religioſa no Conuento da Roſa.

SONETO.

COpia gentil, portento ſoberano
De animoſo valor, ſaber profundo,
Que denotando vn par ſin par al mundo,
Buelues diuino el miſmo ſer humano:
Graue exemplar de heroica, y docta mano,
Vitoria ſingular, parto fecundo,
Que obró primero, eternizó ſegundo,
Vno, y otro diuino Luſitano.
No Perſiano lugar preſuma archiuo
A tu inſigne valor mas refulgente
Le otorgue el Cielo a tan glorioſa ſuma.
Donde a peſar del tiempo executiuo
Viuan por tu occaſion eternamente
De Albuquerque, y de Sá la eſpada y pluma.

ERRA-

ERRATAS.

Liuro 4. pagina 56. Octauà 121.. verso 1. Sobe a torre. Liuro. 5. pag. 49. 8. 5. v. 8. Mostra ao forte varão amigo. l. 5. p. 65. 8. 50. v. 7. Foi como as mais. l. 7. p. 91. 8. 93. v. 4. Despois que os pais crueis. l. 8. p. 105. 8. 57. v. 3. E os que tendes do mar largo o gouerno. l. 10. p. 132. 44. v. 4. E por senhor auiente. l. 10. p. 140. 8. 108. v. v. 2. leuanta o cerco.

LIVRO I.

ARGVMENTO.

ROmpendo o mar o grande Afonso à vista
Lâ dos baxos de Padua o vento crece:
E como a tanta furia em vão resista,
Arriba, & (claro o Ceo) logo amanhece:
De Malaca exortandoo á conquista
Esquadrão santo em sonhos lhe aparece,
Asmodeu impedirlha pretendia
Mas elle velas dà, segueo Garcia.

I.

CAnto ás armas, & ó grande Lusitáno,
Que desde a Occidétal estrema parte
A onde o Sol se leuanta do Occeano
Leuou das Quinas sãtas o estãdarte:
E (castigado o perfido tyrano)
A cidade ganhou por força, & arte
Do aureo reyno, & trocou com pio exemplo
A profana mesquita em sacro templo.

II.

Increada virtude procedida
Da potencia, & saber, Amor eterno
Que inspirastes a empresa que impedida
Não pode ser do contraposto inferno:
Vós fogo de sciencia, Aura de vida,
Meu peito penetrai com rayo interno,
Para que o estylo humilde se leuante,
E nas de Luso, vossas glorias cante.

III.

Magnanimo Philippe a quem promete
O Ceo domar o Belga, & Turco fero:
Pois por zelo, & valor só ati compete
Os trofeos leuantar que considero,
Quando de Marte o som não te enquiete,
E vencedor repouses como espero,
Do Portuguss valor escuita o preço
No Canto, que em primicias te offereço.

IIII.

Em tanto o tempo chegará que á santa
Sião dés a perdida liberdade,
Que já teu nacimento gloria tanta
Parece que assegura a nossa idade:
Caualleiro da Cruz, a Cruz leuanta
No sacro monte da fatal cidade,
Que já será possiuel que cantando
De ti, me vâ contigo eternizando.

V.

Onze vezes o Sol já se mostrara
Aos dous polos despois que vencedora
A Portuguesa gente o mar cortâra
Que banha as prayas da luzente Aurora:
E despois que mil palmas alcançara
Com ruinas, & incendios, que Asia chora,
A ceruiz (porque o Ceo assi o destina)
Ao valor Portugues o Indo inclina.

VI.

Os hombros neste tempo carregaua
De Afonso de Albuquerque o grão gouerno
Daquelle nouo imperio, que exaltaua
O mouedor das cousas sempiterno:
O digno heroe, que obrando se isentaua
Do mudo Lethes, & do negro Auerno,
Noute, & dia sustenta vigilante
O grão peso, nouo Argos, nouo Atlante.

VII.

Ia tinha á rica Ormuz o jugo posto
Depois de larga, & perigosa guerra:
E contra aduersidades firme o rosto
Ganhado Goa na Indiana terra:
Nella reyno fundou em contra posto
Aas naçoẽs brauas, que o Oriente encerra,
Donde as infernais seitas desterrando
Se foy a ley da graça dilatando.

VIII.

E como a nouas glorias sempre aspira,
Leuado dos illustres pensamentos,
Amante dos trabalhos vence a ira
Do procelloso mar, furor dos ventos:
Ia fluctuar de Padua os baixos vira
Quando tormenta supita, & violentos
Mares interpolados se leuantão,
Os nautas gritão, & as sereas cantão.

IX.

Intentão resistir, & em vão porfião
Porque os ferocos ventos indinados
Com grossos montes de agua combatião
Dos nauios as proas, & os costados:
De conseguir o intento desconfião
Os pilotos medrosos, & turbados:
Manda Afonso arribar, vendo a terriuel
Tormenta, & que vencela era impossiuel.

X.

Dão popas ao furor em toda armada
Correndo o dia, & noute tenebrosa:
Mas ao sair da Aurora coroada
De lirio branco, & de encarnada rosa,
Do fero Noto a furia soffegada,
A soberba das ondas espantosa
Se humilha, & se leuanta no Oriente
Dos planetas o mais resplandecente.

XI.

Gasta Albuquerque o dia trabalhando
Com varios pensamentos os sentidos;
Admittindo confuso, & reprouando
Hũs pareceres de outros produzidos;
Os ventos, & monção considerando
Prática gente, lenhos bem prouidos
Famosa empreza conseguir deseja,
Mas em tantas não sabe qual eleja.

XII.

Qual combatido de contrarios ventos
Alto pinho já aqui, já alli se inclina,
Segundo o vence a força dos violentos
Sopros, que em vão procurão sua ruina:
Tal o vario occorrer de pensamentos
Dos futuros successos, que imagina
Causa que a mais de hum parecer se incline,
E de todo em nenhum se determine.

XIII.

De Clicie o amante dando fim ao dia
No regaço de Tethys descançaua,
E o cargo de alumiar a noute fria
Entretanto à triforme irmãa deixaua;
Em quanto ella seus rayos estendia,
E no ceruleo mar se retrataua,
Porque era então a superficie pura
Espelho da celeste formosura

XIIII.

As horas do repouso despendendo,
Nos confusos discursos, não sossega,
Atè que junto da alua o sol rendendo
A mesma causa què o repouso nega:
Resistir branda força naõ podendo,
De todo a senhorea: o sono chega
E os desuelados olhos se entregaraõ
A sabrosa prisaõ, que desejaraõ.

XV.

Em quanto sofrem tregoas seus cuydados:
Quaes soyem vencedores vir da guerra
Marchar em ordem vé fortes soldados;
Seguindo a insignia, que a infernal desterra:
De branco, & roxo ricamente armados
Regão alegres com seu sangue a terra;
Causa no peito de Abuquerque espantó
O esquadraõ bello, que julgou por santo.

XVI.

Quem erão, & a que vinhaõ desejaua
Preguntar, eleuado no que via,
Mas o sono, que entaõ senhoreaua
Os sentidos, a lingoa lhe impedia:
Como por desatala em vaõ cansaua,
Na falta de ella os braços estendia,
Ansioso trabalha, & juntamente
Commiseraçaõ nalma, & gloria sente.

XVII.

Em confusaõ tão alta: o varão forte
Lhe disse hum dos celestes caualleiros.
Os que presentes vés, da ley da morte
Liures, os bés gozamos verdadeiros:
Fomos dos escolhidos, a que em sorte
Tocou ser de Sequeira companheiros,
Matounos de Malaca a gente fera,
Por ti vingança tanto sangue espera.

XVIII.

Eis do teu valor grande a digna empreza
Donde te aguarda, Afonso, eterna gloria,
O Ceo o quer, que teu bom zelo preza,
E por nos te promete alta vitoria;
Dos ventos a mudança, & sua brauezá
Obra he diuina: acorda: & na memoriá
Escreue o que no Ceo está ordenado,
Que por obra ha de pôr teu peito ousado,

XIX.

Disse: & desaparece o bando eleito,
Restituindo ao ár a forma leue:
Acordando Albuquerque, cheyo o peitó
Dos sentimentos, que no sono teue,
Dece do em que dormio nautico leitó,
E no mais firme da lembrança escreue
O que sonhara, & conseguir espera,
Que ser ordem diuina considera.

XX.

Fica representando o pensamento
O módo em que estillando sangue ós virá,
Acrescentando mais o sentimento,
Que contra os homicidas moue á ira:
Por dar effeito ao soberano intento,
Que o Ceo delle fiauá, já suspira,
E ao celeste esquadrão, que lho prediſſe,
Com affeitos piadosos, assi disse.

XXI.

Seguir prometo (ó almas venturosas)
Essa, que me mostrais, alta esperança
Entrarei nas emprezas duuidosas
Com vossa bem fundada segurança:
E das mortes crueis, bem que ditosas;
Prometo ao justo Ceo justa vingança,
Inda que pois em Deos pâra ó desejo,
Morrer como morrestes, vos inuejo.

Gozai

XXII.

Gozai do Sol diuino o eterno dià
Na diuina Sião eternamente,
E alcançai que nos dè tão certa guiá,
Como a seu pouo na columna ardente:
Assi dizendo, a Aurora bella abria
As encarnadas portas do Oriente,
Descobrindose a terra pela proa
Por onde entra Nereo abraçar Goa.

XXIII.

Entrão no porto amigo, & diligentes
A mainão logo os nautas todo o pano
Ferindo o salso mar cos ferreos dentes,
Que as naos segurão contra o vento insano.
Chama Albuquerque aos fortes; & obedientes
Capitães a conselho, & com humano
Aspeito os recebeo: como quem sabe
Que ser cortes, tambem com mandar cabe.

XXIIII.

Os varões inuencineis ocupando
Os assentos pella ordem costumáda,
O capitão insigne assi falando
Começou com voz graue, & sossegada:
Ousados companheiros que ganhando
Ides eterna fama pela espada,
Nouas terras buscando, o mar abrindo,
A vosso Rey, & a vosso Deos seruindo.

XXV.

Quando o mar Eritreo abrir quizêmos
Que deu passo a Israel, daqui partimos,
Fauoraucl o vento então tiuemos
Que despois contra nós irado vimos,
E como resistilo não pudemos
Tornamos ao lugar donde saimos,
Bem pode ser pera outra empreza dinà
Que causa superior nos determina.

XXVI.

Desta armada temida a fortalezr
Será vaã se no porto a recolhemós;
Estoruounos o tempo aquella empreza,
Mas conseguir co mesmo outra podemos
Não será bem que postos na estreiteza
Deste rio, sem fruto mal logremos
Os dias em delicias ociosos,
Podendo conseguir feitos glorioſos.

XXVII.

O què fortes varões me parecia,
E no caso será mais acertado,
He que vamos abrir (pois Deos nos guia)
Da grão Malaca o Bosphoro dourado:
Tudo o melhor que vè nascendo o dia,
Com fama eterna lavos tem guardado;
Eu o proponho, & peço ao valor vosso
Que esta gloria se ajunte ao nome nosso.

XXVIII.

Obrigeuos tambem a liberdade
Dos amigos que tendes là catiuos,
Se do Malayo a barbara impiedade
Inda os sustenta,em tantos males viuos:
E aos que a fera trayção roubou â idade,
Sereis do Ceo ministros vingatiuos,
Deixando a infiel cidade castigada,
Só por sua ruina eternizada.

XXIX.

Entre o fórte, & prudente ajuntamento
Lógo rouco murmuro se leuanta:
Como quando entre o bosque brando vento
As folhas toca de hũa,& de outra planta:
Discorre cada qual no pensamento
A grande empreza de importancia tanta,
Tras o discurso foraõ respondendo,
Por ordem razões dando, & recebendo.

XXX

Ouuè contradições que algũs temerão
Nauegação não vista, & perigosa,
De que mayores medos se disserão,
Que da Syrtes, a nautas espantosa,
Mas tras longo altercar se resoluerão
Em cometer a empreza duuidosa,
E offerecendo aos Ceòs o heroico intẽtó,
Dar manda o capitaõ velás ao vento.

XXXI.

Em bem formada esquadra a naual tropa
Segue pella maritima campanha,
Da grande capitana a excelsa popa,
Que assombrado Nereo humilde banha:
Quaes de Africa passando á illustre Europa
Os grous deixando à patria pella estranha,
Conformes seguem pella aerea estrada
Seu capitão em ála concertada.

XXXII.

Posta no Austro a proa, diuidia
Afonso as crespas ondas, respirana
O sopro Boreal, que a neue fria
Nos montes de Tartaria congelaua:
Ja de Maldiua o mar, (que os cocos criá,
Antidoto excelliente) lhe ficaua
Para o Poente, & as ilhas que florecem
Cos despojos que as palmas offrecem.

XXXIII

A parte matutina Onor lhe fica,
E a forte Bracelor mais adiante
Com Mangalor de Cardamomo rica
E prodigos palmares, abundante:
Eis Cananor, que a vela aproa applica
O piloto prudente, & vigilante,
E do Canará a fertil terra vendo,
O Neptunino campo vay rompendò.

Calecu[t]

XXXIIII.

Calecut ão valor de Luso oposta
Vai deixando tambem a mesma parte
Do negro Malauar correndo a costa
Sempre inquieta co furor de Marte:
Allido Gate a altura descomposta
Os Canarijs dos Malauares parte,
Seruindo a hũs, & a outros de seguro
Nos successos da guerra, & forte muro.

XXXV.

Defronte de Cochij velas tomarão
Daquella idade os nautas mais famosos,
E ao mar as firmes ancoras deitarão
Ao som dos instrumentos bellicosos:
A terra juntamente saudarão
Co estrondo dos bramidos, espantosos
Dos concauos metais arruinadores,
Dos rayos do tonante imitadores.

XXXVI.

A gente habitadora da cidade
Desejosa de ver cobre as ribeirãs,
Os olhos alegrando a variedade
De pendões, estandartes, & bandeirãs;
O Rey que de firmissima amizade
Procuraua dar mostras verdadeiras
Ao capitão mandou, & â companhia
Dos refrescos que a fertil terra cria.

XXXVII.

En tanto o que já foi pastor de Admeto
Nãs ondas de Amphitrite se banhaua
O pouo pellas prayas inquieto
Ao nocturno repouso se tornaua:
Na armada a Lusa gente ao quieto
E desejado sono se entregaua:
De modo que na terra, & no mar, tudo
Obediente ao silencio estaua, mudo.

Tem

XXXVIII.

Tẽm repartido à summa prouidencia
O cuydado da guarda dos humanos
Pelas legiões celestes, que à inclemencia
Se oponhaõ dos espiritos profanos:
Armase o inferno em dura competencia,
E capitães reparte, antes tyranos,
Que occupaõ inquietando, o mar, & a terra,
E contra intentos santos mouem guerra.

XXXIX.

Asmodeu que do amigo de Tobias
De casa de Gabello foy deitado,
Era tyrano entaõ das vãas Istrias
De quantos vem primeiro o Sol dourados
Em brutas formas, & com leys impias
Do Indo até Iapaõ idolatrado
Templo insigne os Pegus lhe edificaraõ,
Deos de toda a grandeza o intitularaõ.

XXXX.

Perder a monarchia receaua
Em que o fero Luzbel o instituirã;
Se Asbuquerque o Malayo mar surcaua
E do peito veneno, & raiua espira:
Seguindo a armada Occidental bramaua;
Os ares corompendo a infernal ira,
Entra em Cochij no talamo secreto
Onde gozaua o Rey sono quieto.

XXXXI.

E como quando Noto se desatã
Quebrantando de Eolo á prisaõ dura
Que turba o mar tranquilo, & arrebata
Montes de agoa que sobe á regiaõ pura:
Tal ao barbaro Rey a furia trata
Do infausto habitador da treua escurã,
Turbandolhe os sentidos sossegados
Com ondas inquietas de cuydados

Tomando

XXXXII.

Tomandõ à forma do defunto Horistis,
Que dos vãos deuses sacerdote fora,
Se lhe apresenta, & com affeitos tristes
Infausto geme, em tudo horriuel chora:
Dormes, (lhe disse) quando mal resistes
Males, que esperar pódes de hora em horã,
Que ameaçando te estão ruina certa,
Pois fica ao Camorij a porta aberta?

XXXXIII.

Albuquerque em seu dano, & teu se ausentã,
Noua conquista em regiaõ remota,
(Deixando tudo auenturado) intentã
De inquieto, & de vario dando nota:
Não disse mais; Se bem lhe representã
Os futuros successos, que o Rey nota,
E já desperto teme, & lhe parece
Ver o que teme: tanto o temor crece.

XXXXIIII.

Naõ lhe sossegã o coraçaõ no peito,
Do veneno infernal, & temor cheo,
Tanto ao soberbo espirito está sogeito,
Que atè dos pensamentos tem receo:
Deixa em fim desuelado o brando leito,
Considerando hum meyo, & outro meyo
Com que possa estoruar sonhados danos,
Diuertindo os intentos Lusitanos.

XXXXV.

Conhece o capitaõ para impedilo
Considera que vsar conuem de manha,
E a que naõ auenture persuadilo
A propria terra por ganhar a estranha:
Nota Asmodeu que he vaõ o dissuadilo,
Ira do ardente peito desentranha:
Vendo que quando mais ao Rey altera,
Nada contra Albuquerque delle espera.

XXXXVI.

Desesperado o deixa, & busca logo
A Abdelâ rico mouro Guzarate,
E Malaca lhe mostra a sangue, & fogo
Entrada por asperrimo combate:
Mostralhe o Luso vencedor, que rogo
Naõ admitte, & que tudo fero abate:
Gritando acorda, & tanto era o tormento,
Que acordado o naõ deixa o sentimento.

XXXXVII.

Seruia ao Rey Malayo, & o Rey grato
A dignidade honrosa o leuantara:
Com illustre, & magnifico aparato
Ao de Cochij embaixador chegara:
Obrando hia o veneno, com que o ingrato
Esprito a rebelde alma auenenara,
Credita ao sonho dâ, & temeroso
Deixa o repouso, & se leuanta iroso.

XXXXVIII.

Varios discursos faz, & sem sossego
Cada momento mais se persuade
Ir à armada Christãa fazer emprego
Na que em sonho arder vio aurea cidade
Esta imaginaçaõ o instiga cego,
E lhe moue os afeitos da vontade
A tratar, como por engano, & força
Do nobre intento ao grande Afonso torça.

XXXXIX.

Já se assenta inquieto, já passea,
Remedios cuida, traças imagina,
Já tudo facilita, já recea
E em nada seu furor se determina:
Mas a furia infernal, que o senhorea,
A que se ponha fogo à frota o inclina,
E companheiros pera quanto intenta
Nos mouros de Cochij lhe representa.

Entre

L.

Entre muytos lhe traz dous à lembrança
Em riqueza, & familia poderosos
Chirinos, & Mallale, que a priuança
Do Rey fez atreuidos, & orgulhosos:
Buscaos no escuro horror, que não descança
Nem lhe dão paz cuydados temerosos,
E nelles não achou menos cuydados
Tambem da infernal furia auenenados.

LI.

Tinhão trato em Malaca, & receauão
Sobre ella fosse a Portuguesa armada,
Que jà as lingoas da fama exaggerauão
Em Cochij a treiçaõ abominada:
E como immensa aperda imaginauão
Por Albuquerque a graõ cidade entrada,
As primeiras razoẽs se persuadiraõ,
Vnidos contra Afonso os tres conspiraõ.

LII.

Tempo naõ perdem: porque auisaõ logo
Amigos, & parentes, & fizeraõ (go
Que hũs por proprio interesse, outros por ro-
Aos trances do perigo se atreueraõ:
Buscaõ secretas maquinas de fogo,
E praticando o modo cometeraõ
A dous mouros sagazes, & atreuidos
Ter cem lenhos de remo apercebidos.

LIII.

Em tanto o Rey confuso, & desuelado
Pela Aurora esperaua clara, & pura:
Mas jâ que se mostraua, o Sol dourado
Mais se inquieta, menos se assegura:
Dos melhores do reyno acompanhado
O capitaõ sublime ver procura,
Que a bordo alegre chega a recebelo,
E corre a Portuguesa gente a velo.

Entra

LIIII.

Entra nã capitãna, o penſamento
Encobrindo que tanto o atormentaua,
Daõlhe almofadas, de brocado, aſſento,
Cadeira o capitaõ rica occupaua.
Acabado o cortés recebimento,
O Rey que cauteloſo praticaua,
O intento da viagem lhe pregunta:
Afonſo ſatisfez aſsiâ pregunta.

LV.

Da traiçaõ grande só em Malaca vſáda
A fama corre jà por todo o Oriente,
Morreo muita da gente bautizada,
E muita da priſaõ o rigor ſente:
O ſer eſta maldade caſtigada,
Carrega ſobre mim, & he bem que intente
A liberdade dos que eſtáo catiuos,
Se permitir o Ceo que os ache viuos.

LVI.

E como por amigo verdadeiro
Nas partes Orientais ſò atí conheço,
Tratar contigo o modo quis ptimeiro
Que ſeguirei na empreza, que começo.
O Rey lhe reſpondeo: Forte guerreiro,
Bem tanta confiança te mereço,
O Ceo o ſabe, & ao Ceo deſenganarte
Prometo, & como amigo aconſelharte.

LVII.

Conſidera melhor primeiro quanto
Auenturas, & o fim deſta jornada
Na qual o conhecido riſco he tanto,
E o que ganhar ſe póde, he pouco, ou nada:
Como intentas deixar a India em tanto
De forças, & poder deſemparada,
A a ventura de achar depois perdido
Quanto com tanto ſangue ſe ha adquerido?

Tendo

LVIII.

Tendo aqui visinho o imigo armado,
Buscar intentas apartada guerra,
Por mar dos teus taõ pouco nauegado,
E que tantos perigos em si encerra?
Não me paretera nunca acertado
Pela alhea deixar a propria terra,
Conseruar o adquerido he tão honroso,
Quanto he o conquistar difficultoso.

LIX.

Muytos imperios grandes se acabarão,
Porque os principes varios, que os regeraõ,
Tanto â cega ambiçaõ se sogeitaraõ,
Que âs remotas naçoẽs guerra moueraõ:
Os Chijs que jâ estas partes conquistaraõ,
Depois de mil victorias que tiueraõ,
As largaraõ: que vnido preualece
O poder, diuidido se enfraquece.

LX.

Bem três lustros Carthago a Roma enfrea,
E depois foi per Roma destraida;
E Roma quando o mundo senhorea,
Se vio do poder barbaro oprimida:
Consumido o poder na terra alhea,
Naõ teue por quem fosse defendida.
Roda a fortuna com rigor terriuel,
E naõ concede o Ceo mais que o possiuel.

LXI.

Isto com tal afeito o Rey dezia,
Que o que escondia o peito declarava,
O capitaõ que o intento conhecia
Assi responde, assi dissimulava.
Quando meu Rey de si me despedia,
E humanandose os braços me deitava,
Disse: As emprezas deuem começarse,
E o bom successo a Deos encomendarse.

Razaõ

LXII.

Razão me leua: & como he justo o intento,
De victoria me dá certa esperança:
Castigarei o iniquo Rey violento,
Darei ao sangue que verteo vingança:
Porque là no sublime eterno assento
Onde gozão da bemauenturança
Aquelles aquem derão morte injusta,
A Deos lembrando estaõ causa taõ justa.

LXIII.

Tambem da India a Deos toca a defensa
Que tem sua santa Fè plãtada nella,
Elle he quem valor dá, repara a offensa,
E sobre seus fieis contino vella:
Assi disse, & o Rey com pena immensa
De ver taõ mal lograda sua cautella
Delle se despedio exagerando
Os males que esta ausencia está ameaçando.

LXIIII.

Chegadaa noute os de Abdalá assentaraõ
Ao remo exercitados remadores
Dous mil frecheiros destros embarcarão
E de fogo seiscentos tiradores:
Ia alta noute as ancoras leuaraõ
Que si imitando os mudos nadadores,
Quando mais o silencio senhorea,
E o brando sono os animaes recrea.

LXV.

Quebrãua o mar na costa a noute escurà,
Em fauor tudo do Agareno engano,
E taõ secretos chegaõ que a ventura
Ministrar parecia o Christão dano:
Ia se punha em effeito a tençaõ dura,
Quando o cuydado ao grande Lusitano
De mandar leuar ancora acordara
Para dar vea em vindo a manhã clara.

LXVI.

E porque estojão todos preuenidos,
De leua desparar a peça manda,
A troa horrendo estrepito os ouuidos;
E a gente brada de hũa, & outra banda:
Os barbaros cuydando ser sentidos,
Qual soe, do ardente estrondo, a negra banda
De estorninhos, fugir a volta derão
O silencio guardando que trouxerão.

LXVII.

Assi liura Albuquerque do perigo
Que nunca delle fora imaginado,
Eblasfemando brama o inferno imigo
De podelo ofender desesperado:
Fauor pedindo em fim ao Ceo amigo,
Dar manda à vela o capitão ousado
Logo que enriquecco a terra a Aurora
Co fresco alhofar que por Memnon chora

LXVIII,

Já nestes tempos com seus rayos de ouro
Os dous filhos de Leda o Sol queimauá,
E da fermosa Europa o branco touro
De flores coroado atrás deixaua:
Flora, solto o cabello crespo, & louro,
A copia de Amalthea derramaua,
E Philomena triste em doce acento
Queixumes daua docemente ao vento.

LXIX.

O porto deixa o capitão valente
Proseguindo a derrota começada,
Aquem soberba segue se obediente
Em bem composta esquadra toda a armada;
Os lenhos prenhes vão de armada gente
No bellico trabalho exercitada,
Cujas glorias, & feitos soberanos
Excedem aos dos Gregos, & Romanos.

Agora

LXX.

Agora, ó tu fiel guarda do passado
Contra o tempo immortal viua memoria,
Tu que reduzes ao presente estado
As cousas dignas de perpetua gloria:
Me ensina como em verso sublimado
Diga os varões mais dignos de alta historia
Que vio jà mais o Sol em quanto encerra,
Oglobo vniuersal de mar, & terra.

LXXI.

Primeiro a capitana o pego vndoso
Ligeira, & magestosa diuidia
Animada do esforço generoso
Do capitaõ insigne que a regia:
Acompanhauaõ ao varão famoso
Duzentos rayos, com que bem podia
Naõ só humilhar nações, mas nos escuros
Reynos romper de Dite os ferreos muros.

LXXII.

Dom Ioão resplandor, & lume viuo,
Que faz famosa a patria Lusitana
Rama illustre daquelle tronco altiuo
De Lima, estirpe antiga, & soberana:
Estimulado do valor natiuo
E da que a morte illustremente engana
O mar rompeo com proa vencedora
Donde sae derramando luz a Aurora.

LXXIII.

Mandaua hũa galé, que atras deixara
A Pistris, & a Centauro na carreira,
E por entre as estrellas nauegara
Se este lugar se dera â mais ligeira:
E cem varões regia aquem auara
Se mostra a fama, pois que verdadeira
Delles pudera sempre contar tanto,
Que enchera o mundo de perpetuo espanto

LXXIIII.

Nuno Vaz de quem Venus se namora
Quando ouue Marte nas batalhas fero,
Que a pos do imigo a espada cortadora
Vibrando ardente rayo considero:
Aquelle valor digno da sonora
E temperada cithara de Homero
Com cem valentes pronto ao santo intento
Daua noutra galé velas ao vento.

LXXV.

Logo apos elle o mar rompe Caldeirá
Egregio capitão, nauta excellente
Noutra galé por grande não ligeira,
Pouco tambem ao leme obediente:
Eraõ os que segulão sua bandeira
Cento fatal assombro do Oriente,
Criados sempre no rigor da guerra
Iá no mar militando, já na terra.

LXXVI.

Com naõ menos valor, & galhardia
De cem mais que leões acompanhado
Em galé mais ligeira o mar rompia
Feroz Duarte da Silua moço ousado:
Dos illustres auòs nelle se via
O defunto valor resuscitado,
Honrando aquella idade venturosa
Por heroicos varões sempre famosa.

LXXVII.

Mais ao mar das galès era o primeiro
Iayme Teixeira, aquem de amor os danos
Leuarão moço â guerra auentureiro
Na primauera de seus verdes annos:
Hum bem sonhado amaua o caualleiro
A vida sustentando com enganos,
O de amor cego riguroso effeito,
Que atè com sombras vãas abrasa o peito.

Em

LXXVIII

Em nao ligeira o fero mar cortaua
De valentes soldados guarnecida,
Gente que nas afrontas bem mostraua
Quanto deue anteporse a honra â vida:
E posto que em prisaõ a alma leuaua,
E à ley de amor ingrato sometida,
Tinha nelle o valor taõ grande parte,
Que iguais estauão sempre Amor, & Marte.

LXXIX.

Miranda em grosso lenho o immenso pego
Cortaua de si dando heroico indicio
As delicias da patria, & o sossego
Deixara pelo bellico exercicio:
Entre as donzellas qual o valor Grego,
Da tenra mãy criado ao duro officio
Correo ouuindo a tuba do Oriente,
A ser caudilho da robusta gente.

LXXX.

Braue leão o braue mar rompendo
Do magnanimo peito mostras daua,
Iorge Nunez que imigos desfazendo,
Decimo companheiro aos noue daua,
A cuja não guerreira obedecendo,
O mar como medroso se apartaua
Murmurando co vento lisongeiro
De arrogante o valente caualleiro.

LXXXI.

De oitenta se acompanha em cujos peitos
Entrada em nenhum tempo o temor teue
As ordens militares taõ sogeitos,
Que o duro obedecer tinhaõ por leue:
Com estes nos perigos mais estreitos
Entra animoso, & a sogeitar se atreue
Do mundo, o mais difficil, & distante,
Romper montes, & muros de diamante.

LXXXII.

Em nãõ guerreira as ondas diuidia
Pela popa de Abreu Iorge Botelhõ
Não deu a natureza â luz do dia
Varãõ de mais vãlor, de mais conselhõ,
Nos jà mãduros annos valentia
Robusta à companhaua o illustre velhõ
Cento, & vinte o seguiraõ arriscados
Por elle na milicia doutrinados.

LXXXIII.

Daua apos este ão vento fresco as velas
O valente mancebo Ayres Pereira,
Do sangue claro como as luzes bellas
Dos Condes illustrissimos da Feira:
Benignas neste influem as estrellas
Com prudencia o valor, cuja bandeira
Nouenta do tempo emulos seguião
Que atras tornar hum passo naõ sabiãõ.

LXXXIIII.

Segue a popa da nao deste guerreiro
A de Antonio de Abreu forte, & prudente,
Do numero escolhido, que primeiro
Rompeo do sacro Indo a graõ corrente:
Comsigo leua cento o caualleiro,
Cuja memoria o mundo tem presente,
Que a fama que deixarão cà estendida
Lhes dà à pezar do tempo eterna vida.

LXXXV.

Dous inuictos irmãos claros Andrades
Que o valor, do preclaro sangue herdaraõ,
Do instauel mar as feras tempestades
E perigos da guerra despresaraõ:
Bem nos peitos leais promptas vontades
Com que à seu Rey seruirão, imitaraõ
De Andrada os nobres Condes que em Galiza
Respeita o tempo, a fama soleniza.

Fortes

LXXXVI.

Fortes ocupão lenhos bem prouidos
De aparatos na guerra necessarios,
Com duzentos guerreiros escolhidos
Espantoso terror de seus contrarios:
Estes a toda a sorte offerecidos
Exercitando a espada em trances varios,
Se mostrauão sofridos, vigilantes,
Nos mayores perigos, mais constantes.

LXXXVII.

Alpoem nas ribeiras do Mondego
Desde a primeira idade ás letras dado,
Tambem nas armas fez illustre emprego,
Iá de illustres auós valor herdado:
Segue Albuquerque pello salso pego
Orá jurisconsulto, orá soldado,
Que das armas prudente se adornaua,
Como das justas leys forte se armaua.

LXXXVIII.

Suas ordẽs nouenta obedecião
Mortais assombros de Agarenos peitos,
Que em toda a parte alegres o seguião
De seu prudente esforço satisfeitos:
Das cem linguas da fama merecião
Ser recontados seus heroicos feitos,
Pois o tempo que em nada permanece
A memoria das cousas escurece.

LXXXIX.

Passou Gaspar de Paiua á heroica empreza
Com cento, & dez guerreiros excellentes,
Que aquella estimaçaõ que mais se preza
Ganharão sogeitando feras gentes:
Estes que do trabalho, & da aspereza
Da guerra, já por vso eraõ contentes,
Os mais armas de fogo exercitauaõ,
Algũs destros na lança della vsauaõ.

LXXXX.

Dinis Fernandes, com quem doés reparte
Infinitos o Ceo, abre animoso
(Assombro de Neptuno, horror de Marte)
Com grosso lenho pelo pego vndoso:
Cento de alto valor militar arte
Leua comsigo o capitão famoso,
E quando ao duro assalto os animaua,
Animoso o primeiro nelle entraua.

LXXXXI.

Serrão forte, & prudente Caualleiro
Occupaua com cento outro nauio,
Que seguindo ao heroico auentureiro,
Entraua pello fogo, & ferro frio:
Daua na retaguarda o derradeiro
Mostras illustres de galhardo brio,
E coraçaõ intrepido Pessoa,
Cuja fama de hum Polo a outro voa.

LXXXXII.

Eraõ cẽto, & quarenta os que o seguiaõ
Costumados â nautica estreiteza
Dos que ousados cõ ferro, & fogo abriaõ
Caminho pela barbara fereza:
Mas onde meus sentidos se desuiaõ
Tanto de vós, ò gloria desta empreza,
Garcia illustre, cujo braço forte
Infinitas rendeo vidas â morte.

LXXXXLII.

Junto donde a Nereo paga tributo
De seus crystais o Douro caudaloso
O deu a illustre Ioana illustre fruto,
De Sa ao tronco, em armas venturoso
Este cujo louuauel atributo
Foy procurar renome de famoso
Nos seus primeiros annos corre á guerra
Passa o mar, chega a ver da Aurora a terra.

Soubé

LXXXXIIII.

Soubè chegando a Goa da alta empreza
A que o forte Albuquerque se partirá,
Culpa qualquer tardança, & com tristezá
Pèlo poder seguir geme, & suspira:
E qual o vao comete com brâueza,
Por fartarno animal cerdoso a ira,
Que passar vio de fero dente ármadó
Da treilla o alão cástiço desatado,

LXXXXV.

Tal elle num paraó ligeiro aos Ventos
As velas dando, pelo mar se lança,
Leuado dos illustres pensamentos,
Que prometem glorioſa segurança:
Tal já Cesar rompendo impedimentos
Perigos desprezou, & confiançá
A Amiclas dando, aquem valor faltauã,
Ao mar tempestuoso se lançaua.

LXXXXVI.

De seu heroicó esforço estimulados
Lemos, & Villalobos o imitaraõ,
Hum Coutinho, doas Mellos esforçádos
Irmãos, que como irmão viuendo o amaraõ.
Da costa Malabar os arriscados,
E nouos Argonautas se afastaraõ,
O campo azul o lenho diuidia,
Lá postaa proa donde nace o dia.

LXXXXVII:

Pelo Indicó Oceano nauegaua,
A armada o mar em partes diuidindo,
O fauoraucl vento que assopraua,
As grandes velas brandamente abrindo:
O cabo Comorij já atras deixaua,
De Ceilaõ a ilha rica descobrindo,
Ceilaõ honra, & delicia do Oriente,
Taprobana chamada antiguamente.

LXXXVIII.

De canella odorifera abundantes
Os altos montes saõ bosques sombrios
Habitados de grandes elefantes,
Primeiros em prudencia, & fortes brios;
De Rubijs, & Safiras rutilantes
Ricas saõ as areas de seus rios,
E tudo rico do metal que cria
Com seus rayos o Sol na terra fria;

LXXXIX

De Ceilão no Oriente a proa posta.
O golfo de Bengala atrauessarão,
E de Narsinga a rica, & fertil costa
Pára a Settentrional parte deixaraõ:
Nella a grão Meliapor está composta
De illustres edificios que laurarão
Modernos moradores, & ruynas
Que inda se mostraõ de memoria dignas.

LL.

Alli cousas obrou marauilhosas
Que a terra hoje celebra, o Olympo canta;
Thome, a cujas reliquias preciosas
Custodia dá com reuerencia santa:
O ditosa cidade tu que gozas
Ha tantos annos com ventura tanta;
Aquelle que alcançou desconfiado
O que foy ágraõ fè, & amor negado!

LLI.

A fróta dando ao vento alegres velas
Do golfo a mayor parte atras deixaua;
Quando o que estéue já sobre as estrellas
Todo em furor horriuel se abrasaua;
Atormentauao ver que suas cautellas
Forão vãs, & que á Afonso se mostraua
Amigo o vento, humilde o brauo Oceano;
E blasfemando, ao Ceo chamou tyrano.

LIVRO II.

ARGVMENTO.

Asmodeu convocando o inferno trata
De se oppor de Albuquerque á heroica empreza:
Mas os ventos em vão feroz desata,
Que o Ceo socorre a gente Portugueza:
Rompẽ a nao de Garcia a turba ingrata,
Mata a Mello das ondas a braveza:
Hospèda os mais Titonia namorada,
E á Pedir chega a Lusitana armada.

I.

Está na entrada da Tartarea porta
Lugar horrendo de tristeza cheo,
Onde os fios vitais Atropos corta
Onde he cõfusaõ tudo, & tudo enleo;
Dali donde a esperãça fica morta,
E habita o sobresalto co receo
Corre hum valle por donde desce a gente
Perdida para o reyno descontente.

Per

II.

Per aquelle Barathro, o Auerno aleto
Festifero respira misturado
Cos gemidos das almas que em tormento
Blasfemaõ do rigor do Ceo irado:
Confunde grosso fumo o negro assento,
Que nunca rayo vio do Sol dourado,
Donde se ouuem bramar feras impias,
E nos ares gritar torpes Harpias.

III.

Ouuemse alli do Cerbero latrante
Os triplicados horridos latidos
Com os brados do velho nauegante
Que â barca chama as almas dos perdidos:
Por alli dizem que desceo o amante,
Aquem Pluto, & Proserpina vencidos
Do doce canto, à amada concederaõ,
Que seus olhos segunda vez perderaõ.

IIII.

O que sostẽue os cercos crystallinos
Quando Atlas fiou delle o pezo puro,
E aquelle que â gentil filha de Minos
Ingratissimo foy sobre prejuro:
E outros, que vãos seguindo desatinos,
Quiseraõ penetrar o centro escuro,
Tambem o infernal Rey coa doce amadá
Tantos tẽmpos da mãy em vão choradá.

V.

Daquelle lugar pois triste, espantoso,
Aquem tecto he disforme immenso monte
Com brado horrendo o Anjo tenebroso
Os ministros chamou de Phlegetonte:
Naõ quis passar aquelle lago vndoso,
Podendolhe seruir azas de ponte,
Que àos proteruos desejos em que ardia,
Hum ponto eternidades parecia.

Logo

VI.

Logo do abiſmo os negros moradores
Que na ambiçaõ primeira conſpirarão,
Enchendo o ar de horriſonos clamores
Ante o meſmo furor ſe apreſentaraõ:
Que mõſtruos de ira, & de diſcordia autores,
Que de medonhas formas ſe ajuntarão
De Chimèras, Pithoes, & Minotauros,
Hydras, Eſphinges, Dragos, & Centauros.

VII.

Viãoſe alli na multidaõ diffuſá
Briareos de cem braços deſcompoſtos,
Serpentinas cabeças de Meduſa,
E de feos Cyclopes feros roſtos:
Em fim viaſe alli copia confuſa
De diuerſos aſpeitos, & ſupoſtos.
Cujos feos eſtremos de bruteza
Deſconhecera a meſma natureza.

VIII.

A multidaõ ſoberbá já eſperáua
Que o capitaõ de Erébo reuelaſſe
O caſo, que dor tanta lhe cauſaua,
E em ſeu fatal ſeruiço os occupaſſe.
Quando elle que atè então calado eſtaua.
Para què o caſo em mais ſe reputaſſe,
Bramou, gemeo o carcere fumante,
Tremeo a terra, deſcompoſſe Atlante

IX.

Horriuel grauidade ao fero aſpeito.
Gemendo triſte ajunta, & exhalando
Infauſto fogo do ſulfureo peito
Vibrou a ardente lingoa, aſsi falando:
Tartareos Anjos dignos de reſpeito,
Que depois do grão caſo miſerando,
Soffreis a eterna pena desherdados
Dos thronos, para que foſtes criados.

Em

X.

Em lugar nosso aquelle que gouerna
Lá decima do claro firmamento
Estrellas, Sol, & Lua, & atè na interna
Escuridão do reyno do tormento:
Formando o homem vil, jâ da superna
Região lhe deu o crystallino assento,
Que num tempo occupou o senhor vosso:
Nunca taõ grande dor esquecer posso.

XI.

Presente agora tenho na lembrança,
Quando o homem de nada foy criado,
Que com ingrata, & douda confiança
Comeo do frutto que lhe foy vedado:
Em lugar de querer delle vingança,
Ordenou como fosse resgatado,
Quando por justa pena merecia
Naõ ver, nem gozar mais a luz do dia.

XII.

Em fim por elle ó Filho â morte entrega,
E o Filho com morrer triunfou da morte,
E decendo depois á regiaõ cega,
As portas quebrantou do muro forte:
Abrio nossas prisões que a tanto chega
A grão miseria nossa (ò triste sorte)
Leuando as almas que em poder tiuemos,
A occupar os assentos que perdemos.

XII.

Os seus logo por elle tanto obràraõ
Offerecendo a vida com Fè tanta,
Que pelo mundo todo derramaraõ
Aquella ley que nossas leys quebranta:
Depois aquelles Reys, que os imitaraõ,
As armas tomaõ com piedade santa,
E perseguindo os nossos, vaõ fazendo
Que tudo fique a Christo obedecendo.

Entre

XIIII.

Entre estes, (que isto sò lembrarnos quero)
Orgulhoso do reyno Lusitano,
(Que jâ cobrar em nenhum tempo espero)
Deitou Afonso o mouro Mahometano:
Naõ contente com isso o pouo fero
De Luso, assalta o Calpe Tingitano,
E fazendo por vezes dura guerra,
Occupou parte da Africana terra.

XV.

Correo ousado inquietando a costa,
Que intratauel faz quasi o Sol ardente,
Que nos perigos, & trabalhos gosta
Esta sempre inuenciuel, dura gente:
Traspassou Gama à Zona contraposta
Dobrando o Promontorio, em que o Tridéte
Se rompe, & minhas forças resistindo
Tomou porto entre a foz do Gange, & Indo.

XVI.

Logo o inuicto Cabral com noua armada
Descubrio noua terra, & em nosso agrauo
Lhe pòs nome, & tornando â destinada
Viagem fim lhe deu soberbo, & bra uo;
Deixa em Calecut gente bautizada,
Ay de mil de que serue darme gauo
De ordenar a Correa a dura morte
Se elle morrendo melhorou de sorte?

XVII.

Este famoso soy o que primeiro
Por Christo derramou nesta Indiana
Terra seu sangue, ó forte caualleiro
A meu pesar te louua a lingua insana:
Vingaraõ em Cochijo alto guerreiro
Alcançando victoria soberana
Os fortes Albuquerques, fortaleza
Fabricando por fim da illustre empreza.

Alli

XVIII.

Alli o forte Pacheco se eterniza,
Sustentando inuenciuel o adquerido,
Depois Almeida, que às estrellas piza,
Se faz do Rume, & Malabar temido:
Morto o filho que a fama soleniza,
De sabio, de inuenciuel, de atreuido,
Iá vistes que a vingança envolta em pranto
Foi de Asia, & Europa vniuersal espanto.

XIX.

No brauo Cunhà hum rayo ardente vistes,
Que deixou as cidades abrasadas,
Que as vossas leys sogeitas possuistes,
De que apenas ha cinzas derramadas.
De Ormuz, & Goa já os successos tristes
Se contaõ nas regiões mais apartadas,
E tanto de Albuquerque o nome crece,
Que por grande no mundo se conhece.

XX.

Este, que o liure mar veyo infestando
Lá donde morre o Sol até onde nace,
Os nossos simulacros derribando,
E os templos afrontando a infernal face:
Agora outro naõ visto mar cortando,
Para que nouo mal nos ameace,
Vay sem auer quem tanto orgulho dome
A estender em Malaca o Christaõ nome.

XXI.

Quem diuída, passando lá esta gente,
Ver acabado o nosso antigo imperio,
Que ha tantos annos dura em todo Oriente,
E rico de almas faz nosso Hemispherio?
E qué o pouo Malayo opresso intente
Seguir com pesar nosso, & vituperio
A Romana piedade, & ley de Christo?
Iá tudo sofrereis, se sofreis isto.

Mas

XXII.

Mas pois não pode ser nunca acabado
Nos peitos vossos o valor antigo,
Que já mostrastes, quando acompanhado
De vós, o Ceo cobrei por inimigo:
Seja este atreuimento castigado,
Vinde ò furias fatais, vinde comigo,
E busquemos no mar agora modos,
Com que (rotas suas naos) pereçaõ todos.

XXIII.

Tu, Belzebub, que os ventos com tremenda
Violencia moues contra mar, & terra,
E Leuiataõ no mar serpente horrenda,
Em quem tanto furor o abismo encerra;
Vosso valor no Mundo hoje se estenda,
As ondas ás estrellas mouaõ guerra,
Tudo sua natureza mude, & logo
Chouaõ mares os Ceos, & as nuuens fogo.

XXIIII.

Vinguemos nestes parte dos primeiros
Aggrauos que sentis ha tantos annos:
Nestes, que hoje orgulhosos, & guerreiros
Fazerse intentão quasi soberanos;
Nunca com furia tanta, taõ ligeiros
Causando em terra, & mar mortes, & danos
Sairaõ feros ventos desatados,
Como então os espiritos danados.

XXV.

Naõ aguardão soberbos impacientes
As vltimas palauras: mas rompendo
Os ares, as moradas descontentes
Deixarão, mar, & terra reuoluendo:
Por onde quer que passão insolentes,
Tudo vão aruinando, & desfazendo;
Ajuntão nuuens, & desatão ventos,
Abalando da terra os fundamentos.

XXVI.

Com mar bonança os nossos nauegando
Eis que o Ceo de improuiso se escurece,
A luz do Sol se turba, & retumbando
Horrisonos trouões, o vento crece,
Logo o mar montes de agua leuantando,
Do vento remouido se embrauece,
Tanto, que com as nuuens competião
As maritimas serras, que se erguião.

XXVII.

Turbados de taõ subita tormenta
Os pilotos: amaina, amaina gritão,
Dar a effeito a medrosa chusma intenta
O que os mestres gritando solicitaõ:
Mas dos ventos a furia turbulenta
Faz com que em vaõ as forças se exercitaõ
Dos soldados, & destros marinheiros,
E dos grumetes em sobir ligeiros.

XXVIII.

Viose a nao de Albuquerque em grande aperto
Porque leuaua as velas todas dadas,
E a todos (taõ grande era o desconcerto)
Tinha o terror, & medo as mãos atadas.
Mas com trabalho (em fim) no caso incerto
Foraõ logo as de gauea derribadas,
A grande depois destas amainarão;
As outras â Fortuna encomendaraõ.

XXIX.

No mesmo tempo igual era o perigo
Em toda a armada, & todos trabalhados
Dauão gritos, & vozes, que o enimigo
Vento leuaua em Echos mal formados:
Qual vendo a morte, abraça o caro amigo,
Qual procura o pesar de erros passados;
Porque quando esta vida alli perdesse
Ir gozar da durauel merecesse.

XXX.

Viase a região dos ventos chea
De ondas, que as nouens altas borrifauaõ,
E aparecer no fundo a loura area
Nos valles, que entre as ondas se formauão:
Da morte qualquer peixe se recea,
Por donde auia pouco aues voauaõ,
Sobia a nao ás vezes ao Ceo puro,
Outras tantas decendo ao centro escuro.

XXXI.

A galè de Caldeira arrebatada,
De hum monte de agoa ás nuuẽs foi subida;
E caindo de là precipitada,
No profundo ficou quasi escondida:
Logo outra vez ás nuuens leuantada,
Torna a decer com misera caida,
E dando entre duas ondas impetuosas,
Taboas rendeo, & as curuas mais forçosas.

XXXII.

Começa logo a entrar pelas junturas
Abertas na galé do mar hum rio,
Infinitos decendo das escuras
Nuuẽs, que a vão chegando ao estremo fio.
Os nauegantes vendo as aberturas
O peito lhes traspassa o medo frio:
Brada o piloto vendo a morte perto,
Que acudão ao perigo descuberto.

XXXIII.

A dar à bomba algũs logo correraõ.
Tornando o mar ao mar, que liure entraua,
Outros cõ chumbo em prãchas pretenderão
Tapar o que do lenho aberto estaua:
Os mais que estes officios não fizeraõ,
Alijauão ao mar quanto se achaua
Na afligida galè, sem reseruarse
Riquezas, nem as armas respeitarse.

XXXIIII.

Porẽm quãnto o piloto a gritos manda,
E quanto se trabalha nada basta,
Que a Fortuna cruel tudo desanda,
E sem proueito o tempo jâ se gasta:
A gente grita de hũa, & de outra banda,
Quando em vão a Fortuna se contrasta,
Que neste tempo hũ golpe de agoa horrẽdo
Em raudo remoinho a vay soruendo.

XXXV.

Pedindo ajuda amiserauel gente
Aparece no largo mar nadando,
Com desesperação no mal presente
A morte jâ esperada dilatando.
Eis logo Fernão Peres diligente
A aquella parte acode, ao mar deitando
Cordas, taboas, barrijs, prouando modos
Como os poder liurar da morte a todos.

XXXXVI.

Isto vendo Albuquerque, & vendo os ventos
Recrecer, da infernal furia incitados,
E os trouões espantosos com violentos
Rayos das negras nuuens disparados:
Considera seu fim, ouue os lamentos
Tristes, dos companheiros trabalhados,
E acudindo ao remedio que he mais forte
Com Deos humilde falla desta sorte.

XXXVII.

Immenso criador, Pay soberano,
Restaurador de nosso bem perdido,
Là nos Ceos do Angelico, & do humano
Com sogeição eterna obedecido:
Verdadeiro Neptuno, que do Oceano
Enfreas a soberba, & sometido
A ley inuiolauel que lhe deste,
Os limites não passa, que puseste.

Tu,

XXXVIII.

Tu, que da injuria de Pharaó liuraste
O pouo teu, abrindo o mar profundo,
E do commum castigo a Noè guardaste
Na grão ruina vniuersal do Mundo:
Como nos desamparas? não se afaste
De nós tanta piedade, em que me fundo
Liuraste o pouo teu do mar insano,
Teu he tambem o pouo Lusitano.

XXXIX.

E se he vontade tuà que morramos,
Seja assi: mas, Senhor, não desta sorte,
O lugar muda, seja onde possamos
Exaltar à tua Fé, sofrendo a morte:
Na apartada Malaca a donde vamos
Por te seruir buscar a gente forte
Alegre cada quál perderá a vida,
Pela ver venturosa a ti rendida.

XXXX.

O três, & quatro vezes venturosos,
Os que tanto fauor do Ceo tiuestes,
Que entre as barbaras lanças animosos,
Perdendo à vida eternos vos fizeste:
Viuem na Fama os feitos valerosos,
Com que á patria ditosa engrandeceste,
Nós ficamos aqui della apartados,
No mar, no esquecimento sepultados.

XXXXI.

Assi gemendo disse; & entre tanto
O procelloso mar mais se embrauece,
Crescendo a confusaõ, crecendo o pranto
Da miserauel gente que perece:
Era tanto o rumor, o estrondo tanto
Da grande tempestade, que parece
Segunda vez o Mundo destruirse,
O Ceo desencaixarse, o Inferno abrirse.

XXXXII.

Nos rayos de Vulcano o fogo ardia,
Cos horriueis trouões o Ceo bramaua,
O estrèpito do mar ensurdecia,
O combater das ondas espantaua
Entre os contrarios ventos guerra auia,
Cada qual por vencer mais se esforçaua,
Por cima das naos passaõ grossos mares,
Hum horrisono estrondo rompe os ares.

XXXXIII.

Em tanto a rogatiua de Fè chea
O claro firmamento penetrando,
Aos ouuidos chegou da immensa Idea,
Que tudo rege com eterno mando:
Logo as almas ditosas que recrea
A visaõ beatifica rogando
Por Albuquerque cantão santos hynos,
Que alternaõ pelos tronos crystallinos.

XXXXIIII.

Miguel anxiliador de empresas santas,
Depois que o Christaõ zelo representa,
Com que a vida arriscara vezes tantas
O capitaõ, & onde ir de nouo intenta:
Lhe diz: olha, Senhor piadoso quantas
Penas, por te seruir experimenta
Albuquerque teu seruo no perigo,
Em que agora o tem posto o bando imigo.

XXXXV.

O sempiterno amante que rogado
Naõ foi em vão jà mais de alma deuota,
Baixando os olhos, vio no mar turbado
O perigo, em que estaua a Christã frota:
Inueja de Asmodeu fero, & danado
Ser da grande procella a causa nota,
E como as infernais esquadras visse,
Assi ao capitaõ celeste disse.

XXXXVI.

Eu tenho ao forte pouo Lusitano
Por decreto ab eterno concedido
O vencimento em tudo soberano
Do reyno a meu fauor desconhecido:
E se o imigo mortal do trato humano
Que sente serlhe o homem preferido
A estes que amo tanto, dar procura
No mar agora morte, & sepultura:

XXXXVII.

Impunha à vencedora espada ardente,
Com que o primeiro insulto castigaste,
Quando a soberba do infernal serpente,
Perdida a luz. & graça, derribaste:
E em fauor desta minha amada gente,
Que jà em passados trances ajudaste,
Dos teus acompanhado dece logo,
Torne a rebelde esquadra ao eterno fogo.

XXXXVIII.

Ao porto de Pedir a frota guiá;
Onde sera de tudo reparada,
E do medo, & trabalho deste dia,
Terâ descanso a gente bautizáda.
Parte do Ceo co a pura companhia
Miguel, vibrando a fulminante espada
Firme escudo embraçado rutilante
De materia mais dura que diamante.

XXXXIX.

Chega o celeste exercito voando,
Aquem os inimigos do Ceo vendo,
Fogem da luz, que os turba, blasfemando,
O diuino socorro maldizendo:
Os celestes guerreiros castigando
A passada insolencia, os vão correndo
Atè as tristes moradas de dor cheas,
Onde as almas estão de gloria alheas.

L.

Por outra parte os ventos vão fugindo
Temerosos deixando a infausta guerra,
A natural braueza reprimindo,
Que altera o mar, abalha, & rompe a terra;
Assi humildes as asas sacudindo,
Per debaixo daquella firme serra,
Que oprime sua braueza se tornarão
As Eolcas prisoẽs, que quebrantarão.

LI.

Logo a negra cortina os rayos correm
Do Sol claro, alegrando os mareantes,
Os Anjos humilhando ondas discorrem,
Que forão contra o Ceo nouos gigantes:
Com feruente piedade outros socorrem
Os tristes, & afligidos naufragantes
Da perdida galé, que inda lutauão
Co as ondas, & o fauor do Ceo chamauão

LII.

Liure da morte, & horriuel tempestade
A gente distillando agoa, aparece
Por cima do conuès da nao de Andrade,
Que graças dando ao Ceo, voto offerece:
E bem notando o modo, & breuidade
Com que a tantos liurara, já conhece
Não ser bastante a diligencia humana,
Se não tiuera ajuda soberana.

LIII.

Mas os seis valerosos companheiros,
Que leuados da intrepida braueza,
Desestimando o mar auenturciros,
Partirão de Cochij á heroica empreza.
No tempo quando os infernais guerreiros
Os ventos mouem a mayor fereza,
A costa de Bengalla atras deixauão,
E vento em popa pelo golfo entrauão.

Deu

LIIII.

Deu nelles a diabolica procella,
Sem conceder lugar a que amainassem,
Quebrando os remos, & rompendo a vela,
Para que â saluaçaõ meos faltassem:
Que os do Tartareo bando com cautela
Como por conjecturas alcançassem
Que o Ceo o vencimento prodigioso
Prometia ao valor do Sâ famoso:

LV.

Darlhe mifero fim alli intentaraõ
Para o que Phlegeton co mar reparte
Do feu furor, & aos ventos ajuntaraõ
Da interior violencia grãde parte:
Os marinheiros timidos ficaraõ
Cortados de temor, & faltos de arte,
O piloto tambem no trance forte
Jâ posto se julgou nãs mãos da morte.

LVI.

Sem gouerno atrauès posto o nauio
Quasi no ponto estremo de perderse,
Pelo bordo lhe entrou hum grosso rio
De hum mar que nelle veyo a desfazerse:
Mas os fortes guerreiros, cujo brio
Naõ pode a força, nem temor renderse,
Com tal pressa, & valor logo acodiraõ,
Que â morte, & a todo o Inferno resistiraõ.

LVII.

Garcia pegou logo do gouerno,
Daõ â bomba os dous Mellos, & Coutinho,
E o mar, tornando ao mar, do mais interno
Desalagaõ o jâ alagado pinho:
Com Lemos, a pesar do mesmo Inferno,
Villalobos amayna o roto linho,
E recolhido hum bolso sò deixando,
O nauio em gouerno foy entrando.

LVIII.

Já que em popa nauega, os marinheiros
Aquem o medo frio, congelado
Tinha o sangue nas veas, os primeiros
Correm logo ao trabalho costumado:
Porque o exemplo dos fortes caualleiros
Os tinha grandemente enuergonhados
E lhes dá seu valor tal segurança,
Que resuscita nelles a esperança.

LIX.

Como ao Tartareo bando vão saisse
Este primeiro assalto, muda intento,
Traçando com que ao menos nunca visse
Garcia de Malaca o aureo assento:
E porque isto sem falta se cumprisse,
Arrebatão o lenho, & do violento
Furor leuado, assi rompia os mares,
Qual atirada frecha rompe os ares.

LX.

Com mais que natural curso passarão
Por entre a grão Samatra, & Chersonesso,
E costeando a China, nauegarão
Sem do caminho conhecer o excesso:
Que como tanto em pouco espaço andarão
A Palinuro o desigual progresso
Enganara, julgando que fazia
Caminho, ou langradura só de hum dia.

LXI.

Assi furioso o vento, o mar furioso,
Por muitas partes o nauio aberto
Do sofrido trabalho tempestuoso
Se acharão de outro mòr perigo perto:
Que num grande penedo em que impetuoso
O mar rompia então de ondas cuberto
Rompeo o fragil lenho perseguido
Dos ventos, & das ondas combatido.

Despe-

LXII.

Despedaçado o misero nauio,
Qual colhe hũ remo, qual hum bãco abraça,
E a Deos pedem fauor com peito pio
No trance, que fim misero ameaça:
Estando assi no derradeiro fio,
A noute se estendeo de luz escaça,
Que o graue medo mais lhes acrescenta,
E mais da morte a imagem reprezenta.

LXIII.

Todos da vida jâ desesperados
Andauão tristes dilatando a morte,
Mas vezes mil das ondas sepultados,
Já quasi sentem della o trance forte:
Outras vezes âs nuuens leuantados,
Jugar com elles parecia a sorte,
E para lhes causar mayor tormento
Alargarlhes da morte o sentimento.

LXIIII.

Passada a triste noute em pena tanta,
De rosas coroada a bella Aurora,
Deixando o Phrygio amante, se adianta,
Dando luz a Amphytrite, como a Flora;
O Sol logo tras ella se leuanta,
E alegre sae do claro albergue fora:
Desligadas as nuuens se esconderão
E âos rayos matutinos lugar derão.

LXV.

A luz do nouo dia aos naufragantes
Mostrou a terra desejada tanto,
Em trances, & fortunas semelhantes,
Dandolhes forças no mortal quebranto:
Cortão de nouo as ondas espumantes
Com tanto alento, & aluoroço, quanto
Costuma ter quem quando a vè perdida
Nas mãos da morte torna a achar a vida.

Perto

LXVI.

Pertõ dè térra já que podem vèrse
Quebrar na praya as ondas com braúeza,
Depois em branca escuma resoluèrse,
Rebatidas da solida firmeza:
Descobrirão hum rio, que a mèterse
Vinha no mar com rapida prestеza
Cercado de crescidos aruoredos
E na barra de asperrimos rochedos.

LXVII.

Impedia á grão força da corrente
Poder chegar á desejáda area,
O que vendo Gareia com fè ardente
Assi falou com a suprema Idea:
Piedoso Pay, Senhor omnipotente,
Cujo poder do mar a furia enfrea,
E tremer fáz no centro o duro Inferno,
Das causas causa, & mouedor eterno.

LXVIII.

De quem por vós trabalha, & vos adora,
Esquecei culpas, como pay piadoso,
E reprimi do mar a furia agora,
Das vidas, que sãõ vossas, cuydadoso;
E vós do Sol diuino digna Aurora,
Do mar estrélla, & porto venturoso,
Dos affligidos nunca em vão chamada,
Valeinos mãy do èsposo, & filha amada.

LXIX.

Assi disse, & foi lá no Olympo ouuido,
Mostrouse o mar quietõ, o vento brando,
Suspenso esteue o rio, & reprimido,
As agoas, que desciãõ represando.
Coutinho em tanto naufrago affligido
Mal o furor das ondas contrastando,
Chega á praya deserta, onde sò via
Tudo quanto ha contrario de alegria.

Lèmos

LXX.

Lèmos, & Villalobos, que pegados
Vinhaõ no roto maſto, á ſeca area
Chegaraõ, mas taõ fracos, & canſados,
Que ſe julgaõ nas maõs da Parca fea:
Os ventres do bebido mar inchados,
A falta do ſentido, a viſtà enlea,
Tornando o licor ſalſo com penoſas
Anſias brotando fontes amargoſas.

LXXI.

Chegou o menor Mello a tomar terra,
De quem rios caudais ſe deſpenhauaõ
Das ondas que lhe tinhaõ feito guerra
Que a ſeu peſar beberà, & ao mar tornauaõ;
Sobre hũs juncos deitado os olhos cerra,
Que mal ao ſono, & apenas ſe entregauaõ,
Quando penas a penas acreſcenta
Sonho, ou viſaõ que horriuel o atormentà.

LXXII.

Pallido, & ſuſpirando lagrimoſo
O caro, & amado irmaõ ſe lhe offerece
E todo inchado horrinel, & eſpantoſo
Por tudo diſtillar agoa parece:
Com triſte voz em acto laſtimoſo
Lhe diz: Se o fraternal amor merece,
E como em vida, aſsi liga na morte
A laſtima te moua minha ſorte.

LXXIII.

Acompanharte màis neſta jornada
Me nega o Ceo, cortou a Parca dura
A vida a mil trabalhos condenada
Que ſem deſcanſo momentanea dura;
Neſta regiaõ da noſſa naõ tratada
Naõ me queiras deixar ſem ſepultura,
E què terâ por ti minha alma fia
Os diuinos ſuffragios algum dia.

Indà

LXXIIII.

Inda o vital alento hoje gozara,
E como os mais, pisara a seca area,
Se ao romper do nauio não quebrara
Esta perna que vès inchada,& fea:
Valime então daquella estrella clara,
Que ao porto guia, onde a alma se recrea,
E com Fè, & esperança o trance forte
Passei, que comummente chamaõ morte.

LXXV.

Por abraçár a sombra o caualleiro
Tres vezes magoado estende os braços,
E tres vezes em vão o ar ligeiro
Diuide ao apertar dos vãos abraços:
Entre tanto o defunto auentureiro
Deixou daquella forma aerea os laços,
O irmaõ dentro na alma magoado,
Suspiros dando em lagrimas banhado.

LXXVI.

Leuantase bradando, & diz: Espera,
Toma de mi o abraço derradeiro:
Mas ay que já mo nega a Parca fera,
E es dos que o Ceo habitaõ companheiro;
Fez termo a dor primeira, & considera
Ser tudo o que sonhara verdadeiro,
E com pena, & tristeza suspirando,
Pela praya o cadaver vai buscando.

LXXVII.

Garcia em tanto de seus braços tenta
A força estrema,por chegar a terra
A tempo que com grita turbulenta
Copia de gente desce da alta serra.
A Diana entre a turba representa,
Quando vem de fazer ao monte guerra
Hũa grande, & formosa caçadora
Daquellas serras natural senhora,

Veloz

LXXVLII.

veloz com arco, & frecha outra Atalanta
Trabalha os montes; & perſegue fera
As feras, a que em vaõ ligeira planta
(Que ao vento iguala) a natureza dera:
O lauali cerdoſo a naõ eſpanta,
O Tigre, a onça, o Leão brauo eſpera,
Feroz com todos animoſa, & forte,
E ſempre vencedora os rende á morte.

LXXIX.

Cercauãona belliſsimas donzellas,
Que tambem arco, & frecha exercitauaõ,
Porem poſto que todas eraõ bellas,
Em belleza inferiorés lhe ficauaõ:
Qual matutina Venus, que âs eſtrellas
Vſurpa a clara luz de que ſe ornauaõ:
Tal de Titonia as vence a gentileza,
Que eſte era o nome da Oriental princeza.

LXXX.

Nunca Argos, Delo, Chipre em ſi gozaraõ
Forma de fermoſura mais perfeita,
As graças nella todas ajuntaraõ
Tudo aquillo que â viſta mais deleita:
Deſcem do monte â praya, onde chegaraõ
A tempo que Garcia nella deita
Hum rio do amargoſo mar bebido
De alento falto, naufrago, afligido.

LXXXI.

De Titonia os monteiros arrogantes
Correndo todos vaõ contra Garcia
Iulgando que ouro, perolas, diamantes
Conſigo do naufragio liuraria:
Mas elle, que lutára hum pouco antes
Co a morte meſma, e vil temor deſuia,
E determina de vender muy cara
A vida, que das ondas eſcapara.

Hum

LXXXII.

Hum duro, & grosso remo que o sostinha;
E lhe fora nas ondas companheiro,
Aperta, & contra o que diante vinha;
Intrepido se lança o caualleiro:
Ia timido o contrario se detinha,
Quando chegou o peso do madeiro,
E parte da cabeça derribando,
O interior se mostra palpitando.

LXXXIII.

Contra os mais impetuoso logo cerra,
De quem com furia braua foy cercado,
De hum reuès mortos dous estende em terra,
Outro deixa dos dentes desarmado:
Tal como aos Philisteos fez dura guerra,
Sò da queixada o moço Hebreo armado,
Ou como quando Alcides impaciente
Os Centauros matou co lenho ardente,

LXXXIIII.

Tal iroso o guerreiro o duro effeito
Do lenho fez sentir, a quem o braço,
A quem cabeça rompe, a quem o peito
E bem romper pudera hum monte de aço
Titonia de ira chea, & de despeito
Vendo tanto destroço em breue espaço,
E dos seus o temor, & vil fraqueza
Acode à reprensaõ, como à defeza.

LXXXV.

Entra a tempo que o fero moço de alto
Começaua a descer hum golpe horrendo;
Mas chegando da doce vista o assalto,
Pára o lenho, que vinha o ar fendendo:
E mouido a respeito de ira falto,
O remo pouco a pouco foy descendo:
Tal como a naõ, aquem o vento acalma,
Velas afroxa, & fica posta em calma.

Ella

LXXXVI.

Ella tambem ao cortès acto pàra,
Da offensa, do rigor, da ira esquecidá,
E no valor, & gentil ser repara,
De admiração, & lastima mouida.
Compassiua amor na alma lhe prepara.
Hũa paixão, mal della inda entendida,
E no compasso que elle desce o remo,
O arco afroxa apartãdo hũ de outro estrémo.

LXXXVII.

Absortos como em extasi ficarão,
A vista suspendendo os mais sentidos,
Por quem em tanto as almas se trataraõ,
Mandando pensamentos encendidos:
Logo incautos suspiros se arrancaraõ,
De hũa noua amorosa dor nascidos,
Iâ procura o desejo declararse,
Ià torna por respeito a retirarse.

LXXXVIII.

Fálarse algũas vèzes cometeraõ,
Porem os idiomas differentes
Os conceitos na lingoa escurecéraõ,
Se bem na turbaçaõ ficão patentes:
O que as confusas lingoas naõ puderaõ,
Supriraõ mil affectos, & accidentes,
E os olhos lingoas dalma declarauaõ
As ansias que nos peitos se encerrauaõ.

LXXXIX.

Neste tempo chegou a seca area
Hum moço marinheiro, aquem â sorte
Entre tantos liurou da morte fea,
Posto que inda nas mãos vinha da morte.
A gente estranha vendo se receà,
Porem considerando o passo forte
Que atràs lhe fica, se conforta, & animã.
E qualquer grande mal, menor estima.

LXXXX.

Na incerteza de caso taõ estreito
Offerecido a quanto está temendo,
Pos em Titonia os olhos, cujo aspeito
Real, piedade estaua prometendo:
O temor conuertendo já em respeito,
Humilde ante ella chega assi dizendo:
Emparai, graõ senhora, hum affligido,
Do mar, & da fortuna perseguido.

LXXXXI.

Que essa rara belleza, & magestade
Bem mostra ser dos Deoses procedida;
E se diuina sois, tende piedade,
Là nos diuinos peitos produzida.
Assi rogaua aquelle, que a vaidade
Gentilica seguira toda a vida,
Chegandose a Titonia, que não muda,
Os olhos de Garcia atenta, & muda.

LXXXXII.

Era este em naçaõ Chij, & nauegando
O mar da India, a Garcia foi seruindo,
Ella como de hum sonho despertando,
O natiuo falar da China ouuindo,
Aquella parte inclina o rosto brando,
Nouas alteraçõ̃es na alma sentindo,
E com palauras cheas de brandura
O fauorece, anima, & o segura.

LXXXXIII.

Alegre com ter já taõ certo meyo
Para entender o que a alma pretendia,
O naufragio pergunta, & por rodeyo
Fortuna, & qualidade de Garcia:
Elle (perdido então todo o receyo)
Dandolhe inteira conta, lhe acendia
Mais o fogo, louuando a fortaleza,
Gentis costumes, partes, & nobreza.

Naquelle

LXXXXIIII.

Naquelle meſmo ponto maniatados
Lhe trouxeraõ os outros caualleiros:
Sofrer naõ pode velos maltratados,
Porque erão de Garcia companheiros:
Soltar os manda, & forão caſtigados
Com aſperas palauras os monteiros,
Seruindolhès de pena, & de eſcarmentó
O em que cuydaraõ ter merecimento.

LXXXXV.

Vendoſe os naufragantes ſe alegraraõ
No que daua lugar a pena graue,
Lagrimas juntamente derramaraõ,
Que o chorar em tais caſos he ſuaue.
Os olhos de Titonia os ajudaraõ,
Que ordena amor que jà com pranto laue
E abrande o peito, que lhe tem quebradas
As frechas com mais arte temperadas.

LXXXXVI.

De alli para hum magnifico edificio,
Que no cume do monte aparecia,
Cuydado a lena de piedoſo hoſpicio,
E reparo dos danos de Garcia:
Delle os olhos naõ tira dando indicio
Do fogo, que encubrir jà naõ podia:
Mas quem o fogo eſconderà no peito,
Queonaõ deſcubra logo o ardente effeito?

LXXXXVII.

Guiando em tanto a armada o Ceo amigo,
Chega da grão Samatra a ver a terra,
Logo entra de Pedir no porto antigo
Ao ſom do eſtrondo,& muſica de guerra.
E porque pelo rio ſem perigo,
Pela eſtreiteza, & baixos, que em ſi encerra,
Nunca lenhos taõ groſſos nauegaraõ
Junto da barra ao mar ferro deitaraõ.

LXXXVIII.

Foy ó bàrbaro Rey logo auisado
Da Portugueſa armada, que o eſtandarte
Se moſtra ſolto ao vento matizado
Das armas, que IESV com Luſo parte:
E apenas ferro tinha ao fundo dado,
Quando chegaõ á nao do Chriſtão Marte
Seis mouros numa lancha bem remada,
De ricos paramentos adornada.

LXXXIX.

Hum delles, que os mais tratão com reſpeito,
E autorizaõ as cãs, & qualidade,
Lhe diz: ſaluete o Ceo, varão perfeito,
Que honra, & gloria te fez da noſſa idade:
Meu Rey, a que eſte reyno eſtâ ſogeito,
Te offerece hũa amiga, & ſã vontade,
Que jâ a teu Rey offerecer mandara,
Quando outro capitaõ aqui hoſpedara.

LL.

Por tanto ſe te faltão mantimentos,
Inuicto capitão, na tua armada,
Ou ſe pelo furor de mar, & ventos
Vem de vellas, ou xarcia deſtroçada:
Pede, que os ſeus naõ ſaõ vãos cumprimentos,
Verdades ſi, de hũa alma afeiçoada
A Fama das virtudes, que florecem
Em teu Rey, & âs que tanto te engrandecẽ.

LLI

Com roſto alegre, poſto que ſeuero,
Reſponde Afonſo ao menſageiro amigo:
Merecer a teu Rey ſeruindoo eſpero
Fauores, & merces, que vſa comigo:
E por meu Rey, (que grato conſidero
A tanto amor) hojetambem me obrigo,
Diſtancia naõ fara, queeſtreitamente
Naõ ame o Rey do Occaſo ao Rey do Oriẽte.

Com

Cõm estes hum do Luso bãndo veyõ,
Que a mensagem real acompanhauã,
Aquem o Rey mandou para ser meyo
De confirmar a paz que desejaua,
Que jâ naquellas partes com receyo
Que fosse à forte armada se esperauà;
A tomar em Malaca conta estreita
Da traiçaõ grande a Portugueses feitã.

LLIII.

Este abraçando os pés ao valeroso
Afonso, que o leuanta, lhe deziã
Com lagrimas, que o gosto generoso
Por seus olhos gozosos despendià:
Bem parece que Ceo, varaõ famoso,
Onde mais necessario sois, vos guia,
E que tem para vos tambem guardadas
As empresas mais arduas, & arriscadas.

LLIIII.

Causã no capitaõ nouos cuydados,
O Portugues, em quem se estaõ mostrando
Varios effeitos dalma deriuados
Que o sentimento està representando:
E em quanto os mouros andaõ enleuados,
Tanto aparato bellico notando,
Contame (disse) amigo teus successos,
E os que a Fortuna vsou contigo excessos.

LIVRO III.

ARGVMENTO.

Viegas conta a Afonso extensamente
As traições, que em Malaca o Rey tyranno
Vsou contra Sequeira, cuja gente
Matara, & catiuara com engano:
Como Alaida (que o fogo de amor sente)
Liurallos intentou de tanto dano,
E fugitiua algũs leua consigo,
A que o Rey de Pedir se mostra amigo.

I.

POr vêr ó Pórtuguês éstránhó córre
Cóm aluóroço a Lusitana gente,
Em quãtó cõ a lẽbrãça elle discorre;
Pelos sucessós q̃ indà na alma sente;
E depois que ó passadó allí lhe ocorre,
E tudó nà memoriá tem presente;
Mouendo a compãixaõ, & sentimentó,
Suspirando ássi a voz soltou ao vento.

Mandaísme

II.

Mandaisme referir, Afonso inuicto,
Aquella triste, & lastimosa historia,
Em que fui tanta parte? temeo espritó
Entrar na antiga dor, teme a memoria:
Mas despois que nos males me exercito,
Sò deste conseguir espero gloria,
Que bem que a pena amara resuscita,
Obedeceruos, tudo facilita.

III.

Desejoso de gloria companheiro
Iá fuy de Diogo Lopez de Sequeira,
Deixei a patria amada auentureiro,
O mar passei, seguindo sua bandeira:
Hoje que sou infausto mensageiro
De Fortuna cruel, a verdadeira
Relaçaõ dos successos lastimosos
Em meus accentos ouireis queixosos.

IIII.

Com viagem prolixa, & trabalhosa
E inclemencia do tempo, & mar chegamos
A opulenta Malaca, que famosa
Póde ser por treições, que exprimentamos;
Nella gente inhumana, & cubiçosa,
Rey que naõ guarda fè, nem ley achamos,
Este nos recebeo brando no aspeito,
Se bem Diomedes no fingido peito.

V.

Ou quê no coraçaõ odio escondido
Tiuesse ao Christaõ nome o Rey tyrannó,
Ou de maos conselheiros persuadido
De nouo se inclinasse a nosso danó:
Viose que o que mostraua, era fingidó,
Quando se descubrio seu fero engano
No dia para nó taõ miserando,
Cuya memoria agora estou chorando.

VI.

A primeira pessoa no gouerno,
E priuança do Rey era o Bendara,
Magistrado supremo, mas o Inferno
Cifrado no seu peito o Momo achará.
A fraude, a ingratidão no mais interno,
Inueja, odio, ambiçaõ, que nunca para,
E a soberba na fronte declarada,
Porque não póde estar dissimulada.

VII.

Este dos Guzarates sobornado,
E mais nações com trato cauteloso,
Não faltando tambem o odio herdado
No seu perfido peito cobiçoso:
Pos (cego do interesse seu cuydado)
Em fazer o comercio nosso odioso,
E como siga ao mao seu semelhante,
Foy co tyrano Rey pouco bastante.

VIII.

Cõm traças páleadas dilatauão
Nossa partida, & de hũa, & de outra sorte
Disfarçando málicias procurauão
Achar occásiaõ de nossa morte:
Porem traidores fracos naõ ousauaõ
A força exprimentar da gente forte
Que pelas nossas naos se descobria,
E o espantoso rigor da artelharia.

IX.

Era do Rey o principal intento
Que o capitaõ puzesse os pès em terra,
E dandolhe a seu saluo fim violento
Abrasar nóssas naos com facil guerra:
Por conseguir o iniquo pensamento,
Que dentro na alma indignamente encerra
O convida com mostras enganosas
De Thiestes ás mesas sanguinosas.

Para

X.

Para o mortal conuite fabricarão
Capaz de grande numero de gente,
Cenaculo espaçoso que adornarão
Quantas se achaõ delicias no Oriente.
Ia se chegaua o tempo, em que cuydarão
O tragico fim nosso ver presente,
Para o que estauão todos auisados,
E nós do occulto dano descuydados.

XI.

O fim de todos fora aquelle dia,
Que o banquete infiel se celebrara
Se o Ceo que o bem, & o mal do mundo via,
Velando sobre nós naõ lho estoruara:
Amor o meyo foy, que na alma cria
Hum ardente desejo, que naõ para
De procurar o bem da cousa amada,
Os grandes riscos estimando em nada.

XII.

Foy mensageiro visto na cidade
Teixeira caualleiro bem disposto,
Em quem florece com a flor da idade
Gentileza robusta em bello rosto,
As graças juuenis, a liberdade
Hũa pagã donzella rende, o gosto
De tudo o mais perdendo, & se sustenta
Em lembranças, que amor lhe representa.

XIII.

Qual a amante de Minos passa o dia
Nas janellas de hũa alta torre, donde
No mar a nossa armada descobria,
E a nãu que o suspirado bem lhe esconde:
De alli brandos amores lhe dezia
E por elle (enganandose) responde,
Como se lhe tiuera descuberto
O fogo, que em seu peito arde encuberto.

Que

XIIII.

Quẽ ó tẽpõ breue, & feminino péjõ
Só deu lugar ao mal a que obedece:
Ficou secreta amante onde o desejo
Possiueis, & impossiueis lhe offerece.
Soube do fero intento neste ensejo
Roto o segredo, & nouo mal padece,
Amante temerosa naõ sossega,
Que começando a amar â temer chega.

XV.

O querido mancebo imaginando
No duro ponto de perder a vida,
O cego Amor, que adora, consultandõ
No receyo mayor fica atreuida:
Hum meyo entre outros muytos aprouandõ,
Iâ de todo a valerlhe offerecida,
Pela noute esperandõ naõ descança
Para chegar a effeito esta esperança.

XVI.

Qual de Pasiphe a filha vendo perto
Do perigo a Theseo, geme, & suspira,
Atè lhe poder dar remedio certo,
Quẽ da biforme fera oprima a ira:
Tal do certo perigo inda encuberto
A liurar ternra amante o amado aspira:
E como Amor do fraco faça forte;
Perigos desestima, vida, & morte.

XVII.

Quasi era a noute então nocturno diâ,
Porque a luz daua o Sol a toda a Lua,
Da Christã frota barcos sair via,
Que sempre a faz velar pena taõ crua:
Cre que terra algum delles tomaria,
E como jâ a vontade naõ he sua,
Porta abre oculta pouco frequentada
Chega â praya, de amor acompanhada.

Alli

XVIII.

Alli parou suspẽsa, & duuidosa
Das nossas naos à vista, & mar nó meyo,
E chamando a Fortuna rigurosa,
Iá padece à que ousou, nouó receyo:
Mas do Ceo prouidencia milagrosa,
Me leuou a tirallà deste enico
Num batel dos que o már correr mandauá
Sequeirà que dos mouros naõ fiaua.

XVIX.

Como de Cynthia à luz então mais purá
Lhe desse a conhecer bateis, & gente,
Que da noute rompendo a treua escura
Descia para as portas do Occidẽte:
Com delicada voz pouco segura,
Como quem do que espera temor sente,
Nos brada, & roga que chegar queiramos,
E dentro no batel a recolhamos.

XX.

Eu comouido de seu rogò brando,
E de entender o caso desejoso
Pòr do batel à proa em terra mandó,
E a recolho apressado, & receoso:
Na popa ella se assenta, & suspirandó
Manifestou com rosto lagrimoso
O amor, que por mil riscos atrõuxera
A dar a vidà aquem lhe amorte dera.

XXI.

E proseguindo desdo pensamento
Primeiró, que o Rey teue em nósso dano,
Aconselhado pelo fraudulento
Bendára, que a priuança fez tyrano;
Parou naquelle fim sanguinolento,
Que em banquete real, mas inhumano
Nos esperaua âquelles, a que em sorte
Tocasse ir com Sequeira à certa morte.

Depois

XXII.

Depois que a grão traiçaõ, como lhe ordena
Amor, que a gouernaua, nos auisa,
Manifestando da alma a viua pena,
Que com lagrimas tenras soleniſa:
A mão me aperta, & díz: Pela serena
Luz, que nos vé que o primeiro orbe piſa,
Que este seruiço que vos tenho feito,
Ao dono relateis que está em meu peito.

XXIII.

Os finais vos darei, que na almã escritos
Os tem com fogo amor: he destatura
Bem formado, com dotes infinitos
De graça, auiſo, esforço, & fermosura:
Mil de seus olhos lança amor espritos
Que a liberdade roubaõ mais segura,
E a mi me tem tão cega, & taõ perdida,
Que arriſco à honra, deſiſtimo à vida.

XXIIII.

Seu roſto por quem penas entesouro,
Aluo, & corado, ao Sol fermoſo afronta;
E agora pelas faces de cor de ouro
A barba, ornato varonil lhe apontã;
He de rubijs, & perolas thesouro
A bella boca; mas ociosa conta
vos dou: elle a embaxada do Rey voſſo
Trouxe para meu mal ao Sultão noſſo.

XXV.

E porque jâ amoroſa marauilha
Em mi desfez o mulheril recato,
Alaida de Sultaõ Soleimão filha
Sou, irmão deſte Rey com voſco ingrato:
Do noſſo antigo ſangue a rica ilha
De Iaõa ſe honrã, mas de amor o trato
Honra, nobrezã, & nome hoje atropella,
E meus exceſſos este exceſſo sella.

E com

XXVI.

E cõmo aqui cheguei, tambem chegara
Onde adorando aſsiſte o penſamento,
E ſerua, como amante ſer prezara,
Adoçando ſua viſta meu tormento:
Se o temor, que fè tanta deſprezara,
A tanto ouſar naõ fora impedimento,
Na patria (pode ſer) preſa a vontade,
Naõ terá para amarme liberdade.

XXVII.

Más pois me foi tão proſpera a ventura,
Que auiſaruos me deixa o occulto dano;
Tornarme quero em quanto me aſſegura
E cobre a capa do nocturno engano:
Que já mea eſcondida a bella, & pura
Irmã do Sol ſe banha no Oceano,
E o Deos do ſono a todos tem rendidos
Agora os laſſos membros, & ſentidos.

XXVIII.

Aſsi diſſe; & no fim, do peito ardente
Apreſſados ſuſpiros deu aos ventos.
Eu moſtrandome grato, brandamente
Auaro lhe não fui de offrecimentos:
Dos quais ella moſtrandoſe contente,
Mil de nouo me fez prometimentos,
E mais naõ dilatando ſua partida,
Foy tambem lagrimoſa a deſpedida.

XXIX.

Deſprezando eu então todo o perigo
A fraqueza deixala ir sò julgando,
Leuei dos companheiros tres comigo,
Com que ſeguindoa fuy, & acompanhando:
As ſombras tomei ſempre por abrigo,
Por onde ella guiaua atraueſſando:
Deixandoa recolhida, nos tornamos
A onde eſperando os do batel deixamos.

Mando

XXX.

Mandou logo ferir cos remos duros
O liquido elemento aos remadores.
Nas ondas leuantando crystais puros,
Sobresaltando os mudos nadadores:
Iá chegados á não, quão mal seguros
Eraõ do Rey os tratos, & fauores
Ao cuydadoso capitaõ dissemos
De Alaida referindo amor, & estremos.

XXXI.

Elle como aconsece ao caminhante
Por errado caminho em noute escura
Vendo alto precipicio, adonde errante
A morrer o guiaua a sorte dura:
Tal suspenso ficou, & vacillante
Em quanto o breue sobresalto dura,
Posto que seu valor grande encobria
O temor do perigo em que se via.

XXXII.

Iá das nocinas honras auisado
No teatro mortal apercebidas
Antes do infausto dia assinalado
Para tragico fim de nossas vidas.
Mensageiro mandou industriado
Em palauras corteses, & fingidas,
Com que escusarse pode o tyrano,
E atalhar por então o mortal dano.

XXXIII.

Assi da morte liure foy Sequeira
Merce de amor, & de seu brando affeito,
Porem com mais cautela que a primeira
Noua traicaõ escondeo o regio peito:
Gente mandou com mostra lisongeira
Que viuesse com nosco trato estreito,
Com refrescos da terra conuidando,
Hũas cousas vendendo, outras comprando.

XXXIIII.

Atè que já chegado o triste dia
Que presente hoje choro na lembrança
Em que o Rey enganoso pretendia
O duro fim da perfida esperança:
O grão cuydado naõ valeo que auia,
Nem de tanta vigia a segurança,
Ou nos cegou entaõ Deos os sentidos,
Póde ser por peccados cometidos.

XXXV.

Decreto era fatal que naõ faltaraõ
Auisos nas treiçoẽs que precederaõ,
Bem como quando a Troya naõ bastaraõ
As vozes, que Laocoon, & Capis deraõ.
Os defensiuos muros derribarão,
E a maquina enganosa recolheraõ,
Os seus cidadãos mesmos enganados,
Porque estaua ordenado pelos fados.

XXXVI.

De nouo o capitaõ recado teue
Do impio Rey que receber mandasse
De crauo mil quintais, que em tempo breue
Mandaua que em tres partes se entregasse:
Antes que às nações varias que detue
Vindas primeiro alli que nós chegasse,
Este grande fauor, que nos fazia,
Que ouuir queixumes escusar queria.

XXXVII.

Que por ley naõ violada, & por costume,
Despachaua conforme a antiguidade,
Pretendendo imitar o diurno lume,
Que dá igualmente a todos claridade,
O mensageiro o engano pos no cume
Mostrando mestre ser de falsidade,
Que tanto nelle á fraude se encerrana,
Que ao perfido Sinon atras deixaua.

XXXVIII.

Foy o difficil caſo em votos poſto,
De todos aprouado por ſeguro,
Moſtrando muitos de ir a terra goſto:
Que naõ olha a cobiça o mal futuro:
E o meſmo capitaõ com ledo roſto,
Naõ bem conſiderando o caſo duro,
A Araujo mandou que ſe apreſtaſſe,
E gente ſinalou que o acompanhaſſe.

XXXIX.

Solicitos algũs, jà trabalhauaõ
Por eſtar bem de tudo apercebidos
Para o ſeguinte dia, em que eſperauaõ
Ver fruto de trabalhos taõ compridos:
Outros juntos em roda praticauaõ
Nos perfidos recados entendidos
Tão mal de nós, em fim por varios modos
Aluoroço gèral ſe via em todos.

XXXX.

Hum só varão ſciente em caſos varios,
Que eſte julgaua com juizo experto,
Gritou zeloſo: Como temerarios
Correis com preſſa tanta, a mal taõ certo?
Atalhai a malicia dos contrarios,
Fugi da perdiçaõ, que tendes perto,
Que naõ pretendem mais, que diuidirnos,
E ſo a fraqueza propria deſtruirnos.

XXXXI.

Neceſsidade hum Rey tem de artificio,
Sendo ſeu goſto ley? eu o não creo,
Temei o mauro engano, de que indicio
Temos taõ claro, & com razao receyo:
Indo aſsi proſeguindo em beneficio
De noſſas vidas, em mão ponto veyo
Quem vãmente atalhou as proueitoſas
Razões com vijs palauras afrontoſas.

Era

XXXXII.

Era este hum criminoso deslinguado
Que em vijs façanhas despendia a idade,
A roubos, & homicidios inclinado,
Vaso de ira, furor, temeridade:
E como da cobiça era leuado,
Cuydaua, pondo os pès na aurea cidade
A grão sede fartar a que sogeito
Desdos primeiros annos tinha o peito.

XXXXIII.

Abrindo estaua as portas do Oriente
Do louro Apollo a bella precursora,
Quando a armada com animo inocente
Deixamos; ó cruel, ò infeliz hora!
Chegando à injusta terra, juntamente
Salta cada hum de nós dos batéis fora
Indo com aluoroço (ó triste sorte)
Hũs à dura prisão, outros â morte.

XXXXIIII.

Neste tempo da terra para a armada
Balões, & calaluzes cruzar vimos
Com gente para o caso concertada;
Segundo o effeito, que despois sentimos:
Mas como o peito leal não teme nada,
Ser da gente ordinaria presumimos,
Que mais continua a armada visitaua,
Logo que o Sol nascendo se mostraua.

XXXXV.

A gente que entenderão ser bastante
Foy pelas naos da armada repartida,
Porque a certo final num mesmo instante
Perdesse o capitão, & os mais a vida:
No proprio tempo em terra vigilante
O Bendara com tropa apercebida
Aguardaua o final tambem preciso,
Para dar em nos outros de improuiso.

XXXXVI.

Tres legoas de Malaca hum promontorio
Se lança pelo mar ao Ceo erguido,
Sinal â gente nauta perentorio,
Que là donde o Sol nasce tem saido;
Alli antiga fama faz notorio
Estar com duros montes oprimido
Hum dos que contra o Ceo moueraõ guerra,
Soberbo filho da abatida terra,

XXXXVII.

Detrâs de cuja altura aperceberaõ
Aquelles dias numerosa armadá
De nauios de remo, que prouerão
De gente bellicosa & arriscada:
Aquem por inuiolauel ordem derão
Que ao final de hũa peça disparada
Em demanda das nossas naos partissem,
Porque num tempo em terra, & mar ferissem.

XXXXVIII.

Nòs não temendo engano diuididos
Aos tres lugares fomos que fingiraõ
Ter as prezadas drogas, porque vnidos
Nunca seu duro Intento conseguiraõ:
E em vão o temi, jâ quando metidos
Nos vi pela cidade, & quando abrirão
Hum comprido almazem que aluoroçarse
Vi muytos, & em caterua s ajuntarse.

XXXXIX.

No fim da grande casa nos mostraraõ
Cuydo trazido alli para este intento
A flor ardente, & pezos prepararão
Por disfraçar melhor seu pensamento:
Com pouca ocasiaõ que procurarão,
Descobriraõ seu fim sanguinolento,
E nos deraõ do mal jà tarde auiso,
Mil crizes, mil catanas de improuiso.

L.

Este impeto primeiro resistimos
Mostrando vender caras nossas vidas,
E até a porta caminho largo abrimos
Pelas opostas armas homicidas:
Breuemente cuberta a terra vimos
Do sangue, que corria das feridas,
E os primeiros que o crime cometerão,
Lugar de arrependerse naõ tiuerão.

LI.

O transito da porta a que chegamos
Escolhemos entaõ por sitio forte,
E algũs sobre os de dentro nos voltamos,
E tomou por nós d'elles posse a morte:
Já seguras as costas sustentamos
A custa de infinito sangue a sorte
Graõ tempo igual no desigual partido
O valor a Fortuna naõ rendido.

LII.

Alli foi a contenda braua, & fera
Com pertinacia, & mòr furor trauada:
Por entrar o inimigo perseuera,
Firmes nós outros defendendo a entrada.
Porem em vão a resistencia era
Iá contra multidão tanta indignada,
Que no mesmo lugar donde hum caia,
Esquadra numerosa succedia.

LIII.

Bem como contra o forte Alcides quando
Cortana hũa cabeça da Lernea
Duas lhe renasciaõ vlulando
De horriuel vista, & caradura fea:
Ou como as tempestuosas ondas dando
Em aspero penedo, ou firme area,
Que se estaõ rebatidas desfazendo,
Quando outras, & outras vem já cometendo,

LIIII.

Gastada era do dia a mayor parte,
E estaua inda em seu ponto o duro assalto,
Porem se sustentaua o furor Marte,
De forças cada qual estaua falto:
Com as forças tambem faltaua a arte,
Quando rumor ouuimos no mais alto
Da casa, cujo teito aberto vimos,
E chouer sobre nós tiros sentimos.

LV.

Araujo vibrando à espada forte
Dizendo assi à morrer nos animaua:
Fama immortal aqui offerece a sorte
Aquem honrosa fama sò buscaua:
Aqui tambem nos abre passo a morte
A eterna vida, se a mortal agraua,
Morrendo pois por Deos, a Deos tornemos
Estas vidas que delle recebemos.

LVI.

Assi dizia; & sobre nós deciaõ
Frechas, dardos, & os gritos se aumentauão,
Os feros inimigos recreciaõ,
As feridas em nós se acrescentauão:
Os braços aquem forças faleciaõ,
As espadas com mais vagar mandauaõ,
E algũs o nome eterno repitindo,
Se estauaõ já da vida despidindo.

LVII.

Mortos algũs, & os mais todos feridos,
De sangue faltos, de cansaço cheos,
Os inimigos brauos, & atreuidos,
Com nosco entraraõ de temor alheos
Ficaraõ coa victoria, nós rendidos,
Cercados de armas, & mortais receos,
E a sentir começamos os rigores
De crueis inimigos vencedores.

LVIII.

No tempo que o furor com que em nós deraõ
Aduertidos nos fez de nosso engano,
Os outros companheiros receberaõ
Nas mais partes o mesmo desengano:
E até a algũs que em fugida se puseraõ
Alcançou, por ser mais ligeiro o dano,
Outros ao marchegaraõ, mas cubertos
De pò, sangue, & suor, da vida incertos.

LIX.

De Alberto que na praya catiuaraõ
Com dez feridas na prisaõ soubemos
Como â sua vista os perfidos vsaraõ
De crueldades, barbaros estremos:
Chegou Serrão a tempo que o saluaraõ
Num batel nosso que batendo os remos
Da terra se alargaua perseguido
Dos inimigos de quem foi seguido.

LX.

Neste ponto que em terra sò se ouuia
Rumor, & fero estrepito de Marte,
E a morte enuolta em sangue apparecia
Da inimiga cidade em toda a parte:
Naõ menos confusaõ na armada auia,
Que os falsos inimigos, que com arte
Aquella manhã tinhaõ nella entrado
Se auião jâ por tais bem declarado.

LXI.

Naquelle trabalhoso ponto esteue
Sequeira perto de perder a vida,
Porque do Vtimuraja o filho teue
Para o ferir adaga apercebida:
Mas algum puro espirito deteue
A dura mão, & ferro do homicida,
Ou animo faltou, que na empresa alta
Em baixos peitos muytas vezes falta.

LXII.

Era dá Iáóa ó féro Vtimuraxá
Humem, que pelo trato, & mercáncia
Leuantándose fóy de estirpe baxa,
E miserá pobreza, em que viuia:
Hoje ricó â soberba náõ póem taxá;
Do Rey o fauorece a tyrania,
E acreditadó por prudente, & velhó
Hum dos que votaõ he no seu conselhó.

LXIII.

Hum dós nautás, que na alta gauea estaua,
Como ferir na praya os nossos visse,
E que nas outras naos já á morte andaua;
Treiçaõ, treiçaõ, senhór, gritando disse.
Sequeira o engano féro naõ cuidaua,
Mas como as vozes, & ó rumor sentisse,
Com desdem generoso se leuanta,
E o cáuto imigo sobresalta, & espanta.

LXIIII.

Cónheceraõ seu trato descuberto
Os pagãos, & de hum frio temor cheós,
Buscauão, imaginando a morte perto,
Dá vil fugida os afrontosos meos:
Tambem escolhem no perigo certó
No mesmo ponto de válor alheos
Os mais nas outras naos, para saluarse,
Voar sem azas, & aos batéis lançarse.

LXV.

Cómo acóntece â plebe juntá, quando
Por festa os naõ domados touros correm;
Sae o feró animal, & vão gritando,
E por fugir, aqui, & alli concorrem:
Liure todos a práça em fim deixando,
Das seguras guaridas se socorrem:
Taes elles das naos saltão sem mais guérra,
E os remos batem, por chegar a terrá.

LXVI.

Liure Sequeira (bem que assaz turbado)
Do enganoso, & atreuido pensamento
Eis vè da armada imiga ō mar coalhado,
Que a demandar o vinha em popa o vento,
Vio que Serrão tambem vinha acossado
De imigos calaluzes, & o violento
Estrondo na alterada terra ouuia,
Que mais cada momento, & mais crescia.

LXVII.

Manda nos bateis logo embarcar gente,
Que socorra a Serraõ, & em terra enuista;
E co valor que pede o mal presente,
A furia, & rigor barbaro resista:
Atè saluar algūs, que dainsolente
Turba fugindo, pelejando â vista
Da armada andauão, dilatando a morte,
Ou da prisaõ a miserauel sorte.

LXVIII.

E como no perigo repentino
O costumado acordo naõ falece,
Inuocando com fè o fauor diuino,
Rosto â fortuna faz, que se offerece:
Manda ancoras leuar, intento dino
Do heroico peito, que em valor florece;
E contra a numerosa armada moue,
Porque de ira taõ justa o rigor proue.

LXIX.

Em breue a tiro de canhaõ chegando,
O estrondo começou fero, & tremendo;
Mortes à artelharia vomitando,
Que inuisiueis os ares vaõ rompendo:
Sobem nuuens de fumo, o ar turbando,
E a clara luz do Sol escurecendo;
A confusaõ medonha se acrescenta,
Que alli à do eterno escuro representa.

LXX.

Ouuẽse mil gemidos lastimosos
Dos que miseramente pereciaõ,
Dos lenhos os encontros riguroſos,
Que enuestindo hũs cos outros se rompiaõ:
Mil vulcães fulminantes, & espantosos
Por entre o negro fumo apareciaõ:
Bem como quando Iupiter irado
Com feros rayos fende o ar turbado.

LXXI.

No rigor duro da batalha o Vento
Leuanta o fumo, descobrindo o estragó
Do inimigo, & o Sol sanguinolento
Vè, & de mortos cuberto o immenso lago.
Succede logo ao mouro atreuimento
Cobardia, & temor, com justo pago,
Do conflito fugindo se apartaraõ
Os que soberbos no conflito entraraõ.

LXXII.

Dão fogo logo, mas com vão effeito
Na terra â artelharia muyta, & grossa,
Que pouco lhe valera, se respeito
Sequeira naõ tiuera â prisão nossa:
Refrealhe o furor, & ira no peito
Entender que alcançar aos presos possa
Por pacificos meyos liberdade,
E adeitar ferro torna ante a cidade.

LXXIII.

Entaõ jâ no Occidente a luz Phebea
Fim com o dia a tantos males daua,
E em seu lugar da noute a sombra fea,
Por occultar as cousas se apressaua:
Em nossa armada toda de dor chea
A perda dos amigos se choraua,
E em terra se ouuem gritos, & alaridos
Polas mortes de irmãos, filhos, mãridos.

Passou

LXXIIII.

Pāſſou à nōute, deu auiſo à Aurora
Que vinha o nouo dia, quando logo
O capitaõ, que os companheiros chora,
Manda os viuos pedir com brando rogo;
Más o Rey, em quem arde ſempre, & mora
De hum odio contumaz o infernal fogo,
Aos rogos, & propoſtas māgoadas
Satisfez com eſcuſas concertadas.

LXXV.

Dès que algũs dias deſpendeo Sequeira
Em recados continos, mas ſem fruto,
Conforme a repoſta vltima a primeira
Ordem, & traças do Bendâra aſtuto:
Da infauſta, & iniquiſsima ribeira
(Bem que em ſuſpiros dando ao ar tributo)
Partio, vendo que o tempo em vão gaſtaua,
E que a monção de nauegar paſſaua.

LXXVI.

Hum Malayo no tempo da partida
Funeſto nuncio da futura guerra
Traſpaſſada a cabeça de homicidá
Frecha, deixou nũm barco junto a terra:
Eſte preſo ficou, quãdo ſem vida
Ficaraõ tantos, & na mão lhe encerra
Carta, que ao Rey injuſto declaraua
Que em noſſas vidas ſeu remedio eſtaua.

LXXVII.

Deu logo ao vento as vellas; nós ficamos
Com Araujo trinta, & ſeis catiuos,
Donde eſquiua fortuna exprimentámos
No diſcurſo de males exceſsiuos:
Que fomes, que tormentos naõ paſſamos?
Que injurias de inimigos vingatiuos
Carregados de graues priſões duras
Em maſmorras aſperrimas, & eſcuras?

Conſiderai

LXXVIII.

Considerai ós males que sojeito
Em Egypto sentio de Deos o póuo,
E quanto de Aureliano o duro peito
Obrou de Christaõ sangue estrago nóuo:
E sabei que naõ foy menos estreito
O trance porque a lagrimas me móuo,
Que da alma lastimada inda a memoria
As tira, renouando a triste historia.

LXXIX.

Inuentaraõ mil traças enganosas,
Para nós apartar do culto santo;
Lá com brandas promessas pouco hónrosas,
Là da morte ameaçando o graue espanto;
Em fim fórças vsando riguorosas,
A ferina maldade chega a tanto,
Que em algũs aquem pés, & mãos ataraõ,
Sanguineo ritó â fórça executaraõ.

LXXX.

Mais auante passara o que soffremos
Se neste tempo nos crueis autores,
Do riguoso mal, que padecemos
Naõ causara a ambiçaó graues errorés,
O Bendára, & o Beguea a taes estremos
De maldade chegaraõ, que traydores
Dar a seu Rey a morte pretenderaõ.
E do reyno tyranos ser quiseraõ

LXXXI.

Mas como o Céo naõ sofre maos intentós,
Foi a treiçaõ infame descuberta:
O Bendára seus tratós fraudulentós,
Pagou coa morte, pena justa, & certa:
Deu fugindo o Beguea vella aos ventós,
Encomendando se á Fortuna incerta,
E co Rey de Pacém viue seguro,
Que lhe foi na fygida asylo, & muro.

Quém

LXXXII.

Quem neste começar vira a vingança,
E junta a vossas glorias esta gloria,
Que como autor do mal, certa esperança
Dera principio tal de alta victoria
E já mal, o culpado Rey, descança,
Que tendo a culpa viua na memoria
Teme a pena, & conuoca valedores,
Para se assegurar de seus temores.

LXXXIII.

Nós outros pois, neste infelice estado
Arrastando as prisoẽs cheguei hum dia
Ao pè de hũa alta torre, onde assentado,
Por descansar chorei o em que me via:
Dei suspiros, dei ays, & demandado
Algum dos que a dor da alma despedia,
Aos ouuidos chegou de quem choraua
Males, que amor na ausencia acrescentaua.

LXXXIIII.

Ouui como em reposta ays numerosos,
Que ao que julgei parece que detidos
A seu pesar no peito presurosos
Rompem, deixando os ares acendidos:
E suspiro naõ dei, que mil queixosos
Me naõ ferissem logo nos ouuidos:
Tal como quando as aues namoradas
Se respondem das plantas apartadas.

LXXXV.

Ardendo fiquei todo no desejo
De saber donde os tristes ays saiaõ;
Mas posto em pè suspenso, nada vejo
Daquillo que os ouuidos descobriaõ:
Fazer em fim dali ausencia elejo
Tras comprido esperar, quando feriaõ
O ar nouos suspiros, & fizeraõ
Com que de nouo os meus lhe responderàõ.

Entaõ

LXXXVI.

Então já mais cõfuto, & desejoso
De saber o que neste caso auia,
A torre dando volta vagaroso
Com leues passos, como cauta espia,
Dos suspiros o dono vi fermoso
Honrando hũa janella, que caià
Para a parte do mar por donde os ventos
Lhe leuaraõ co alma os pensamentos.

LXXXVII.

Era a fermosa Alaida, que choraua
(Desesperada amante) alli a memoriá
De seu amado ausente, & em vão contaua
Ao mar, & ventos amorosa historià:
De seus males à amor a culpa daua,
Que longas penas dâ por breue gloriá;
Gloria, que escassa apenas se offerece,
E logo no melhor desaparece.

LXXXVIII.

Sostinha o braço, & mão de neue pura,
Como firme coluna a face bella,
De cujo Ceo em graça, & fermosura
Vertia aljofar hũa, & outra estrella:
Naõ cuydo que ficâra alma segura
De amor, chegando em tal estremo a vella,
E conheci entaõ como à tristeza
Realça muytas vezes a belleza.

LXXXIX.

Causoulhe minha vista sobresalto
Logo quando me vio: mas conhecido
Della, com aluoroço deixa o alto,
Fazendome hum final mal entendido.
Cobrei o brio, de que estaua falto,
E do peito qualquer temor despido,
Chegandome à hũa porta que alli estaua,
Que pouco, ao parecer se frequentaua.

Em

LXXXX.

Em seus principios esta casa esteue
De munições, & enxarcias occupada:
Mas des que mór grandeza o reyno teue,
Foy donde bate o mar outra fundada:
Alaida aos altos della vir se atreue,
Só por poder chorar sem ser notada
De impossiuel amor as penas graues
Para o que tinha por industria as cháues.

LXXXXI.

Em breue espaço vejo a porta aberta,
E para entrar de dentro conuidarme:
Eu jâ arriscado na ventura incerta,
Entrei, não duuidando auenturarme.
Tornando ella a cerrar, a mão me aperta,
Seruindome de guia atè leuarme
Da grande casa a parte tão secreta,
Que de todo o temor ficou quieta.

LXXXXII.

E como hum triste bem com outro se vna
Estiuemos hum pouco alli chorando:
Ella males de amor, eu da Fortuna,
Aliuio em tanta pena assi tomando.
Fez termo a dor, & ella na oportuna
Occasião, varonil valor mostrando,
A memoria me trouxe as recebidas
Afrontas, & miserias padecidas.

LXXXXIII.

Despois que esta tristissima lembrança
No coraçaõ renoua a grande magoa,
E a grande dor taõ falta de esperança
Tornou de nouo a encher meus olhos de agoa
Mouida de segura confiança,
E de amor, que lhe acende a viua fragoa,
Me persuade, me anima, & me conuida,
A doce liberdade co a fugida.

Dizendome

LXXXXIIII.

Dizendome que a tinha amor disposta
A acompanharnos em qualquer ventura,
Resistir à Fortuna em contraposta,
Passar o mar, & ver a morte dura,
Na presença esperando verse posta
Daquelle, aquem guardaua fè tão pura:
E quando ingrato, em premio só queriã
Ante os olhos morrer, por quem viuia.

LXXXXV.

Que para se lograr seu pensamento,
Escondidas naquella casa tinha
As armas, que alli via, & bastimentos,
Com tudo o mais que a nauegar conuinhã
Porque o Ceo o mayor impedimento
Facilitaua jã co a vitta minha,
Que tanto no valor nosso fiaua,
Que sò auisarnos, para sèr, bastaua.

LXXXXVI.

Eu tão firme propósito louuando,
Por todos me offereço agradecidó,
E o lugar, dia, & hora asinalando,
Com a luoroço della me despido:
Aos companheiros hum, & hum buscando
Pèrsuadi, relatando o referido,
E forão largos rogos escusados,
Que fugir tanto mal, os fez ousados.

LXXXXVII.

Conformes sobre o modo de partirnos,
Como em caso comum, todos votamos.
E a embarcaçaõ, que auia de seruirnos,
Na praya cada hum por si notamos:
Tambem porque não possa descobrirnos,
Da falta Lua as noutes aguardamos,
E soubemos das horas a que andaua
A ronda, & que lugares frequentaua.

LXXXVIII.

De tudo â bella Alaida dei auiſo
Com deuido reſguardo o meſmo dia,
Pouco faltou que naõ perdeſſe o ſiſo,
Naõ podendo coa ſubita alegria:
Com lagrimas miſtura ledo riſo,
O roſto affeitos dalma deſcobria,
Que certa na partida jâ eſperaua
Ver aquelle aquem mais que a vida amaua.

LXXXIX.

A noute do concérto jâ chegada,
As priſoẽs rotas, prontos á partida,
Onze fómos â porta ſinalada,
Donde Alaida eſperaua apercebida:
Com Araujo os outros preparada
A lancha auiaõ de ter para a fugida,
Que eu cuydadoſo já notado tinha
Ficar sò no lugar que mais conuinha.

LL.

Nòs pois da bella amante acompanhados,
Encubertos da amiga noute eſcura,
De mantimentos,& armas carregados
Ao mar chegamos:mas (ah ſorte dura!)
Naõ eraõ inda os mais alli chegados,
E a temer começamos a ventura,
Em que ter naõ ſe deue confiança,
Porque falta na mais firme eſperança.

LLI.

Suſpenſos neſte eſtado riguroſo
Bernardo, que em correr iguala ao vento,
Chegou correndo a nós triſte, & medroſo,
E quaſi ſem poder tomar alento:
Atras olhando como receoſo
Daquelles,que imagina em ſeguimento,
Nos diſſe: Que fazeis? fugi, cuitados
Aos inimigos de rigor armados.

LLII.

Iâ cos mais companheiros desditosos
Presas as mãos atras, fica Araujo,
Eu sò por mil rodeos perigosos
Cuberto da nocturna capa fujo:
E se fugir quereis os riguroſos
Duros tormentos jâ prouados, cujo
Fim a morte serâ, se nos detemos,
Fazei àquella lancha azas dos remos.

LLIII.

Que obrou o médo, entaõ negar não posso,
A lancha nos parece milagrosa,
Saudauel meyo do remedio nosso
Em hora tão estreita, & trabalhosa:
Eu sem me deter mais, della me aposso,
Por ser qualquér tardança perigosa,
Tinhamos vella, & remos, & prouida
Em breue espaço foi para a partida.

LLIIII.

Dando pressa o temor, nos embarcamos,
E os remos dando ao mar, a vella ao vento,
A cidade inimiga atras deixamos,
A presteza inuejando ao pensamento:
Sete dias continuos nauegamos,
Sem cousa achar contraria a nosso intento,
Pacèm áo dia oitauo descobrimos,
E a Fortuna tambem contraria vimos.

LLV.

Do porto nos sairaõ tres manchuas,
Que trauarão com nosco estreita briga:
Mas recebendo mil feridas cruas,
Mostramos quanto a liberdade obriga:
Virão elles tambem com mortes suas
Não terem a Fortuna por amiga,
E com morte de hum nosso que o Ceo gozi
Alcançamos victoria sanguinosa.

LLVI.

Co ſangue que qualquer de nõs perdia,
Eſtauão em ventura noſſas vidas,
Vinda a noute, o ſereno que corria
Acreſcentaua as dores das feridas:
Paſſou a noute, veyo o nouo dia,
E quando as eſperanças mais perdidas,
Pola falta do ſangue nos achamos,
Na foz amiga deſte porto entramos.

LLXII.

O alento, nos tornou, perdido, o goſto,
Quando ſobre aquella alta rocha vimos
Aquelle padrão ſanto por nós poſto
No tempo que outra vez daqui partimos:
O pranto a cada qual banhaua o roſto,
E com deuota ſalua o ar ferimos,
Adorando com viua confiança
O diuino ſinal da alta eſperança,

LLVIII.

Bem o vello aruorado nos moſtraua
Que ainda a paz, que aſſentara com Sequeira
Eſte piadoſo Rey, ſe conſeruaua,
E a reciproca Fè guardaua inteira:
E não nos enganamos, porque eſtaua
Em ſeu peito tão firme, & verdeira,
Que em guardar a Fè dada, he exemplo raro,
E em noſſo mal achamos nelle amparo.

LLIX.

Agora o valor voſſo me aſſegura
A do Malayo Rey juſta ruina,
Que no mal obſtinado ha tanto dura,
E os homẽs contra ſi, & a Deos indina.
A vos, ſenhor, a vos a ceruiz dura
Domar deſte rebelde o Ceo deſtina,
Aſsi deu fim, & juntamente inſpira
Na commiſeração affeitos de ira.

LIVRO IIII.

ARGVMENTO.

DEce o Rey de Pedir, & visitando
A Afonso, os presos com Alaida entrega,
Pereira co Beguea pelejando
Bem (nelle por traydor) a morte ẽprega:
Geinal se rende ao forte Afonso, qvando
Conhece as Qvinas santas, elle chega
A ver Malaca cujo fundamento
E Reys Alaida diz com sentimento.

I.

DOs montes de Samatra o sol douraua,
Os cumes altos, começando o dia,
A seu trabalho o laurador tornaua
O gado pelos campos se estendia:
Quãdo por ver Afonso se embarcaua
O Rey co a bella Alaida em companhia
Em lenho, que toldou rico brocado,
Dos melhores do reyno acompanhado

Tra

II.

Tras este em que o benino Rey nauega
De outros arranca multidaõ confusa,
E tudo festiual á armada chega
Com tangeres, que a gente Oriental vsa:
Em festejar ao Rey tambem se emprega
O illustre capitaõ coa gente Lusa,
As naos de Tyria cor empauesadas
Com bella variedade embandeiradas.

III.

E dada á salua alegre, se espantosa
Da grossa artelharia, ao batel decè
A receber o Rey, que coa fermosa
Alaida pela mão se lhe offerece:
Elle com largo exordio á amorosa
Historia, & varonil feito engrandecè;
Logo lhà entrega, & ós onze auentureiros,
Em seus riscos, & casos companheiros,

IIII.

Dizendò: Mais que ser senhor do mundo
Fazer este seruiço a teu Rey prézo,
E tanto em sua amisade só me fundo
Que terà dos vesinhos Reys desprèzo:
Odio em meu peito concebi profundo
Contra ó tyrano da Aurea Chersonezo,
Despois que executou sua tyrania
Nos de Luso com tanta aleiuosia.

V.

Verte, varaõ insigne, desejaua,
Porque acendia a Fama este desejo,
Que teus feitos heroicos publicaua,
E altas virtudes, que em teu Rey inuejo:
Nada para ditoso me faltaua,
Se inda o pudera ver, como te vejo,
Porem cà mo retràta o pensamento,
E com que tu mo pintes me contento.

VI.

Aó Rey amigo o capitão prudente
Assi disse com alma agradecida:
O tu piadoso sò coa Christã gente
De tantas tyranias perseguida,
Terás paga do Ceo eternamente,
E para te seruir, em mi esta vida,
Terâs em Manoel perpetuo amigo,
De todos teus imigos inimigo.

VII.

E tratando dos bẽs, que nelle inuejas,
Se em seus louuores anda curta a Fama;
Como satisfarei ao que desejas?
Que he recolher a luz que o Sól derrama:
Mas porque em breue circulo hoje vejas
A grandeza melhor que o Mundo aclamã,
Posto que temerario jâ a ser venho
Direi o que alcançar meu curto engenho.

VIII.

Com santo exemplo de Minerua aprende
Leis, que obedece, se as promulga Augusto;
Que nunca fogeitarse âs leys, offende
A grandeza real do que he Rey justo:
Em manter em justiça, & paz entende
Seus vassallos, & foge do ocio injusto
Pay amoroso, & mais que nas cidades
Nas almas reyna, impera nas vontades.

IX.

Habitão no real benigno peito
Constancia, sofrimento, & fortaleza;
E tais se vem no venerando aspeito
A mansidão, brandura, & gentileza:
Se erros castiga, he com piedoso affeito,
Liberal premia, a temperança prèza,
Naõ sentem nunca seus ditosos pouos,
Injustas opressões, tributos nouos.

X.

Por elle a santa Astrea dece á terra
Que alegre, & bella no seu throno vêmós;
Donde á fraude, & violencia se desterra,
E a razão, & igualdade conhecemos:
E se na paz he tal, tambem na guerra
He magnánimo, he forte, & bem deuemos
Por hum Rey que taõ brando, & justo impera
As vidas arriscará morte fera.

XI.

Por estremós, & meyos naõ cuydados
O pòs o justo Ceo no regio assento,
Que tinha a seu pio zelo ja guardados
Trofeos opimos de victorias cento:
Proseguio com successos sinalados
Do santo Infante Henrique o santo intènto
Dobrando aquelle inculto, & grande cabo
Occulto a Ptolemeu, Pomponio, & Estrabo.

XII.

Estendendo a Fè santa, mil perigos
Os seus venceraõ, & mil casos duros
Escurecendo a fama dos antigos,
Consagrandose aos seculos futuros:
De lá vencendo, em fim, está os imigos
Co grande nome, & abate os altos muros,
Ajudado dos Ceos, & em mar, & terra
Tem fechadas na mão a paz, & guerra.

XIII.

E pàra te dizer êm breue suma
O que impossiuel hé parte por pàrte,
Do Douro, & Tejo venerado he Numa,
E do Indo, & Ganges aclamado he Martè:
E em sua virtude hè bem que se presuma
Sair vencedor sempre este estandarte
De mil riscos, & trances perigosos,
Rotos tantos imigos poderosos.

XIIII.

Deu fim, & o Rey pagão mais engrandece
E inueja as partes do grão Rey do Occaſo;
Afonſo â bella Alaida ſe offerece,
E as graças rende do amoroſo caſo:
Os hoſpedes abraça,& com elles crece
O gozo,& feſta no nadante vaſo,
Admirauaſe o Rey de quanto via,
Satisfeito da Luſa bizarria.

XV.

Não menos Albuquerque ſe admirãua
De ver do Rey pagão a alta bondade;
E moſtrarſelhe grato deſejaua
No que deſſe lugar a breuidade:
Taça rica lhe deu que retrataua
Ao natural de Nineue a cidade
O Profeta engolido da Balea,
Vomitado depois na ſeca area.

XVI.

Deulhe hũa rica eſpada,& forte eſcudo;
Obra, ſegundo a fama, de Vulcano,
Donde pela orla conta o láuor mudo
Os trabalhos illuſtres do Thebano:
Alegre o Rey pagão recebe tudo
Da mão do valeroſo Luſitano,
Logo de nouo a antiga paz firmarão,
E ſatisfeitos ambos ſe apartarão.

XVII.

Deſpois todos os dias viſitada
Com frutas,vacas groſſas,& carneiros
Foy da parte do amigo Rey a armada
Com mil offrecimentos verdadeiros:
Tambem era a cidade frequentada,
Como ſe a patria foſſe dos guerreiros,
Aquem os naturais,que os feſtejauão,
Em continos conuites hóſpedauão.

Aſſi

XVIII.

Assi descansa o pouo trabalhado,
E liberalidade o Rey ostenta,
Mas não descansa Afonso, que o cuydado
O desuela do peso que sustenta,
E jâ que vio de todo restaurado
O dano recebido na tormenta,
Despedido do Rey, dar manda as vellas;
Rompem as naos o mar, & as ondas nellas.

XIX.

Do não visto canal nouo roteiro
Os sabios nautas sinalauão, quando
Hũa vella gritou hum marinheiro
Lâ terra a terra se nos vai furtando:
Logo daquella empresa o alto guerreiro
Ayres Pereira, a gloria desejando,
No batel a seguio com dez ousados
De arnezes fortes, & valor armados.

XX.

Bem como o alão castiço o lobo vendo
Pelo monte se lança, & generoso
Chega onde o animal fero reuoluendo
Os dentes bate horrendo, & corajoso:
Tal o inuicto Pereira o mar rompendo
No lenho bem remado impetuoso,
Chega ao imigo, que feroz o espera,
E o recebe feroz coa espada fera.

XXII.

O ferro, por ferir, hum, & ourto aperta;
E da victoria a palma ter pretende,
Brama o pagão, & nesta sorte incerta
Os seus anima, & forte se defende:
Voão tiros, qual erra, qual acerta,
Tal vez hum se repara, tal offende,
E com ira, & furor, que infunde Marte
Ora de força vsauão, ora de arte.

XXII.

A batalha durou tempo comprido,
Sem que se conhecesse melhoria,
Pereira em muytas partes já ferido,
E dos mais no batel sangue corria:
Tinhão da parte aduersa algũs caido,
Rendendo inteira palma â morte fria,
E o barbaro caudilho taõ terriuel,
Que o puderaõ julgar por inuenciuel.

XXIII.

Pereira enuergonhado da tardança
A força apura,& todo enuolto em ira,
Hum freixo grosso,que brandio por lança
Ao peito do valente imigo atira:
Passou por alto,&o mouro se abalança,
Que entaõ já só a vingar sua morte aspira;
No batel salta,que aquem moue a furia,
Nem teme a morte,nem estima injuria.

XXIIII.

Todos nelle as espadas empregauão,
E a todos admiraua hum monstro horrendo,
Porque enxutas,& limpas as tirauão,
O sangue das feridas naõ correndo:
Em tanto os seus aos nossos maltratauão,
Pedras,frechas,& dardos despendendo,
Reparase Pereira & de estocada
No peito irado lhe escondeo a espada.

XXV.

Qual acossado o lauali furioso,
Por lanças rompe,& co monteiro cerra,
Tal o Agareno fero,& espantoso
Os mais despreza,& dâ a Pereira guerra:
O acicalado ferro luminoso
Toma a duas mãos,& co furor que encerra,
Hum fendente lhe tira,mas ligeiro
Se aparta,& cerra o Portugues guerreiro.

XXVI.

Pereirã, què hè nas forças confiadó,
Co Agareno se abraça, & de tal sorte,
Nos braços o apertou no ar leuantado,
Que o espirito render lhe fez á morte:
O corpulento Anteo assi apertado,
Nos braços acabou de Hercules forte,
Porque forças da mãy não recebesse,
E as recebidas vitimas perdesse.

XXVII.

Do corpo despedida á alma indinada
Pela porta decco da pena, & pranto
Aquella escura, & misera morada,
Que atè considerada causa espanto.
Dos valentes soldados foi entrada
A defendida embarcaçaõ em tanto,
E cátiuos algũs dos defensores,
Despois que foraõ mortos os melhores.

XXVIII.

Alcançada a vitoria extinta a ira,
Saber o bom Pereira desejaua
Quem fora o forte barbaro, em quem vira
Tanto valor, que morto inda inuejaua:
Feridas mil lhe vè, & mais se admira
De que nenhũa sangue derramaua,
Em fim pregunta o que lhe causa espanto
A hum velho, que lhas laua com seu prantó.

XXIX.

Forçá (disse elle) de cruel destino
Em vaõ com varios meyos resistida,
Foy guiando a essa morte de contino
Esse, que a vossas mãos perdeo a vidá;
Querèr fugir aó fado, he desatino,
Inda aquelles que tem muyto medida
Coa razão a vontade, & entre certo
Domina os Astros hum co entendimentó

Seu

XXX.

Seu bom progenitor no riguroso
Ponto antes de espirar a mi o entrega,
Estimei o penhor pouco ditoso,
Porque a minha desdita o bem lhe nega
Seruo, se bem no amor pay cuydadoso,
Fiz quânto a diligencia humana chega
Por elle a varias partes nauegando,
Oraculos, & magos consultando.

XXXI.

De hum monte de Ceilão na excelsa altezā
Desde antigas idades venerada,
Onde hum penedo na horrida aspereza
Conserua de hum varaõ santo a pègada:
De sciencia rico, amante da pobreza
O adeuinho Larnao teue morada,
Buscalo fui, que amor he tudo excessos,
Por saber deste o fim, vida, & successos.

XEXII.

Jâ que a meu rogo leuantou figura
Deixou incerta assi minha esperança,
Com valor grande se o secreto dura
Darâ reynando a seu mayor vingança:
Mas corta astro infelis esta ventura;
Sua vida estarâ posta em balança:
Mas se lhe for contraria em tudo a sorte
Eterna fama o liurarâ da morte.

XXX.III.

Dalli passei lá donde o grande rio
Mecòn em gruta escura respondia:
Propus lhe meu desejo, ou desuario,
E tal reposta assi, me desconfia:
Cortarâ ao forte moço o vital fio
Hum que virà lá donde acaba o dià:
Eu doudo então co a dor de amor leuado,
Quis estoruar o que ordenaua o fado.

XXXIIII.

No mais inculto da fragoſa ſerra
Da Iâoa animal feró,& raro habita,
Que virtude num oſſo tanta encerra,
Que remora do ſangue o da agoa imita:
Fizlhe atè o alcançar,& aos montes guerra,
Que amor, todo o trabalho facilita,
Cuydando aſſegurar com elle a vida
De mi guardada êm vaõ, delle offrecida.

XXXV.

A eſquerda coſtâ do animal precioſo,
Abrindoo viuo lhe arranquei do péito,
Della a manilha fiz,que o valeroſo,
Braço rodeâ,& tem o ſangue eſtreito:
Felice caçador, mas deſditoſo
Em conſeguir de méu intento o effeito,
Que à minha deligencia que lhe importa
Fechar o ſangue,aberta à morte a porta.

XXXVI.

Deitou ferró em Malaca o Luſo bando,
E o vates de Mecòn trouxe â lembrança,
Temi fero homicida imaginando,
E anticiparme quis cego â vingança:
Tanto pedindo fiz,& aconſelhando,
Que em parte conſegui minha eſperança,
Com mortes,& priſoẽs de algũs dos voſſos,
Que cuſtaraõ tambem muytos dos noſſos.

XXXVII.

E para que melhor do caſo informe,
Sabei que foi o grão Nehodâ Beguea,
Eſſe que a morte fez tanto diſforme,
E em forma vendo eſtais horrida,& fea:
Se fora o fado à ſeu valor conforme,
Malaca,que inda delle ſe recea,
Sua fora,atalhando immenſo dano,
Liurara a amada patria de hum tyranó.

Que

XXXVIII.

Quê esse infelice aquem estrella dura
Ordenou males de remedio fóra,
Descendia do Rey de Cingâpura
Morto pelo traydor Paramisora,
Por rèynar, justamente se auentura
O peito illustre, em quem o valor móra,
E deuia vingar seu ascendente
No do traydor tyrano descendente.

XXXIX.

Mas cômo pará o effeito do grão caso,
Era forçoso dar a muytos parte,
Qual sé derrama às vezes se de hum vaso
Algum licor per outros se reparte:
Se derrama o segredo ântes do praso,
Iâ concertado com industria, & arte,
Em fim minha esperança destruida,
Hûs pèrdemos a patria, outros a vida.

XXXX.

Deixou ontem Pacèm neste nauio
De mi o varaõ forte aconselhado,
Dando com mâ fortuna ao vento frio
Vellas, fugindo de Albuquerque irado:
Torcia a Parca o derradeiro fio,
E quanto fiz por contrastar o fado
Foy apressâlo mais, que se porfia
A hûs crucl arrasta, a outros guia.

XXXXI.

Criei désde infelice nacimento
O que frio cadauer estais vendo.
Porem aqui, senhor, o sentimento
Estâ da historia o fio interrompendo,
Nega o apressado soluçar o alento,
E dos olhos dous rios saem correndo,
Naõ o estranheis, que do esperado fruyto
Iâ naõ me fica mais, que sentir muyto.

Assi

XXXXII.

Assi dizendo, caudalosa vea
De suspiros, & lagrimas derrama;
E como a vida o mísero receea,
A morte pede, & pela morte chama:
Mas Pereira façanha julga fea
Dar a morte a quem jâ sò morrer ama,
E do braço tirar minda a manilha
Que obraua aquella grande marauilha.

XXXXIII.

Tal como nos jardins succede, quando
O secreto registo o cultor moue,
Sae liure a represada agoa pullando
Pelos esguichos, & no tanque choue:
Tal o sangue detido rebentando
Causa espanto, & jâ a lastima commoué
No ponto que do braço fora esteue
A tractiua virtude que o deteue.

XXXXIIII.

Deixa o sangue o cadauer num momento;
E Pereira admirado, & satisfeito
Ferir cos remos manda o falso argento
Por contar a Albuquerque o estranho feito:
Presentoulhe a manilha alto portento,
Por seu marauilhoso, & raro effeito,
E aquelles poucos barbaros catiuos,
Que de entre as mortes escaparaõ viuos.

XXXXV.

Festeja o capitão o dom precioso,
E a justa morte do traydor Beguea,
Que a fama desdourou de valeroso
Leuado da ambiçaõ, que mal se enfrea:
E julga por agouro venturoso
Começar o castigo á treição fea,
Em hum dos principais autores della,
E que naue guem manda a toda a vella.

Da

XXXXVI.

Da Poluorcira à vista ja se entraua
A dourar Orizontes encubertos,
O planeta mayor, que a matizaua
De roficler no Ceo longes, & pertos:
Do nauta, que da gauea vigiaua,
Foraõ dous grandes juncos descubertos,
Sobre os quais arribar coube por sorte
Ao sem medo Alpoem, & a Lima forte.

XXXXVII.

A maina logo hum delles, naõ querendo
A furia exprimentar da artelharia,
Mas defenderse o outro pretendendo,
Mostra da gente deu, que em si trazia,
Inumeraueis tiros despendendo,
Grossa nuuem dè fumo o ar cobria,
Com que tudo começa a escurecerse,
A derramarse sangue, a morte verse.

XXXXVIII.

Por conseguir o bellicoso intento,
Força, & manha os dè Luso exercitaraõ,
Procurando ganhar o balrauento
Que os do guerreiro junco sustentaraõ:
De todo em tanto no humido aposento
De Phebo os claros rayos se encerraraõ,
E pos por entaõ tregoa à noute escura
Ao rigor da contenda aspera, & dura.

XXXXIX.

Seguido o junco foi de toda a armada
O descurso da noute, & começando
De Daphne o amador noua jornada,
A matutina luz tudo alegrando:
O magnanimo Afonso aparelhada
A gente para o caso disparando
No lenho imigo rayos de Vulcano,
Executa igualmente assombro, & dano.

Da

L.

Da artelharia dada a carga horrenda
Abalrroa trauando a Christã gente
Com a pagã aſperrima contenda
Obrando o ferro, & fogo juntamente:
A defender exorta, & a que offenda
Do junco o capitaõ deſtro, & valente,
A cada qual dos ſeus, ſempre diante
Do mór perigo intrepido, & conſtante.

LI.

Porem vendoſe entrar a confiança
Perdida, vſou do barbaro coſtume
Dos Iãos, pondoſe fogo, fera vſança
Daquelles aquem falta o ſanto lume:
De modo a voraz chama ſe abalança,
Que abrazar tudo, ao parecer preſume,
Forçando a que Albuquerque ſe apartaſſe,
Antes que no ſeu lenho ſe ateaſſe.

LII.

Naquelle meſmo ponto que ſe acharaõ
Do Portugues valor deſapreſſados,
Em apagar o fogo ſe empregaraõ
Os do junco melhor aconſelhados:
No meyo do trbalho repararaõ
Na Cruz, Quinas, Caſtellos matizados
De noſſa real bandeira, & conheceraõ
Com quem batalha por ſeu mal tiueraõ.

LIII.

Da reſiſtencia o barbaro valente,
Bem que tarde ſe moſtra pezaroſo,
E manda o muyto que o ſucceſſo ſente
Manifeſtar ao contendor famoſo:
Porem que de varaõ taõ excellente
Eſperaua alcançar perdão piadoſo
Pois do paſſado a culpa conſiſtia
Em naõ ſaber de quem ſe defendia,

LIIII.

Seguio o mensageiro, a bordo veyo
Sobe ao conuós, ante Albuquerque chega,
E disse: O Cèo te guarde, espanto, & freyo
De toda a Asia, que em tuas mãos se entrega;
Jà vendote, parece vejo o meyo
Pera o descanso, que a Fortuna nega;
E se fores comigo hoje piadoso
Serâs mais, que a Fortuna poderoso.

LV.

Que tanto contra mi, senhor, tem feito,
Que poder mais fazer não imagino,
Sendo, qual rocha oposta ao mar, objeito
De máles, que em mi ferem de contino.
Leuantouse Albuquerque, o graue aspeito
Iulgando de respeito, & de honra dino,
E com palauras cheas de esperança
Lhe dâ consigo assento, & segurança.

LVI.

Sentados, o pagão nobre animado
Co piadoso, & co brando tratamento
O discurso prosegue começado
Com affeitos de nouo sentimento:
Por herança, senhor, fiquei sentado
(Dizia) de Pacèm no regio assento:
Mas seguro ninguem viue de enganos,
E a confiança vã proua mais danos.

LVII.

He meu nome Geinal, do Rey temido
De Pacèm filho respeitado, em quanto
Das estrellas me vi fauorecido,
Ou de quem fez esse estrellado manto:
Hoje por desuenturas conhecido
Aos Reys exemplo sou, ao Mundo espanto;
E me lastimo sempre que â memoria
He forçoso trazer a triste historia.

LVIII.

Ao gouerno acodir jâ naõ podendo
O meu progenitor por larga idade,
E eu filho da velhice, annos não tendo,
Quais do gouerno pede a autoridade:
Fez hum gouernador, naõ anteuendo
Ser a ambiçaõ a Syrte da lealdade,
Tido era este por justo, & por prudente,
Porque fingir sabia facilmente.

LIX.

Morto meu velho pay, em tuteria
Lhe fiquei, com o reyno encomendádo:
Fuy crescendo, & ao passo que eu crescia,
Punha em me sogeitar mayor cuydado:
Porem com tanta astucia procedia,
Que nunca intento seu foy alcançado,
Até que amor principio de meus danos
Lugar, & fauor deu a seus enganos.

LX.

A fermosura engrandecia a Fama,
E virtudes da Infanta de Málaca,
E juntamente amor a viua chama
Em mi acendia, que taõ mal se aplaca:
Senti tudo o que sente quem bem ama,
Que he contra amor a resistencia fraca;
E sem entender como, num instante
Fuy por fè do não visto objeito amante.

LXI.

E como o peito amando não sossega,
Por momentos crecendo em mi o desejo
Da bella vista, que a distancia nega,
Partirme a vela disfraçado elejo:
Leuado em fim daquella paixão cega,
Do pensamento a ligeireza inuejo
Deixando no gouerno esse tyrano,
Que Rey chamado reyna por meu dáno.

LXII.

Passei o mar, auenturei a vida;
Tomei porto em Malaca em ponto forte,
Que lá me tinha o fado apercebida
Desde berço infelix hũa viua morte:
Chegando nos principios â medida
De meu desejo, se mostrou a sorte,
Que tal vez ao que em seu fauor confia,
Por aparentes bẽs aos males guia.

LXIII.

Fauorecido fui da Infanta bella:
Mas ay de mi, que foi para mais magoa,
Pois lhe daua outro dono minha estrella,
E à mi sempre brotar dos olhos agoa:
A elRey de Pão foi dada que por ella
Tambem de amor sentia a ardente frágoa,
E por mais venturoso, & por parente,
Alcançou bem tão grande facilmente.

LXIIII.

Eu quando meu mal soube, amor culpando,
Disse, & fiz com a dor mil desuarios,
Logo, a perda do bem considerando,
Foraõ os olhos meus correntes rios:
Qual o vencido touro, que bramando
Os montes inquieta, & valles frios,
E por entre as deuesas escondido,
Aparecer naõ ousa de corrido,

LXV.

Tal eu mil vãos queixumes dando aos vẽtos,
Dos que me acompanhauão, me escondia,
E em solidão, suspiros, & lamentos,
A vida por momentos consumia:
Ao passo destes graues sentimentos,
Hum conhecido frenesi crescia,
Com que as vozes, & gritos se aumentauão,
E nos olhos as lagrimas faltauão.

Chegou me

LXVI.

Chegóume o sentimento em fim a estado,
Que falto de sentido me embarcaraõ
Aquelles, de quem fuy acompanhado,
Crueis porque morrer me não deixaraõ;
Mas os males no mal afortunado
Nunca para acabarse começaraõ,
Pelo que entendo naõcortou a morte
O vital fio mais, que o ferro forte.

LXVII.

A vista de Pacèm já nauegaua:
Eis chega em lenho leue â nossa proa
Mensageiro fiel, que me buscaua,
Com auiso da perda da coroa:
Diz que tyrano Rey se apellidaua
O meu gouernador; & como voa
A triste noua, chega a meus ouuidos,
E á confusa alheação de meus sentidos.

LXVIII.

E como grandes males de repente
O sangue alteraõ, & animo arrebataõ
Succede ser antidoto ao doente,
Tal como os gostos repentinos mataõ;
De meu enfermo fizo o acidente
Aquellas tristes nouas desbarataõ
Assi que a noua dor me torna o siso,
Que outra dor me tirou já de improuiso.

LXIX.

pois como em mi tornasse, o sentimento
Vos, senhor o julgai, quanto obraria,
Com tantas causas, que alli o pensamento
A memoria en taõ juntas me trazia:
Dos meus aconselhado, num momento
Da cidade fugi, que aparecia,
E tomei porto ao pè de hũa alta serra,
Acomodado sitio para a guerra.

LXX.

Ajuntarse comigo ali vieraõ
Muytos, que se obriga raõ da leáldade;
E de armas, ouro, & prata me proueraõ,
As obras igualando coa vontade:
As vidas dar por mi offereceraõ,
Heroica proua, que na aduersidade
De vassallos que tinhaõ obrigados,
Se viraõ muytos Reys desamparados.

LXXI.

De todo o reyno tendo jâ comigo
Dez mil, que em tempo breue se ajuntaraõ,
Deci donde as esquadras do inimigo,
E as minhas duramente se encontraraõ:
Com ira, qual se fora de odio antigo,
Ferindo, & dando mortes se trauaraõ
Amigos, & parentes, ciuil guerra,
Abreuiado Inferno câ na terra.

LXXII.

Igual hum grande espaço esteue Marte
Como indeterminado na vitoria:
Mas passada do dia a mayor parte,
Do inimigo a ventagem foy notoria:
Venceo a multidaõ, o esforço, & arte,
Perdi a batalha, & do vencer a gloria,
Tornandome da serra ao mais superno,
Dous mil dos meus deixãdo em sono eterno.

LXXIII.

Sãos os feridos, a tentar a sorte
Segunda vez deci, & fui vencido:
Mas ja parâ contar dos meus a morte,
Vos cansarâ discurso taõ comprido:
Só vos affirmo que do trance forte,
Naõ fugi, que entre os meus fiquei ferido,
E a noute me liurou da morte dura,
Que mais do vsado sobreueyo escura.

Como

LXXIIII.

Como pude, de algũs acompanhado
Que de mi junto achei bõs companheiros
Nas fortunas, que tem por mi passado,
E nos riscos por mi sempre os primeiros,
Pela serra me entrei, & fuy curado,
Por valles escondido, & por outeiros,
Atè que lugar tiue de embarcarme,
E de meu proprio reyno desterrarme.

LXXV.

Atequi de ir a láoa intento tinha,
Nos Reys, que nella tenho por parentes;
Posta a vã esperança, vã por minha,
De estoruos sempre chea, & inconuenientes:
Mas jâ vejo que à vos Deos me encaminha,
Em quem tenha esperanças mais vrgentes,
Que obra dina serâ de vosso peito
O agrauo desfazer, que me tem feito.

LXXVI.

Largo campo âqui tem o valor vosso,
E fareis de virtude heroica proua,
Se me restituis, dizer bem posso
Que o Ceo empreza, que he taõ justa, aprouà
E vos prometo, se por vos me aposso
Do estado que perdi, que sempre noua
Obrigaçaõ confesse tendo a vida
A vosso Rey, & à vos offerecida.

LXXVII.

Pagarei em final de vassallagem
Pareas a vosso Rey, & suas armadas,
Quando pela largueza da viagem
A meu porto chegarem destroçadas:
Amigauel teraõ certa hospedagem,
Atè ser de seus danos reparadas,
E serei companheiro em dar castigo
Ao Rey Malayo de meu dano amigo.

LXXVIII.

E se põr differença da ley nossa,
De vos meu rogo honesto se desprezã,
A ley me valha da piedade vossa,
Que naõ he bem, senhor, que fique leza.
Com vencer, & triunfar (quando ser possa)
O nome de piedoso igual se prèza,
Inimigos dos reynos depusestes,
Digase que aos amigos reynos destes.

LXXIX.

Disse: & calando por reposta espera
Em acto, que em silencio inda rogava,
Tambem Afonso cala, & considera
Caso, que tanto a lastima obrigava:
Porem considerando o muyto que era
Forçosa aquella empreza, que o leuava,
O effeito lhe negou naõ a esperança,
E assi lhe dà escusa, & confiança.

LXXX.

Se o caso, que nós trás naõ longe, fora
De sorte, que tardança consentira,
Esta armada, que o Ceo faz vencedora,
Em fauor vosso logo o Mundo vira:
Porem jâ sabereis, pois corre agora
A Fama, a compaixão mouendo, & ira
As mortes, & prisoẽs, que com engano
Vsou da cruel Malaca o Rey tyrano.

LXXXI.

A nossos cõpanheiros lâ catiuos
He forçoso acodir, que estaõ passando
Inuentados tormentos excessiuos,
O socorro que vedes, aguardando:
Mas se permite ò Ceo que os veja viuos,
E dè castigo ao caso miserando,
Viuèi na Fé que empenho confiado,
Que vos poremos no perdido estado.

Nesta

LXXXII.

Nesta promessa fez seu fundamento
O principe pagão agradecido
Do brando, & amigauel tratamento
Que esperança lhe dá do prometido:
E figurando já no pensamento
Verse recuperado no perdido,
Para melhor de todo assegurarse;
Do capitaõ não quis mais apartarse.

LXXXIII.

As fortes naos em tanto o mar rompendo
Os baixos de Capacia atras deixaraõ,
Do canal os perigos cometendo,
De quem tantas historias fabularaõ:
Eis que nuuens a Aurora enriquecendo
Vinha, quando a ver terra começaraõ
Os nautas, & co a luz que derramaua,
A opulenta Malaca se mostraua.

LXXXIIII.

Faz Malàca cidade das famosas
Num campo plano junto ao mar batida
Brandamente das agoas caudalosas
De hum rio pelo meyo diuidida:
De varias quintas, & hortas deleitosas
Da parte do sertaõ ennobrecida,
Muros não fabricou, porque os despreza
Dos naturais a indomita braueza.

LXXXV.

Tem para donde sae o Sol ardente
Na contra costa o mar de ilhas coalhado;
Diuidea pela parte do Ocidente
Da graõ Samâtra o Bosforo dourado,
De Quedao reyno, & o de Sião potente,
Que senhor fora do Malayo estado,
Para onde resplandece Cynosura
Para o Austro Sabão, & Cingâpura.

LXXXVI.

Naquelle tempo a luz Phebea entrara
Na casa que o celeste Cancro habita
Quando aquelle que a terra cultiuara
Do seu trabalho o premio solicita:
Sobe o pouo que tanto mar cortara,
Rompendo os ares com alegre grita,
Por ver, inda que longe, a magestade,
Grandeza, & composturà da cidade.

LXXXVII.

O Sol, que alegre começaua o dia,
Torres, & excelsos teitos lhe douraua,
O mar, que brandamente a combatia,
Plantas dos edificios argentaua:
Admirado Albuquerque do que via,
Quem de tudo o informasse desejaua
Quando Alaida chorando vè lembranças
De incertos bẽs, de incertas esperanças.

LXXXVIII.

No pensamento està representando
Lembranças, & saudades amorosas,
As partes que habitara contemplando,
Quando ella as frequentaua venturosas.
O capitaõ a atalha, preguntando
Pelas cousas do reyno mais famosas,
A succeſſaõ dos Reys, a antiguidade,
Fundaçaõ, & costumes da cidade.

LXXXIX.

Isto entendendo logo a nauta gente,
Com a que professaua seguir Marte
Para se achar ao que dira presente
Se foi chegando de hũa, & de outra parte:
Tal como as plantas quando docemente
Soltaua ao vento, a doce voz com arte
Tocando a doce lyra o Thracio amante,
Que abrio cantando as portas de diamante.

Ella

LXXXX.

Ella nós bellos olhos reprimindo
As lagrimas, que em perolas saião
Bem que inda a seu pezar tal vez caindo,
Entre as rosas orualho pareciaõ:
Lhe respondeo: Senhor, quando seguindo
Pensamentos, que na alma naõ cabiaõ,
Deixei a patria minha, o Ceo quisera
Que a lembrança tambem della perderá.

LXXXXI.

Porem do injusto Rey a tyraniã,
Do meu progenitor a injusta morte
Se estaõ representando cada dia
Na memoria em meu mal eterna, & forte:
E quando o àgrauo della me desuia,
Me torna a vela minha triste sorte,
Posto que em vosso amparo venturosa,
Iâ naõ deuo da sorte estar queixosa.

LXXXXII.

Mas ao que desejais satisfazendo,
Tradições ha que vindo perseguido
O Iâo Paramisora o mar rompendo,
De Sanguesingà foi bem recebido:
E que a santa hospedaje este offendendo
Da amisade o trauado nò rompido
Dera ao hospede amigo a morte dura,
Fazendose senhor de Cingâpura.

LXXXXIII.

Dalli correndó ó mar pyrata feito
Com latrocinios, mortes o infestauà,
De sorte que por elle aquelle estreito
Iâ peregrino lenho naõ cortaua:
Chegou deste aleiuoso horrendo feito
A Fama, que assombrando o diuulgaua,
Voando ao Rey de Sião coa noua fera,
Que sogro do defunto, & senhor era.

Pedindolhe

LXXXXIIII.

Pedindolhe vingança o sentimentó
Muytas vezes mandou sobre o homicida,
Porem (contraria a sorte ao pensamento)
Deixaraõ sempre os seus na empreza a vida;
Não fizeraõ mudar o iroso intento
As perdas, & esperança mal cumprida,
Com seu poder de ceo por mar, & terra,
A ferro, & fogo pregoando a guerra.

LXXXXV.

Não ousando esperar ao Rey irado,
Largou Paramisora a Cingapura,
E de tres mil dos seus acompanhado
O querer foi seguindo da ventura:
Donde o Muar sombrio no salgado
Nereo confunde sua corrente pura
Chegando, pareceolhe a terra boa,
E de estacadas fortes a coroa.

LXXXXVI.

Com elle vinha a criminosa gente
Que roubando atè então no mar viuia
Celâtea se chamaua era valente
Em tudo que interesse prometia:
Necessidade em Cingâpura vrgente
Chamalos fez a sua companhia,
Porem vendose menos poderoso
Andaua de suas manhas temeroso.

LXXXXVII.

Pelo que em brando modo despedidos
Lhes ordenou que pouoação fizessem
Mais abaixo: porem que sempre vnidos
Nos casos necessarios estiuessem:
Vão da necessidade constrangidos
Buscar sitio seguro, em que viuessem,
E no lugar que vedes, estiueraõ,
E â sua pouoação principio derão.

Tendo

LXXXVIII.

Tendo cos naturais guerra, ha quem diga
Que imitando aos Romanos arriscados,
De outro roubo amoroso a paz se sigua
Das filhas das esposas obrigados:
Viuerão annos em conforme liga
Os Celâtes ao mar acostumados,
Exercitauão seu antigo oficio
Da laurança, os da terra o exercicio.

LXXXIX.

Veyo esta gente a tanto crecimento,
Que a pouoação estreita reprouarão,
E deixandoa deserta, em outro assento
Que chamarão Bintão, edificarão.
Delle tomando o Ceo este instrumento,
Que assi o presumo, conuidar mandarão
Paramisora, com que os gouernasse,
Para que a grão Malaca se fundasse.

LII.

Deixou Paramisora o sitio estreito
Que habitara forçado, & a Bintão veyo,
Donde passou a vida, sem do peito
Perder do Siame Rey nunca o receyo:
Mas co tempo esquecido o estranho feito,
Hum filho seu, que foi de medo alheyo,
Xaquem Darxa o guerreiro se chamaua,
Que (decrepito o pay) já gouernaua,

LIII.

Por se ajudar do mar, em que a esperança
Punha, de vir a ter hum grande estado,
Principio deu, com noua confiança
Ao pouo, que hoje o Ceo tem prosperado:
E como sempre tinha na lembrança
Seu velho pay da Iâoa desterrado,
Por nome a este lugar Malaca aplica,
Que desterro na Iâoa significa,

Logo

LLII.

Logo os Celates Iaos, & os que a cultura
A terra daõ Malayos se chamaraõ
Por permissaõ secreta da ventura,
Ou dos Ceos, que as vontades conformaraõ:
Com geral alegria, & com Fé pura
Por Rey o Xaquem Darxa appellidaraõ,
Estes saõ de Malaca os pouoadores,
Este seu Rey primeiro, & dos melhores,

LLIII.

E como neste tempo â terra desse
Tributo ó Siame Rey, que inda temia:
Ordenou grossa armada, que corresse
O mar, como num tempo o pay fazia,
Toda a nao obrigando a que viesse
Commutações fazer de mercancia
A cidade, que foi assi crecendo,
E se foy Cingápura desfazendo.

LLIIII.

Moueolhe o nouo Rey dos Siames guerra,
Que teue fim, pagandolhe tributo,
Porem deulhe cem legoas mais de terra,
Não cultá então, mas já de grande fruto:
Mortal, pouco despois, os olhos cerra,
E a Malaca deixou em pranto, & luto,
Bem que jâ engrandecida, & populosa,
Por opulenta, & forte poderosa.

LLV.

O primeiro foi este, que deixado
O gentilico rito, á ley aceita
Daquelle que lâ em Mecha venerado
O ar sustenta, & guarda em tumba estreita:
Por morte deste Rey dos seus chorado
Sucedeo Modafaida em reyno, & seita,
E não foi menos que seu pay famoso
Nas armas, & conselho valeroso.

Desem-

LLVI.

Desembainhando logo a fera espada,
Pão, Campar conquistou, & Dandargire:
E neste mar trazendo grossa armada,
Reputaçaõ, riqueza, & fama aquire,
E vendo a sua cidade sublimada,
Como hum animo grande a mais aspire,
De Málaca Soltaõ se intitulaua,
Que o regio nome quasi desprezaua.

LLVII.

Morto o graõ Modafaida, o regio mando
A seu filho passou Soltaõ Marsusa,
Duro aos contrarios, aos amigos brando,
Bem dino de o cantar eterna Musa:
Morreo de largos annos, & ficando
A gente sua em justa dor confusa,
Socedeolhe Aladim filho mais velho,
Foi de rara virtude, alto conselho.

LLVIII.

Paz continua gozando em seu gouerno,
Ajuntou copiosissimo thesouro,
E Malaca chegou ao mais superno
Estado de grandeza em gente, & ouro:
Quis este (por ganhar renome eterno)
A casa visitar, que adora o mouro;
Para o que naos armou deuoto tanto,
Que presopunha de morrer lá santo.

LLIX.

Porem como os humanos fundamentos
São vãos, quando o contrario ordena a sorte
Os do prudente Rey pios intentos
Atalhou, & desfez num ponto a morte:
Soltaõ Aladim morto pensamentos
De ambiçaõ que entre os homés he taõ forte
Causaraõ dissoẽs o mesmo dia,
E venceo co poder a tyrania.

Dous

LLX.

Dous filhos de Aladim senhor ficarão.
Delrey de Campar neto era o mais velho,
Chamado Soleimão, aquem faltarão
Os homẽs, não valor, nem bom conselho:
Ao menor os Malayos se ajuntarão,
(O de humanos respeitos claro espelho!)
Sò porque era sobrinho de Bendara,
Que sempre o Mundo o poderoso ampara.

LLXI.

Era o Bendara rico, & poderoso,
Co melhor de Malaca aparentado:
E tanto pode, & fez, que victorioso
O sobrinho por Rey foy leuantado:
Reynando, pois, Mahamet, mas receoso,
Como tyrano em nada assegurado,
Não descansou atè que fratricida
A mi sem pay, ao irmão deixou sem vida.

LLXII.

Fique em seu poder de poucaidade,
Fui em prisão, posso dizer, criada,
Cresci, crescendo o odio, & a vontade,
Para seu dano sempre aparelhada:
Que quando me dispus â liberdade
Da Lusa gente intrepida, & arriscada,
Foy tanto em odio seu, & por vingança,
Quanto por dar principio a hũa esperança.

LLIXII.

E atras na õ tornarei, a morte vendo
Como em danno resulte a este homicida,
Alliuiando, & não satisfazendo
A dor, atè lhe ver perder a vida:
Vosso valor me està já prometendo
Ver cedo esta esperança bem cumprida,
E o Ceo que as injustiças aborrece,
As causas que saõ justas fauorece.

Assi

LLXIIII.

Assi deu fim á historia, não ao pranto,
Que os suspiros de nouo acompanharaõ:
Destros ministros de Vulcano em tanto
Os imitados rayos disparararaõ:
Engrossa o fumo,& com seu rouco canto
As sonoras trombetas incitaraõ
Os bellicosos animos a guerra,
Dando salua de paz â excelsa terra.

LLXV.

Durou por largo espaço o estrondo horrendo,
Bem que de paz medonho, & espantoso,
Bramando os ecos longe respondendo,
Sõm faziaõ confuso,& temeroso:
Parou a artelharia,& desfazendo
Se foi logo o vapor caliginoso,
Descobrindose toda a forte armada
De tremulas bandeiras adornadá.

LLXVI.

Pauesadas de tyria cor cobrião
Das grandes naos grão parte dos costãdos,
Que com arte sutil offereciã
Escudos com diuisas matizados:
Por toldas,& conués aparecião
Os Portugueses fortes,& arriscados,
Vestidos de mil cores differentes,
Mostrandose lustrosos,& valentes.

LLXVII.

Em tanto por Malaca o Rey tyrano
Discorre cuydadoso,& em toda a parte
Contra o poder que teme Lusitano,
A defensa prouc, gente reparte:
Mil,& mil instrumentos de Vulcano
Para a parte do mar planta com arte
Sobre grossas,& bastas estacadas
Com largo terrapleno fabricadas.

LLXVIII

Abdela ó acompanha, que seguira
A forte Armada que Malaca altera
E chegara antes della, porque a ira
Infernal ligeireza ao lenho dera,
Ouvindo o Rey o aviso, fogo espira,
Mas logo que o perigo considera
Aos Reys vezinhos com tençao sizuda
Mensageiros despacha, & pede ajuda.

LLIX.

O Principe Aladim vnico herdeiro
Daquelle grande imperio entre a nobreza
Malaya se offerece, & auentureiro
ElRey de Pão que ser amante preza:
Anima ao Rey o Principe guerreiro,
Que indomito, & feroz tudo despreza,
E soando em toda a parte a guerra irada
O Rey sobio á ver a Lusa armada.

LLXX.

Sobe á torre, que Alaida frequentaua,
Que dos seus paços sobre o mar caía,
E quanto alegre a frota se mostraua,
Tanto seu coraçaõ se entristecia:
Que já frio temor representaua
O castigo da culpa á fantasia:
E para que da armada o informasse
Mandou que algum dos presos se chamasse.

LLXXI.

Trouxeraõlhe Araujo, o qual vsando
Ante elRey o diuido acatamento,
Seguro, & confiado entrou, mostrando
Do valeroso peito o altiuo intento.
Com rosto alegre o Rey dissimulando
O temor, que lhe ocupa o pensamento,
O chamou junto a si, porque pudesse
Ver a armada, & razão della lhe desse.

Dizen

LLXXII.

Dizendo: Tu, que deues jâ por vso
Conhecer deſſas naos toda a diuiſa,
Deſſas, que porque as preza o pouo Luſo,
As eſtimo, que donos tem me auiſa:
De quẽ he aquella, em q̃ de hum mar cõfuſo
Rodeado hum penhaſco ſe autoriſa
Brotando das entranhas eſcondidas
De viuo fogo flamas acendidas.

LLXXIII.

Senhor (lhe reſpondeo) ſenaõ me engano,
Aquelle he o moço Iayme, aquem a ſorte
Sogeito fez ao amoroſo engano
Que entrada acha tambem no peito forte:
Mas poſto que de amor padeça o dano
He de inimigos duro aſſombro, & morte,
E aſsi moſtra esforçado quanto ardente
Neſſa diuiſa o que o ſeu peito ſente.

LLXXIIII.

Lá naquella galè grande, & ligeira,
Que deitou neſte ponto ancora ao fundo,
Vejo baſtões ſanguinos na bandeira,
Alli o valor, & aſſombro vem do Mundo:
Dom Ioão de Lima he aquelle, na primeira
Idade naõ ſe lhe acha outro ſegundo,
Saluo hum Coutinho igual cõ elle em annos
Em ſangue illuſtre, & feitos ſoberanos.

LLXXV.

A bellicoſa tuba cá de Oriente
Ouuindo, deſprezou logo o ſoſſego,
E o mar paſſou com hum deſejo ardente
De fazer só na Fama heroico emprego:
Fama cobiça o coraçaõ valente
Não ouro, premio vil de animo cego,
Por quem ſem razão tantos degeneraõ;
Que do mais polo menos ſe eſqueceraõ.

LLXXVI.

Aquella grande nao lá donde o vento
Estende tremolando hum estandarte,
Encerra em si, o sem par merecimento
Do nosso Lusitano Christão Marte:
Posto que a Fama com suas lingoas cento
Só em feitos seus se ocupe, dirá parte,
Que he (por mais que ella tudo facilita)
Materia para a Fama inda infinita.

LLXXVII.

O Rey, que nelle só tinha o sentido,
Preguntou a Araujo desta sorte:
Quem he esse Albuquerque q̃ atreuido
Rompe o mar, desprezando vida, & morte.
Esse que estás pintando taõ temido,
De taõ alto valor, peito taõ forte,
Fauorecido da Fortuna tanto
Que ás remotas nações enche de espanto?

LLXXVIII.

Que empresas altas, feitos arriscados,
Que alcançadas vitorias o engrandecem,
De ti saber desejo, que guardados
Feitos tais na memoria ser merecem.
Posto (disse Araujo) que os passados
Trabalhos a memoria me escurecem,
E que estou já culpando em mi meu erro
Inda quando tiuera a voz de ferro.

LLXXIX.

Temerario serei dizer ousando
Deste heroe o trabalho illustre, & duro,
Como os que de si muyto confiando,
Moueraõ guerra contra o Olympo puro.
Decer, como Theseo, onde penando
As almas vio, me fera mais seguro:
Porem vos me mandais, q̃ eu naõ me atreuo,
E por vos arriscarme a tudo deuo.

Agora

LLXXX.

Agóra, ó Musá, tu, que fauoreces
Intentos altos, teu fauor inuòçó,
Tu, que rudos engenhos ennobreces,
Valme nesta materia alta que toco:
Porque se coa luz tua me faleces,
A temer o succesſo me prouoco
Do moço das irmãs em vaõ chorado:
Do que deu nome ao mar vãmente ousado.

LLXXXI.

Dame, Musa, fauor que todo o peito
Fauorecido, a muyto mais se atreue,
Não perca, Musa, naõ por meu defeito
Valor, que no mais alto porse deue.
Calauãõ todos: & por mais respeito,
Araujo cuydando hum pouco esteue,
Como quem do passado faz memoria,
E go meçou assi a heroica historia.

LIVRO V.

ARGVMENTO.

Conta Araujo a aſcendencia clara
De Afonſo de Albuquerque valeroſo,
Como deſpois que em Africa paßara,
Vio as prayas do Indo caudaloſo:
Suas façanhas celebres declara,
De que jà o Mundo todo eſtá innejoſo,
Alegre elRey Manuel, rica Lisboa,
Ormuz rendida, Calecut, & Goa.

I.

DEſpois do Ilion ſoberbo derribado
Pelo fatal cauallo, & Grega manha,
Seguindo Vlyſſes o rigor do Fado,
Rõpeo o eſtreito mar, q̃ o Calpe banha
E andando peregrino deſterrado
Edificou no fim da illuſtre Eſpanha
Que he cabeça de Europa, a grão Lisboa,
Da noſſa Luſitania alta coroa.

Nella

II.

Nella teue ditoso nacimento
De ascendencia real o heroe famoso,
Que na primeira idáde o pensamento
Mostrou logo da Fama cobiçoso:
Antes do quarto lustro o patrio assento
Deixou correndo á guerra desejoso
De mostrar o valor, a que era estreito
(Bem que espáçoso) o campo de seu peito.

III.

Logo então os guerreiros Africanos
Sentirão quanto Marte lhe he propicio,
E conseruão os campos Tingitanos
De seu alto valor o heroico indicio:
Passados em Arzilla os verdes annos
No bellico louuauel exercicio,
O premio teue de Ioão segundo,
Que illustre assombro entaõ era do Mundo.

IIII.

Morto ó preclaro Rey de Reys exemplo
Torna Albuquerque a Arzilla acompanhado
Do claro irmão, cujo valor no templo
Da Fama está a memoria consagrado:
Entre o mauro esquadraõ inda o contemplo,
Qual o filho de Euandro, estimulado
Do desejo de gloria brauo, & forte,
Quando tudo atalhou a dura morte:

V.

Vendo Albuquerque de Agarenas lanças
Atrauessado o charo irmão, & vendo
Cortadas inda em flor as esperanças
Que seu valor lhe estaua prometendo:
Tornou á patria amada co as lembranças
Que a perda estaua a dor offerecendo
Rey naua Manuel, que do real peito
Mostra o forte varaõ, o amigo affeito.

VI.

Estaua a India então em duuidoso
Estado, pela guerra que fazia
O Camorij com animo inuejoso
A Christã gente, que em Cochij viuia:
O bom Rey, que dos seus he cuydadoso
Para o socorro armada apercebia:
As dinas partes de Albuquerque notaõ
E o faz caudilho da guerreira frota.

VII.

Ficaua outrano porto Lusa armada,
Que posta verga dalto breuemente,
De muniçoẽs, & de armas carregada
Aposentou galharda, & forte gente:
Dellà, em a vendo o Rey aparelhada,
A Iorge de Albuquerque dâ o tridente,
Soltaõse as vellas desde os altos pinhos,
E do humido eristal segue os caminhos.

VIII.

Mas sendo o inuicto Afonso o que primeiro
As ondas se entregara, & fresco vento,
Por contrarias fortunas derradeiro
Chegou a ver de Phebo o nascimento;
O parente em Cochij já do guerreiro
Camorij abatera o ousado intento,
Rompendo os brauos Naires, que na terra
Tinhaõ feito aos de Luso tanta guerra.

IX.

Tinhaõse em Repelim fortificado
Os que daquella rota se saluaraõ,
E com socorro o campo reforçado
A segunda contenda se animaraõ:
Mas como se redil de manso gado
Hyrcanos tigres brauos assaltaraõ,
Os fortes Albuquerques considero,
E tal o estrago sanguinoso, & fero.

Bem

X.

Bem cõmo quãdo ſubita creſcente
Que o Inuerno cauſa, campos alagãdo,
Valles inunda, & a força da corrente
A terra rompe plantas arrancando:
Tal reſiſtida a Portuguèſa gente
Rompe com furia, Naires derribando,
Aquem tomando de àquella ilha os portos,
Ficaraõ ſeus Caimais preſos,& mortos.

XI.

Tornados a Cochij com tal vitoria,
O Rey tanto valor engrandecia,
E com alegres lagrimas a gloria
Pelos dous alcançada ao Ceo ſubia:
Deſte feito ſerâ eterna a memoria,
Inuencioeis guerreiros,lhes dizia,
E o que em meu reyno ouuer, vos offereço,
Porque ſer hoje Rey por vos conheço.

XII.

Deſte modo ſe moſtra agradecido
Aquelles,que por elle tanto obraraõ,
E que ver o ſeu nome engrandecido
Só premio de ſuas obras eſtimaraõ:
Ao grato Rey por elles foy pedido
Hum ſitio dos que junto ao mar ganharaõ,
Onde hũa caſa forte edificaſſem,
Em que ſeguramente deſcanſaſſem

XIII.

Iuntaõ ás mais razoẽs, que confiado
O ſenhor, que a ſeruilo sò os mandaua,
Na amizade,que tinhão celebrado
O que elles lhe pedião, lhe rogaua:
Conſiderando o Rey que o ſeu eſtado
Melhor daquelle modo aſſeguraua,
Contra voto dos ſeus manda que poſſa
Leuantar fortaleza a gèntę noſſa.

XIIII.

Abrem da Indiana terra o seyo interno
Que fruto rende grata a sua esperança
Quando auspicio, que faz tremer o Inferno
Lhes dâ noua, & segura confiança:
A sacra ara em que o Cordeiro eterno
Sacrificado foi, quando em balança
A justiça, & piedade os homẽs viraõ
Os que o cimento abriaõ, descobriraõ.

XV.

A Cruz santa presumo que enterrada
Foi quando o cego Malabar perdia
A ley da graça por Thomè prègada,
E se abraçaua â cega idolatria:
Junto com ella estaua rica espada
Guarnecida com fina pedraria,
Adora o Christaõ bando o final sancto,
E os peitos fere com deuoto pranto.

XVI.

Rodrigo varão justo, que milita
Seguindo a insignia do Guzmão diuino,
Eleuado no Ceo, disse: O infinita
Bondade, & de trabalhos premio dino.
Festejai, Lusitanos, vossa dita,
A Cruz santa declara alto destino,
Por vos serâ a diuina Fè estendida,
E com valor immenso defendida.

XVII.

Afonso em tanto o marcial auspicio,
Des que o diuino adora, considera,
E disse: o Ceo prepare hum pio hospicio,
A ley da graça entre esta gente fera:
Que se o Ceo merecemos ter propicio,
A guerra de sestimo que me espera:
Que guerra pronostica aquella espada,
Se a Cruz a ley da graça propagada.

Assi

XVIII.

Assi disse. E os valentes Portugueses
Tornaraõ ao trabalho cuydadosos,
Os muros leuantando em poucos meses,
Que por Pacheco saõ hoje famosos:
Tu, que amas o valor, he bem que prezes
Este, que fez a tantos inuejosos,
E se isentou do tempo de tal sorte,
Que poder naõ terá sobre elle a morte.

XVIX.

A fortaleza pois, foi a primeira,
Que edificou nas prayas do Oriente,
Em paga da constancia verdadeira
Tras tanto encontro a Lusitana gente;
Sobida no mais alto a real bandeira,
Iunto o pouo fiel deuotamente,
Celebrouse aquelle alto sacrificio,
Em que Deos se nos mostra mais propicio.

XX.

Feitas as cerimonias religiosas
Do Rey, & companheiro despedido,
Rompendo Afonso as agoas fluctuosas,
Chega a Coulaõ, & foi bem recebido:
Que posto que com cartas cautelosas
Do Camorij o Rey foi persuadido
Que lhe fizesse guerra, naõ bastaraõ,
E a pesar seu as pazes se juraraõ.

XXI.

E qual de Eson o filho valeroso,
Que fez do frigio Ariete a conquista
Offerecido ao caso perigoso,
Que em fim com o fauor de Amor conquista:
Do mar vencida a furia, co precioso
Vellocino tornou a chara vista
Do pay: tal Albuquerque á patria torna,
E já de louro a illustre fronte adorna.

XXII.

De aromas, drogas, perlas carregadas
As grandes naos tornou á foz do Tejo,
Donde lhe forão de Manuel premiadas
Obras que se igualarão co desejo:
E tornando a mandar nouas armadas
Ó grande Rey em venturoso ensejo,
Por companheiro de outro heroe valente,
Tornar o manda aos berços do Oriente.

XXIII.

Passa o cerúleo pego acompanhando
(Obediente a seu Rey) o varaõ forte,
Illustre, & por idade venerando
Aquelle Cunha, assombro de Mauorte:
No comprido caminho trabalhando
Contra elles a Fortuna, & tempo, a morte
Por muitas vezes ante os olhos virão,
E os males que offerece o mar, sentirão.

XXIIII.

Passado o procelloso mar, a terra
Os hospedou com feros inimigos,
Com as armas nas mãos prontos a guerra,
Que prometia mil mortais perigos:
Porem elles, mostrando quanto erra
O que despresa telos por amigos,
Cidades abrazando, desfizerão
Reynos, & tributarios Reys fizeraõ.

XXV.

Foi o rigor primeiro executado
Na dilicioſa Angoxa ao fogo dada,
Porque o Xeque de vã soberba armado,
A paz não quis de tantos desejada:
Roto o Agareno pouo acobardado,
Daualhe alcance a gente bautizada,
Dous ali esposo, & esposa, os mais seguião,
Mostrando que de amarse sò viuião.

Do cur-

XXVI.

Do curto passo da querida esposa
Não se adianta o Sarraceno amante:
Mas donde viue amor, que figurosa
Morte ha, que dê temor, nem mal q̃ éspãte?
A gente fugitiua & temerosa
Seguia ao mesmo Marte semelhante,
O inuicto Iorge da Silueira, vidas
Tirando, dando ao Inferno almas perdidas.

XXVII.

Deste encontrada por ditosa sorte
A namorada copia, qual no monte
Se offerece a defensa da consorte
Seluaje touro de arrugada fronte:
Tal firme o amante offerecido á morte
Saluate (disse) amiga só se conte
Que executa o inimigo em mi sua furia,
E o Ceo estorue que te faça injuria.

XXVIII.

Ella responde: Mal partirme posso
Sem ti, que es alma, que este peito animás,
Do bem, faltando tu, me desapossо,
Que em ti consiste se teu bem me estimas:
Não diuidirá a morte este amor nosso,
Se a vida, por saluarme, desestimas:
Morramos juntos, seja igual a sorte,
Que vida me será contigo a morte.

XXIX.

Dizendo assi, nos delicados braços
Aperta o do amor seu querido objeito,
Qual ter costuma entre amorosos laços
A vide amante o frondoso olmo estreito:
Ou qual com tenacissimos abraços
Do firme arrimo penetrando o peito.
Labyrinthos tecendo a era prende
O muro, por quem sobe, & de quem pende.

Os

XXX.

Os estremos de amor, & alta firmeza
Vio Silueira, & com alma compassiua
Felice amante disse: a vida preza;
Para que tanto amor, eterno viua:
Busca piedoso abrigo na aspereza
Da serra, em quanto for a sorte esquiua;
Nunca permita o Ceo (perdoe Marte)
Que taõ estreito amor por mi se aparte.

XXXI.

Vou (responde o pagaõ) porem rendido
Varaõ forte, em quem vejo alta bondade;
E à piedade, que vsaste, agradecido,
O Ceo vse contigo de piedade:
E se algùm tempo menos afligido
Permitir que eu te veja, esta vontade
Que em meu peito por ti cativa fica,
De agradecido affeito verâs rica.

XXXII.

Assi se despidiraõ, & entretanto
Deixado o alcance, a gente jà se empregа
Nos despojos, & o fogo com espanto
Dos pagãos tristes, quasi âs nuuens chega:
Deixando Angoxa enuolta em fogo, & prãto
De nouo ao campo de Safir se entrega
A vencedora armada, & brãdo o vento
Respirauа nas vellas fresco alento.

XXXIII.

Semelhante rigor exprimentaraõ
De Lamo os imprudentes moradores,
E os de Braua, que enganos vãos vsaraõ
Atè prouar das armas os rigores:
Guerra aclamando a santa paz negaraõ;
Prouocados a bellicos furores,
Aquirindo soberbos com seu dano,
Posto que tarde, & em vão, o desengano.

Rico

XXXIIII.

Rica era Lamo Angoxa delicioſa,
Que ſeu campo ſe moſtra ao cultor grato,
Habitadas de gente bellicoſa
Na oſtentaçaõ ſoberba, & no aparato:
Era Braua cidade populoſa,
De grandes edificios, nobre ornato,
Rica pelo comercio de Sofalla,
De Anſiaõ, de Cambaya, & de Bengalla.

XXXV.

Abraſadas Angoxa, Lamo, & Braua,
Sobre Socotorâ tambem tiueraõ
Cos fortes Fartaquins contenda braua,
Que nem á meſma morte ſe renderaõ:
Pela Fama, que só ſe reſpeitaua,
Inuencioeis a vida dar quiſeraõ
Arrogantes chamando, & bellicoſos
Os partidos honeſtos, pouco honroſos.

XXXVI.

Era Socotorà ilha habitada
De Chriſtão pouo, deſdo tempo quando
Thomè, em diuino fogo a alma abraſada,
Alli chegou, hum Deos, & homem prégando:
Dos Fartaquins pouco antes conquiſtada
A miſeraueIgente maltratando,
Vſauaõ dos rigores inhumanos,
Que vſar coſtumaõ barbaros tyranos.

XXXVII.

Em poder noſſo poſta a fortaleza
Com morte dos valentes defenſores,
E por nòs leuantada a mais grandeza
Com groſſos muros, torres ſuperiores:
Recolheraõſe â nautica eſtreiteza,
Triunfando os dous inſignes vencedores,
Deixado nella capitaõ valente
Com muytas munições, & deſtra gente.

Acabada

XXXVIII.

Acabada esta empresa do guerreiro
Se despede, o profundo pego abrindo
O illustre, & valeroso companheiro,
Buscando as prayas de entre o Gãges, & Indo:
Mas Afonso, aquem toca outro roteiro,
De nouo nouos mares inquirindo,
Chegou vencendo tudo, onde a memoria
Conserua de Albuquerque a heroica historia.

XXXIX.

Pelo Persico seyo entra imitando
O furibundo rayo disparado
Da alta nuuem rompendo, & abrasando
Contra a mór resistencia mais irado:
Grãdes ruynas, que atrás vay deixando
Vestigios do rigor executado
Publicando estaraõ por muytos annos
O preço de seus feitos soberanos.

XXXX.

Naõ vio dos celebrados nas historias
Nenhum de mais valor a luz do dia
Na execuçaõ, discurso, & nas vitorias
Nelle o Grego Melchiades se via:
E com Cesar em tantas marciais glorias
Vim, vi, venci, tambem dizer podia:
Compete com Dauid no sofrimento,
E vence assem razões co entendimento.

XXXXI.

Rendeose ao nome Lusitano logo
Antes de vir às armas, Calayate,
E foi com rigor posta a sangue, & fogo
Pena de sua soberba Curiate:
De paz tratava com humilde rogo,
Naõ querendo rigor prouar Mascate,
Mas dous mil Benjabares que lhe entrarãõ
Por seu mal de socorro, os alterârãõ.

Pelos

XXXXII.

Pelos Mascates declarada a guerrã
Ordenou Albuquerque dar lhe assaltó,
E posta a Lusitana gente em terra
Entrou a escala vista o muro alto:
Ousado a ganha & com tal furia cerra
O esquadrão forte, que de valor falto
Deixa a cidade o Benjabar fogindo,
E de ordem fora os seus o vão seguindo.

XXXXIII.

Seguido foi o alcance dando morte,
Sem sexo reseruar, perdoar idade,
E despois, recolhida a gente forte,
O saco se lhe entrega da cidade:
Entrão correndo, como os guia a sorte,
Os soldados as casas, a vontade
Cobiçosa fartando nas riquezas,
Que muros altos rompe, & fortalezas.

XXXXIIII.

Despojada Mascate em fogo ardendo
Remate de castigos, & rigores,
Chorosos desde hum monte o incendio vẽdo
Seus mal aconselhados moradores:
Leuantão ferro os nautas estendendo
Ao vento as vellas grandes, & menores:
O porto a armada deixa, & em breue chega
Onde o alto esforço em nouo Marte emprega.

XXXXV.

Deita ferro em Soar, & confiados
Seus vezinhos na grande fortaleza,
Soberba ostentaçaõ fazem de ousados,
E mostras dão de indomita braueza.
Porem logo melhor aconselhados,
Prouar não querem a ira Portugueza,
E valor respeitando no contrario.
Tributo lhe offerecem voluntario.

Parte se

XXXXVI.

Parte se de Soar, a Oração chega
O forte capitaõ da gente Lusa,
Elle paz offerece, & a paz lhe nega
O Agareno esquadraõ que as armas vsa:
Já gastado era o dia, & mal sossega
Afonso a noute, & dando luz confusa
A Aurora naõ aguarda, que o Sol saya,
Parte iracundo a cometer a praya.

XXXXVII.

De barbaras cateruas ocupada
Estaua toda prontas á defensa:
Porem por força a deixaõ despejada,
Melhor sofrendo a afronta, que a offensa:
Segue a vitoria a gente bautizada
Atè a porta onde foi a furia immensa,
Cos imigos em volta entrar procura,
Mas acha nella resistencia dura.

XXXXVIII.

Alli feridas dando, & recebendo,
A bellica contenda se renoua,
A entrada os Sarracenos defendendo,
Que vencer cada qual dos nossos proua:
Albuquerque impaciente reprendendo
Esta pouca tardança, heroica proua
Faz de seu graõ valor, embraça o escudo,
E cometendo a porta rompe tudo.

XXXXIX.

Como em Adastria o filho de Philipe
Passa contra o poder de Asia a corrente
Granica, rompe (sem que participe
Primeiro algum da gloria) a pagã gente:
Seguemno os mais; & porque se anticipe:
Cada qual a ferir forte & prudente,
Assi como coa espada vai cortando,
Os vay em vozes altas animando.

Até

L.

Atè fora da villa vão ferindo
Nos inimigos postos em fugida,
O bellico furor naõ consentindo
Que a nenhum delles se conceda a vidá;
Deixando o alcance a furia reprimindo
A vencedora gente recolhida,
Foi com as mais a villa saqueada,
E por vltimo dano ao fogo dada.

LI.

Assolada Orfação, tudo embarcado,
Fez hum canhaõ final de dar á vella,
Logo as naos surcão o licor salgado,
E benigna os recebe Tethis bella:
O cabo de Masinde já dobrado,
As vellas grandes tomaõ com cautella
De ir com mais segurança a ver a terra
Aquem se aparelhaua tanta guerra.

LII.

Fugia a noute, vinha a manhã clara,
As cousas distinguindo,& illustrandó,
Quando a opulẽta Ormuz, Queixóme,& Lara
Se descobrẽ,a gente aluoroçando:
Do porto á vista as ancoras prepara
Nautica turba,& vellas vai tomando,
Surgindo, ancoras deita breuemente,
Pega na molle area o ferreo dente.

LIII.

Deu com medonho estrondo a artelharia
Salua á cidade, mais que alegre horrenda:
Com a salua acabou tambem o dia
E a noute sucedeo negra,& tremendá:
Dobraõ logo hũs,& outros a vigia,
Porque subito assalto naõ se emprenda,
Que naõ seja esperado,& preuenido,
Antes de imaginado, acometido

LIIII.

Tinha da terra, & mar general feitó
Cèisadim que reynaua, em pouca idade,
O fero Cogeatar, que tem no peito
Contra Christãos herdada inimizade:
Valor ostenta, pouco, ao povo aceito
Por tyrana priuança, que a vontade
Real com tanto estremo sogeitaua,
Que soberbo, absoluto gouernaua.

LV.

Estaua jâ no porto apercebida
Esperando Albuquerque, grossa armada,
Que por força, ou vontade era detida
Toda a nao jâ mercante, jâ artilhada
Aquella que se achaua mal prouida
Era do necessario logo armada,
Repartindolhe gente mais guerreira,
Assi da natural, como estrangeira.

LVI.

Coa noua luz Afonso ao Rey da terra
Conuida com a paz, trato offerece,
Mostrandolhe tambem que para a guerrá
Poder naõ falta, nem valor falece:
Mas elle os meyos saudaueis erra,
E aquella sã vontade desconhece,
Vario responde, a conclusaõ dilata,
E em tanto só de apercebersse trata.

LVII.

Na práya a gente inumerauel erá
Vestida ao modo seu de varias corès,
Tal como quando alegre a Primauera
Valles, & montes veste de herua, & flores;
Nas armas fere o Sol, & reuerbera,
Nitrir se ouuem cauallos, soar tambores,
As sonoras tromberas o ar rompiaõ,
Confusas vozes tudo confundiaõ.

LVIII.

Qual da alta popa os seus animaria,
Do imigo à vista o grande, Octauiano,
Quando a fera batalha dar queria,
Em que deu causa amor a tanto dano:
O pio Afonso, que no Ceo confia,
E em seu nome o poder despreza humano,
Aos poucos seus, que mais que à copia estima,
A desigual batalha ousado anima

LIX.

Notado tudo tinha vigilante,
Sem perder ponto, no trabalho duro,
E com animo em bem, & malconstante
Assi lhes disse, & se mostrou seguro:
Naçaõ inuicta, que buscando errante,
Aquella que dà vida no futuro
A morte despreza is, indo inuencieis
Acabando inda os casos impossiueis.

LX.

Em parte estamos, donde nos importa
A resolução mais, que naõ conselho,
Fama immortal, aqui nos abre a porta,
Vencendo tanto bellico aparelho:
Vosso valor minha esperança exhorta,
Que he cada qual de vos hum claro espelho
Em que se deuem ver os valerosos
Que só buscão renome de famosos.

LXI.

Essa armada, que agora nos encerra,
E nos molesta em modo de cercados,
Rompela pede a honra, acabe a guerra
O que não podem rogos desprezados:
Conheça o brauo Cogeatar que erra,
E o Rey, que segue intentos enganados,
Em desprezar a paz, que offerecemos,
E em vir comvosco a marciaes estremos.

LXII.

Temor não cauſe tanta imiga gente,
Poſta onde ſó he ſegura a confiança,
Aprendendo em Dauid quanto Deos ſente,
Que ſe ponha nos homẽs a eſperança:
Exemplo he grande Gedeão valente,
Deu co numero eleito ao Ceo vingança,
E Xerxes vio na multidão contada
A confiança vã deſenganada.

LXIII.

Aſsi diſſe Albuquerque reſoluto,
E ſendo o graue caſo praticado,
Por euitar a Ormuz o infauſto luto;
O Rey de nouo foi coa paz rogado:
Mas ſendo eſte eſperar ſem nenhum fruto,
Rompeoſe a guerra, porque o Ceo irado
Tinhá elegido jâ aquelle inſtrumento,
Para vingar ſeu longo ſofrimento.

LXIIII.

O filho de Latona rubicundo
Vinha de nouo dando luz ao dia,
Quando com nouo aſſombro do profundo
Manda Afonſo dar fogo â artelharia:
Começa horrendo eſtrondo, & furibundo,
Arruinarſe o vniuerſo pareceia,
E com o márcial ſanguino eſtrago
Perde a cerulea cor o ſalſo lago.

LXV.

Como quando no Inuerno turbulento
Se antepõem negra nuuem de repente
A clara luz do Sol furioſo o Vento,
Lançando rayos Iupiter potente:
Confuſo eſpanto ocupa o penſamento,
Da temeroſa mal ſegura gente,
Os relampagos vendo impetuoſos,
Trouoẽs ouuindo horrendos, & eſpantoſos.

Tal

LXVI.

Tal o sulfureo fumo vay crescendo,
Tudo confunde, enuolue, & escurece,
Só o fuzilar do viuo fogo ardendo
Por entre a escuridão negra aparece:
Da grossa artelharia o estrondo horrendo
Atemoriza, a gente que perece,
Aos ares manda gritos, & gemidos,
Horriuel confusaõ enche os ouuidos.

LXVII.

Por entre fogo, & fumo de ira armados
Prouocaõ a furor Bellona, & Marte,
Já vay ao fundo abertos os costados
Dos inimigos lenhos grande parte:
Entregues ao vil medo acobardados,
Já valor falta nos contrarios, & arte,
Deixaõ muytos as naos, & ao mar se lançaõ,
E por fugir da morte, a morte alcançaõ.

LXVIII.

No meyo do mayor perigo andaua
Correndo a armada num parò ligeiro
O Cogeatar, & aos seus brauo animaua
Já mais que capitaõ, auenturciro:
Mas notando quaõ pouco aproueitaua
Mostrarse contra a sorte bom guerreiro,
Do temor ocupado, deixa a guerra,
Os remos bater manda, & tomar terra,

LXIX.

Dos vencedores fortes foi seguido,
Porem em vão, por ser já visto tarde,
Foge elle do valor, de si esquecido,
E em terra salta timido, & cobarde:
Crece entre tanto o estrago, & com temido
Estrondo, nos fundidos metais arde
O fogo, estando o caso já de sorte
Que tudo era furor, tudo era morte.

LXX.

Rota a armada inimiga, com horrendo
Clamor cometem a cidade, dando
Edificios ao fogo, que crecendo,
O excelso de outros vai aniquilando:
O Rey o naõ cuydado estrago vendo,
As mortes, & o temor dos seus notando,
E tanto da cidade entregue ao fogo,
A soberba conuerte em brando rogo.

LXXI.

Manda aruorar de paz branca bandeira
Sobre a torre mais alta da cidade
O capitão que a vè, manda a guerreira
Ira cessar, & bellica crueldade:
Pâra o marcial furor, & da maneira
Que aparecem (passada a tempestade)
Os campos, que deixara destruidos
Os cultiuados frutos consumidos,

LXXII.

Tal aquella potente, & grande armada
Pouco auia soberba, & numerosa,
Desfeita se offerece, & destroçada,
Vista atè aos imigos lastimosa:
Neste tempo hũa lancha bem remada
Rompe a naual campanha, & sanguinosa;
Chega onde o vencedor insigne espera,
Suspendido o rigor que concebera.

LXXIII.

A seus pès se postraraõ dous Persianos,
Do Rey Embaixadores jâ rendidos,
Pedindolhe piedade, & fim dos danos
Do triste pouo, & reyno destruido:
Considerando Afonso os poucos annos
Do aflito Rey, que roga arrependido,
Iâ compassiuo sente o pueril pranto,
E que lhe custe o desengano tanto.

LXXIIII

Precederão em fim recados varios,
E a desejada paz foi concedida,
Rey, & reyno ficando tributarios,
Por perpetua obediencia promettida:
mas entendei (senhor) que de contrarios
Tantos,& tais,vitoria tão comprida
Não se alcançára sem a soberana
Diuina força,de quem pende a humana.

LXXV.

Nos imigos cadaueres se achauão
As offensiuas frechas encrauadas,
Que,retrogado o curso, se virauão
Contra os mesmos, de quem erão tiradas:
Alli diuinas forças pelejauão
(O rara marauilha!) porque vsadas
Hoje naõ saõ tais armas entre a gente,
Da nossa Europa em partes do Occidente.

LXXVI.

Em fauor de Pelayo já em Auseua
Semelhante milagre Deos vsara,
O Deos, que porq̃ aos seus ninguẽ se atreua,
De Bahal os Profetas abrasara:
Em gloria tanta porque sempre deua
Temer o homem, vendo que não pára
A fatal roda, Afonso vio que alcança
O mal ao bem com pouca segurança.

LXXVII.

Que algũs dos capitães ou que cansados
Andassem já da guerra perigosa,
Ou por odio secreto,ou por cuydados,
Que causa natureza cobiçosa:
O respeito perdido amotinados
Dando materia â fama pouco honrosa,
Deixalo muytas vezes intentaraõ,
E a nauta, & militar gente alteraraõ.

LXXVIII.

Noticia o Cogeatar, & o Rey tiuerão
Do discorde, & aleiuoso presuposto,
E sacudir o jugo pretenderão
Que tomarão por força, & não por gosto:
Porem preualecer nunca puderão
Que Albuquerque á Fortuna firme o rosto,
Posto que seu poder ve diuidido,
Os oprime, & sustenta o já adquerido.

LXXIX.

Mas dizer ós receyos, & cuydados,
Penas, desassossegos, & sospeitas
Quanto sentio, sofreo aos seus leuados
De paixoẽs proprias, pouco a Deos aceitas
He materia infinita; os conjurados
Tantas escurecendo acçoẽs cleitas
O deixarão ingratos á lealdade
No tempo da mayor necessidade.

LXXX.

Fogem: más segue a guerra o várão forte
Com poucos, porem bõs de altos respeitos,
Em quem nunca terá poder a morte,
Que os fazem immortais heroicos feitos:
Em tanto a inueja, & odio, a que por sorte
Os muyto valerosos são sogeitos,
Estauão seu valor aniquilando,
Seu nome com vãs culpas infamando.

LXXXI.

Em fim trás mil triunfos, & vitorias,
Seguindo seu custume o tempo vario
Ha de perseguiçoẽs largas historias,
Em que foi seu valor bem necessario:
De exẽplos deixa ao Mundo altas memorias
Sendo no sufrimento Belisario,
Mas nouo Iob de Deos fauorecido
Hoje seu nome he mais engrandecido.

Porquẽ

LXXXII.

Porquè dè Manuel eſte famoſo
Eſtimado por forte, & por prudente,
De ſeus hombros confia o peſo honroſo
Do conquiſtado imperio do Oriente:
Calecut o ſentio, onde eſpantoſo
Eſtrago fez na Maura & Naira gente,
Deixando a graõ cidade deſpojada
De riqueza infinita, & ao fogo dada.

LXXXIII.

Mas a todos foi triſte eſta vitoria,
Allio Marichal Continho forte,
E Correa deixando larga hiſtoria,
Inuictos rendem mortal vida á morte:
Eterna deſtes dous ſerá a memoria
Nas gentes, & com mais ditoſa ſorte
Na celeſte Siaõ gozão ſegura
Poſſe daquelle bem, que ſempre dura.

LXXXIIII.

A forte, & bellicoſa ilha de Goa
Que cuſtou ao Sabayo tanta gente,
Por toda a parte a Fama já pregoa
Como a ganhara o capitão valente:
Deceo o Hidalcaõ logo em peſſoa
Com exercito groſſo de repente.
Mas achou reſiſtencia taõ famoſa,
Què foi a de Albuquerque perda honroſa.

LXXXV.

Neſte tempo a mõnçaõ, que os portos cerra
Em toda aquella coſta, começaua,
Areas remouendo; mar, & terra
Com violencia o Inuerno já ameaçaua:
E porque o mao ſucceſſo deſta guerra,
E inimigo poder, que á viſta eſtaua
Obrigaua a deixar o porto, a armada
Sair quis, mas já a barra achou cerrada.

Quanto

LXXXVI.

Quanto seu braço obrou, quanto o conselhó
Despois metido no cerrado rio,
Guarda a memoria para claro espelhó
Dos que seguem de Marte o honroso brio;
De armas, & gente bellico aparelho
Tinha o fero Hidalcaõ, & medo frio
O coraçaõ soberbo lhe cobria,
Quando a braueza de Albuquerque viá.

LXXXVII.

Alli morreraõ muytos, que o caminho
Seguiraõ, que vay ter ao fim glorioso,
Chora o Tejo, o Mõdego, o Douro, o Minho
Ainda o seu Noronha generoso:
Seguio (fugindo do paterno ninho)
De Albuquerque o estandarte bellicoso,
Materia dando ao Mundo o braço forte
De alta esperança, que atalhou a morte.

LXXXVIII.

Tornando a outra monçaõ logo que abriraõ,
Areas remouendo os ventos frios,
(Que por cima da terra então respiraõ)
As entupidas barras aos nauios:
Sae Albuquerque, bem que nalma o firaõ
Mil tristes sentimentos dos desuios
Que para conseguir a empresa teue,
Que no principio taõ ganhada esteue.

LXXXIX.

Mas já, senhor, sabeis como imitando
A Probo, & a Iulio Cesar na preiteza,
A tornou a ganhar, della deitando
Dos Canarins, & Rumes a braueza:
E que muros, & torres leuantando,
Fabrica inexpugnauel fortaleza,
E presidio deixando conueniente,
Viá buscar a Portugueza gente.

LXXXX.

Deu fim assi Araujo â heroyca historia
Dos feitos de Albuquerque. A noute em tãto
Do claro dia conseguio vitoria,
E cobrio tudo com seu negro manto
O Rey se recolheo, & na memoria
Leuaua retratado valor tanto,
Ocupando temor o peito duro,
Presago ao coraçaõ do mal futuro.

LIVRO VI.

ARGVMENTO.

DEce Asmodeu á horrida morada
Que o soberbo Luzbel penando habita,
Nouas lhe leua lá da heroica armada
Com que o monstro infernal a ira irrita:
Sua indomita esquadra mais amada
Lhe dá, com que Malaca á guera incita,
Etol a contradiz, padece afronta,
Seus sonhados amores Iasme conta.

I.

NO horror da escura noute, quãdo mudo
Com pés de lã ligeiro, & diligente
Anda o silẽcio emmudecendo tudo,
E senhorea o sono brandamente,
O espirito ingrato q̃ no saõ descudo
A primeira enganou copia inocente
E perseguio de Deos o amigo tanto,
Que de paciencia foi piedoso espanto.

No

II.

No porto de Malàca a frota vendo,
Pela porta infernal deceo bramando,
Nouo furor nas almas accendendo,
Os meſmos vãos eſpiritos turbando:
E não parou o fero monſtro horrendo,
Por entre fumo, & fogo penetrando,
Tè là donde Luzbel em throno ardente
Soberbo impera, padece impaciente.

III.

Alli ſoltando a voz fera, & tremenda
Senhor (diſſe) das penas ſoberano
Em vão ao vão poder meu ſe encomenda
A deſtruiçaõ do ouſado Luſitano:
Força mayor deſde hoje he bem que empręda
Vingar a afronta minha, & noſſo dano,
Ancorada em Malaca cauſa eſpanto
A frota, que no mâr perſegui tanto.

IIII.

Naõ foi deſcuydo meu, que ſabe o Inferno
Que tirei deſtes negros apoſentos
A região clara eſquadras, & no interno
Lâ da Eòlea a priſaõ rompi aos ventos:
Subi, alterado o mar, ao Ceo ſuperno,
E quaſi miſturei os elementos
Quando vi o Ceo a meu valor opoſto,
E naõ ha com Miguel pór roſto a roſto.

V.

Ouuindo iſto Luzbel, deu hum bramido
Com a dor grande horrendo, & penetrante
Aquelle eſtrondo horriuel, & temido
Do trouaõ turbulento ſemelhante:
Tudo tremeo, julgouſe por perdido
Em Acheronte o velho nauegante,
Porque as ondas immundas ſe alteraraõ,
E liures pela aberta barca entraraõ.

Bacco

VI.

Bateó o buitre as asas espantado,
Que do mísero Tício se apacentã,
E Sísipho soltou do hombro cansado
O peso, que subir em vão intenta:
Por pouco ouvera Tantalo gostado
Da agoa, que fugitiua o atormenta,
Porque co aballo subito crescerão
Ondas, que os beiços quasi humidecerão.

VII.

Aquelles que a ruyna do penedo,
Sempre temendo, aguardão por momentos,
Cuydarão ser então o vltimo medo,
Aquelle ar cego enchendo de lamentos:
Calon Phlegias, & donde estaua quedo
Theseo, se leuantou, ferio os ventos
O Cerbero com huyuos triplicados
Que ouuirão os confins mais apartados.

VIII.

Por grande espaço o espirito soberbo
Fogo, & fumo exhalou, â dor sogeito,
E apenas respeitando ao sacro Verbo
Blesfemias mil soltou do ingrato peito:
Vinirá (disse o espirito proterbo)
Meu valor, que não pòde ser desfeito,
Por mais que me persiga vingatiuo
Aquelle, por quem vim ao fogo viuo.

IX.

Se a sorte lança, que impunhei valente,
Quando ao Ceo moui guerra foi rompida
Inda armas tenho, com que a humana gente
Cada dia a meus pès vejo rendida:
Não se alegre Miguel, que o reyno ardente
Encerra esquadra, que inda que vencida,
Já no Mundo alcançou tambem vitorias,
Que fàzem lá durar minhas memorias.

Que

X.

Que tornes della acompanhado quero
A ver a luz do Sol, dessa, que espanto
Mayor no abismo causa, & certo espero
Que vencerâs com ella orgulho tanto:
Despedido Asmodeu soberbo, & fero,
O reyno atrauessou de pena, & pranto,
Chega âcasa dos vicios, que cercada
De cousas vãs, tem sempre liure entrada.

XI.

Alli em lugar de Minos presidia
Timon, tanto dos homens inimigo,
Aquelle Athenience que fugia
O trato humano, cruel tambem comigo:
Bruto entre os feros brutos sò viuia,
De tragicos, & infandos fins amigo,
Em tudo vaso de ira, & de aspereza
Contraditor da humana natureza.

XII.

Este vão edificio Chaos ardente
O lugar he do abismo mais profundo
Onde o rigor eterno mais se sente,
Immunda habitaçaõ de pouo immundo:
E qual sucede entre confusa gente
Na praça vã deste espaçoso Mundo,
Quando ao comercio humano igual cõcorre,
Que feruendo, ora se vne, ora discorre.

XIII.

Assi naquella multidaõ conforme,
A inclinaçaõ aqui, & alli correndo,
Andauaõ todos, todo caso enorme
Co a danada vontade cometendo:
Alli o soberbo, & vão Nembroth disforme,
E os Titanes estaõ em fogo ardendo,
Que de Luzbel seguindo o doudo intentó,
Moueraõ guerra contra o firmamento.

Midas

XIIII.

Midas, & Polymnestor se offendiaõ
Com numero infinito deste bando,
Os thesouros que em viuo fogo ardiaõ,
Com auarentas mãos índa ajuntando:
Sardanapalo, & Nero lâ seguiaõ
Com Tiberio, Caligula o nefando
Modo, que exercitaraõ cá na vida,
Taõ vergonhosamente despendida.

XV.

Xerxes com humiroso desatino,
Inda lâ castigar o mar mandaua,
E de Mezencio o peito diamantino,
Ardendo em ira mais se exasperaua:
Caim bem de fauor de Deos indino,
Com inueja o inocente Abel odiaua,
Saul contra Dauid estaua iroso,
Dos honrosos cantares innejoso.

XVI.

Galieno remisso, & negligente
Tem hum leito de abrolhos por encosto,
E para que desperte, sempre ardente
Metal fundido lhe borrifa o rosto:
Se alg̃a hora pudera ser contente,
Materia alli Asmodeu tinha de gosto:
Porem breue detença naõ sofrendo,
Ao quarto principal passou correndo.

XVII.

Tem a Soberba lâ o primeiro assento
Com grande ostentaçaõ, & magestade,
Mas sempre castigada do tormento
Da pesada inchaçaõ, & grauidade:
Encerrase a Auareza em aposento
Escuro, vsa consigo de impiedade,
Vilmente idolatrando na riqueza,
E padecendo sempre a mór pobreza.

Lasciuo

XVIII.

Lasciua à Impudicicia se passea;
Fauores finge, traja varias cores,
Aquem seguindo vão com pompa fea
Affeitos tristes, multidão de dores:
A Ira, que inda contra o Ceo guerrea,
Está sempre ameaçando com rigores:
Assistelhe a Discordia, torua a vista,
Que até das companheiras he mal quista.

XIX.

A Gula com grandissimo aparato
Sentada â mesa, estâ grossa, & impedida,
Apoplexia lhe ministra o prato,
E a torpe a embriagues serue a bebida:
Lâ num canto se dâ misero trato
A vil Inueja magra, & carcomida,
Sem gosto, nem proueito só viuia,
Do Odio visitada cada dia.

XX.

Iaz a Preguiça no portal deitada,
Co Descuido, co Ocio, coa Ignorancia,
Muytas vezes dos outros he pisada,
Não se altera porem, nem deixa a estancia:
A Fraude, & Ingratidão lá tem morada,
A nescia Presunçaõ, douda Arrogancia,
Tambem foi a Ambiçaõ lâ habitadora,
Mas no Mundo entre os grandes viue agora.

XXI.

Exhalando Asmodeu furor, conuoca
A monstruosa esquadra para o feito,
Que tanto ao iracundo Inferno toca,
Em defensa do reyno taõ sogeito:
Mas a lasciuia, que animos prouoca
Com a Preguiça, & Gula a molle effeito;
Por entaõ as naõ quis naquella empreza,
Adonde acçoés conuinhaõ de aspereza.

XXII.

Guiando a turba fea em males certa,
Bramando fae da lobrega morada,
Abrindo a porta para entrar aberta,
Porem para sair sempre cerrada:
Por toda a parte que a passar acerta,
A serena regiaõ fica turbada,
Deserto o campo de seu fruto, & flores,
Entra em Malaca, & faz danos mayores.

XXIII.

Tiueraõ toda a noute desuelado
Ao pagaõ Rey contrarios pensamentos,
Ora à guerra, ora à paz determinado,
Sem tomar concluſaõ em seus intentos:
E jà de tanto vacillar cansado,
O sono confundindo os fundamentos
Destes cuydados, tregoas assentaraõ
Os sentidos, & ao sono se entregaraõ.

XXIIII.

Quando tremer fazendo o regio teito,
Entra Asmodeu dos seus acompanhado,
Chegando, a Ira aplica, & a Fraude ao peito
Do odio, & da Auareza jà ocupado:
Corre o veneno ao coraçaõ direito,
Cheyo de confusaõ, pena, & cuydado,
E na materia jà disposta prènde,
A Fraude o furor cobre, a Ira o acende.

XXV.

O pròbrio julga vil, & afronta sua,
Que Alburquerque com tal desigualdade
Ouse pedir que os presos restitua,
E por temor seruil torça a vontade:
A paixão a tomar vingança crua,
Seja força, ou treição o persuade,
Arde no peito o iroso pensamento,
Mas proua à executar sem risco o intento.

Qual

XXVI.

Qual o faminto lobo, que escondido
Lâ donde a espessa brenha he mais cerrâda,
Que o gado vê na rede recolhido,
Dos valentes rafeiros rodeada;
Naõ soffega inquieto co sentido
Em assaltar a timida manada,
Tal o tyrano Rey só tempo espera;
E fogo em tanto exhala a vista fera.

XXVII.

Dali lâ donde o principe inquieto
Co bellico aluoroço mal soffega,
Passa o Anjo rebelde, & o mais secreto
Lhe enche de ira, soberba, & paixão cega:
Furioso acorda o principe indiscreto,
De modo que a si mesmo paz se nega,
Naõ derramar jâ sangue Christão sente
Iroso, apaixonado, & impaciente.

XXVIII.

Armas, guerra, colerico gritaua:
Qual o valente Turno, quando a Furia
Infernal as entranhas lhe abrasaua,
Que os coraçoẽs acende em rayua, & furia:
Verse entre o esquadraõ Teucro desejaua,
E fazer ao varaõ piadoso injuria:
Tal o Malayo brauo considero
Formidauel, soberbo, iroso, & fero.

XXIX.

Era o Principe moço valeroso,
De grandes forças, corpo de gigante,
De emprender feitos altos desejoso,
Ousado nos perigos, & constante:
Tambem no grao mayor presuntuoso,
Altiuo, temerario, & arrogante:
Asmodeu que lhe alcança a natureza,
Aplicalhe os affeitos de braueza.

XXX.

A todos os mais logo que sabia
Terem na abominauel treição parte,
A graue culpa trouxe â fantasia,
Engrandecendoa com industria, & arte:
Elles temendo a pena, em vindo o dia,
O pouo alteraõ & apellidaõ Marte,
Assi que amanhecendo, em toda a terra
Abominando a paz, pregoaõ guerra.

XXXI.

Mas posto que ao desejo do tyrano
Sopro, & materia a furia ministrasse
Quis ver se vrdir podia o Christão dano
De modo, que em ventura naõ ficasse:
E como em tudo mestre era de engano,
Pareceolhe mandar quem bem notasse,
Debaixo de amigauel fingimento,
Da armada a força, de Albuquerque o intento.

XXXII.

Era Tuaõ Bandaõ mouro valente
Neste tempo em Malaca ao Rey aceito,
Para o importante caso conueniente
No fingir sabio, cauteloso o peito.
Com este se aconselha, & largamente
Da alma pratica o mais secreto affeito,
Despois ao capitaõ egregio o enuia
Fingido Embaixador, dobrada espia.

XXXIII.

De algũs nobres do reyno acompanhado
Partio da terra o mouro cauteloso,
Por ir mais naquelle acto autorizado,
E menos a Albuquerque sospeitoso:
A nao guerreira sobe confiado,
E quando chega ante o varaõ famoso
Como o barbaro pouo de Agar vza,
Corpo, & cabeça inclina, os braços cruza.

Em

XXXIIII.

Em pé o capitão co tratamento
Que sempre vsaua em actos semelhantes,
Mandoulhe em coxins ricos dar assento,
Elle o assento ocupou que tinha de antes;
Os capitães de Luso alto ornamento,
Que a conquistar o Mundo eraõ bastantes,
Ocupauaõ em torno delle armados
Assentos ricamente alcatifados.

XXXV.

E qual pintaua a cega Idolatria
Seus deoses vãos no claro Olympo, quando
Iupiter graue entre elles assistia
Importantes negocios decretando:
Tal hum deos cada hum delles parecia,
E o capitão preclaro, & venerando
Na graue magestade que mostraua,
Dos deoses o mayor representaua.

XXXVI.

Delles em guarda de hũa, & de outra parte
A gente militar braua, & lustrosa,
Com as armas nas mãos posta com arte,
Se mostraua galante, & bellicosa:
Sentados, disse o mouro: Christão Marte
Prospere o Ceo tua fama, que glorioſa
Teus feitos, & vitorias relatando,
Vniuersal espanto vay causando.

XXXVII.

Lá donde Herculés pos limite ao Mundo
Atè cá donde o Sol primeiro aquenta,
Teu singular valor já sem segundo
Da seca inuejá as magoas acrecenta:
Neptuno te ama, & no seu mar profundo
De que igualmente imperes se contenta,
E o Rey, que estes estados senhorea,
Escutando teus feitos se recrea.

XXXVIII.

Como hè todo valor, teu valor ama,
Que odio causa nos timidos, & inuéja,
E o teu Rey, que estima já por fama,
Amizade perpetua ter deseja:
Riquezas liberal o Ceo derrama
Neste seu reyno, & folgará que veja
Entrar na foz do Tejo carregada
Teu Rey de todas ellas esta armada.

XXXIX.

Por tanto pèdir podes confiado
Quanto dar pode o mar, & a terra cria,
De donde se leuánta o Sol dourado,
Atè lá donde vay dar fim ao dia:
O metal mais que todos desejado,
Toda a sorte de aroma, & especiaria,
O rubí, & safira rutílante,
Alsofar grosso, rigido diamante.

XXXX.

Albuquerque ás palauras derramadas,
Do cauteloso Mouro respondendo,
Assi disse: Naõ drogas estimadas
Aromas, ouro de teu Rey pretendo:
Nem por perlas no fundo mar gèradas,
Rubis, diamantes vim o mar rompendo,
Posto que agradecido estimo honrarme
Teu Rey, & com promessas obrigarme.

XXXXI.

Aquelles Portugueses que ficaraõ
Nesta cidade pello graue excesso,
Quando o rigor da morte algús prouaraõ
De hum nosso capitão triste sucesso:
Das prayas Indianas me apartaraõ,
Estes venho buscar, & a teu Rey peço;
Auidos estes delle como espero,
Trataremos do mais, que delle quero.

Naõ

XXXXII.

Não disse mais: & com seuero aspeito
Seguro se mostrou, & confiado,
Causando ao mouro no secreto peito
Grande perturbaçaõ, nouo cuydado:
E despedido pouco satisfeito
Do que escutou, & vio todo assombrado
Tornou, & ao velho Rey conta o que virá,
E a resposta, que todo o acende em ira.

XXXXIII.

Porem desta paixão que tanto o altera,
Passada a furia, & impeto primeiro,
Com modestia discorre, & considera
No inimigo poder peito guerreiro:
Teme, mas tanto não, que a tençaõ fera
Modère, & com o cauto conselheiro
Traças pratica, com que o entretenhaõ,
Porque lugar de apercebersse tenhaõ.

XXXXIIII.

Cada qual adelgaça o entendimento,
E passa a noute, & o dia imaginando,
E despois hum, & outro pensamento
Com madura prudencia praticando:
Entre muytos escolhem nouo intento,
Com que segunda vez o mar cortando
Aõ capitaõ o astuto mouro torna,
E assi dizendo, seu engano adorna.

XXXXV.

O grão Soltão Mahamet, que ter deseja
Contigo, & com teu Rey larga amizade,
Porque bastante â estoruar naõ seja
Sospeita algũa falta de verdade:
E para que tambem o Mundo o vejá
(Se acaso offende o Mundo sua bondade)
Inculpauel contigo se disculpa,
Posto que alheyo em tudo está de culpa.

XXXXVI.

Que naquelle sucesso em que em fim pára
O que hoje (póde ser) teu peito irrita,
Está da parte de meu Rey taõ clara
Sua innocencia, que o Ceo puro imita:
A morte do seu perfido Bendara,
Que foi do dano autor, isto acredita,
Que já deues saber que foi prouado
O teu dilito, á morte condenado.

XXXXVII.

Aquelles Portugueses, que do infando
Sucesso, em terra miseros ficaraõ,
Hum tratamento nelle sempre brando
Com obras de piedoso pay acharaõ:
Delles esta verdade ouuirás quando
Os vires, que por vezes confessaraõ,
E porque mais se estendaõ seus louuores,
Ricos tos mandará de seus fauores.

XXXXVIII.

O capitaõ (que bem lhe conhecia
O cauteloso peito) assi responde:
Nunca me persuádi que sofreria
Teu Rey cousa, que a Rey naõ corresponde:
De hum peito falto de honra & de valia,
Se póde colligir que engano esconde
Naõ de taõ grande Rey, & já informado
Venho, & sei que o Bendara foi culpado.

XXXXIX.

E sendo assi que foi a culpa sua,
Que em parte satisfez, perdendo a vida
Razão he que a meu Rey se restitua
No que era seu a perda recebida:
E naõ tratando mais de obra taõ crua,
O Soltaõ desta armada, apercebida,
Pelo vir a buscar, pague o dispendio:
A guerra a causa tire, a lenha ao incendio.

Como

L.

Cómo isto faça, & como a bautizada
Gente me entregue, que em Malaca mora,
Seruir de mi se pode, & desta armada
De tantos inimigos vencedora:
E atras naõ tornarei, por arriscada
Que seja a empresa, & de esperança fora,
Nem em nome de hum Deos sò poderoso
Ha caso para mi dificultoso.

LI.

Mostras do peito valeroso dando,
Assi disse, o varaõ forte, & prudente;
Atento o mouro o ouuio, se bem ficando
Da resoluçaõ nobre descontente:
Porem como sagaz dissimulando
Com falsas mostras ò pesar que sente,
Se despede, o mar passa, toma terra,
Imaginando na esperada guerra.

LII.

Turbado, & triste ante o tyrano chega;
Que ouuindoo, naõ ficou menos turbado,
E com affeitos de ira, a razão cega,
Tais razoẽs disse, do furor leuado:
A presunçaõ soberba muyto cega
Esse vão arrogante confiado
Na boa fortuna que atè agora teue,
Assi em meu reyno a porme leys se atreue?

LIII.

Mas se me naõ mentir minha esperança:
Aqui parou, que o mais ficou no peito,
Atalhando a soberba confiança
Na consciencia a força do defeito:
E como o pensamento naõ descança,
Iuntamente a temor, & ira sogeito,
Entre affeitos contrarios vacillaua,
Ora ira, ora temor o senhoreaua.

Tal

LIIII.

Tal cõmõ quãndo exhalaçaõ da terra
Com celeste influencia se leuanta,
Aquem escura nuuem prende, & encerra
Violenta causa de violencia tanta:
Pelejaõ quente, & frio, & nesta guerra
Aceso o fogo que os mortais espanta,
Com tanto estremo a furia vay crescendo,
Quẽ à nuuem rompe com estrondo horrẽdo.

LV.

Tal rompe do alterado peito à ira,
Pela boca o furor vociferando,
Brama furioso o Rey, triste suspira,
Beber o Christão sangue desejando:
Pelá vista o infernal fogo respira,
Que na alma lhe acendeo do abismo o bando,
E assi nelle era tudo ira, & braueza,
Contumacia, ambiçaõ, odio, auareza.

LVI.

Com este infernal impeto conuoca
Assi seus naturais, como estrangeiros,
Aos quais quási com lagrimas prouoca
A ser da infausta guerra companheiros:
A vos, disse, varões insignes, toca,
Pois o nome prezais de caualleiros,
Sustentar este reyno, & minha afronta
Corre, amigos, tambem por vossa conta.

LVII.

Desta arrogante gente conhecida
Por seus insultos a soberba armada
Vedes em vosso porto já surgida,
E para nosso dano aparelhada:
E porque a causa disto he taõ sabida,
A naõ refiro, porem he fundada
Em razão, que justo he da vida priue
Quem de roubos tyranamente viue.

LVIII.

Se esta gẽte vsa forças, se faz saltos,
He cousa em toda a parte assaz notoria,
Naõ valeraõ a Ormuz os muros altos,
Tambem lamenta Goa a triste historia:
E todos elles de respeito saltos
Latrocinios, insultos tem por gloria,
Correm roubando o mar, & se puderem,
O mesmo, & mais vsar comvosco querem.

LIX.

Atençaõ sua se vos mostra clara
No desprezo, com que ouue meus recados
O pirata soberbo, & bem declara
Nas respostas o fim de seus cuydados:
E ouui de Tuão Bandaõ como prepara
Nossa afronta por termos nunca vsados,
Com que soberbas leys dispoem, condena,
E em minha afronta a seu prazer ordena.

LX.

Assi dizendo, do enganoso peito
Suspiros despedia cento a cento:
Causou em todos compassiuo affeito
Aquelle acreditado sentimento:
Logo Tuão Bandaõ, que por respeito
Animaua do Rey o pensamento,
Foi proseguindo o que passou contando,
Com Albuquerque, em parte acrescentando.

LXI.

Mas ao fim naõ chegou, porque indinado
O principe Aladim moço valente
Com o rosto de colera banhado
Em pè se leuantou fero, impaciente:
Inda, pay, & senhor (lhe disse) o herdado
Valor da Laoa, & da Celatea gente
Em teus vassallos viue, & em ti agora
Viue tambem o graõ Paramisora.

E cu

LXII.

E eu, que de filho teu me prezo tanto,
A naõ degenerar tambem me obrigo,
Antes espero ser do luto, & pranto
De tantos vingador, do Ceo castigo:
Naõ amedrente naõ, nem cause espanto
Sem lhe prouar as forças o inimigo,
Nem se diga de nós que nos assombra
A fama vã, & do inimigo a sombra.

LXIII.

Principio em armas este estado teue
Que seus termos despois tanto estenderaõ
Das armas, graõ senhor, vsar se deue,
Que tanta gloria a teus passados deraõ.
Conheça, inuicto Rey, quem se te atreue,
Como jâ os feros Siames conheceraõ,
Que produz de Malaca a nobre terra
Famosa gente, qual na paz, na guerra.

LXIIII.

Assi falou o barbaro arrogante,
Ou a furia infernal nelle falauá,
E logo o Rey de Pão, feio o semblante,
Que agradar ao tyrano desejaua:
Por se mostrar valente, quanto amante
Da Infanta, cujas bodas aguardaua,
Disse o que não comprio tão facilmente,
Que mil vezes amor promete, & mente.

LXV.

Eu, soberano Rey, aquem vos destes,
Leuantandome ao Ceo, titulo honroso
De filho o dia que me engrandecestes
Com riquezas de amor, & bẽs de esposo:
Esta vida, & meu reyno que fizestes
Com a bella Sultana venturoso,
Para que desponhais vos offereço,
Mandai, que por meu Rey vos reconheço,

Não

LXVI.

Naõ fique sem castigo o liure intẽto
Desse pirata sò com fracos forte,
Seja este por mayor atreuimento,
O derradeiro com sua justa morte:
Assi disse em fauor do pensamento
Do triste Rey, aquem guiaua a sorte,
Ou diuina justiça à merecidos
Castigos dos insultos cometidos.

LXVII.

Neste conselho varios assistiraõ
Arabios, Guzarâtès, Malabares,
Pegùs, Bengâlas, Iaos, que persuadiraõ
A guerra, por paixoẽs particulares:
Que jâ em passadas occasioẽs sentiraõ
Nauegando em suas naos da India os mares,
Muitas vezes o ferro Lusitano,
Que origem seu rancor teue em seu dano.

LXVIII.

Mas aquelles a quem os muytos annos,
Valor diminuindo, o sangue esfrião,
Persuadião a paz, & os graues danos,
Que a guerra traz consigo referião:
Os feitos engrandecem Lusitanos
E entre elles hum, que todos conhecião
Por homẽ, que o futuro adeuinhaua,
Perda do reyno ao Rey pronosticaua.

LXIX.

Era a sua patria Meliapor, seguia
Como os seus naturais, o Christão rito;
Nomeauase Etol, a mercancia
Hum tempo o teue habitador no Egypto:
Insigne em Memphis foi na Astrologia,
Aprendendo tambem do mago Clito
Profanos versos, que espiritos ligaõ,
E a fazer mais do natural obrigão.

Chegando

LXX.

Chegando a armada, leuantou figuras,
E os astros todos nellas ameaçauão
Incendios, perdas, roubos, mortes duras,
E daquelle alto imperio o fim mostrauão.
Vendo estas cousas, posto que futuras,
Contra aquelles que a guerra desejauão,
Com razoẽs brandas já se tinha oposto,
Mas Iiure então falou, seuero o rosto.

LXXI.

Não sei (lhes disse) em que estribais seguros,
Ou porque vos mostrais taõ confiados;
Vedes por esta gente os Rumes duros
Tantas vezes fugir desbaratados:
Assoladas as forças & altos muros
De Ormuz, os Reys da India sojugados,
E vedes quantas vidas vos custaraõ
Os que em Malaca para mal ficaraõ?

LXXII.

Pois como, vãos, daquella grossa armada
As forças desprezais, & do prudente
Capitaõ o valor, & ter fundada
Sua causa em razão taõ clara â gente?
Deixai a presunçaõ vã enganada,
E naõ busqueis razaõ, que he só aparente
Que se a guerra se rompe, claro o digo
O Ceo, & o Mundo vos será inimigo.

LXXIII.

Vereis esta cidade que hoje vemos
Taõ rica, taõ soberba, & populosa,
Entrada a ferro, & fogo, & a veremos
Dominada da gente bellicosa:
Irâs, tu Rey, fugindo, mil estremos
De miserias sofrendo, a poderosa
Magestade perdida, & regio mando
No desterro, hũs temendo, outros rogando;

LXXIIII.

Mais proseguir quisera: porem sendo
Por Christão conhecido, sospeitoso,
Irado o cego Rey gritou dizendo:
Prendaõ esse Profeta mentiroso.
Cumprirnõ todos com estrondo horrendo
Do tyrano o mandato riguroso,
E como os malfeitores, afrontado
Foi â dura prisaõ dali leuado.

LXXV.

Sossegado o aluoroço, o Rey seuero,
Por animar aos seus, inda iracundo
Pois (disse) ao Ceo he clara, mostrar quero
Iustificada minha causa ao Mundo:
Poder Malaca alcança, & cedo espero
Socorros grandes, em que tambem fundo
Minha esperança; & declarada a guerra,
Os mais despede, & com Tuão se encerra.

LXXVI.

Em tanto que em Malaca se entendia
Em juntas, & aparatos bellicosos,
Iuntos na Christã frota estando hum dia
Andrade, Lima, Iaime, & os mais famosos:
Suspendida a braueza, & valentia,
Vindo a tratar de casos amorosos:
Senhores (disse Iaime) em toda a parte
Reyna Amor, & seu fogo sente Marte.

LXXVII.

Tal he (respondeo Lima) & bem o vemos
Em vos, que Marte sois â Amor sogeito,
Porem sò que arde Amor em vos sabemos,
Mas naõ a causa do amoroso effeito:
E se a amizade estreita, que nòs temos,
Obriga, não auendo algum respeito,
Que a ser secreto amante vos condena,
A causa nos dizei de vossa pena.

Nõ

LXXVIII.

No meu caso (disse elle) vão, & triste,
Porque lhe deu o ser hũa vaidade,
Eu sou a parte, & o todo, & sò consiste
Em que de hum vão amor sigo a impiedade:
A romper o segredo me resiste
Minha reputaçaõ, que em nossa idade
Será fabula ao Mundo meu cuydado,
E serei eu por doudo reputado.

LXXIX.

Porem, porque vejais que facilita
Muyto a amizade, agora contar quéro
Aquella historia na memoria escrita,
A que ver fim ditoso desespero:
Hum sonho escutareis, que necessita
A pedir cer agrauos de Amor fero,
E sendo eu contra o Amor duro diamante,
Bastou hum sonho sò a fazerme amante.

LXXX.

Naõ tendo o quarto lustro inda cumprido,
Hũa noute (oxalâ que fora eterna)
Tendome o brando sono já vencido,
E sogeita a razaõ que nos gouerna:
A bella imagem no interior sentido
Se me mostrou, & a parte mais interna
Do coraçaõ que nunca amor sentira,
Sentio do Amor no mesmo ponto a ira.

LXXXI.

Pintar do bello objeito cada parte,
Tras ser trabalho em vão fora infinito,
Que atras ficará todo o ingenho, & arte,
E fora necessario hum alto esprito:
Naõ he mais bella aquella, por quem Marte
De ciumes tem o Deos do fogo aflito,
Nos seus fermosos olhos amor mora,
Nas faces bellas amanhece a Aurora.

Por

LXXXII.

Por grande espaço estiue contemplando
Cos olhos dalma, a grande fermosura
E daua lenha ao fogo, que abrasando
Tomaua dalma jâ posse segura:
Ella tambem me estaua mostras dando
De amor no suaue modo, & na brandura,
Com que em mi punha os olhos, & mostraua
Que juntar palma a palma desejaua.

LXXXIII.

Eu, que tambem nesse desejo ardia,
Dizerlhe procuraua minha pena,
Porem naõ sei que força mo impedia,
Da estrella deue ser, que me condena:
Com aquella ansia ardente que sentia
Em meu coraçaõ disse: Quem ordena
Tam sem razaõ que o fruto amado veja,
E com Tantalo igual na pena seja?

LXXXIIII.

Entre a espiga, & a maõ, q̃ muro ha em meyo,
Senaõ he o rigor de minha sorte,
Que â dita minha poem limite, & freyo,
E sinais claros dâ de minha morte?
Passei a noute no sonhado enleyo
Temendo, & desejando (ay ponto forte!)
Aquelle em que acordei, nunca acordara,
Ou nada do passado me lembrara.

LXXXV.

Iâ entaõ êra alto dia que saudoso
Do meu passado bem passei chorando,
E dando assi mais força ao amoroso
Veneno, muitos outros fui passando:
Vede se auerâ caso riguroso
Que ao meu se iguale, sempre suspirando
Pelo que naõ tem ser, nem se concede,
Mal grande, que em rigor á morte excede.

LXXXVI.

Como da vida ao estremo me chegasse
Este mal incapaz de medicina,
Porque o remedio em parte naõ faltasse;
Que a tudo piadoso o Ceo o destina.
Ordenou que por fama consultasse
Hum varão douto, que a entender ensina
Dos planetas o certo mouimento,
E que estrellas dão luz no firmamento.

LXXXVII.

Este imitando aquelle antigo orago,
Que la num tempo em Delphos respondia,
Assi me disse: Passa o salso lago,
E as prayas busca donde nace o dia:
Alcançarâs entre mortal estrago
Esse bem, que te priua de alegria.
Naõ disse mais deixandome a esperança
Tão incerta, que falta a confiança.

LXXXVIII.

Mas como não ouuesse em mi sossego
Animado a seguir esta incerteza
A duuidosa fé do mar me entrego,
Donde prouei dos ventos a braueza:
A toda a parte donde agora chego,
Seruindo o ingrato Amor, sigo a aspereza
De Marte sanguinoso, & furibundo,
O bem buscando, que não ha no Mundo.

LXXXIX.

E naõ desistirei à qualquer sorte
Offerecido desta empreza dura,
Atè que a Parca o vital fio corte,
Ou veja a suspirada fermosura:
E perigo naõ ha, nem pena forte
Que eu tema jâ, porque des que a ventura
Me fez a padecer males sogeito,
Tudo o q̃ ha de rigor se acha em meu peito.

Seguirs

LXXXX.

Seguirei fantasias, que passaraõ
Tanto mar com taõ poucas seguranças,
E tanto do descanço me apartaraõ,
Que jâ nem delle tenho as esperanças:
Fortuna em fim, & amor se conjuraraõ,
A que à vida sustente sò em lembranças
Daquelle bem, que foi taõ limitado,
Que nunca chegou mais que a ser sonhado.

LXXXXI.

A compaixaõ mouidos, & admirados
Estauaõ a amorosa historiá ouuindo
Os fortes caualeiros, quando brados
Ouuirão a rebate, o ar ferindo:
Leuantarãose logo aluoroçados,
E viraõ como vinha o mar cobrindo
Hũa armada de remo numerosa,
Dando mostra soberba, & espantosa.

LXXXXII.

E do Cretense labyrintho escuro
As voltas imitando fabricadas,
Em vão as fustas no elemento puro
Formão gyros, & voltas intricadas:
Despois em bandos, qual no campo duro
Africanos ginetes nas trauadas
Escaramuças, cometendo tirão,
E ora estes, ora aquelles se retirão.

LXXXXIII.

Entre si com gentil ordem trauaraõ
Hũa batalha (ao parecer) ferida,
Na qual bem a naual arte mostrarão,
Com exercicio de annos aprendida:
Des que de Nero assi representaraõ,
E de Claudio as naumachias, foi seguida
Das mais a capitana para terra
Com grande estrondo, & musica de guerra.

Aquella, & outras muytas vezes deraõ
Sem effeito nenhum mostra os Malayos,
Que assombrar ardilosos pretenderaõ,
Os de Luso, com bellicos ensayos:
Porem foi obra, & tempo que perderaõ,
E gèraraõ de nouo ardentes rayos
De ira no peito de Albuquerque forte,
Que em Malaca chouueraõ fogo, & morte.

LIVRO VII.

ARGVMENTO.

ALta vitoria a Afonso Etol promete,
E com Sousa a buscar Garcia parte:
Queima as naos Guzarates, & acomete
Malaca Afonso com propicio Marte:
Timido o Rey os presos lhe remete,
E de paz arvorar manda estandarte,
Etol, & o cavalleiro, a que acompanha
Leão Glaura infeliz de hũa montanha,

I.

NEste tempo desda alta popa via
O forte capitão fazer em terra
Tranqueiras, & plantar artelharia
Cõ varias outras preuẽçoẽs de guerra
Ia de alcançar os presos desconfia,
E teme algum engano dos que encerra
Todo o Agareno peito, & no tyrano
Considera hum artifice de engano.

II.

Como pois dilatasse este conceito
Com largo discorrer no entendimento,
Desconfiança entrou no illustre peito,
A ira prouocando o sentimento:
E porque não se offenda seu respeito;
E culpa venha a ser o sofrimento,
Que armem com grande pressa batéis manda
Leam, Pereira, Andrade, com Miranda.

III.

Nos quatro armados lenhos aos valentes
Varoés, reconhecer manda a cidade,
E notar os lugares conuenientes
Por donde à entrar com mais seguridade:
Ferem logo cos remos diligentes
O mar os remadores, & a vontade
Do capitão prudente executando,
Tudo os quatro guerreiros vão notando.

IIII.

Manda também o Rey sair do rio
Armada, que o mar cobre, a cometelos,
Porém não perde Afonso o heroico brio,
E manda os mais batéis a socorrelos:
Causa nos inimigos medo frio
Tanta resoluçaõ, & só com velos,
Vindo a boga arrancada, volta deraõ,
E no rio outra vez se recolheraõ.

V.

Tuaõ Bandaõ a bordo com recado
Composto de disculpas amanhece,
Que Albuquerque não quis ouuir cansado
Dos enganos, que nelle já conhece:
E lhe mandou dizer, que em todo estado,
Quando a fortuna sobe, & quando desce,
Sempre palaura o Portugues mantinha,
E hum rosto, hũ Rey, hũ Deos sómente tinha.

Encheo

VI.

Enchee Málaca de medroso enleyo
A seuera resposta inopinada,
Duuidando do fim, se falta hum meyo
Na guerra ja de todo declarada:
Só no Rey se conhece entre o receyo
Irado o coraçaõ, a alma obstinada,
Faz juntas, roga, manda, persuade,
E tudo he confusaõ, & variedade.

VII.

Albuquerque tambem em tanto estaua
Fluctuando num pego de cuydados,
Era alta noute jâ. & inda naõ daua
Repouso aos lassos membros trabalhados:
E quando o sono os olhos lhe ocupaua
Dos continos desuelos agrauados,
Do castello de popa vozes deraõ,
Que da noute o silencio interromperão.

VII.

Erãdarão os que estauaõ de vigia,
Quando à bordo hum batel chegar sentiraõ,
E quando pela enxarcia jâ sobia,
Por quem de nouo as vozes repetiraõ;
Desejão saber todos quem seria
O que ouzou tanto, & sobre o conués viraõ
Hum velho cuja barba chega ao peito
Da cor da neue venerando o aspeito.

IX.

Formando em torno delle, à gente hum muro,
Pedio que ao capitão forte o leuassem,
Dar procurando entre o nocturno escuro
Mostras, que de fiel o acreditassem:
Mas não bastou mostrarse tão seguro,
Para que delle mal não tospeitassem,
Algũs, aquem ocorre alli à memoria
De Sinon, & de Troya a triste historia.

X.

Trazemlhe para entrar em fim licença,
Lâ donde o capitaõ mal repousara.
Entra, & saudandoo disse: Gloria immensa
O Ceo, varaõ insigne, te prepara:
De teu trabalho vejo a recompensa,
Contigo a ocasião tés cara a cara,
A dourada guedelha te offerece,
E teus intentos altos fauorece.

XI.

Quem ès tu? (disse Afonso) & cóm què intento
Esse bem pronosticas, & me animas?
Serei (inda que humilde) hum instrumento
(Lhe respondeo) com que o tyrano oprimas:
Merecer teu fauor seruindo intento,
E se, qual hera a forte muro, arrimas
A teu alto valor minha humildade,
Subirei grato â mór felicidade.

XII.

Mas para que naõ fiquès duuidoso,
O magnanimo Afonso, em Christo adoro,
Nasci na parte onde Thomè glorioso
Morreo por Christo, & em Malaca moro:
Fui ao tyrano fero sospeitoso
Porque liure falei, & porque ao coro
Dos falsos conselheiros contradisse,
E verdades là pouco aceitas disse.

XIII.

Contra mi o Rey cruel em ira aceso,
Por elle â prisão dura fui mandado,
Onde senti do ferro o duro peso,
No conceito de todos condenado:
Porem naõ sofri muyto verme preso,
E em teu nome de tudo respeitado
Rompi as prisoẽs, & venho a q̃ me mandés,
Que te espero fazer seruiços grandes.

Que

XIIII.

Que inda que te pareça fraco velho,
Força o desejo dâ, a razaõ, o agrauo,
Seruirei pelo menos de conselho,
Irmão no amor, na sogeiçaõ escrauo:
E se de alto valor es claro espelho,
Arte, & sciencia alcanço, que a Timauo
Igualo na obseruancia das estrellas,
E a Atlante em conhecer o curso dellas.

XV.

Com arte alterar posso os elementos,
Mouer a terra, atras tornar os rios,
Turbar o mar, mudar num ponto os ventos,
Viuo fogo acender nos gelos frios:
Mas isto, em quanto aos actos taõ violentos
Naõ cortar o motor supremo os fios:
Que sem licença sua considera
Que contra Iob, Sataõ nada pudera.

XVI.

E naõ julgues que qual o falso mago
De Pedro contendor desta arte vso,
Que entre pagãos a Christo nalma trago,
E delles aborreço o torpe abuso:
De Malaca alcancei o triste estrago,
Mostraõno os astros Iupiter confuso
Desfalecido, & triste em ponto forte
Nos dous de Elena irmãos casa da morte.

XVII.

Porem para isto ser, conuem primeiro
Que hum guerreiro q̃ viue em branda calma
De Amor, se vâ buscar onde estrangeiro
Em molle ocio padece afrontas dalmâ:
Tendo contigo o forte caualleiro
De Malaca terâs inteira palma,
Que o Ceo que altas vitorias te destina,
Assi o estabelece, & determina.

Abrindo

XVIII.

Abrindo vinhã o mar este famoso,
Por ser nos danos de Malaca parte,
E seguindo o estandarte bellicoso
Da milicia aprender contigo a arte:
Mas violencia infernal o tempestuoso
Dia o leuou â mais rèmota parte,
Com cinco valerosos companheiros,
Que saõ entre os famosos dos primeiros.

IX.

Este, cujo valor se estende a tanto,
Aqui trarei com que dos teus famosos
Hũ me acompanhe, aquẽ não cause espanto
Casos, que possa auer dificultosos:
Escutauão muytos, & entretanto
Algũs dos circunstantes inuejosos
Deste encarecimento honroso estauaõ,
Outros ver o guerreiro desejauaõ.

XX.

Tambem o capitão a alma suspensa
Na mente o que escutaua referia.
E respondeo: Se o justo Ceo dispensa
Que extinga de Malaca a tyrania,
Do mesmo Ceo terâs a recompensa,
E que a terâs de mi na terra, fia,
Serâs do Lusitano pouo honrado,
Sempre fauorecido, & respeitado.

XXI.

Mas no tocante ao caualleiro forte,
Que pedes, que aja muytos não duuido
Iâ desejosos que lhe toque a sorte,
Por mostrar o valor na alma escondido:
Porem quanto me a mi primeiro importe
Seguralo, discorre no sentido,
Pois que me importa dar de todos conta,
E dandoa mâ que sentirei de afronta?

Dom

XXII.

Dom Ioam de Sousa moço valeroso,
Aquem mais o desejo o risco acende:
Assi lhe diz: Seja eu, varaõ famoso,
Esse, aquem esta empreza se encomende:
Naõ ha no Mundo caso perigoso,
Quando do Ceo a causa se defende;
E do risco mayor desta auentura
Esta segura espada me assegura.

XXIII.

Coutinho juntamente a empreza pede
Com outros muytos, todos dos famosos:
Mas constante Albuquerque a nega, & impede
Deixandoos descontentes, & queixosos:
Em tanto que elle considera, & mede
Mil successos no caso perigosos,
Sousa que da licença duuidara
Chamando a Etol no seu batel saltara.

XXIIII.

O sabio o segue enuolto em neuoa escura,
Que inuisiuel o faz aos circunstantes
Atè que dando â vella, o ar se apura,
E conhecem nó barco os nauegantes:
Por grande espaço o espanto em muytos dura
Do successo, & de ver que as espumantes
Ondas o fatal lenho diuidia,
Taõ ligeiro, que a vista desmentia.

XXV.

Parte o guerreiro forte, os mais ficaraõ
Sentidos, & inuejosos da partida,
Outros mal sospeitando imaginaraõ
Ser esta a derradeira despedida:
O sentimento, & colera abrazaraõ
O peito ao capitaõ, mas resistida
A paixaõ, dâ esperança da jornada,
Posto que a julga fabula sonhada.

De

XXVI.

De nouó o Sol com lucido retorno
As reliquias da noute deſterraua,
E com alegre, & radiante adorno
As couſas já diſtintas illuſtraua:
Da armada o boſque no humido contorno
(Senaõ naual cidade) já douraua,
A conſelho co diurno rayo chama
Afonſſo, & corre da auentura a fama.

XXVII.

Acodem logo os capitães valentes
De acabar caſos grandes deſejoſos:
E o capitaõ lhes diſſe: Obedientes
A voſſo Rey, & a Deos, varoẽs famoſos:
Vos aſſombro fatal de Mauras gentes,
Que alcançaſtes triunfos mil glorioſos,
Iâ a razão grita que principios demos
A obra, porque tanto mar rompemos.

XXVIII.

Até gora eſperei chegaſſe o dia,
Que a palaura real, & fè guardaſſe,
Noſſo inimigo, & como prometia,
Os preſos companheiros nos mandaſſe:
Mas viſta a falta ſua, jâ ſeria
Perder reputaçaõ ſe mais tardaſſe
Em lhe dar o caſtigo merecido,
Tanto ao peito obſtinado em vãõ detido.

XXIX.

Aſsi Alhuquerque anima, & perſuade:
Mas leuantando a voz Iorge Botelho
Acreditado por valor, & idade:
Eſcutai (diſſe) o parecer de hum velho;
Antes que aſſalto demos â cidade,
Que ſe queimem os lenhos aconſelho
Guzarates, porque he certo o perigo,
Se nas coſtas deixamos o inimigo.

Deſpois

XXX.

Despois que delles posse ao fogo dermos,
Para se conseguir do intento o effeito,
Se comoda a marè, & lugar tiuermos,
Logo porèmos â cidade o peito:
Que posto o caso nos mauorcios termos,
Que acheguemos he bem ao mais estreito,
E de rigor executando estremos,
Quando descanse o Sol descansaremos.

XXXI.

De excellente varaõ voto excellente,
Disse Afonso, & dos mais foi aprouado,
E armados os batèis coa destra gente
Foi no seguinte dia executado:
Daua já nouas a Aurora no Oriente
Da vinda de Titaõ, quando o esperado
Sinal a tuba deu, que os rostos muda,
Grita a gente atè entaõ atenta, & muda.

XXXII.

Arrancão todos com clamor horrèndo
Ferindo os ares, & cos remos duros
As ondas alteradas reuoluendo,
Escuma leuantando, & cristais puros:
Gritaõ tambem os inimigos, vendo
De improuiso o rebate mal seguros,
Nas concauas cauernas repetião
Mil ecos tudo, & tudo confundião.

XXXIII.

Qual soe tocando a fogo noute alta,
Que em casa cada qual ter imagina
Correr a gente, que da cama salta
Atè que â parte, que se abrasa, atina:
Tal no mar, & na terra sobresalta
O estrondo, & vozeria repentina:
Os de Luso entre tanto o mar cortauaõ,
E por chegar os remos apressauaõ.

Chegados

XXXIIII.

Chegãdos à distancia que podia
Fazer emprego, & effeito rigoroso
Nas inimigas naos a artelharia,
Fogo ao salitre daõ, que arde espantoso:
Nos ardentes pelouros morte fria
Se enuolue, & logo se ouue hum lastimoso
Som confuso de gritos, & gemidos
Dos que morrendo estaõ, & dos feridos.

XXXV.

Brauos os inimigos responderaõ
Tambem a artelharia disparando,
E chegando abordar, os receberão,
Pedras, frechas, & dardos mil tirando:
Cubertos dos escudos remeteraõ
Os fortes Portugueses, & pegando
Em varias partes fogo, num momento
Sobem chamas, & fumo pelo vento.

XXXVI.

Entrou o medo, confusaõ, & espanto
Nos Guzarates miseros, cercados
De fogo, & fumo, hum lastimoso pranto
Aos ares leuantando acobardados:
Vendo seu fim algũs em rigor tanto,
De outro remedio jâ desesperados,
Saltão por entre as chamas acendidas,
Procurando no mar saluar as vidas.

XXXVII.

Mas jâ tambem no mar a imiga sorte
Lhes tinha aparelhada morte dura,
Acabaõ nelle âs mãos da gente sorte,
Que a ferina treiçaõ vingar procura:
Preza os imigos jâ da justa morte
Daõlhes o mar, & fogo sepultura;
Mouem contra a cidade os vencedores,
Querendo executar nouos rigores.

Bem

XXXVIII.

Bem cõmo o brauo touro magoado
Do farpaõ duro, segue ao que o ferira,
E apenas morto deixa o moço ousado,
Quando outro logo segue, ardendo êm ira:
Tal Afonso iracundo, & indinado
Tras de hum castigo a dar já outro aspira,
Com a cidade bellicoso cerra,
Fazendo a ferro, & fogo dura guerra.

XXXIX.

Em seu ser o mayor influxo estaua,
E aos edificios em que o mar batia,
Desde os baluis co fogo se alcançaua
Que em balcoẽs, & janellas se ascendia:
O sopro Boreal, que respiraua,
A chama forças daua, que sobia,
Ameaçando aos Ceos pontas vibrantes,
Imitadoras vãs dos vãos gigantes.

XXXX.

O forte Lima foi o que primeiro
Hũa casa accendeo com mão ousada,
Decendo sobre o inuicto caualleiro
Tiros que a pagã turba arroja irada:
Teixeira por Amor auenturciro
O fogo nũa mão, & noutra a espada.
Com pezar do inimigo, & vilipendio,
Fez noutra casa riguroso incendio.

XXXXI.

Abreu, Silua, Miranda, hum, & outro Andrade
A foz do estreito rio atrauessaraõ,
E de tiros formando tempestade,
Saida â armada barbara estoruaraõ:
Os mais correndo ao longo da cidade,
Mil ao fogo edificios entregaraõ,
Entre os primeiros vay Iorge Botelho,
Em larga idade de valor espelho.

Coutinho

XXXXII.

Coutinho cujo peito generoso
Aos mayores perigos se inclinaua
Com algũs salta em terra, & espantoso
Parece que arruynar tudo ameaçaua:
Hũa graõ casa vè, que numeroso
Esquadraõ de inimigos amparaua:
Iroso rayo os acomete, & ofende,
E o soberbo edificio em fogo acende.

XXXXIII.

Estauão nesta casa apercebidos
Das armadas reais os bastimentos,
Enxarcias, munições, com os fundidos
Por Vulcano mauorcios instrumentos:
Cresceo a voraz chama, & recolhidos
Os fortes Portugueses, pelos ventos
Voa a casa em pedaços diuidida,
Polo furor da poluora acendida.

XXXXIII.

Os miseros Malayos quando viraõ
Tão espantosa, & subita ruyna,
Todos de hum medo frio se cobriraõ,
Solicitando o que o vil medo ensina.
ElRey de Pão, & o Principe acodiraõ
Aquelle estrondo horriuel, & com dina
Reprensaõ os animaõ a que virem,
E â vingança do graue estrago aspirem.

XXXXV.

Pode a vergonha tanto, & real respeito,
Que tornão animosos â defensa,
E com mil tiros de mortal effeito
Fazem á Portuguesa gente offensa.
Mas como o fogo jâ de teito em teito
Vay correndo veloz com furia immensa,
A que parte acodissem naõ sabião,
Que tudo enuolto em morte, & chamas viaõ.

Em

XXXXVI.

Em tanta confusaõ em dano tanto
Tenros mininos, timidas donzellas,
Imbelles velhos com interno espanto
E gritos altos ferem as estrellas:
E correndo â Mesquita em triste pranto,
Enuoltas rogatiuas,& querellas,
Mil votos liberais offereceraõ,
Que sendo a deoses vãos nada vâleraõ.

XXXXVII.

A derribada Troya, quando ardia,
E a Roma ao natural representaua
O incendio fero, & a turba que temia,
Chega là donde o Rey turbado estaua.
Entre o pouo confuso Damur hia,
Que por santo Malaca veneraua,
Porque deuoto peregrino fora
A tumba visitar que o mouro adora.

XXXXVIII.

Vendo este o Rey turbado, assi o reprende:
Não te doem (disse) de Malaca os danos?
Que mais teu duro coração pretende,
Que ver do Ceo tão claros desenganos?
Barbaro fogo esta cidade acende,
Que assombro foi do Mundo tantos annos?
O Ceo o quer assi, que não ouuera
Quem contra seu decreto se atreuera.

XXXXIX.

Não sofre o Ceo que tenhas por catiuos
Homẽs à que fizeste guerra injusta,
A danos te auenturas excessiuos,
Alem dos muytos, que a teu reyno custa:
Abranda, ò Rey, os peitos vingatiuos,
Dalhes, os que dão causa â guerra justa,
Que não serâ julgado por fraqueza,
Pois vencer paixão propria, he fortaleza.

L.

Estas palauras, ou necessidade,
Que a tudo obriga ao duro Rey mudarão
O peito, & dispuserão a vontade
Que dispor fortes casos não bastarão;
Dar manda logo aos presos liberdade,
Que delle, pode ser, não alcançarão
Se o esperado socorro lhe chegara,
Antes que a guerra Afonso começara.

LI.

Em tanto em bellicosa competencia
Cometião façanhas espantosas
Os de Luso, & jà toda a resistencia
Era vã contra as forças vitoriosas:
Crescendo hia das chamas a violencia,
As torres consumindo mais famosas,
Por entre o fogo, & fumo andaua a morte
Ministra da ira de Albuquerque forte.

LII.

Andaua o capitão destro, & valente
Pelo mar discorrendo a toda a parte;
Solicito acodindo, & diligente
Co valor grande acompanhando a arte.
E em quanto â forte, & vitoriosa gente
Fauor Neptuno dâ, Vulcano, & Marte,
Eis vem sair de males tão esquiuos,
Como triunfando, liures os catiuos.

LIII.

Qual nas Albanias serras leão iroso,
De quem fora o monteiro perseguido
Que os filhos lhe leuaua, & temeroso
Soltara, por se ver delle seguido:
Vendoos liures, se esquece generoso
Da dor, que tanto o tinha embrauecido,
Alegrarse com elles sò procura,
E do monteiro timido não cura.

LIIII.

Tal o varão insigne ante si vendo
Os que em lugar de filhos estimaua,
A concebida colera perdendo,
De se alegrar com elles só trataua;
Das armas cessar manda o estrondo horrêdo
Em final da alegria que gozaua,
E por honra dos hospedes, o dia
Em festas passa ao som da artelharia.

LV.

Rompia o fatal lenho o mar em tanto,
Com a velocidade que acontece
Cortar a pomba o ar, co negro manto
Tambem a noute em tanto se offerece.
O forte Sousa, que ignoraua quanto
Veloz corre, no Ceo, que se ennobrece
Com taõ raros milagres luzes bellas,
O concerto contempla, & curso dellas.

LVI.

O sabio companheiro isto notando
Da popa, onde assentado no gouerno
Do batel assistia, desejando
Entretelo, soltou a voz do interno:
Dos astros que contemplas ignorando
Quarto trabalho, do arquitecto eterno,
Conta a gentilidade vãs historias,
E lhes aplica fabulosas glorias.

LVII.

Là pinta os heroes Gregos, lâ ao Romano
Que â patria pos o jugo, dà aposento
Tanto ao Mundo cegou aquelle engano
Do que padece no Tartareo assento:
Mas se lugar taõ alto darse a humano
Valor deuera o grão merecimento
Dos vossos Lusitanos, jâ tiuera
De todo hoje ocupada a etherea esfera.

LVIII.

Que lâ o primeiro Afonso, lâ o segundo,
E o grande Sancho luz eterna deraõ,
E os claros descendentes, que no Mundo
Em virtude, & valor resplandeceraõ:
Mas deixando o passado, inda o profundo
Oriental mar, que vossas naos romperaõ,
E este que agora abrimos, verão glorias
Dos Portugueses, que honraraõ historias.

LIX.

Isto ouuindo o valente caualleiro,
Desejando saber cousas futuras,
Contame (disse) ò sabio companheiro
Desses heroes às altas auènturas:
Do p oruir, valeroso auentureiro,
Te direi o que sò por conjeturas
Sciencia alcançar pode inuestigando
O que os astros estaõ pronosticando.

LX.

Quando hum Sequeira em armas excellente
Gouernar o Indiano senhorio,
Infestarâ seus mares insolente
Melique Az feroz senhor de Dio.
O que ha de quebrantar forte, & prudente
Soberba tanta com heroico brio,
E quatro lenhos em naual peleja,
Diogo Fernandes se dirâ de Beja.

LXI.

Reformarâ o imigo a rota armada,
E vingatiuo com poder dobrado,
Ousarâ cometer noua jornada
Onde o rebaterá o Luso ousado:
Mas a morte cruel accelerada
Com rayo de hũa espera disparado
Romperâ o peito, quando o braço forte
Mais despreze o poder da mesma morte.

LXII.

Porem ocupará o lugar honroso,
E ao morto capitão dará vingança
Dom Iorge de Meneses, que famoso
Será em quanto no Mundo ouuer lembrança
O barbaro caudilho já medroso,
Perdido o valor, falto de esperança
Deixará com fugida vergonhosa
Entregue ao fogo a armada numerosa.

LXIII.

A estes seguirão varios conflitos
Entre a gente Cambaya, & Lusitana,
Atè que apòs de males infinitos
Se entregue Dio â força mais que humãna:
Alli escurecerão altos espritos
A illustre fama Grega, & a Romana,
Começando num Cunha illustre, & forte,
Que abaterá o poder, ao tempo, & â morte.

LXIIII.

Este fabricará a grão fortaleza,
Onde fará durar sua memoria
Manoel de Sousa, que o viuer despreza,
Por exaltar a Portuguesa gloria:
Iá cantar ouço em Musa Portuguesa
De Antonio da Sylueira heroica historia,
E parece que o vejo rebatendo
Os feros Turcos, Dio defendendo.

LXV.

Insignes duas matronas lá contemplo,
Adquirindo renome alto, & precaro,
Hũa de Amor, & fortaleza exemplo,
Outra piedade ostenta, & valor raro:
Estas illustrarão da Fama o templo,
E darão vida aos marmores de Paro,
E do Empyreo serão luzes mais bellas,
Que essas, que vemos lucidas estrellas.

LXVI.

Seguirá a nobre Veiga o claro esposo
Entre os perigos, & furor da guerra,
E serás Vasconcellos venturoso,
Seguindote dous Anjos cá na terra:
A famosa Anna em acto valeroso
Mostrará quanta fé, & valor encerra,
Verá o ferido filho já acabando,
E ao perigo estará outro animando.

LXVII.

Eternizará alli sua memoria
Lopo de Sousa celebre Coutinho,
Por quem adquirirão perpetua gloria
O Tejo, Guadiana, o Douro, & Minho:
Será admirando assunto da alta historia,
Luz aos que seguem immortal caminho
Fernando Penteado, & suas façanhas
Eterna inueja das naçoes estranhas.

LXVIII.

Alta dará tambem materia á fama
Dom Ioão Mascarenhas, cujo brio
Oposto a Rumecaõ, já Marte o aclama
Heroico defensor da illustre Dio:
Dom Fernando de Castro de entre á chámi
Atrás fará tornar o Turco frio:
E os tres irmãos Almeidas faraõ tanto,
Que daraõ aos por vir inueja, & espanto.

LXIX.

De hum Antonio Galuaõ, que heroe valente
Passará alem dos limites humanos,
Memorias duraraõ em quanto ardente
O planeta mayor dourar os annos:
Romperá de oito Reys a immensa gente
Com cento, & vinte rayos Lusitanos,
Alaga o sangue imigo a terra, & logo
De Tidore a cidade abrasa o fogo.

LXX.

De Araide a prudencia, & valentia,
Que acodindo a Chaul, Goa defende;
E do graõ Mascarenhas à valia,
Que do Nizamaluco o furor rende,
Bem aparada pena inda algum dia
Os feitos, que por hora mal comprende
Obseruaçaõ confusa, com profundo
Engenho escreuerâ, alegrando o mundo.

LXXI.

Virão os irmãos Sàs da foz do Douro,
Porque do alto valor, que nelles mora
O Turco trema, o duro Persa, & Mouro
E quantos vem primeiro à luz da Aurora;
A fama (que amaraõ, naõ prata, & ouro
A seus feitos darâ tuba sonora,
Deixando mil valentes inuejosos,
E muytos de imitalos desejosos.

LXXII.

Sebastião de Sâ na forte Dio
Ao fero Rume mostrara os quilates
De seu alto valor, & heroico brio
Que temeraõ o Ganges, o Indo, o Eufrates.
E là no Mauritano senhorio
(Cruel fortuna quanta gloria abate!)
Mostrarâ que temor nelle naõ cabe
E que inuito voltar atras naõ sabe.

LXXIII.

Pantaleaõ de Sâ naõ menos forte
Ormuz socorrerà no mór perigo,
Na cafraria foge delle a morte,
E em Ponda roto o exercito inimigo:
Verâ Salsete em duuidosa sorte
Que he mais de gloria, que da vida amigo,
E contarâ illustre, & eterna historia
Que seu raro valor deu a vitoria.

LXXIIII.

Se viras de Dom Paulo, illustre Lima,
As que naõ sei dizer facanhas claras
As que a Fama por vnicas sublima,
Nouo Marte por ellas o aclamaras:
Ou por naõ ter segundo a mór estima,
Deuer o mundo a seu valor julgaras,
Este será senaõ remunerado,
Aplaudido de todos, & inuejádo.

LXXV.

Tambem lá Tristão Vaz da Veiga inuicto
Socorrerá de Ormuz a fortaleza,
Rompendo por hum numero infinito
De armados lenhos com feroz braueza.
Manoel de Sousa em desigual conflito
Lhe ficará entre a barbara fereza:
A ajudalo o famoso Veiga torna,
E da vitoria aos dous o lauro adorná.

LXXVI.

Virá hum Sampayo só de fama ámigo,
Aquem Neptuno entregará o tridente:
O quanto ao mar dará sangue inimigo!
Quanto inimigo lenho ao fogo ardente!
E se me perguntais porque naõ digo
As acçoẽs de varaõ taõ excellente,
Direi que para entrar na menor parte
Já não alcança o engenho falta a arte.

LXXVII.

De Fernando Ximenes a piedade
Tambem azas dará, linguas á Fama,
O paternal amor, alta bondade
Que louua o mesmo Ceo, & o Mundo aclama!
Quando naufragio infando a crueldade
No mais brando, & mais pio peito inflama:
Tu polo amado irmão só das a vida
Por Deos, que o zelo prèza defendida.

Mas

LXXVIII.

Mas do valor de hum Sâ da graõ fortuna
Darâ o Indico mar eterno indicio,
E serà de Ceilão forte coluna,
No tempo que irâ toda em precipicio:
Este ós Ceos querem que às virtudes vna,
Exercendo feliz o heroico officio:
E se veraõ no illustre Constantino,
Em ser humano, asomos de diuino.

LXXXIX.

Despois que este com obras admiraueis,
Sendo de Asia terror, de Europa gloria,
De palmas, & trofeos inumeraueis,
Enriquecer o templo da memoria:
Terâ motiuos Luso lamentaueis,
De heroica si, mas lastimosa historia,
Que ao Mundo deixarâ sua illustre morte,
Com que a gozar irâ da melhor sorte.

LXXX.

Lourenço Pires, & Carualho inuejo,
Que o clarissimo auò representando,
Por tres vezes cair ao mar o vejo,
Co sangue illustre as ondas esmaltando.
E tres vezes sobir onde o desejo
De honra o farâ claro como quando
Vay saindo o planeta rubicundo
Do mar salgado por dar luz ao Mundo.

LXXXI.

Com rayos de façanhas resplandece
Rayo de viuo fogo nos effeitos,
E a fama dos antigos escurece,
Que naõ foraõ do tempo ás leys sogeitos.
Este eternas memorias offerece,
A seu raro valor, & hèroicos feitos,
Com que assombrando os inimigos fortes,
Oposto á morte multiplica mortes.

Mas

LXXXII.

Mas entre as glorias á que tenho inuéja,
Motiuo jâ de pena me lastima,
O Tejo chora quando o Ceo festeja,
Mascarenhas que à vida desestima,
Pórem se honrada morte se deseja,
Se em fim a honra â mesma morte anima,
Com razaõ dos honrados inuéjada,
Serâ de Dom Ioaõ a morte honrada.

LXXXIII.

O animo, cõstancia, & fortaleza
Dàraõ no Parseo seyo eterno espanto,
De Ruy Freire magnanimo que préza,
Buscar à fama com trabalho tanto,
Dos Persas Anglos, Belgas à braueza,
Quebrantada estarâ, & humilde em quanto,
Armado resplandece, o mar sogeita,
Este cujo valor Marte respeita.

LXXXIIII.

Obras diraõ que admiro juntamente
Quanto à presença de hum Botelho importe
Contra as naçoẽs rebeldes rayo ardente
Dos estados da India escudo forte.
Toda vejo que chora, & triste sente
Ver, que em seu dano ordena irada a morte,
Porque delle por vezes foi vencida,
Que o seu mesmo valor lhe tire a vida.

LXXXV.

De mais heróes o sabio lhe tratara
Ornato, & resplandor do mar do Oriente,
Se delicada voz naõ atalhara,
Que rompeo pelos ares tristemente.
Alterase o guerreiro, que julgara
Ser o grito de quem desditas sente,
E perguntar querendo ao companheiro,
Ouuem segundo grito, ouuem terceiro.

Ouuem

LXXXVI.

Ouuem logo mais vozes, & gemidos,
Que o silencio da noute interrompiaõ,
E entrando ao coraçaõ pelos ouuidos,
Mais se chegauaõ, mais, & mais feriaõ:
Aplica o sabio, atentos os sentidos,
A parte, (donde ão parecer) sahiaõ,
Por entre a confusaõ, que o Mundo cobre,
Terra em penhascos altos se descobre.

LXXXVII.

Aó guerreiro a mostrou, que com affeito
Piedoso o rogou, que ver quisesse
Quem com gritos feria o excelso teito
Que a obrigaçaõ pedia lhe valesse:
Etol naõ menos compassiuo o peito,
Onde de seu furor o mar se esquesse
O lenho guia, & com piedoso salto
A causa buscar vão do sobresalto.

LXXXVIII.

Fóraõlhe as vozes lastimosas guia,
E a luz que a irmã do Sol ao Mundo daua,
Que sem nuuens no Ceo resplandecia,
Quem triste as despedia lhe mostraua.
Os de Amor laços bellos offendia
Offendida belleza, que abrandaua
Com lagrimas o monte, & as estrellas
Feria com altissimas querellas.

LXXXIX.

Torna (dizia) serás mais piedoso,
Naõ vsando comigo de piedade,
Executa o mandado riguroso,
Se he que intentas guardar fidelidade,
Com razão teu senhor verás queixoso,
Eu com razão te acuso de impiedade,
Mas que sejas ordena o fado duro
Cruel comigo, & a teu senhor perjuro.

Assi

LXXXX.

Assi choraua, quando salteada
Se vio de Etol, & do guerreiro forte:
Vence a natural força, & acobardada
Todo o mal teme, se não jâ o da morte:
Mas sendo pelos dous assegurada,
Fâra inda que o rigor tema da sorte;
Brandamente a consolaõ; ella em tanto
De nouo torna ao lastimoso pranto.

LXXXXI.

Sousa se lhe offerece, & juntamente
De seu lamento a causa lhe pergunta.
Adoro aborrecida, naõ só ausente
(Disse ella) coa esperança hoje defunta:
Jâ quantas tem o Inferno penas sente
Meu peito, contra mi tudo se ajunta,
Que tanto a ser cruel a sorte chega,
Que me dâ males, & morrer me nega.

LXXXXII.

Naci nobre em Siaõ, naceo comigo
Amor, que foi crescendo com a idade,
Que desde infeliz berço amei o imigo,
Que inda offendida adora está vontade.
E tambem tenro infante, quando amigo
Me era o Ceo, me rendeo a liberdade
Esse, que de matarme tem desejo,
Por quem viui, por quem morrer desejo.

LXXXXIII.

A idade pueril juntos gozamos,
Bem que annos juuenis despois negaraõ,
Para vernos quais traças não achamos,
Despois que os pays cuèis nos apartaraõ?
Quais sobresaltos, & ansias naõ prouamos,
Quando darme por dono outro intentaraõ,
Ate que amor, & fè puderaõ tanto,
Que o laço nos ligou de Hymeneo santo.

Em

LXXXXIIII.

Em tanto bem Batraõ (que assi se chama
Meu consorte enganoso, ou enganado)
Por valer a Malaca, & ganhar fama,
Passou o campo azul de naos arado:
Fiquei qual fica ausente quem bem ama,
Quando (naõ tinha cuido o mar passado)
Seruo, que por fiel sempre foi tido,
Tornou de parte do cruel querido.

LXXXXV.

Na carta que o mensage acreditaua,
Morrerse de saudades me dizia
Fingindo, & que mostrasse quanto o amaua
Passando o mar, se vida lhe queria.
Eu, que só velo sempre desejaua,
(Iulgai, que gosto o meu entaõ seria)
Vamos (disse) lá donde a vida tenho:
E incauta os pés meti em falso lenho.

LXXXxVI

Eraõ os nautas de região estranha,
E quem em mi leuassem naõ sabiaõ,
E bem cuydo q̃ foi discreta manha,
Porque dizer de mi naõ saberiaõ:
Tomaraõ terra ao pè desta montanha,
Adonde feras sò bramar se ouuião,
Auia em tudo o mais silencio mudo,
E cobria a nocturna sombra tudo.

LxXXXVII.

Com engano me fez saltar em terra.
Iá apartados da praya, & do nauio
Do peito o duro intento desencerra,
Tirando a espada com furioso brio:
Dizendo: Bem que julgue indina guerra:
E troncar sinta de tua vida o fio,
Perdoa, Glaura; mandato he riguroso
De meu senhor, & teu marido iroso.

Eu

LXXXVIII.

Eu quasi morta, misera tremendo,
A causa preguntei de minha morte.
Naõ sei (me respondeo) & o braço horrendo
Contra fraco poder leuanta forte:
A vida aborrecida aborrecendo,
O peito descobri, & disse: Corte
A dura espada o cóllo, passe o peito,
Em toda a sorte sò a Catraõ sogeito.

LXXXIX

Por elle, naõ por mi amaua a vida;
E pois elle a aborrece, eu a aborreço
Laço de Amor a tem com elle vnida,
Sua he, como sua lha offereço:
Que foi sua sentença obedecida
Com gosto, lhe dirás, ver que padeço
Por gosto seu, & que elle assi o ordena,
Basta a fazer suaue minha pena.

LL.

E a teu senhor, & meu affirma, quando
Ante elle tornes, que de mi offendido
Nunca foi, & que nelle idolatrando
O adoro, inda offendo sor endurecido.
Assi disse, o mortal golpe aguardando;
Injusto tanto, quanto obedecido
Quando o que já a ferirme se aplicaua,
Vi que o ferro da mão cair deixaua.

LLI.

E com alma piedosa, & compassiua
Disse: Naõ sofre o peito que te offenda:
Nem está em minha mão deixarte viua;
De mi tua inocencia te defenda:
Naõ me he menos, que ati a sorte esquiua;
Porque o dia que meu senhor entenda
Que mais piedoso fui que verdadeiro
Será de minha vida o derradeiro.

Pois

LLII.

Pois darte á morte o Ceo o naõ permitã,
Que ati tambem te tiue por senhora,
Mas ser aos dous fiel se facilita,
Se a ley guardares, que te der agorá.
A perpetuo desterro necessita,
Mas pode o Ceo dispor que inda algum hora
Claras as cousas, vos vejais vnidos,
E me sejais os dous agradecidos.

LLIII.

Só que a vida conserues de ti quero,
Oculta ou peregrina, porque chegue
Só de tua morte a fama ao esposo fero,
Em quanto a opiniaõ errada segue:
Assi disse. Mas eu, que naõ espero
Iá da vida algum bem, que o ferro empregue
Em mi lhe peço, & aquella cortesia,
Que estimaçaõ merece, me offendia.

LLIIII.

Assi pedia a morte, & assi a negaua,
Quem dar â triste vida fim deuerá;
Eu por a dar âquelle que o mandaua,
Elle indina julgando a tençaõ fera:
E como já determinado estaua,
Que eu delle a vida aceite naõ espera;
Só me deixa, dizendome a) deixarme,
Podes naõ te ocultar, eu desterrarme.

LLV.

Atè a praya o segui, mas qual o vento,
Partio voando no infiel nauio,
Lagrimas de meus olhos cento a cento
Ao mar mandaraõ caudaloso rio:
Com gritos penetrei o firmamento
Mil vãos queixumes dando ao vento frio,
Ao tempo que chegastes, onde agora
Males minha alma sem remedio chora.

Os

LLVI.

Os astros contemplando. Etol em tanto
Que a escutaua, lhe disse, as luzes bellas
Enxuga, illustre Glaura, que a teu pranto
Fim ditoso prometem as estrellas:
Ir comnosco te importa, deixa tanto
Inutil suspirar, & vãs querellas,
Vem, Malaca verâs em tempo breue,
Que ao pensamento imita o lenho leue.

LLVII.

Anda senhora (Sousa disse) & fia
Que quando os astros faltem, esta espada
Naõ faltarâ, & te farâ num dia
Iuntamente inculpauel, & vingada.
Ella, que a Etol ouuio que a leuaria
Ao aureo assento, disse: Confiada
Na promessa, que he o mais de nobre peito,
Vos sigo, & ao valor vosso me sogeito.

LLVIII.

Entraõ no barco os tres que pela amara
Lagoa se resuala no Horizonte,
Em tanto de Hyperion a filha chara
Iá descobria a rubicunda fronte.
Vendo Sousa a luz bella disse: A clara
Esposa de Titon sae là defronte,
As estrellas do Ceo desaparecem,
Em mar, & terra as cousas se conhecem.

LLIX.

Mas dizeime: Que costa vendo estamos,
Que bem de ti que alcanças tudo entendo?
Quanto (Etol lhe responde) nauegamos
Nota em que a graõ Camboja estamos vendo;
Ilhas mil para a parte Austral deixamos,
E para donde o Sol se vem erguendo,
Que assi ocupaõ o Neptunino assento,
Como as estrellas o alto firmamento.

LLX.

Atrâs fica, onde faz a terra ponta.
A populosa hum tempo Cingapûra,
Cresceo Malaca com seu dano, & afronta,
Que tambem hoje está pouco segura.
A tudo toma o tempo estreita conta,
E pèza nas balanças da ventura,
Que sobindo, & baixando sem firmeza,
De todo o estado mostraõ a incerteza.

LLXI.

Pão, & Patàne com Ligor se estende
Na costa que dali corre a Calisto,
E os mais lugares que Siaõ comprende
Atè onde o Menaõ vés com Tethis misto:
Sae do lago Chiamai, & a terra fende
De varios reynos, & prouincias visto,
Tambem seus dous irmãos por quem florecem
Os Pégus, & Bengallas, se enriquecem.

LLXII.

Daquî perto a Mecón atras deixamos,
Tem como o Nilo inundaçoẽs crescidas,
As causas dellas nunca as alcançamos
Que inda as tem para nòs Deos escondidas
Do Campa a costa agora nauegamos
Das plantas adornada, enriquecidas
Do odor suaue, que entre os bõs se estimá,
Que o coraçaõ conforta, alegra, anima.

LLXIII.

Eis dá China começa aqui a grandeza,
Que com ser tanta, se cercou de muro,
De ser filho do Sol seu Rey se prèza,
O fundamento disso não apuro:
Mas em guardar justiça, & inteireza,
Em ser em seu gouerno recto, & puro,
Em castigar o mal, & o bem premiarse,
Bem de filho do Sol pode prezarse.

LLXIIII.

Eis lá Cancij á mão esquerda fica,
E Cauchinchina mais para o Ponente,
E temos ao Leuante a grande, & rica
Ilha Lyconia em ouro florecente:
Olha a grande Cantaõ que já edifica,
Onde dar nobre hospicio á vossa gente,
Que já no reuoluer dos astros vejo
Render tributo o Betampina ao Tejo.

LLXV.

Se em dizerte as grandezas me ocupara
Deste opulento imperio, considera
Que tres vezes o Sol se nos mostrara,
E no Ocaso outras tantas se esconderá;
E não lhe dera fim, ò gente rara
se o dador de bẽs tantos conheceras!
Porem pois o mayor dos bẽs lhe falta
Na abundancia mayor, de tudo he falta.

LLXVI.

Mas virá tempo que esta neuoa escura
O piedoso, & diuino Sol desfaça,
E a merce tanta, grata com fè pura,
E com deuido culto satisfaça.
E o Iapaõ donde ha tanto tempo dura
A cega idolatria, a ley da graça
Receba inculta terra cultiuada,
E co sangue de martyres regada.

LIVRO VIII.

ARGVMENTO.

DE Titonia ao Alcaçar Souſa chega
Com Etol, donde encontrão Mello triſte,
Garcia namorado, mas entrega
As redeas á razão, à Amor reſiſte.
Chora a bella Titonia de Amor cega,
E auſente, de adoralo não deſiſte,
Até que a alma em purpura veſtida
Lhe arranca quem ſem ella não quer vida.

I.

ASsi vaticinando Etol, dizia;
E o lenho pelo liquido elemento
Reſualando ligeiro diſcorria
Imitador do leue penſamento:
Atras deixando a China, quando o dia
Declinaua, acalmou o amigo vento,
Que daua força á vella do nauio,
E ſe acharaõ na foz de hum freſco rio.

II.

E posto que na entrada pedregosos
Rochedos se leuantão dentro ficão
Amenos valles, campos espaçosos,
Que a cultiuar seus naturais se aplicão.
Alli angelins, & sandalos cheirosos
Parte das agoas cobrem, & publicão
Por entre as verdes folhas seus amores
As aues com suauissimos clamores.

III.

A região (disse o mago) já chegamos,
Que os nossos caualleiros nos encerra,
E conuem que depressa os pès mouamos
Atè chegar ao cume dessa serra:
E porque a parte ignoras, que pizamos,
Saberâs que esta rica, & fertil terra
Tem a bella Titonia por senhora,
Que se manda chamar filha da Aurora.

IIII.

Prezase hoje de ter por ascendentes
A Iupiter, Electra, & Laomedonte,
E a Titon, que amorosos acidentes
Na Aurora acende no Troyano monte:
Gèrou este a Memnon, que entre os parentes
Por Troya a vida deu, & Eurymedonte,
Que lâ naõ foi por ser de pouca idade,
E a mãy despois da guerra dissuade.

V.

Elle chorando o fraternal sucesso
Nestes montes, que saõ limite, & muro
Entre a China, & Catai, o triste excesso
Da mãy imita num silencio escuro.
Despois seus descendentes no progresso
De annos o reynò estendem, & co duro
Exercicio das armas sojugaraõ,
Alem do Brema, & Cambalù fundaraõ.

Ouue

VI.

Ouue nó reynó varios ſucceſſores
Deſta illuſtre aſcendencia, & reyna agora
Titonia, que sò os aſperos rigores
Deſtes montès amaua caçadora:
Aborrecèndo o Amor dinos amores
Deſprezaua de Reys, porem já chora
E ſentirâ de Amor penas immenſas,
Que vinga Amor nũ ponto annos de offẽſas.

VII.

Tirou de hum lio em quanto àſsi dizia
(Conforme ao Catai vſo) dous veſtidos,
Que para aquelle effeito já trazia
Anteuendo o por vir apercebidos:
Eſtes (diſſe) viſtamos, que ſeria
Certo o perigo, ſendo conhecidos
Da gente de Titonia, que cioſa
Vigia amante, & teme receoſa.

VIII.

E a Glaura diſſe: Aqui ficais ſegura,
Bem da falta do ſono reſtauraruos
Podeis, que antes que fuja a ſombra eſcura,
Tornaremos, ſenhora, a acompanharuos.
Ella lhe reſpondeo: Queira a ventura,
Ou queira o Ceo, que pode ſò guardaruos,
Que eu como já cheguei ao mór eſtremo,
Tendo perdido tudo, nada temo.

IX.

Aſsi dizendo o ſabio, o barco ataua
A torcida raiz de hum tronco antigo,
E por hum valle acima, que lhes daua
Com baſtas ramas encuberto àbrigo,
Sobiraõ, quando já no Ocaſo entraua
Da bella Leucothoe o claro amigo,
A quem a eſcura noute ſucedendo,
Enuoluco tudo no ſeu manto horrendo.

X.

Desaparecem logo os Orizontes
Nas estrellas refletè a luz alhea,
Por verdes campos, & silvestres montes
Apenas o silencio se ménea:
Sòmente murmurar se ouuem as fontes,
Porem sem dano alheo senhorea
O sono os animais, pondo aos humanos
Em doce esquecimento bẽs, & danos.

XI.

Encubertos cõa noute em fim chegarão
Ao cume do alto monte, onde assentados
Do passado trabalho descansarão,
A dous frondosos freixos encostados:
Alli de nouo o modo praticarão,
Que auião de guardar, despois de entrados
Na casa, que em grandeza, & lauor rara
O antigo Eurymedonte edificara.

XII.

Algũs meses do anno era habitada
Da formosa Tironia, que o respeito
De ser de caça a terra pouoada,
Fazia aos Reys aquelle sitio aceito.
Descansados os dous â grão portada,
Em fim chegarão do soberbo teito,
Em cujo sagoão regio hum lume ardia,
Que contra a noute conseruaua o dia.

XIII.

Cem monteiros de guarda lhe assistião,
Que tinhão âs paredes arrimadas
Cem fortes astes, que resplandecião
Com pontas por Vulcano fabricadas,
Nas portas com a clara luz se viaõ
Amorosas historias entalhadas,
Entre Aurora, & Titon no monte de Ida
Da formosura juuenil vencida.

Da

XIIII.

Da grande Troya ao pé do mõte estana
A maquina soberba, o claro Xanto
Os Apollineos muros rodeaua,
Rompe Sintois do campo o verde manto,
Titon as feras perseguir mostraua,
E a fuga dellas por temor, & espanto,
Por entre os aruoredos, & espessura
O primor, & vineza da escultura.

XV.

Representa outra parte o marchetado
De ouro, aljofar, estrellas, prata fina,
Carro da Aurora, & nelle o amante amado,
A cujo ardente Amor cega se inclina.
Descuydada de si, perde o cuydado
De abrir a porta ao dia só imagina
Como melhor segure a amada prendá
De seu receyo, & amor doce contenda.

XVI.

Quatro caualos pelo fresco vento
Candidos, & purpureos da Alua amante
O carro conduzindo, là no assento
Dourado paraõ no vltimo Leuante.
Aquelle dia, & dizem que outr,os cento
Visto naõ foi o Auriga rutilante
Que como a Aurora as portas não lhe abria,
Por entre nuuẽs arrojaua o dia.

XVII.

Desdo saguaõ o mago, & Sousa entraraõ
Num patio de soberba arquitectura,
E no fim delle o inuicto Mello acharaõ,
Do charo irmão sentindo à morte dura:
Cujo illustre cadauer encerraraõ
A tarde antecedente em sepultura,
Posto que inculta, rara, & suntuosa,
Obra da natureza artificiosa.

XVIII.

No meyo daquelle aspero rochedo,
Em que bate contino o mar furioso,
E com boca de serras, & aruoredo
Beija a Amphytrite o rio caudaloso:
Representa Pyramide hum penedo
Alto, & por natureza cauernoso,
Ou por obra do tempo, que bem basta,
Para abrir pedras quem memorias gasta.

IX.

Este fizeraõ funeral erario,
Do defunto valor, aquem sò a morte
Vencer pode ajudada do contrario
Destino, mais que ferreas armas forte:
E abriraõ no fiel depositario
Este epitafio declarando a sorte
Contraria do guerreiro soberano
No Catai idioma, & Lusitano.

XX.

Este penedo, ò peregrino, encerra
O Lusitano Mello, a que era estreito
Para tanto valor o mar, & a terra,
Das cem lingoas da Fama dino objeito:
Deixou a patria amada pela guerra,
A riscos, & trabalhos pos o peito,
Deulhe o mar de Catai a morte dura,
Este aspero rochedo a sepultura.

XXI.

Em tanto que estas funebres memorias
Ao triste caualleiro magoauaõ,
Lá dentro aos q̃ entretem mundanas glorias,
Musicos instrumentos discantauaõ,
Ao som delles de Amor altas vitorias
Quatro acordadas vozes celebrauaõ,
Era dá bella Cytherea o canto,
Que amou de Myrrha o bello filho tanto.

Canta-

XXII.

Cantaraõ deſpois diſto Galatea,
Entre os braços de Acis reclinada,
E que Triuia o Ceo deixa, & ſe recreà,
Do ſeu paſtor prezando verſe amada:
Como a Borcas o Amor afuria enfrea,
E a Iupiter mitiga a chamà irada,
Acende o graõ tridente, & como dentro
Plutaõ ſogeita no Tartareo centro.

XXIII.

Das vozes a brandura, o tom ſuaue
Os mais rebeldes peitos moueria;
Porem de Mello o ſentimento graue
Fazer tregoas coa dor naõ conſentia:
Os goſtos foge, & faz que mais ſe agraue
A pena, que ja na alma naõ cabia,
Souſa aduertido entaõ do companheiro,
Chegou, & reprendeo aſsi o guerreiro.

XXIIII.

Deixa eſſe ſentimento afeminado,
Chora o tempo, que perdes ocioſo,
Que deſte differente era o cuydado,
Que a paſſar te obrigou o mar furioſo.
Quem es tu, (reſpondeo Mello indinado)
Que ſem razão reprendes riguroſo,
Que ſinta do perdido irmão a ſorte,
Quando sò, que ſentir me deixa a morte?

XXV.

Não deues tu ſaber quanto aborreço
A ſempre pouco honroſa ocioſidade,
E a pena que me alcança, & o que padeço
Porque hoje vſar naõ poſſo da vontade:
Souſa lhe reſpondeo: Eu me offereço
A porte ati, & aos mais em liberdade,
Onde o forte Albuquerque vos aguarda,
Que em dar principio â guerra por vos tarda.

Por

XXVI.

Por cõselho, ò inuictos caualleiros
De hum varaõ sabio, que o por vir entẽdè,
Atè se acompanhar de tais guerreiros,
De Malaca o castigo se suspende:
Auisa, ò Mello illustre, os companheiros,
De quem o valor Luso sò depende;
Albuquerque vos chamã, eu por vos venho;
Embarcaçaõ segura, & breue tenho.

XXVII.

Leuou com alualoroço entre seus braços
Mello o guerreiro delle conhecido;
E duplicara os amigaueis laços,
Mas do prudente mago foi detido:
Deixai para outro tempo esses abraços,
Naõ seja nosso intento preuertido,
Disse; o tempo que voa aproueitemos;
Que passado hũa vez mal cobraremos.

XXVIII.

Assi he; (disse Mello) mas o gosto
De hum bem naõ esperado, o peito altera;
E sò o que em veruos sinto meu desgosto
Irremediauel mitigar pudera;
Porem para què vosso presuposto
Contiga o effeito, què Albuquerque espera
Darei àquelles companheiros conta
Na delicia da casa què os afronta

XXIX.

Aqui nella achareis de amor escrauo
Garcia idolatrando hum brando objeito,
Fazendo àquelle heroico intento agrauo,
Que concebido tinha o nobre peito:
Porem naõ porque tanto o caso agrauo,
Presumais della incontinente effeito,
Que atègora Titonia, quanto amante,
Foi guarda a seu decoro vigilante.

Com

XXX.

Com laço de Hymeneo atarse intenta
No que atègora mostra,& jâ o fizera,
Mas as leys differentes o que assenta
Amor alteraõ, & assi tempo espera,
Mas como a ley de Amor he ley violenta,
Que nunca inconuenientes considera,
Naõ sei, não vindo vos, no que parará,
E se o casto desejo se trocara.

XXXI.

Que posto que em Garcia pensamento
Não vi, que o casto, & puro amor offenda;
Ou que respeito vença o atreuimento,
Ou razão o apetite vença, & prenda:
Naõ sou eu de arriscar o entendimento
A erros, que incapazes saõ de emmenda
Despois de cometidos, pois sabemos
Que Amor naõ pâra, atè chegar a estremos.

XXXII.

Assi dizendo, entrou là dentro a donde
Em aprazineis jogos despendião
As horas, em que a sombra o Mũdo esconde,
Què em silencio o ligeiro pay seguiaõ.
Com a cea, que em tudo corresponde
A grandeza real, jâ então cobriaõ
As suntuosas mesas os criados
De antigos mestres salas gouernados.

XXXIII.

Admirana da casa o illustre ornato,
E dos aparadores a riqueza,
A fragancia, do Ceo quasi retrato;
E do trato politico a estranheza.
Era igual em magnifico aparato
No modo, no concerto, & na grandeza
Ao grão banquete das historias dino
Da bella Egypcia ao vencedor Latino.

Senta-

XXXIIII.

Sentaraõse Catais, & Lusitanos.
E em cabeceirá a clàra descendente
Da Aurora, cujos olhos soberanos
Docemente inspirauaõ fogo ardente:
E se da liberdade eraõ tyranos,
Garcia diga o que no peito sente,
Nem tinha menos fogo ella no peito,
Que se acendia, vendo o âmado objeito.

XXXV.

Ficou Mello, ou que fosse industria, ou sorte
Assentado entre Lemos, & Coutinho,
E o què passara lhes contou, co forte
Sousa, & à causa de seu graõ caminho,
E proseguiò: Honroso intento he o Norte,
Què seguimos, deixando o patrio ninho;
Este nos leuè là dònde nos chama
A honrosa empreza, & nos conuidà a Fama.

XXXVI.

Entendeo Villàlobos que defronte
Ficaua o caso, & disse: Quem duuida
Partirse antes que èste ocio mais afronte
O credito, por quem se arrisca a vida?
Isto confirmaõ todos, & na fronte
De qualquer delles fora conhècida
A tençaõ, se Titonia bem notara,
E os sentidos Amor naõ lhe cegara.

XXXVII.

Aquella cea esplendida acabada
Se enchco do licor puro (que recrea
Confortando) hũa taça coroàda
Das flores com que a Aurora a fronte arrea:
Nas mãos a toma a bella namorada,
Que de si mesma por amar se alhea,
E conforme ao gentilico costume
Assi a Aurora inuocou, & o diurno lume.

Diua

XXXVIII.

Diua, que o Mundo alegras precursora
Do lume eterno, que dâ luz ao Mundo,
Fauorece os intentos, clara Aurora,
Em que minha esperança alegre fundo:
E tu, aquem deuota Delo adora
Claro da noute imigo alto, & jocundo,
Se inda Daphne te custa pensamentos,
Ampara, & fauorece meus intentos.

XXXIX.

Disse; & logo à fermosa, & doce boca
A rica taça, & puro vinho aplica,
E despois que o licor sabroso toca,
Deixando a taça de mil graças rica,
A passou a Garcia, aquem prouoca
A amorosos furores, que publica
Hum desusado modo de inquietarse,
Porque naõ pode o amor dissimularse.

XXXX.

Tambem para os mais hospedes trouxeraõ
Coroadas taças do licor precioso,
E satisfeitos dali algũs se ergueraõ
Por darse ao sono, dom dos Ceos sabroso:
Recolheose Titonia, & naõ perderaõ
Tempo os guerreiros, que onde cuydadoso
Sousa esperaua, & o sabio companheiro,
Encaminhaõ o amante caualleiro.

XXxXI.

Saelhe ao encontro o valeroso Sousa,
Industriado do prudente mago,
E disse: Aparecer ver o Sol ousa
Quem padece na fama tanto estrago?
Como teu brauo coraçaõ repousa
Em ocio afeminado, quando lago
De sangue jâ Malaca ser deue ra
Por teu valor, que o Luso bando espera?

A reprẽ-

XXXXII.

A reprensaõ confuso, & jâ alterado
O caualleiro responder queria:
Mas proseguindo Sousa, o venerado
Sinal da redençaõ lhe descobria:
Dizendo: O illustre intento aqui ha parado,
Que com fè tanta o largo mar abria
Deste final diuino taõ deuoto,
Que era morrer por elle o menor voto?

XXXXIII.

Tu, que te prometias fazer tanto,
Que nos reynos da Aurora se adoraſſe
A diuina Ara do Cordeiro santo,
E que templo atè o Chim lhe edificaſſe:
Em voluntario pouco honroso encanto
Naõ sentes que ligeiro o tempo passe?
Vão teu desejo idolatrando adora
Na que se faz chamar filha da Aurora?

XXXXIIII.

De Christo prometeste ser guerreiro
Não de Amor, queem ti poem nodoa taõ fea
Acorda, namorado caualleiro,
Do sono, que de teu valor te alhea:
Resuscite o desejõ, que primeiro
Ardeo nessa alma entaõ de fè taõ chea,
Vamos onde Albuquerque ati só aguarda,
E o Ceo vitorias mil para ti guarda.

XXXXV.

Vista a Cruz santa do guerreiro amante,
Do reprensor se humilha aos pès choroso;
Quanto o verse acusado de inconstante,
Confuso o deixa triste, & vergonhoso:
Calou hum pouco; mas passando auante
Sentimentos daquelle erro amoroso,
Em gemidos rompeo, & gritos dera,
se o lugar, em que estaua, o concedera.

Qual

XXXXVI.

Qual desfazêr costuma o Sol a neue,
Que o frio congelou do largo Inuerno:
Tal da Cruz santa aquella vista breue
Em pranto lhe desfez o mais interno:
E disse: Como erguer olhos se atreue
A vos, chaue do bem que dura eterno,
Aquelle a que tão facilmente inclina
Mais a belleza humana, que a diuina.

XXXXVII.

Como farei, ó Cruz preciosa, emmenda,
Que a incomparauel culpa em parte iguale?
Como farei què lastimado a entenda
Sòmente o coraçaõ, & ao Mundo a cale?
Que façanha obrar posso, que defenda
Que liure em meu defeito o Mundo fale?
O se logo daqui fugir pudera,
Que da culpa fugi tambem differa!

XXXXVIII.

Contrito assi chorou, quando animado
De Sousa foi, com lhe dizer adonde
O nauio fatal deixara atado,
Que a seu veloz desejo corresponde.
O que elle ouuindo, disse enuergonhado:
A partida apressai, de mi disponde.
Naõ percdem tempo: partem logo; ay quanto
Fica a Titonia sentimento, & pranto!

XXXXIX.

Por porta oculta, que tal vez deixaua
Ora o cuydado, ora o descuydo aberta,
Fogem, & mal em tanto repousaua
Titonia, mal durmindo, & mal desperta.
Andar junto de hum rio entaõ sonhaua,
E correr pela esteril, & deserta
Area em vão, porque beber queria,
E como a Tantalo, a agoa lhe fogia.

A grande

L.

A grande pena ó coraçaõ no peito
Lhe estreita assi, que despertou gritando,
A voz retumba no dourado teito,
A gente em sono enuolta despertando:
Cérca a familia feminil o leito,
De tanto grito a causa preguntando,
Ella suspira, & diz: Graõ mal me aguarda,
Que em sonhos jâ me aflige, & me acobarda.

LI.

Naõ tarda o mal, que ao ponto dous monteiros
Dos que a empraçar a caça madrugaraõ
A fugida dos inclitos guerreiros
A bella & triste amante reuelaraõ:
Julga Titonia os sonhos verdadeiros
Dos olhos fontes viuas lhe brotaraõ,
E como na alma o dardo de Amor sente,
Do infausto leito salta impaciente.

LII.

Gritando em fim descalça, se vestida
Apos o amado ingrato sae correndo,
Sem reparar, da grande dor vencida,
No credito que arrisca, ou vai perdendo,
Jâ neste tempo a Aurora, despedida
Do amante esposo, vinha apparecendo;
Parou ella entre a gente que a seguia,
E assi se queixa à que abre porta ao dia.

LIII.

Rubicunda deidade aquem adoro,
Clara do claro dia precursora,
Naõ consintas que offendaõ teu decoro
Em mi, que máy techamo, bella Aurora:
Ah naõ se diga que te vejo, & choro
E que me deixas em tristeza agora
Que o Mundo alegras, sendo a confiança,
Que em ti pus vã, & vã minha esperança.

LIIII.

E se o chamarme descendente tua,
Naõ saõ do Mundo fabulas sonhadas,
Hoje se mostre, impede a tençaõ crua
Que deixa minhas ansias enganadas.
Assi o Ceo vida a Memnon restitua
Pelas lagrimas bellas derramadas
De teus olhos, que enxuga a luz do dia,
Aquem jâ as minhas fazem companhia.

LV

Naõ disse mais, que a pressa, & grande pena
A mais larga oraçaõ lugar naõ dauaõ:
O monte desce em quanto a luz serena
Com canticos as aues saudauaõ:
A praya chega, & nella Amor lhe ordena
A execuçaõ dos males, que a esperauaõ;
Partir o barco vè; ay fera vista!
Quem auerâ que a tanta dor resista?

LVI.

Jà entaõ vinha saindo o graõ planeta,
Quieto estaua o mar, calma era o vento:
E qual soe pelos ares veloz seta,
Rompia o lenho o liquido elemento.
Conhece os fugitiuos, & indiscreta
Rendida, quanto à Amor â seu tormento,
Disse gritando: Foges, inimigo?
Mas do Ceo mais ligeiro he o castigo.

LVII.

Deoses, cujo poder he immenso, & eterno,
Do crystalino assento moradores,
E os que tendes do mar largo gouerno,
E quantos sois na terra habitadores:
E vos que lâ imperais no escuro Inferno,
E castigais de ingratos os rigores,
Pois justos sois, à pena que me alcança
Guardai justiça, concedei vingança.

LVIII.

Ati, Nemesis vingadora inuocó,
E a vos negras irmãs, ministras de ira;
Que bem cuydo que a lastima prouoco
Inda a mesma impiedade, que odio inspira.
Deste por quem em pena a gloria troco,
Açoute viperino o peito fira,
E perseguido seja como Orestes
Odio a si mesmo, a humanos, & a celestes.

LIX.

O Tethys, bella mãy da bella Aurora,
Tu, que es se a (antiga fama naõ me mente)
Da casa de Titon progenitora,
Doete de tua afligida descendente:
O humido pouo, que em teu reyno mora;
Contra o perfido incita, o graõ tridente
Embeba nelle o dino teu consorte,
Posto que indino de taõ nobre morte.

LX.

Fique entre lodo, & limos sepultado,
De Malaca não chegue a ver a terra;
E quando vella lhe conceda o Fado,
A treição morra na primeira guerra.
Porem que digo? Amor he sò o culpado
Que cego infante sempre os golpes erra:
Do peito me roubou a liberdade,
E ao perjuro deixou liure a vontade.

LXI.

Mas triste, que deidade o fauorece,
E contra mi por elle se conjura?
O mar tranquillo, & brando se offerece,
Presos os ventos na prisaõ escura,
E da vista o batel desaparece?
Ah deoses inimigos! sorte dura!
Não vos mostreis em tudo rigurosos,
Daime a morte sereis tambem piedosos.

Neste

LXII.

Neste tempo vencendo a dor penosa
O espirito que infunde aos membros vida,
Perdeo o bello rosto a cor de rosa,,
E caira a naõ ser dos seus sostida:
Cercou a a turba feminil chorosa,
Imaginando todas ter perdida
A natural senhora, & gritos dauaõ,
Que valles, & cauernas ajudauaõ.

LXIII.

Chegou da bella quanto triste amante
A vida quasi ao derradeiro fio:
Vsaõ remedios mil, nenhum bastante
Para curar de Amor o desuario:
Era o malaõ da morte semelhante,
Cobre o pallido rosto hum suor frio,
A luz se turba de hũa, & de outra estrella,
Mas neste estremo por estremo bella.

LXIIII.

Assi o vital espirito suspenso,
A nobre casa em braços a leuaraõ,
E com piedosa dor, pezar immenso
Mais actiuos remedios lhe aplicaraõ:
Em tanto aquelle sentimento intenso,
Por quem as vitais vias se cerraraõ,
Fez termo, & recebendo alento o peito,
Ferio com gritos o estrellado teito.

LXV.

Do mortal paralisimo em si tornada,
Se alegrão todos, ella solluçando,
Os olhos baixos como enuergonhada,
No amoroso excesso imaginando,
Ora amor sente, ora a paixão mostrada,
E o caso com razão considerando,
A desesperaçaõ lhe acende a ira,
Iâ por vingança, já de amor suspira.

LXVI.

O dia todo passa entregue ao pranto,
Tambem chorosa, a noute naõ sossega,
E lhe ordenaua o mesmo Amor em tanto
Fim, mas fim triste ao mal, a que se entrega.
Na grande Corea do Iapaõ espanto,
A quem a paz ha largos annos nega,
Rey naua Iuculano aos seus aceito,
E a fermosa Titonia no seu peito.

LXVII.

Desejoso de ver, & de mostrarse
Nos jogos, que celebra bellicosos
Catai aos deoses vãos, em que ajuntarse
Os guerreiros costumaõ mais famosos.
O mar passou, & quando à assinalarse
Se apercebe entre tantos valerosos,
Delle triunfa Amor, que em toda a parte
Ostenta mais poder Amór, que Marte.

LXVIII.

A clara filha da luzente Aurora
A ver as festas a hum balcão sahia,
Qual a fermosa mãy na alegre hora,
Que o Mundo alegra, dando passo ao dia.
A fermosura estranha o Rey adora
Admirado, & contente do que via,
Todo o suspende hum amoroso encanto,
E a amada liberdade perde em tanto.

LXIX.

Intenta tudo quanto Amor ensina
Por ter da bella amada o bem de esposo,
Mas dura estrella, que a rigor a inclina,
Ao passo que era amante, o fez odioso.
Felice em seu desprezo outro imagina,
Que viue quem bem ama, receoso,
Hum, & outro cuydado o inquietaua,
E em amorosas iras se abrazaua.

Nestas

LXX.

Nestas ansias chegou voando a Fama
Da suspirada ingrata exagerando
O mal fundado amor; ò quanto a flama
Dos ciumes, & Amor crece abrazando!
Ingratissimo a Amor mil vezes chama,
E à que desesperado estâ adorando,
Geme, suspira, chora, & naõ descança
Abrazado em desejos de vingança.

LXXI.

Iâ condenando o longo sofrimento.
Se embarcou com trezentos escolhidos,
E dando vella ao fauoravel vento,
Ao Catai porto chegaõ naõ sentidos:
Dali sobem ao celebre aposento,
Todo reuolto em choros, & gemidos;
Era entaõ alta noute, & de repente
Entrão ferindo a descuydada gente.

LXXII.

Confusas vozes com estrondo horrendo
Por bobedas, & teitos retumbauaõ,
Defendiãose algũs, outros temendo
Onde choraua à triste amante entrauaõ:
Ella o rumor ouuindo, & fugir vendo
Os que guardar a vida procurauaõ,
Tomou hum dardo forte, & generosa
Corre onde a confusaõ era espantosa.

LXXIII.

Gritando vinha o brauo Iuculano
Aos seus, que â amada ingrata respeitassem,
E âquelle, que era causa de seu dano,
Prender, ou dar a morte procurassem:
Quando destino cruel ao bem tyrano
Quiz entaõ mais cruel, que se encontrassem
Num corredor escuro, donde a vida
Troncou incautò delle mais querida.

LXXIIII.

Ella có dardo passa o escudo forte
Do Principe infelix, que a fera espada
No peito lhe escondeo envolta em morte
Lá donde era de Amor doce morada:
Cae a infelice como o quer a sorte,
E assi disse, esforçando a voz cansada:
Sejas bem vinda, ò morte hoje piedosa,
Fim desejado a vida tão penosa.

LXXV.

Fere no coraçaõ do amante irado
A delicada voz, & logo teme
A desdita mayor acobardado
De sua máfortuna, & triste geme:
Correm com luzes hum, & outro soldado;
Seu dano reconhece, & vendoo, treme
O coraçaõ, feroz no peito ardente,
Que jâ males da morte, & de Amor sente.

LXXVI.

Brotar o sangue vè do aberto peito,
E nelle tinta a rigurosa espada,
Por terra derribado o aureo teito,
A luz dos bellos olhos eclypsada;
Ve seu mal infinito, o bem desfeito;
Morta a esperança, a dor eternizada,
E assi os queixumes derramou ao vento;
Que lhe ditaua o graue sentimento.

LXVII.

Possiuel hè que o justo Ceo permita
Que injusto amor, & injusta sorte vnidos
Promulguem dura ley, com sangue escrita
Contra fracos mortais indurecidos?
Monstro infeliz de Amor, & de desdita,
Em quem erros, sem culpa cometidos,
Pedindo aos Ceos estaõ mayor vingança,
Que auer perdido a vida, & a esperança.

Os

LXXVIII.

Os funestos vestigios do ferinó
Rigor, que me mouia, triste vejo,
E naõ me mata a dor? duro destinó!
Vingança de mi mesmo ter desejo:
Olhos que mais crueis inda imaginó,
Que a dura mão, que taõ incauto rejo,
Enxutos vos sem luz hũa, & outra estrella
A mão a chaga fez, vos podeis vella!

LXXIX.

O belleza diuina hoje eclypsada
Por esta dura mão inaduertida,
Quem, como de mi sois morta adorada,
Pudera com morrer daruos a vida?
Tu sacrilega mão acelerada,
Para do bem mayor ser homicida,
Emprega em mi tua furia, volta o ferro
Contra este peito, origem de teu erro.

LXXX.

Mas costumàda ao feito atroz, receyo
Rebelde a este serás por ser piedoso:
O não seja assi, naõ, se o caso seyo
A morte me não faz tambem odioso.
E tu, gentil esprito, bem que creyo
Que agora me serás mais riguroso,
Aceita este de mi vltimo officio,
Sè por vingança naõ, por sacrificio:

LXXXI.

Assi dizendo sobre o ferro duro
Se lança, antes que ser possa estoruado,
Entra no amante peito o fado escuro,
E cae mortal sobre o objeito amado,
De altos clamores o celeste muro
Triste, & piedosamente penetrado,
As estrellas se escondem commouido
Forçado o Sol sahio, mas escondido.

LIVRO IX

ARGVMENTO.

O Rey de General o cetro entrega
A Tuão Bandão: Afonso a Etol festeja;
Que com Sà, & os demais ante elle chega,
E dà aßalto á cidade, a Marte inueja:
Geinal em ajudalo alli se emprega,
Num elefante o Rey sae à peleja:
Feremlho, & volue pelos seus rompendo
Deixa Afonso Malaca em fogo ardendo.

I.

EM militar estrondo se enuoluia
Malaca então, & preuençoes de guerra
Satisfaçaõ Afonso pretendia,
E a sacra Fè plantar na infida terra
Mahamet, que auareza, & tyrania
E furor infernal no peito encerra,
Da razão de Albuquerque forma offensa,
E trata da vingança, & da defensa.

Experto

II.

Expèrto capitaõ, Rey cuydadoſo
Com tranqueiras fortiſsimas repára
Tudo o que o mar combate, & bellicoſo
A gente apreſta, & muniçoẽs prepara:
E aquelle dia quando o Sol fermoſo
ſe moſtraua, ſeguindo a manhã clara,
Sobre Eléfante de Ceilão ſe moſtra
A gente militar, que lhe dá moſtra.

III.

Diuina Muſa tu me dize agora
Os Principes, & Reys, que armas tomaraõ
Nas apartadas regioẽs da Aurora,
Que em fauor de Malaca ſe ajuntaraõ:
Tu còntra o eſquecimento guardadora
Das couſas, ſabes quantos lá ſe acharaõ
Varoẽs fortes, & o numero dá gente,
Abreme o archiuo de tua ſacra mente.

IIII.

Galhardos ſe moſtraraõ os primeiros
Os Malayos no mar exercitados,
Com grande preſunçaõ de caualleiros,
E quanto bellicoſos, namorados.
Eraõ ſeus capitaẽs quatro guerreiros,
Por meſtres da milicia reputados,
E prudentes nos bellicos furores,
Lá dos feros Siames vencedores.

V.

Seis mil frecheiros deſtros gouernaua
Indoraſpis maritimo almirante
Da milicia feroz, que o mar cortaua
Em coſſo do eſtrangeiro nauegante.
Tras elle, Baturel tres mil guiaua,
Eſquadraõ entre todos importante,
Que os ràyos exercita furibundo,
Com que deſtruẽs, ó Germania o Mundo.

VI.

Rostaõ à terceira esquadra adestrã
Mais que as pássadas grande, & numerósa:
Porem gente nàs armas menos dèstra
Que a forçosa ocàsiaõ fez bellicosa:
Necessidade, que he de tudo mestra
Dos officios ciuis â perigosa
Guerra os passou,& della a disciplina
Em defensa da amada patria ensina.

VII.

Ao Principe Aladim segue a nobreza
De Malaca, lustrosa, & bem armada:
Tudo arrogante (ao parecer) despreza,
Tudo mostra ameaçar coà vista irada.
Tres mil leua esta esquadra, na aspereza
Das àrmas gente toda exercitada,
Que seguira o furor da dura guerra,
Jâ no mar militando, jâ na terra.

VIII.

Impenetraueis armas a este braúo
Os valerosos membros lhe cobriaõ,
Forjadas por aquelle graõ Timauo,
De quem os vãos espiritos tremiaõ:
E bem que armarse tinha por agrauo,
A seu valor, de ornato lhe seruiaõ;
Dizendo naõ estar seu forte peito
A força de nenhum mortal sogeito.

IX.

Apos estes os feros Iaos passaraõ
No exercicio das armas excellentes,
Que por feitos heroicos alcançaraõ
Immortal apellido de valentes;
Escudos, lanças, frechas sempre vsaraõ
Irosos, vingatiuos, impacientes;
Tuão Colascar, & Vtimuraja os guiaõ,
Queda arte militar pouco sabiaõ.

Eraõ

X.

Eraõ estes dous Iaos fauorecidos
DelRey, & da Fortuna, poderosos;
E pelo trato mercantil subidos
A lugares, & titulos honrosos:
E aquelles que os seguiaõ, escolhidos
Nas armas mais ouzados, que ditosos,
Oito mil saõ de suas familias ricas,
Que tu, fera Beliona, á guerra aplicas.

XI.

A Malano dous mil Bornèos seguião,
E apos elle, a Cambir Lequios quinhentos,
Que os perigos da guerra naõ fogião,
Inda tratando em mercantis intentos.
Dous mil Arùs, que fama sò querião,
Desenrolaraõ a bandeira aos ventos,
Detaide os guia capitão egregio,
Que em Arú despois teue o cetro regio.

XII.

Irmaõ era delRey, elle o mandara
Em fauor do Malayo seu vizinho,
Posto que a bella Infanta lhe negara;
Abrindo a inimisades o caminho.
ElRey de Pão, que bem tanto alcançara
Do ciume sentindo o duro espinho,
Nelle o competidor odioso uendo,
O segue, & passa o campo em ira ardendo.

XIII.

Seguiraõno oitocentos tiradores
De cruada frecha, & mil que lança vsauaõ.
Mas pouco achados em marciais furores,
Porque tempos auia paz gozauaõ.
Quatro mil de Patanè moradores
Num esquadraõ galhardos se mostrauaõ,
Seguindo o raro em forças Ariano,
Em sangue humilde, mas soberbo, & brauo.

Batraõ

XIIII.

Barraõ guia os nacidos nas ribeiras,
Que as agoas do famoso Menaõ regaõ,
Mil, & quinhentos saõ, cujas fileiras
A seus contrarios socorrer não negaõ;
Os mais delles moueraõ já as bandeiras
Contra Malaca, que em seruir se empregaõ,
Quando os annos atras guerras tiueraõ,
Que taõ mal aos Siames sucederaõ.

XV.

Seguem logo á Carol mil Cambojanos
Soldados destros quais no mar, na terra,
Mestre por exercicio, & largos annos
He das astucias, que a milicia encerra:
A Ragois oitocentos Mindaranos
Exercitados na continua guerra,
Que fazem aos vezinhos de Manilha,
Que o Sul habitaõ da Luconia ilha.

XVI.

Passá com mil Ligores Aranteyo
Galhardo, & bello, quanto em armas forte
Del Rey de Ceilaõ, que era negro, & feyo
Alcifira o pario aduersa á sorte:
Como aluo & louro o vio, teue receyo
De nome infame, & de infame morte,
E pondo em seu lugar infante indino,
A morte mandou dar ao real minino.

XVII.

Mas Triganes a lastima mouido
Lhe salua a vida, mais que a mãy piedoso.
E a Ligor o mandou ao conhecido
Mirèm em guerra, & paz varaõ famoso:
Das graças naturais fauorecido
Foi crescendo, & nas armas valeroso
Ganhando estimaçaõ no real conceito
Foi capitaõ deste socorro eleito.

Nouecen-

XVIII.

Nouecentos Pegûs, que as agoas puras
Bebem de Martabão passaraõ logo,
Eraspe he o capitaõ, couraças duras
Vestindo, vsaõ tambem armas de fogo.
A estes seguem com longas vestiduras,
Quasi forçados de hum tyrano rogo
Os que na foz do Ganges rico habitaõ,
Que na maritima arte se exercitaõ.

XIX.

Do Guzarate os barbaros cultores
Inimigos mortais do pouo Luso
Guia Abdelâ, & de Dio os moradores,
Que seguem do Agareno o torpe abuso.
Quatro mil Coraçanes, & Mogores,
Que o bellico exercicio tem por vso,
Seguem a Solimaõ soberbo, & forte,
Que desprezando o Ceo naõ teme a morte.

XX.

Já Solimão se tinha em Goa achado, (ra
Quando Albuquerque a entrara a vez primei-
Donde heroico valor tinha mostrado
Em defensaõ da Canarim bandeira:
Despois do natural furor leuado
Seguindo o ardor da inclinaçaõ guerreira,
(Que aos tais a cousas bellicosas chama)
A Malaca o leuou da guerra a fama.

XXI.

Era do Turco fero, o arnes soberbo,
A pelle de hum monstruoso Cocodrilo
De que o despio, sendo em conflito acerbo
Delle assaltado, junto ao patrio Nilo,
O dano esteue do animal proterno
Das simuladas lagrimas no estilo,
E donde qualquer outro a morte achara.
Armas, & gloria seu valor ganhara.

Fas. da

XXII.

Passada a militar mostra, o seuero
Rey a Tuão Bandaõ, que da priuança
Gozaua o sopro, chama, & disse: Quero
De meu reyno em ti pôr hoje a esperança:
De teu valor, & boa fortuna espero
Vitoria, & a razão me dà confiança,
Toma o bastam, & nelle o cetro entrego
Manda, faze na fama heroico emprego.

XXIII.

Iá velho sou: mas inda que hoje a idade,
Em que os Siames resisti, gozára,
Tal te estimo, que com igual vontade
Sogeito a teu gouerno, militara.
O pagaõ ante a regia magestade,
Que a tam alto lugar o leuantara.
Com grata adoração posto que indina,
Por tres vezes cabeça, & corpo inclina.

XXIIII.

Com teu gram nome que serâ infinito
Eternizas, senhor, minha memoria,
Tomo da inuicta mão bastaõ inuicto
Felice agouro da inclita vitoria:
Que tua virtude no mayor conflito
Me infundirâ valor, causarâ gloria,
E nesta alta fortuna sò me peza
Que he de hũ pyrata vil pequena a empreza.

XXV.

Oxalâ; Rey potente, me mandaras
Despregar teus pendoẽs là donde o Tejó
Pás: eas paga aN eptuno de agoas claras,
Porque de ouro as pagasse a teu desejo:
Ou, como Euristeo a Alcides, me empregãras
Que inda por ti arriscarme a mais desejo,
Mas serâ ensayo para quando mandes
Acabar em teu nome emprezas grandes.

Assi

XXVI.

Assi dizendo, o medo que encobriá,
Disfarça com esforço o cauto mouró,
Que ao seguro semblante desmentia
O coração presago a triste agouro,
Iá neste tempo no Zenith ardia
Ferindo a terra o Sol com frechas de ouró,
Tuão Bandão pelo arenoso campo
Co cetro militar recolhe o campo.

XXVII.

Mas primeiro com viuas, & alarido
Da gente marcial (que idolatraua
Na vontade do Rey) foi recebido,
A cujo aplauzo grato se mostraua.
O campo na cidade recolhido,
Albuquerque no mar se preparaua
Com Fè, desejo pio, intento alto,
Para dar â cidade o fero assalto.

XXVIII.

Desda alta popa o capitão de Christo
Passar a mostra bellicosa vira
Do Idolatra, & Agareno pouo misto,
Que à defensa da patria terra aspira.
Porem ter o soberbo campo visto,
Em lugar de temor lhe aumenta a ira,
E aos poucos seus, que mais que muytos valẽ
Lembra que co valor a copia igualem.

XXIX.

Bem como ousado da guerreira popa
Da nao primeira os seus animaria
Iasão cabeça do melhor de Europa,
Que o fatal ouro conquistar queria.
O forte Afonso, que da imiga tropa
Confiado no Ceo pouco temia,
Mostrandolhe a riquissima cidade,
Aos seus orando anima, & persuade.

Cauaulleiros

XXX.

Cáualleiros de Christo, que do Tejo
A santa Fè leuando alem do Ganges,
Terror sois, antes do Marcial enscjo
Dessas, que vistes barbaras falanges:
A cuja gloria pendurados vejo
Malayos crises, Arabes alfanges,
Pela atonita Fama na tomada
Desta do Sol peninsula dourada.

XXXI.

He chegado, valentes companheiros,
O tempo, que já tanto desejastes,
Por quem deixando a patria aucntureiros,
Tantos climas, & tanto mar passastes:
E posto que como inclitos guerreiros
Emprezas taõ difficeis acabastes:
Para o credito nosso esta he a forçosa,
E propria vossa, por difficultosa.

XXXII.

Costumados a entrar sois altos muros,
E co as armas abrir largas estradas,
Por Persas, Malabares, Rumes duros,
Naçoẽs sempre a vencer acostumadas:
E sendo assi, mal estaraõ seguros
De tras de mal tecidas estacadas
Os vãos Malayos, nem seus valedores.
De vossos braços sempre vencedores.

XXXIII.

Dizendo assi com repentina grita
A gente se leuanta aluoroçada.
Por ver hum barco, que no curso imita
A frecha do arco Persa disparada:
Chegá o lenho fatal com infinita
Admiraçaõ da gente bautizada,
E nelle aquelles desejados tanto
Que gozo causaõ, que se iguala ao espanto.

XXXIIII.

Sobirão, & ó conues atraueſſarão,
Os parabés & aplauſo recebendo,
E donde o Capitão eſtaua, entrarão,
Por então ó conſelho interrompendo;
Reciprocos abraços começarão
A feſtejada vinda engrandecendo:
A fonſo a recebelos ſe leuanta,
E Garcia a ſaudalo ſe adianta.

XXXV.

O Ceo, por quem trabalhas, teu deſejo
Piedoſo aceite, & ao ſucceſſo o iguale,
E co a dita de Ceſar, que em ti vejo,
Tudo venças, & a Fama de ti fale:
Triunfo te apparelhe o patrio Tejo
E para ornar teu louro, a terra exhale
Perlas de noua Aurora em rico orualho
Em gratificação de teu trabalho.

XXXVI.

Paſſei na Aſia por acompanharte,
A teu nome, & valor afeiçoado,
Quis Fortuna eſtoruarme, & âquella parte
Mais remota do Mundo fui leuado:
Vem com o meſmo intento de buſcarte
De Pouolide hum Mello ſinalado,
E deixou Lemos o paterno ninho,
O forte villa lobos, & Coutinho.

XXXVII.

O Capitão os braços offerece
Aos guerreiros, & a Etol comſigo eſtreita,
E com dinos abraços lhe agradece
Trazer em ſua ajuda a copia eleita.
Etol lhe diſſe: o Ceo (que fauorece
A juſta empreza) teu deſejo aceita,
E ſe o paſſado modo inda me culpa,
Ache minha tenção em ti diſculpa.

XXXVIII.

Vi teu prudente zelo impedimento
A necessaria obra, o segurarte
Impossiuel, & quis meu pensamento,
Por te seruir melhor, descontentarte.
Tambem, Senhor, de Sousa o heroico intẽto
Escusa a culpa, que ouue de sua parte,
E se merece a culpa castigada,
Merece a obra ser gratificada.

XXXIX.

Assi disse. E Albuquerque alegre, & graue
A todos louua, a todos engrandece,
Sabendo que o louuor sempre he suaue
A quem por obras claras o merece.
E seguio: Purgue o fogo, o sangue laue
A culpa abominauel que escurèce
Este reyno a que o Sol dá luz primeiro,
Mas em vão, pois lhe falta o verdadeiro.

XXXX.

E pois razaõ anima, o Ceo dá ajuda
A cidade âmanhã cometer quero,
Dia he do santo, que guerreiro ajuda
A patria Espanha, & seu fauor espero.
Cada qual ao romper da Aurora acuda
Apercebido para o assalto fero,
E final vos dará a tuba sonora
Despertando co ronco som a Aurora.

XXXXI.

Vos Lima, aquella parte que responde
A Mesquita, assaltai acompanhado
De Iaime, Andrade, Paiua, Sousa, & ponde
Em vos aperceber logo o cuydado.
Eu co resto da gente lá por donde
Se vne com ponte o pouo separado,
Entrar procurarei com duro assalto,
E na ponte faremos todos alto.

E vos

XXXXII.

E vós, ô valerosos caualleiros,
Que o Ceo propicio mandá em nossa ájuda
Por taõ estranha via, auentureiros
Cada qual ão mayor perigo acuda:
Acudireis aos casos derradeiros,
E porque nelles o successo muda
As vezes o conselho, isto tratamos;
Lá nos ensine o caso o que façamos.

XXXXIII.

Assi deu fim o capitão prudente
Ao discurso, que todos aprouaraõ,
E por aperceber armas, & gente
As naos alu roçados se tornaraõ.
Entretanto nas ondas do Occidente
De Phebo os claros rayos se encerraraõ,
A mais da gente ao sono olhos entrega,
O capitaõ ao sono os olhos nega.

XXXXIIII.

Manda ante si trazer finas espadas,
Seguros capacetes, fortes peitos,
Firmes escudos, armas que ganhadas
Tinha na guerra com heroicos feitos,
E aos caualleiros como destinadas
Iâ pelo Ceo, a fim de altos effeitos
As repartio alegre, encarecendo
O gosto de lhas dar, assi dizendo.

XXXXV.

Destas armas que foram jà defensa
De mortais inimigos da Fè nossa
Cubertos vingareis a injusta offensa,
Ellas asas seraõ da fama vossa:
Que dando ao dano justa recompensa
Fio que as illustreis quanto ser possa,
E que em Malaca com felice sorte
Fareis illustre engano a tempo, & morte.

XXXXVI.

Queira (disse Garcia) o Ceo que seja
Par o effeito ao desejo que em nos arde,
Para que o Mundo vencedor te veja
Do fero imigo arrependido tarde.
Voaua o tempo entanto, que deseja
Gastar as cousas, & fugia cobarde
Do claro dia a noute, & jâ as estrellas
Buscauaõ de Nereo as filhas bellas.

XXXXVII.

Toca a sonora tuba despertando
A gente militar em mar, & terrâ:
A bordo chegaõ os bateis remando;
Arma toca Malaca pronta a guerra:
O capitão de Christo ali animando
Os seus coa Fè que o Christaõ peito encerrâ
Se acusa, & roga a Deos; logo animoso
Rasgâr cos remos manda o pego vndoso.

XXXXVIII.

Eis que subito grito se leuanta,
O mar co abalo, & graue peso geme,
E nas vezinhas prayas se quebranta,
A terrâ ao parecer co estrondo treme.
Lima coa sua esquadra se adianta,
Que de gloria ambicioso nada teme,
Por cima dos reparos aparecem,
E â defensa os Malayos se offerecem.

XXXXIX.

O velho Rey, que mal soster podia
O graue peso da comprida idade,
De armas cuberto, aqui, & ali acodia,
E com sua vista anima, & persuade.
Chegase a tiro em fim, de artelharia,
Cuja horrisona fera tempestade
Começou destruindo, & arruinando,
Grossa nuuem de sumo o Sol turbando.

Despa-

L.

Dispãraõ de mais perto os mosqueteiros
Mil, & mil voão balas riguroſas,
A luz do Sol encobrem os archeiros
Com multidaõ de frechas venenoſas:
Seus almazẽs deſpendem os bèſteiros,
Jâ ſe ouuem ays, & vozes laſtimoſas,
Em hũa, & outra parte ſangue corre
Por donde a morte pallida diſcorre.

LI.

Por entre frechas balas, fogo ardente,
Inſtrumentos belligeros de morte,
Em terra ſalta a Luſitana gente,
E em ſobir as tranqueiras proua a ſorte.
Naõ foy a pagã turba negligente
Em reſiſtir ali Indoraſpis forte,
Roſtacaõ, & Aranteo ſe antepuſeraõ,
E prouas altas de valor fizeraõ.

LII.

Dobraõſe os gritos, & eſpantoſo eſtrondo,
Chegandoſe a ferir jâ de mais perto,
Hũs Pela patria amada a vida pondo,
Outros por Chriſto gloria, & premio certo.
Sobia Alberto o groſſo eſcudo opondo
A golpes mil, quando de dono incerto
Chegou vibrando riguroſo dardo,
Que abrio no peito o coraçaõ galhardo.

LIII.

Deixara os fertèis campos do Mondego
Filho vnico dos pais, que procuraraõ
Da guerra diſſuadilo, que o ſoſſego
Nega, que ter com elle deſejaraõ:
Mas a apartallo do brioſo emprego
As làgrimas piadoſas naõ baſtaraõ
Cae elle em fim aos pès do inuicto Lima,
Aditoſa alma dando â cauſa prima.

LIIII.

Veloso, que era deste companheiro,
Em competencia honrosa igual sobia,
Trabalhando por ser alli o primeiro,
No louuor não sofrendo companhia.
Mas hum pelouro ao forte auentureiro
Num momento entregou â morte fria,
Da altiua fronte ao cerebro passando,
Os honrados intentos atalhando.

LV.

Cae Guilherme a par deste atrauessado
Da lança de Indoraspis, desde o peito
Esquerdo á destra espadoa, mas vingado
Iâ passou de entre a vida & morte o estreito
Que Lima destas mortes magoado
Contra a trãqueira corre, ao brauo effeito
Indoraspis se oppos, que mal cuydaua
Que do seu fatal fio o fim chegaua.

LVI.

Qual solto Pardo, que com salto horrendo
Formidauel se lança, vendo a prea,
As contrapostas armas naõ temendo,
Lima saltou desda molhada area.
Poslhe a lança Indoraspis, pretendendo
Rebatelo: mas como em rocha alhea
De mudança a quebrou, & ardendo em ira
O guerreiro a vencer em tanto aspira.

LVII.

Co fero mouro cerra, & alimpa espada
No peito lhe escondeo: ella homicida
Da prisaõ desatando a alma indinada,
Co sangue lha arrancou pela ferida.
Sobe apos Lima a gente bautizada,
E fora dos pagãos certa a fugida
Morto seu capitão, se naõ chegara
Rostacaõ, que os reprende, anima empara.

Donde

LVIII.

Dónde timidos is? com que esperança
Tão liure entrada dais ao fero imigo?
Pois quem sois esqueceis, tende lembrança
Que dais se este fugis, em mor perigo:
Tomai do morto capitaõ vingança,
E à defensa tornai do reyno antigo,
Que já vossos passados conquistaraõ,
E â custa de seu sangue sustentaraõ.

LIX.

Assi dizendo o barbaro arrogante,
Contra o bom Lima remeteo furioso:
Mas qual no mes de Mayo touro amante
Contra o competidor corre cioso:
Tal Lima corre intrepido, & constante
Ao duro encontro de inimigo iroso,
A força por vencer hum, & outro apura,
E executar a colera procura.

LX.

No mesmo tempo tinhaõ jâ subido
Andrade, Paiua, Sousa. & procuraua
Iaime sobir, mas era resistido
De Aranteo, que em valor se lhe igualaua.
Tinha o forte pagaõ melhor partido
Porque do sitio forte se ajudaua
Porem valor naõ val, nem sitio fortes
Contra poderes da inimiga sorte.

LXI.

Para ferir à destra irada erguia,
Quando fendendo seta aguda o vento
Lha prega na aste, que atè alli regia
Iâ naõ defensa, mas impedimento.
Elle mais naõ podendo se desuia,
Sendo muyto mayor o sentimento
De se apartar forçado da defensa,
Que a graue dor da recebida offensa.

LXII.

Retirado Aranteo, sobe Teixèira
Com morte de Emirem, & Belugano:
Naõ sucede assi a Mendo da tranqueira
Precipitado a mãos de Cariolano.
Aliem seu sangue enuolto a derradeirã
Hora passou da vida Feliciano,
Crãua à Bernardo hum pè na solta areã
Hum dardo, que seu leue curso enfrea.

LXIII.

Teixèira que se vè na tranqueira alta
Com morte dos valentes defensores
Entre o Agareno bando fero salta
Seguindo Amor nos bellicos rigores:
Iâ co sangue inimigo a terra esmaltã
Aspirando à façanhas superiores
Quis resistirlhe Eurillo, & breuemente,
Seu engano conhece, & o dano sente.

LXIIII.

Em tanto os fortes Sousa, Paiua, Andrãde
Vaõ ferindo em honrada competencia
Nos Iaos, que com igual ferocidade
Procurauaõ fazerlhes resistencia;
Porem Tuão Colascar, a quem jâ a idade
Negaua ardor, & forças da violencia
Marcial, & perigo em que se vira,
Temendo pouco a pouco se retira.

LXV.

Os tres fortes guerreiros conhecendo
A fraqueza, com impeto apertaraõ;
E sofrer furia tanta naõ podendo
Os feros Iaos, as costas lhes mostraraõ:
Leuantaõ os de Luso hum grito horrendo,
Seguindo os que inuencioeis reputaram,
Comrigor hus ferindo, outros matando,
Noua cor em seu sangue ao ferro dando.

LXVI.

Já tambem Roſtacaõ ſe retiraua
Dos golpes duros do valente Limá,
Que vendo os ſeus fugir, só procurauà
Saluar a vida, que atè o fim ſe eſtima:
Porem o forte imigo o naõ largaua
Imitando o falcaõ ligeiro em cima
Da garça, que eſgrimindo o bico forte,
Defende à vida, ou dilata a morte,

LXVII.

Ganhàda eſta tranqueira com terribel
Aſſalto prouas altas, & arriſcadas.
Deixando em tudo atras tanto o poſsiuel;
Que cauſaõ hoje eſpanto imaginadas.
Segue a gente, que o Ceo fez inuencinel
As barbaras cateruas derramadas
Pelas ruas que em ſangue vão tingindo,
Ora o roſto moſtrando, ora fugindo.

LXVIII.

O vento rompem gritos mil, & em tantó
A cidade Albuquerque entrar procura
Pela outra parte, a donde vozes, pranto,
Armas, & gente encerra nuue eſcura:
Crece a braueza nos defora tànto,
Quanto mais era a reſiſtencia dura.
Tuão Bandaõ anima os defenſores,
O valeroſo Afonſo os cercadores.

LXIX.

Em gróſſa chuua, frechas, & ruinas
De cima das tranqueiras altas decem,
Contra as quais tras mil prouas peregrinas
Seguro teito cos eſcudos tecem.
Logo arrimando eſcadas tentaõ dinas
Obras, que por ſi meſmas ſe engrandecem,
Cada qual o primeiro ſer pretende,
E ſobir (deſprezando a morte) emprende.

Porem

LXX.

Porẽm Caról Ragois com Ariano
Fazem com feros golpes respeitarse,
E sobre todos o soberbo & brauo
Solimaõ procuraua auentajarse.
Garcià que da Fama ao eterno gauo
Aspira vendo o tempo de mostrarse,
A tranqueira que lhe era impedimẽto
Generoso se chega, se violento.

LXXI.

As mãos robustas deita às estacadas
E tras gram parte dellas em ruina,
Teme o Malayo vendoas derribadas,
E vencedor o Luso se imagina:
Em tanto o Sà famoso, desprezadas
Imigas armas, à ferir ensina,
(Rompendo pelos barbàros guerreiros)
Aos illustres famosos companheiros.

LXXII.

Más qual nas officinas de Vulcano
Açafra cercão os ministros duros,
Quando para o Tonante soberano
Os rayos forjaõ de elementos puros:
Tal elles por chegar ao estremo dano
Aquelle de que estão taõ mal seguros,
Brauos quanto iracundos o cercaraõ,
E nelle golpes mil precipitaraõ.

LXXIII.

Elle qual jà nos Calidonios montes
Das inimigas armas naõ curaua
O monstruoso Iauali, que as fontes,
Caminhos, campos, valles infestaua:
Dos inimigos as altiuas frontes
E contrapostas armas desprezaua,
Iá destes se repàrá, âquelles tira,
Segundo o moue o caso, ou leua a ira.

Tiroulhe

LXXIIII.

Tiroulhe cõm a massa semelhante
A do Thebano, Ariauo hum golpe feyo,
Que bem a derribar fora bastante
O robusto do Ceo seguro esteyo:
Porem o caualleiro vigilante
Se desuia, & ficou Carol no meyo,
Que alli lhe tinha limitado a sorte
O fim da vida em desastrada morte.

LXXV.

Do golpe horrendo em partes mil desfeito
Faz co sangue o pagão a terra impura
Ao tempo que Garcia abrio no peito
Do soberbo Ariauo fonte, escura.
Passado o golpe, que trocado o effeito
Teue do intento, já quẽ a máça dura
Tornàua aleuantar, a aguda espada
Saida abrio â vida, â morte entrada.

LXXVI,

Cae o feroz, pellã cruel ferida
Sanguinolento rio vomitando,
E o fero Solimão a espada erguida
Sobre Garcia vay fogo brotando.
Baixaua o ferro agudo, que homicida
Fora do forte incauto, se imitando
O destro Mello, a Clito naõ chegara,
Que no seguro escudo lho repara.

LXXVII.

Sobira apos Garcia o forte Mello,
E assi reparar pode o charo amigo,
Trauando ferocissimo duello
Com o soberbo quanto forte imigo:
Cuydou o Sarraceno desfazello
Estreitandoo nos braços, mas antigo
Carualho naõ estâ, nem souro duro
Como o guerreiro se mostrou seguro.

LXXVIII.

Hum breue espaço forcejando andáram
As forças apurando. por renderse,
Atè que mais iroſos se largaram,
Por tornar có as espádas a ofenderse:
Porem outros sucessos estoruaram
O tornar por entaõ a combaterse,
Entrando com graõ furia os que sobião,
Aquem mal os Malayos resistiaõ.

LXXIX.

Corre Mello, nos bárbaros ferindó,
Por onde passa, mata, tronca fende,
E o brauo Solimaõ sò resistindo
A Christã multidam deter pretende.
Decepa hum braço a Artur, & diuidindo
A cabeça a Lionel, em terra o estende;
Mas caregando tantos foi forçoso
Seguir os seus, porem mais vagaroso.

LXXX.

Tal dos monteirós duros acossado
O leão generoso se retira,
Porque a vista da mòrte ao esforçado,
Posto que dè temor, valor naõ tira.
Em tanto com Detaide embaraçado
O forte Afonso esteue, & dali inspira
Valor nos seus coa vista, & claros feitos,
E temor frio nos Malayos peitos.

LXXXI.

Com o Lequio Cámbir Leaõ se afronta
E Castelbranco co Borneo Malano,
Que entaõ cerraua a irreuocauel conta
Dos breues dias do vital engano.
Por junto ao paladar a aguda ponta
Entra, & o passo lhe abre ao eterno dano,
Sae delle quente sangue em grossa vea,
E cae de bruços na sanguinea area.

Este

LXXXII.

Este ao partirse da querida esposá,
O tornar vitorioso lhe assegura,
Porem ella affligida, & lagrimosa
Naõ fia de esperanças na ventura:
Parte elle em fim deixandoa receosa,
E quanto o ama mais, menos segura,
Que o coraçaõ presago adeuinhaua
Do amado esposo a perdá que choraua.

LXXXIII.

No mesmo ponto entrou pela outra parte
Da ponte Baturel com noua gente,
E Tuaõ Bandaõ com nouo esforço, & arte
Voltaua junto hum esquadraõ valente.
Vè Afonso o perigo, & manda parte
Da Lusitana esquadra breuemente
Com Pereira, & Abreu, porque deitassem,
Da ponte a Baturel, & a assegurassem.

LXXXIIII.

Elles de asinalarse desejosos,
Como dous feros rayos fulminantes
Abrem pelos imigos, que furiosos
Vitoria se prometem de arrogantes.
Eraspe cos Pegûs pouco ditosos
Socorre a Baturel, mas semelhantes
Foraõ alli os dous na mortal sorte
Bem que em varias feridas varia a morte.

LXXXV.

A boca Baturel gritando abria
Culpando, & reprendendo seus soldados,
Quando a lança, que em sangue se enuoluiá
De Abreu por ella entrou, trocando os brados.
Caeo fero rendido à morte fria,
Os olhos retorcendo indà indinados,
Darlhe vingança Eraspe bem quisera,
Mas de Pereira o atalha a espada fera.

LXXXVI.

Dece a talhante espada, & diuidida
Deixa a fronte soberba, & chega aos dentes.
Cae num momento o misero sem vida,
E a rebelde alma nas regioes ardentes.
Mortos os capitaes logo perdida
A braueza dos mais pouco valentes
Saluar sòmente as vidas procurauaõ,
E algũs por mayor pressa, ao mar saltauaõ.

LXXXVII.

Cos Guzarates Abdelâ socorre,
E aos que fugindo vão o medo enfrea
Aos golpes inimigos quasi torre
Excelsa, & firme, de mudança alhea:
O valente Noutel por elle morre,
E entrega Antonio, & Lopo â morte fea,
Quando hum bote de lança o faz terceiro
De Anibal, & Sertorio companheiro,

LXXXVIII.

Fica e nde a luz perdera, dor intensa,
Os sentidos confusos, & turbados:
Retiraraõno os seus, & em sua defensa
Se mostraõ ofensores denodados.
Os de Luso, que jâ nem dão licença
Para fugir, os vaõ seguindo ousados
Pelas ruas, que Marte pos de sorte,
Que jâ as inunda o sangue, & ocupa a morte.

LXXXIX.

Coutinho neste tempo se afrontaua
Com Batraõ, & da briga perigosa
Jâ ferido o pagaõ se retiraua
Perdendo o sangue & força a destra iosa.
Porem Bandão que a pelejar tornaua
Lhe valeo por seu mal a riguroſa
Espada, que a Batraõ ferira o peito
Mais riguroſa nelle fez o effeito.

Passa

LXXXX.

Passá o fio sutil pela garganta-
E do alento vital corta o caminho
Cae elle em fim qual decepada planta;
E deixa a alma soberba o antigo ninho.
Clamor barbaro logo se leuanta
Chouendo tiros mil sobre Coutinho,
E muytos aquem tanta furia alcança,
Foraõ do morto general vingança.

LXXXXI.

Mas Botelho, Alpoem, Silua, Caldeira,
Pessoa, Castelbranco rebateraõ
As Malayas ficiras de maneira,
Que em desordem cobarde se puseraõ.
Em tanto Solimão a ira primeira
Inuencinel sustenta, não puderaõ
Fazer que tema tantos inimigos,
Antes se opoem intrepido aos perigos;

LXXXXII.

Não se repara o barbaro, sò trata
De ferir a infinitos dando a morte
Ao valente Gastão de hum golpe mata,
Que, por seu mal, prouou com elle a sorte
A Macedo a pos este a alma desata
Passandolhe de ponta hum peito forte,
Que em Milaõ sabio artifice forjara.
E em planerarias horas temperara.

LXXXXIII.

Com furia tanta a espada atroz rodea,
Que se faz respeitar dos que o seguião;
E jâ a vergonha aos seus o medo enfrea,
Tornando a socorrelo os que fugião.
Gritando elle os anima, & se recrea
Nos de Luso matando, que perdião
O campo; ó quantas vidas acabara,
Se o Ceo alli a Garcia não guiara.

Vinha

LXXXXIIII.

Vinha o famoso Sà de sangue alheyó
O valor como as armas matizando,
Aos que irado seguia horrendo, & feyó,
Aquem o segue heroico exemplo dando.
Os inimigos, com igual receyo
Delle fogiam, qual costuma o bando
Das leues pombas da aguia caudalosa,
Que ligeira as persegue riguroſa.

LXXXXV.

Conhece o Turco fero o varaõ forte,
Todos por elle deixa, & só deseja
Nelle vingar do grande Ariabo a morte,
E soberbo o chamou assi â peleja:
Iâ me naõ poderá tirar a sorte
Que o Mũdo a minhas mãos morrer te veja
Espera, ou foge, que de qualquer arte
De mi naõ poderâs hoje escaparte.

LXXXXVI.

As vãs palauras que leuaua o vento,
Naõ responde o guerreiro valeroso,
Mas do escudo cuberto ao mais violento
Encontro corre intrepido, espantoso.
Com duros golpes o furioso intento
Cada qual delles executa iroso,
Iâ de arte vsauaõ, jâ os leuaua a furia,
E só tratauaõ de fazerse injuria.

LXXXXVII.

Hum altabaixo horrendo o pagáõ tira,
Que o Christaõ caualleiro lhe rebate
E de ponta responde, pondo a mira
Lá donde o coraçaõ aleando bate:
Deulhe o pagaó o escudo, & cego de ira,
Cuydando rematar o cruel combate,
Outra ponta lhe tira, mas errada.
Passou por entre corpo, & o braço a espadá.

Chegaram

LXXXVIII.

Chegarão ajuntar peito com peito,
Iá do furioso encontro a gloria finão.
Aos fortes braços, já do laço estreito
A ferirse de nouo se desuiaõ:
Mas a tanto furor tirou o effeito
Bellicosa ambiçaõ dos que corriaõ,
Por offender tambem ao pagão forte,
Parte querendo em vão na grande morte.

LXXXIX.

Garcia o não consente, & iroso grita
Que sò com elle o deixem, & o ajudara
(Tanto o ver tantos contra hum o irrita)
Se imputarselhè a culpa naõ cuydara.
Mas no rigor que o imigo necessita,
Se golpe tira algum, de outro o repara,
Nem o pagaõ, que o cortes acto entende,
Iá lhe atira, nem delle se defende,

LL.

No mesmo tempo Lima que inuencivel
Os imigos leuaua de vencida,
Achou diante o Principe terrivel
Com a gente mais braua, & mais luzidá.
Saluase Rostacão contra o possivel
Que já nas mãos da morte tinha a vida,
A batalha mais fera se renoua,
Fazendo cada qual heroica prouá.

LLI.

ElRey de Pão, com quem naõ foi auaro
Amor, ferio tambem na Christã gente
A tempo que chegou o em valor raro
Geinal de naõ vir antes descontente.
Naõ lhe sofreo o espirito preclaro
Estar da guerra, vendo a guerra, ausente,
Sentido de que Afonso se escusasse,
E seguilo na gloria naõ deixasse.

LLII.

Elle o competidor odioso vendo,
O sangue se lhe altera, a furia crece,
Moue contra elle em fim brauo, & tremendo
Qual o rayo, que da alta nuuem dece.
Virando o Rey âquelle estrondo horrendo,
Repentino temor em si conhece,
Mas logo de si mesmo enuergonhado
O inimigo feros espera ousado.

LLIII.

A ferirse começaõ com braueza,
Mas fezse conhecer em breue espaço
De Geinal o valor, força, & destreza,
E elRey de Pão se vio no estremo passo:
Acodiraõlhe os seus nesta estreiteza,
Tendo já feito atras hum, & outro passo
Chamandoo vay Geinal, & o vay seguindo,
Pelos imigos larga estrada abrindo.

LLIIII.

Naõ fujas, (disse) que o fugir da morte
He vão se ao fatal limite chegaste,
Sé, para me tirar a vida forte,
Pois o melhor da vida me tiraste:
Naõ desmereças por cobarde a sorte
Ditosa que eu perdi, & tu alcançaste,
Mas foge, que pois tês ditosa estrella,
Conserua a vidá, pará gozar della.

LLV.

Tais palauras Geinal ao vento daua,
Porque o Rey assombrado as naõ ouuia,
E de se pòr em saluo só trataua,
Vencido jâ o valor da cobardia.
Aladim que de nada se assombraua,
Brauo os seus animaua, & reprendia
Corta hum braço a Rodrigo, & a Mathias
Anticipou o fim dos vitais dias.

Porem

LLVI.

Porém Dom Ioaõ de Souſa, que matança
Igual fazendo vinha nos Malayos,
Os olhos nelle pondo ſe abalança;
Etal ſe a caſo dous ardentes rayos
Dos que coſtumaõ dar ao Ceo vingança,
Nos ares ſe encontraſſem, que deſmayos
Mortais aos mortais cauſaõ: tal iroſos
Violentos ſe encontraraõ & eſpantoſos.

LLVII.

Pezados golpes com furor ſe tiram,
E com igual deſtreza ſe reparam,
Nunca tais dous de Cadmo os campos virám,
Nem os donde Aſia, & Europa batalharam.
Logo de ambas as partes acodiram,
E de modo hũs, & outros ſe ajuntaram,
Que lhes foi neceſſario diuidirſe,
E atras tornaram, por poder ferirſe.

LLVIII.

Porem naõ torna atras o heroico Luſo,
Antes perſegue mais o imigo bando,
No jâ ſem ordem eſquadraõ confuſo
Hum numero infinito derribando:
Tal como os lauradores tem por vſo
A ſeu tempo as ſearas ir ſegando,
Ou no monte cortar a eſpeſſa brenha
Por dar deſpois ao fogo a ſeca lenha.

LLIX.

Aſsi derribão na Agarena turbã,
Que a vil fugida por remedio eſcolhe,
Brama iroſo Aladim, & a viſta turba
A colera, & o furor que a alma recolhe:
Geme, grita, ameaça, & naõ perturba
Do medo a ſombra o coraçaõ, nem tolhe
A Fortuna que irada ſe lhe moſtra
Dar de heroico valor heroica moſtrá.

LLX.

Detras de todos por escudo fica,
Ora offender procura, ora repara;
Naõ foje naõ, que a seu valor implica
Mas cos seus se retira, aquem ampara:
Porém em vão aqui, & alli se aplica,
E sem duuida a vida alli deixara,
Se entaõ Detaide, & elRey naõ socorreraõ;
Que dos de Luso a furia detiueraõ.

LLXI.

Sobre hum grande Elefante guarnecido
De rico arreyo de ouro, & seda obrado
Lâ na rica Ceilão tinha subido
O velho Rey de forte arnez armado.
Apè Detaide o segue do luzido
Esquadraõ dos Darûs acompanhado:
Dous Elefantes diante delles vinhaõ,
Que dous castellos sobre si sostinhaõ.

LLXII.

Tres Naires de Elefantes domadores
As adestradas feras lhe região,
E dos castellos destros tiradores
Dardos, & heruadas frechas despediam;
Horren dos gritos, bellicos clamores,
Rompendo os ares, até o Ceo sobiam,
Chegão pois a ferir, mas breuemente
Victoria conseguio a Christã gente.

LLXIII.

Em quanto faz Geinal a Aladim rosto,
Paua, Miranda, Lima, Iaime, Andrade
Cometem com heroico presuposto
Dos Elefantes a ferocidade:
Foi o ferro nos dous primeiros posto
Que com a natural brauosidade
E das feridas grande sentimento
Bramidos deraõ ao turbado vento,

LLXIIII.

Os Naires, a què hum tempo obedecèram
Nas trombas retorcidas abraçaram,
E logo co furor que conceberam,
Meyos mortos de si longe os deitaraõ.
Com isto contra os seus a volta deram,
Mataõ muitos, & os mais desordenaram,
Derribão a Detaide mal ferido,
Que morrera a naõ ser dos seus erguido

LLXV.

Seguèm os Lusitanos offensores
Este roto esquadraõ desordenadó,
Porém Detaide bom entre os melhores
Ferido em contra pos o peito ousado.
Tornaõselhe ajuntar seus valedores,
Que era de todos grandemente amado,
E assi deixando o campo resistia,
Que dizer naõ se pode que fugia.

LLXVI.

ElRey pór se guardar do impèto horrendó
Dos animais que brauos volta dauaõ,
Entrou por outra rua naõ sabendo
Que Lemos, & Coutinho lha occupauaõ.
Serrão, & Villalobos pretendendo
Ajuntarse com Lima entaõ chegauaõ,
Ao valente animal cáda hum se lança
Pondo|he Lèmos o primeiro a lança.

LLXVII.

Mas como cousas grandes jâ pór sorte
Ou por costume mais que o Mundo antigó
Custaõ muito, senaõ lhe custa a morte
Como a Eleazar, se vio no mór perigo
Hũa tirada frecha do arco forte
Do Rey, posto que velho, duro imigo,
Heruado o ferro pellas armas se entra,
E no peito feroz se reconcentra.

LLXVIII.

Assaltaõ logo hum sentimento intenso,
Que mais, & mais cada momento cresce,
E se o valor naõ chega a estar suspenso
A força pouco, & pouco desfalece:
E chegará a pagar o comum censo,
Que o tempo cobra, que desaparece,
Se logo hum Esculapio Lusitano
Remedio não achara ao mortal dano.

LLIX.

Magoado o Elefante das feridas,
Bramando volta os outros imitando,
De caminho tirando muytas vidas
Dos muitos que passaua atropelando.
Solimaõ tras os seus jâ suspendidas
As vãs barbatas, se hia retirando,
Cansado, poluoroso, horrendo, & feyo,
Cuberto de seu sangue, & sangue alheyo.

LLXX.

Caldeira o segue, & com igual presteza
O moço Andrade desejando a gloria
De render do pagaõ a fortaleza,
Dina façanha de immortal historia.
Garcia o naõ seguio porque desprezaõ
Acompanhado de outros a vitoria,
Das mãos escapa em fim da morte irada,
Por naõ ser a fatal hora chegada.

LLXXI.

No tempo que do encontro se apartaraõ
Os de Malaca feros defensores,
Na destinada ponte se ajuntaraõ
Os de injustos agrauos vingadores.
Agradeceolhe Afonso quanto obraraõ
Com estreitos abraços, & louuores,
Sabendo quanto estima o peito illustre
Louuores justos, & da Fama o lustre.

Chegá

LLXXIII.

Chéga a Geinal, & conhecendo quanto
Com proua heroica ser fiel mostrara,
Assi lhe disse; O de Asia illustre espanto,
Dino de que Alexandre te enuejara:
Para sempre serâ com valor tanto
A Fama liberal, se a sorte auara,
E se ajudar o Ceo meu pensamento,
Verte has felice no perdido assento.

LLXXIII.

Oxalâ (respondeo) com meu desejo
As forçás se igualaraõ, porque viras
Quanto seruirte, & a teu Rey desejo
E por mim alcançaras, o a que aspiras!
Para este effeito Achilles ser inuejo,
Mas o valor que tu nos teus inspiras,
Que jâ me anima & o coraçaõ exalta,
He bastante a suprir o que em mi falta.

LLXXIIII.

A gente recolhida, aquelle posto
Fortificar o capitão pretende
Em quanto a ocasiaõ lhe mostra ó rosto,
Que largada da mão tarde se prende.
Solicito no heroico presuposto,
Em leuantar tranqueiras logo entende,
E nellas plantar manda a artelharia,
Que dos imigos fora, pouco auia.

LLXXV.

Porem para o trabalho considêra
Cansada, & mal ferida a mais da gente,
E do Sol affligida, que entaõ era
Emulo ao Mundo do elemento ardente:
E bem que o sitio sustentar quisera
E ver que deixa o conquistado sente,
Com deliberaçaõ graue, & sizuda,
E parecer dos seus conselho muda.

LLXXVI.

Em tanto das janellas, & terrados,
Que para aquella parte respondião,
Mil frechas, mil pelouros desmandados
Sobre a gente Christã mortes chouião:
Mas chamando Albuquerque aos esforçados
Lima, & Caldeira, âquelles que regiaõ,
Lhes mandou que de fogo as mãos armassem
E que as vezinhas casas abrazassem.

LLXXVII.

Daõ ao mandato effeito: pega o fogo
Na disposta materia com tremenda
Furia, vibrantes pontas sobem logo
Aos ares, & de fumo nuue horrenda.
Grita a misera gente, porem rogo
Naõ admite a voraz chama, contenda,
Com as nuuès horrisona trauando,
As esferas mais altas ameaçando.

LLxXVIII.

Eolo neste ponto desatauà
Da fermosa Orithia o brauo amante,
Com que o incendio cruel mais se esforçauà
Com horriuel estrondo crepitante:
Contra o fogo remedios mil buscauà
A pagã gente, mas nenhum bastante,
Que co vento de casa em casa prende,
E consumindo aqui, já la se acende

LtXXIX.

Edificio em grandeza, & lauor rãro
Sobre secretas rodas se mouia,
Finge à materia o marmore de Paro
Illustre co metal, que Arabia cria:
Nelle se lhe naõ fora o Fado auaro,
Da Infante as bodas celebrar queriã
O Rey, & com alegre variedade
Carro triunfante dar vista â cidade.

A nupcial

LLXXX.

A nupcial casa de dilicias cheá
Tambem se atreue o vingatiuó lume,
E na materia rica assi se atea,
Que resoluida em pó, nelle a consume.
Della a Mesquita onde com torpe, & fea
Adóraçaõ, & barbaro costume
Ao vil Mafoma honraua à gente cega,
A flãma ardente justamente pega.

LLXXXI.

A Mesquita esquadraõ confuso acodé,
E procura atalhar o fogo, em tanto
Vendo o prudente Afonso que naõ pode
Cansada a gente, com trabalho tanto,
Porque o intento ao possiuel se acomode,
Em quanto o incendio dura, & cresce o prãto
A artelharia embarcar manda ganhada,
E à gente vencedora já cansada.

LLXXXII.

O esquadraõ militar logo começa
A ir, & vir despojos embarcando
Como no Estio com feruente pressa
Esquadraõ de formigas saqueando
De trigo as eiras montes atraueſſa
Por entre eruas, & espinhos sustentando
Na boca o graõ pezado, atè enserrálo,
E nà estreita cauerna entezouralo,

LLXXXIII.

As barbaras caternas offendidas
Quando tanto despojo embarcar viram
A dar, & a receber nouas feridas,
Bramando vingatiuos acodiram:
Torna de nouo a morte a troncar vidas,
Aqui apellidão Marte, alli suspiram,
Em fim èffeitos crûs de dura guerra
No mar ostentam, porem mais na terra.

Rios

LLXXXIIII.

Rios correm do sangue derramado,
Que nas ondas entrando, em sanguinosa
Mudão à cor cerulea, de ira armado
Se vè o mesmo furor, vista espantosa:
Mas já fim daua ao dia o Sol dourado,
Do grande Oceano visitando a esposa:
Tornase âs naos a bautizada gente,
A Agarena o elemento apaga ardente.

LIVRO X.

ARGVMENTO.

O Fogo de Malaca apagar manda
Mahamet, & receoso a fortifica,
Batrão arrependido a Glaura abranda,
Que em sua companhia alegre fica:
As contrarias estancias Etol anda,
Com Garcia, & lhe mostra a casarica
Das effigies dos Heroes valerosos
Que hão de exceder aos mais famosos.

I.

SErrada á noute ás cerulcas agoas
Do aureo Bosfero arder todas parecẽ
Como tal vez cõ as Tinacrías fragoas
As do tirreno ardendo se offerecem.
Crecẽdo prantos, aumẽtando magoas
Vorazes chamas consumindo crecem,
Na triste confusaõ eraõ os gritos
Hum grito só, & todos infinitos.

Dutou

II.

Durõu ó fèrõ incèndio grande partè
Daquella infausta noute horrida, & triste
Eja que cõm trabalho, engenho, & arte
Da voras chama a furia se resiste
O velho Rey, com quem o Inferno partè
Quanto odio, & mortal raiua nelle assiste
Do pouo escuta o pranto lastimoso,
Porem naõ compassiuo, mas iroso.

III.

O nõuo dia aguarda desuelado:
E jà que luz escassa a Aurora dauã:
Do Regio teito sae aonde turbado
Com multidam de mortos encontrauã:
Contempla ó fero estrago magoado,
E a vingança impaciente desejaua,
Mas em quanto fazer naõ pode offensa,
Se reporta, & só tratà da defensa.

IIII.

Dà sepultura àõs mortos; & acabadas
Estas mostras piedosas, diligente
Refazer manda as rotas estacadas,
Para o nouo trabalho anima a gente:
Outras de nouo foraõ leuantadas
Onde lhe pareceõ mais conueniente,
Plantando nellas grossa artelhária
De seis mil peças que em Malaca auia.

V.

Manda minar de confeiçaõ sulfuria
As ruas principais donde jà fora
O dia de antes da batalha a furia,
Cujo sucesso nalma irosa chora:
Que receoso da segunda injuria
Em tudo quanto póde se melhorà,
E como brote (ordena) apraya abrolhos
Perigo certo, que se esconde aos olhos.

Forti-

VI.

Fortificado liberal despende
Cos soldados, forçando a natureza,
Graõ soma de ouro, que em seu dano aprende
Que auentura a perder tudo a auareza.
Grande parte do bom sucesso pende
Da gratificação; dâ fortaleza,
E com nouo valor arrisca o peito
O que ve seu trabalho satisfeito.

VII.

Já então muitos daquelles que esta guerra
Lhe aconselharão, della o dissuadirão,
E por segunda vez a patria terra
Em perigo tão aspero temião.
Mas como elle no peito iroso encerra
Tanta parte do Inferno, não cabião
Nem acharão entrada os desenganos,
Que lhe mostrauão os futuros danos.

VIII.

E mais de furor cego, que discreto,
Os seus sequazes a conselho chama,
E com a raiua, que lhe infunde Aleto
Todo em ira (dizendo assi) se inflama:
Troc ou fortuna instauel o quieto
Estado meu, & injusta hoje derrama
Em lugar de benenolos fauores,
Guerra, fogo, ira, roubos, & furores.

IX.

E posto que o contrario rebatido
Recebeo perda, nouo assalto ordena,
O Ceo me vingue da razão mouido
Que insultos pune, & sem razões condena:
Não temo eu o pyrata, & do atreuido
Intento seu terei mui pouca pena,
Quando vos vir dispostos a defensa,
E a vingar prontos tão injusta ofensa.

A todos

X.

A todos este graue dano alcança
Pelas mortes de irmãos, filhos, amigos,
Cujo sangue pedindo está vingança
Obrigando a sofrer nouos perigos:
Naõ se conheça em nos desconfiança,
Que se ontem rio Fortuna aos inimigos,
Darlhe póde âmanhã que chorar tanto,
Que só co a morte se lhe enxuge o pranto.

XI.

Mayor poder que nosso imigo temos,
E hoje estamos melhor fortificados:
Se do antigo valor naõ carecemos,
A vitoria esperemos confiados:
Porem porque os conselhos nos estremos
Casos, sempre ser deuem estimados,
Co a prudencia, & valor que consideró,
O parecer de todos ouuir quero.

XII.

Assi o Rey disse; & tal como sucede
Dos medicos cercado algum doente,
Aquem dos votos o variar impede
O remedio efficaz do mal que sente:
Ou como quando os limites excede
Do furor a Fortuna, nauta gente
Entre os gritos perder, & medo frio
O tino do gouerno do nauio,

XIII.

Tais no votar diuersos apressaraõ
Deste imperio opulento a graõ ruina
Os que na junta com elRey se acharaõ,
Aquem justo castigo o Ceo destina:
Algũs que se pedisse á paz votaraõ:
Outros julgaraõ ser fraqueza indina,
Naõ sómente o pedila, ou procurala,
Mas rogados com ella inda accitala.

XIIII.

Mas ó Iaó Colaſcar que do paſſado
Perigo inda o temor nelle reynaua,
Fingindoſe zeloſo acobardado,
Que ſe compraſſe a paz aconſelhaua:
O Principe Aladim da ſra leuado,
O proſeguirſe a guerra ſuſtentaua,
Solimão o ajudaua,& furibundo,
Aſsi dizendo ameaçaua o Mundo.

XV.

Contra ſucceſſos maos o peito forte
E de valor armado preualece:
Que trocar o valor coſtuma a ſorte,
Se a Fortuna aos ouſados fauorece.
Temor da infamia, naõ temor da morte
No peito generoſo ſe conhece;
E ſe todos a guerra aconſelhaſtes,
Como hoje reprouais ó que aprouaſtes?

XVI.

Não deixes, Rey inuicto aconſelharte
De quem do fim honroſo ſe deſuia,
E falto do valor tenta apartarte
Do meyo que ſaudauel sò ſeria:
Quem ſentir o contrario,em toda a parte,
Lhe farei confeſſar que he cobardia,
E liure falo ſem temor de nada,
Porque o que a lingoa diz, obra eſta eſpada.

XVII.

Aſsi deu fim colerico, & eſpantoſo,
E o Principe o louuou, dizendo: Fale
Sempre a Fama de ti , varaõ famoſo,
E co merito teu ſua tuba iguale.
Confuſo Colaſcar a eſte afrontoſo
Modo não ſabe ſe reſponda, ou cale,
E ſó diſſe: Deixai,corra ſem freyo,
Que pouco cuſta aucnturar o alheyo.

Não

XVIII.

Não quis falando mais auenturarse,
Porem corrido, & pouco satisfeito;
Hum firme pensamento de vingarse
Naquelle instante concebeo no peito.
Logo todos os mais, por congraciarse,
E não auenturarem seu respeito,
Com os que sempre a guerra persuadirão
Que a guerra proseguissem, concluirão.

XIX.

ElRey dé Paõ medroso do passado
Não se achou nesta junta já presente,
Que nelle, o antigo amor desbaratado
Era neue o que fora fogo ardente:
Naõ lhe cabe no peito acobardado
O coraçáo, emfim deixando a gente,
Finge ir buscar socorro nouo, & tarda,
Em quanto a noua do sucesso aguarda.

XX.

Cessa a discorde junta, & no mar soa
Bellica tuba num paraò ligeiro,
Que na praya inimiga pos a proa,
E armado occupa intrepido guerreiro:
Com alta voz, que igual co a Fama voa
A batalha prouoca auentureiro
Ao caudilho Batraõ da gente Siame
De Glaura esposo infèlis, naõ infame.

XXI.

Mostrar prometeo Sousa em estacáda
Glaura innocente, & enganado o esposo;
Teme ella amando, a Lusitana espada,
E o braço do guerreiro valeroso.
Porem do sabio Etol assegurada
Que veria no caso fim ditoso,
Sem danno do marido, a fè a trazia
Ao que mais desejaua, & mais temia.

Desem-

XXII.

Desembárca ante as barbaras bandeiras
Com Glaura, aquem o trajo o ser desmente:
Ocupa o pouo barbaro as tranqueiras,
Conue ses toldas, xarcias a fiel gente:
Batrão em tanto deixa suas fileiras,
Com negro arnez mostrando o q̃ alma sente,
E pela praya mouc o passo tardo,
Naõ sei qual mais, se triste, se gallardo.

XXIII.

Chegado onde o guerreiro Lusitano,
Ayroso tanto, quanto forte o espera,
Assi lhe disse: O tu, que por teu dano
Feroz me chamas à batalha fera,
Desse furor de teu viuer tyrano
De ti primeiro a causa ouuir quisera
Por ter a opinião justificada,
Que gouerna a razaõ, melhor a espada.

XXIIII.

A razaõ que da minha parte tenho,
(Respondeo Sousa) a acobardarte basta,
A vingar o inocente sangue venho
Da infelis Glaura, quanto infelis casta.
Naõ digas mais; da vida que sostenho,
Indino sou, o bem de mi se afasta,
(Disse o pagão) bem minha morte vejo,
Tudo me acusa,& só morrer desejo.

XXV.

Enganado (ay de mi) fui homicida
Do bem mayor que então gozaua a terra:
Dame atençaõ hum pouco, & logo a vida
Que aborreço, do peito desencerra.
Foi minha esposa, antes de o ser, querida
Do enganoso Muliàs, que nesta gnerra
Mortalmente ferido a minha offensa
Deu, dando a vida acerba recompensã.

XXVI.

Partimos de Sião, por dar ajudá
Ao Rey Malayo, mas contrario vento
Nos leuou a Ligor, onde se muda
Todo o meu bem passado, em mor tormento.
Ali cioſa paixão nunca ſiſuda
De todo me cegou o entendimento,
Dando principio a minha larga morte,
E ſucedeo o caſo deſta ſorte.

XXVII.

Dado ferro em Ligor, ao Rey amigo
Viſitar fui dos meus acompanhado,
Foi entre os mais o disfraçado imigo
Iá para o fero engano aparelhado.
Tornados â galé todos comigo
Entre tantos deitar ſem ſer notado
Pode hum libello infame, que me conta
Meu graue dano, minha injuſta afronta.

XXVIII.

Deſpois que sò na popa me deixarão
O papel vi de Inferno, & morte cheyo;
Curioſo o quis ler; antes cegarão
Meus olhos, não chorarão mal tão feyo.
Foy cada letra hum rayo, & me abraſarão
O mais guardado dalma, inda o receyo
De ſeu rigor, parece que em mi viue,
Não auendo jâ bem de que me priue.

XXIX.

Eraõ biboras feras juntamente
Que a Fama auenenarão enganoſas,
De minha eſpoſa caſta, & inocente,
Imputandolhe infamias vergonhoſas.
Moſtra penar o cauteloſo auſente
Deſejando tornar âs amoroſas
Horas, que em laço em deſonor tecido,
Gozaua do fauor só a mi deuido.

Entre

XXX.

Entrè ós sinais que estauaõ accusandó
A Glaura, li meu nome, infernal ira
O coraçaõ me abrasa, mil entrando
Furores nalma, donde amor sentira.
Fiquei por grande espaço vacilando,
Iâ me leua o furor, já me retira
O amor atè que falto de esperança
De minha offensa em mi tomei vingançá.

XXXI.

Em mi, que nella me tirei a vida,
Por cuja falta em dor eterna peno;
Assi meu bem perdi, assi perdida
Delle a esperança, aós males me condeno.
Quem o enganoso autor desta homicida
Carta fosse, por mais que saço, & ordeno
Nunca o pude alcançar atè que a sorte
O veyo a descobrir com justa morte.

XXXII.

Ontem o peito cauteloso aberto;
Iâ mortal a meus pés cahio o imigó
Mulias, que a riguroſa morte perto,
O eterno teme, & não outro castigo.
Descobrindo mortal odio encuberto;
Descobrio quanto foi cruel comigo,
E com Glaura, que já co as plantas bellas
Martyr de meu furor piza as estrellas.

XXXIII.

A dor da inueja, & verse desprezado
De minha esposa, & verme venturoso
Disse lhe conuertera o amor passado
No morral odio, que me faz queixoso.
E que traçara por se ver vingado,
Que eu mesmo (que ella amando fez ditoso)
A vida lhe tirasse mais amada,
Conseguio a vingança desejada.

XXXIIII.

Escutando o discurso de meu dano,
Ira, raiua, furor no peito ardia,
Ansias mortais, tormento deshumanõ,
Tudo quanto ha no Inferno em mi sentia.
Ao que de minha gloria foi tyrano,
A vida quis tirar, que jâ perdia:
Mas quando o furor justo se abalança,
Anticipaõse os fados a vingança.

XXXV.

Ouuido tês a desditosa historia;
Castiga agora em mi minha desdita,
A culpa naõ, que da perdida gloria
Sò tenho a pena que serà infinita.
Certa, ó forte varaõ, tês a vitoria,
Da tua parte a razaõ ta facilita,
E da inculpauel Glaura a injusta offensá
Presas me tem as mãos para a defensa

XXXVI.

Assi dizia, & compassiuo em tanto
O escutaua o guerreiro generoso,
E Glaura que deter naõ pode o prantò,
Em soluços descobre amor queixoso:
Corre o auaro veo com mudo espanto
A vè, a reconhece o triste esposo,
E bem que inda naõ crê o bem que viá
Amante abraçar corre o que naõ cria.

XXXVII.

Glaura se afasta, & diz: Detente, ingrato,
Que naõ me traz aqui tençaõ de amarte,
Zelo si de honra, & desmentir o trato
Que vsaste com quem jâ soube adorarte.
Em tanto copiosissimo aparato
De lagrimas ostenta, & igual reparte
Aos bellos olhos, da alma o sentimentó,
E ao confuso Batraõ gloria, & tormento.

Mas

XXXVIII.

Mas vence à gloria, & contra o iroſo aſpeito
Se arma de ſuaue eſcuſa, & rogo brando,
Que esforça o ſentimento, & doce affeito,
Que da alma eſtà ſuſpiros arrancando:
Tanto ſe eſcuſa, & roga em fim, que o peito
Da que renderſe eſtaua deſejando,
Commouido ſe moſtra, & aos fortes braços
Communica reciprocos abraços.

XXXIX.

Deſpois que breue aliuio as almas deram
Nos amoroſos laços dos compridos
Tormentos, que igualmente padeceram
A Souſa graças daõ agradecidos
Poſto que os bõs (Batraõ lhe diz) fizeram
O bem, sò por ſer bem, & os recebidos
Fauores pagarâ ſempre a memoria,
Ajuntando a tuas glorias eſta gloria.

XXXX.

Em quanto receber o peito alento
Serà tua eſta vida, & ſe a fè dada
Naõ impedira o grato penſamento,
Fora do bando Luſo hoje eſta eſpada:
Porem lei de primor, grilham violento
A vontade, que tẽs tam obrigada,
Obrar naõ deixa quanto obrar eſpera,
Paſſada eſta occaſiõ, que o Mundo alterà.

XXXXI.

A gloria do ſucceſſo, eſſa vontade
Saõ paga a meu deſejo venturoſo,
Pois vi monſtros de Amor, rara igualdade,
De quem o mais feliz viua enuejoſo.
Aſsi reſpondeo Souſa, & de amizade
Perpetua às mãos ſe daõ, & com ſaudoſo
E cortes ſentimento ſe deſpedem,
Hum torna ao mar, os dous o campo medem.

XXXXII.

Cõ pranto Alaida à sorte venturosa
De Glaura soleniza, & assi descança,
E se mostra de seu amor queixosa,
Que vão seguindo vai vã esperança.
Ditosa tu mil vezes, & ditosa
A pena, que taõ grande premio alcança;
Sofrendo males, alto amor mostraste,
E nas asas da Fama o leuantaste.

XXXXIII.

E mil vezes eu triste sem ventura,
Que hũa incerteza, hum impossiuel sigõ,
A vista sempre tendo a morte dura,
Dè hum perigo passando a outro perigo.
O se quando saí da sepultura
Primeira, fora tanto o fado amigo,
Que o leite que mamei da nutriz cara,
Veneno fora, & a morte entaõ mamara;

XXXXIIII.

Do amado pay o fim cruel naõ vira
Pela fera ambiçaõ do irmão tyranó,
As ansias, & tormentos naõ sentira
De amor, segunda origem de meu danó:
Nem quando homẽs, & Ceos só tratãõ de ira,
E furor infernal incita o humano,
Testemunha infeliz a ser viera
Da ruina, que à amada patria espera.

XXXXVI.

Como os rios ao mar, os males correm
A meu peito dos males centro triste,
Como os ventos fugindo, os bẽs discorrem
Que só em fugir de mi seu ser consiste:
Inueja grande tenho a quantos morrem,
Culpo a vida, qué a tanto mal resiste:
Mas viue a pena alma; que me canso,
Pois nem posso na morte achar descanso?

Não

XXXXVI.

Naõ me eſcondem meu bem torreados muros,
Nem mo negaõ só montes leuantados,
No meyo me têm poſto os fados duros
Immenſos mares, reynos apartados:
Seguem meus vãos cuydados mal ſeguros
Eſperanças de bẽs sò imaginados;
O vaidade, que adora o penſamento!
O ſuaue alheaçaõ do entendimento!

XXXXVII.

Se pàrá mi ouuèra inda algum hora
Poder contar as penas que padeço
Ao bello objeito, que minha alma adora,
E por ſenhor anſente reconheço:
Todo o paſſado mal, gloria me fora,
Iſto piedoſos Ceos, humilde peço
Fareis ditoſa minha triſte ſorte,
Serâ ſuaue â ſua viſta a morte.

XXXXVIII.

Naõ perde tempo o inuicto Afonſo em tanto;
E qual o lutador, que jâ prouarà
As forças do contrario, que com tanto
Trabalho a vez primeira derribara;
Mil tretas conſidera, & com eſpanto
Dos circunſtantes, brauo ſe prepara
Para o ſegundo encontro, em que jà agloria
Gozar eſpera da vltima vitoria;

XXXXIX.

Tal mil eſtratàgemas imagina
E diſcorre co graue penſamento,
Quais podem ſer conforme a diſciplina
Militar do contrario, ardis, & intento:
E por preuenir tudo, determina
Màndar quem no valor, & entendimento
E na aſtucia ſegundo Vlyſes ſeja,
Pàra que tudo inquira, & tudo veja.

L.

Quém êste aja de ser imaginando
Em quem tam nobres partes concorressem,
De Etol se lembra, & bem considerando
Ciencia, fè, & valor, que o enriquecem.
O chamou ante si, & disse: Obrando
Em fauor nosso os quatro que florecem
Hoje no Mundo em armas, nos trouxeste;
Com Deos, se a mi obrigaste, mereceste.

LI.

Logo á cidade à escala vista entrámos
Que perto esteue entaõ de ser ganhada,
E se dellá senhores naõ ficamos,
Seria por naõ ser a hora chegada:
De assaltala segunda vez, tratamos,
Mas como hoje estará fortificada,
Saber importa, porque á sua fraqueza
Apliquemos a nossa fortaleza,

LII.

Tratáõ de sua defensa, & naõ duuidó
Que toda a sorte de Marcial engano
Tenhaõ com noua astucia apercebidó
Onde menos se tema em nosso danó.
Porèm tu, que do Ceo foste elegido
Para instrumento, & meyo soberanó
Do gram castigo, que a Malaca espera
Has de estoruar o effeito a tençaõ fera.

LIII.

Tu co á ciência tuá entrar seguro
Entre os imigos podès, & trazerme
A informaçaõ de tudo que procuro,
Porque saiba guardarme, & atreuerme.
Etol lhé respondeo: No reyno escuro
Entrara a ser possiuel, que meterme
Naõ estimo por ti no mo r perigo,
Desque teu estandarte, & gosto sigo.

Logo

LIIII.

Logo que a negra noute o manto estenda,
E varios casos, qual costuma, encubra,
Entrarei por Malaca até que entenda
Quantos enganos, & cautellas cubra:
E para que melhor tudo comprenda,
E vistos os perigos, tos descubra,
Fingirme saberei de toda a sorte,
E daquella naçaõ, que mais importe.

LV.

Assi lhe disse; & quando a tenebrosa
Filha do antigo Chaos acompanhada
Do graue horror, & confusaõ medrosa
Sono infunde na gente trabalhada:
Apertando a Garcia a valerosa
Destra, lhe disse: Para ti guardada
Tem o fatal destino alta auentura
Meus passos segue à sorte te assegura.

LVI.

Vamos (o valeroso Sá responde)
E se queres vejamos donde nasce
Atè donde cansado o Sol se esconde,
Ou mandame que o lago Estygio passe.
Partem com isto, & tomaõ terra adonde
Naõ pudessem ser vistos, nem se achasse
Cousaque ser pudesse impedimento
Para se conseguir o fim do intento.

LVII.

Primeiro mudaõ de armas, & vestidos,
E de modo ficaram disfraçados,
Que dos amigos inda que aduertidos
Foram por Guzarates reputados:
Assi do escuro horror fauorecidos
Por lugares de Etol já frequentados
Lâ pela parte do Sertam entraram,
E a cidade atè o mar atrauessaram.

Com

LVIII.

Com as imigas tropas se misturaõ,
E de hũa em outra estancia vão passando;
Os secretos enganos ver procuram,
Etol sempre inquirindo,& perguntando:
Vem quam pouco os Malayos se asseguram
Dos seus bẽs a cidade despejando:
Quais as formigas com industria, & arte
Mudar soem os cileiros a outra parte.

LIX.

Virão das ruas as secretas minás,
E na praya os abrolhos encubertos,
De êsperas basiliscos, culebrinas
Graõ copia, & de outros bellicos concertos;
Das abrazadas casas as ruinas,
E das riquezas os Gudoẽs desertos,
E a ponte viram taõ fortificada,
Que mostraua negar a tudo entrada.

LX.

Os brauos Coraçanes, & Mogores,
E os Guzarates em sua guarda viraõ,
Porque como eraõ tidos por melhores,
O perigo mayor lhes repartiraõ.
Vista Malaca, & os muitos valedores,
Que em vaõ, & por seu dano lhe acodiram
Com aquelles sairão, que tirauaõ
Riquezas que dos montes confiauaõ.

LXI.

Lá fóra (disse Etol) caminhó brẽue
Conuem fazer a parte que se oculta,
Segueme alegre, que aquem bem se atreue
Nunca o Ceo cousas grandes difficulta.
Dizendo assi, moueo o passo leue
Por via estreita, & quanto estreita, occulta,
E naõ parou, nem deu de nada indicio,
Até chegar a hum celebre edificio.

LXII.

Mostrãuã (posto que era a noute escurã)
Ser de marmore branco a alta portada,
De rara, ou nunca vista arquitetura
Por artifice douto fabricada;
Abrioſe da graõ porta a cerradurã,
Dando â famoſa copia liure entrada,
Começando hum eſtrondo, que arruinarſe
O Mundo parecia, o Ceo quebrarſe.

LXIII.

Cobrio eſcura nuue a face bella
Da clara irmã do Sol, que então saîa
Mil trouoés retumbaram entre aquella
Treua, que com os rayos ſe acendia.
Paſſada a tempeſtade, cada eſtrella
Torna a dar luz de nouo â noute fria,
E os dous ſe acharam do edificio em parte
Onde iguais craõ a materia, & arte.

LXIIII.

Nèſta quadra primeira ſobre a porta,
Por donde ſe entra a mais ſublime aſſento,
De hũa grande matrona a viſta exhorta
A leuantar o nobre penſamento:
Pintada tem aos pès a inuejа mortã,
E adornaõ as paredes do apoſento
Troſeos, eſtatuas, carros, que aos famoſos
Conduziram triunfando vitorioſos.

LXV.

Eſta, aquem templo dão, julgão deidade,
Que tudo eſcuta, & ve, tudo publica,
E ao Mundo veyo na primeira idade
Sonora tuba â locaz boca aplica.
Abreſe ao ſom à porta, & a mageſtade
De outra caſa ſe ve, em que entraõ, ricá
De glorias, onde não ſe teme a ſorte,
Nem tem lugar o tempo, nem a morte.

Bella

LXVI.

Bella deidade então em forma humana;
Que de candor vestida, & louro eterno
Coroada a cabeça soberana
Nos Ceos assiste atormentando o Inferno
Os recebe, dizendo alegre, & vfana:
Salue dino varaõ là do superno
Assento Para ti por mi guardado:
Aqui de longos annos esperado.

LXVII.

Logo destas duas casas sumptuosas
A terceira os condus de mor grandeza
Em que ardiam mil pedras luminosas
Que mostrauaõ do teito a gram riqueza.
Ornauaõse as paredes de famosas
Pinturas, aquem daua tal viueza
Dá arte o primor, que Apelles se enganara,
E as figuras heroes viuas julgara.

LXVII.

Ao caualleiro as mostra, & assi mouendo
A douta lingoa, disse: Nas idades
Antigas o por vir Pate Vnuz vendo
Effigies fez dos que estimou deidades.
Deixou à todos temeroso, & horrendo
Por neuoas grossas, feras tempestades
Este lugar & ati sò destinado
Poder ver o que nelle està guardado.

LXIX.

Algũs desses que ves, goza hoje oMundo,
Outros seram, correndo o curso de annos,
Que nestas partes com valor profundo
Haõ de passar os limites de humanos.
Desse que ves primeiro sem segundo
Sempre inuicto, castigo de tyranos
Segues o glorioſissimo estandarte
Esse he Albuquerque verdadeiro Marte.

Este

LXX.

Este o jugo porâ a ceruiz altiua
Que em tantos annos pòr Siam naõ pode,
E aqui sua memoria estàrâ viua,
Iâ corra o tempo, jâ a Fortuna rode.
Teme, ò Malaca, a destra vingatiua,
Que o açoute irada sobre ti sacode:
Porem se agora fores castigada
Desta gente serâs tambem guardada.

LXXI.

Olha o bom Ruy de Brito Patalino,
Que serâ della o defensor primeiro,
E Andrade, que esse tanque Neptunino
Co sangue tingirâ do Iao guerreiro:
Irâ delle fugindo peregrino
Pate Quetir no trance derradeiro,
E fugirâ tambem desbaratado
Da Iaca o Rey soberbo acobardado.

LXXII.

Esse que està mostrando o rosto iroso
De hum graue engano ao parecer sentido,
He Iorge de Albuquerque, tam famoso,
Que naõ poderâ ser nunca esquecido.
Esse outro mais valente, que ditoso,
(Se he julgar pelos astros permitido)
Gozarâ pouco tempo este gouerno
Delle cobrando a morte o censo eterno.

LXXIII.

Do bom Iorge de Brito porâ a morte
Este estado em grandissima auenturâ,
Tanto he cega a paixam, a ambiçaõ forte
Que sua ruyna, & destruiçam procura:
Porem no graue mal da mesma sorte,
Que o santo lume na tormenta dura
Aparece aos afflitos marinheiros
Lhe acodiram aquelles dous guerreiros.

Aquelle

LXXIIII.

Aquelle he Dom Aleixo de Meneses
Esse outro hum Costa illustre, cuja historia
Honra, & gloria será de Portugueses
Dina do eterno archiuo da memoria.
Defenderâ Malaca, mil reueses
Da Fortuna sofrendo, mas com gloria
Iaos rebate udo, & Mandarijs valentes
Cos poucos seus famintos, & doentes.

LXXV.

Olha Manuel Falcão, olha Duarte
De Mello sobre a imiga fortaleza,
E Diogo Pacheco horror de Marte,
Que morto o bõ Falcão, consigue a empre
Morre Falcão, mas não aquella parte,
Que immortal dotou Deos de mor nobre
Daii aquella illustre, & ditosa alma
Irâ triunfar nos Ceos com justa palma.

LXXVI.

Eis em ti passa ó peso do gouerno
Afonso Lopez da inclita cidade
Sintindose acabar de hum mal interno;
Que em flor o roubarâ â nossa idade!
Acquiriras aqui renome eterno,
Insigne vencedor da aduersidade,
Contino cerco, & fomes padecendo,
A vista o fero imigo sempre tendo.

LXXVII.

Por asperezas tais te farás dino
Do gouerno Oriental mais soberano,
E nelle com assomos de diuino
Saberâs exercer imperio humano:
Supremo aqui te ves; mas ó destino!
Nunca aos mortais igual que ali inhuma
Quando atreuerse contra ti duuida,
De ti se atreue à parte mais querida.

Forçã

LXXVIII.

Porção vejó dessa alma generosa
Em solidão, & estremo desemparo
Vozes mandar ao Ceo em vão queixosa
De obstinaçaõ fatal exemplo raro:
Dispoem teu peito a proua rigurosa
Claro varaõ, que Alcides assi claro
No trabalho se fez, & ao claro assento
Naõ por gostos sobio, mas por tormento.

LXXIX.

Esse que está Bellona coroando
Dos despojos de Daphne, he descendente
Do grão Dom Phafes, luz a que imitando
De reyno em reyno vai, de gente em gente.
Olha com que valor as vellas dando
Do rio de Muar vence a corrente,
Já salta em terra, ganha o Pago logo,
Foge elRey de Bintaõ, ella arde em fogo.

LXXX.

Lá nó Persico seyo em Barem rica
De grosso aljofar vence o mor perigó
O Rey Mocrino na defensa inica
Sentirá de seu braço o grão castigo:
Posto que a soldo conduzindo aplica
Persas, & Arabios doze mil consigo
Velo catiuo, & prezo, & sua cabeça
Entre as Aguias, & Cruzes dina empreça.

LXXXI.

Tal o filho de Danae valeroso
Co Talar de Mercurio, & curuã espada,
E co escudo da deusa luminoso
Do cerebro de Iupiter gèrada,
De hum golpe corta o collo temeroso
Daque já fora de Neptuno amãda
Pallisso o rosto de serpentes cheyo
Ao escudo fatal he rico arreyo.

Mas

LXXXII.

Más nãõ se mostrarâ menos valente
Contra Melique Az senhor de Dio,
Quede tantas vitorias insolente
Contrasta de Chaul o senhorio.
Que tomando da armada este o tridente,
Iâ lhe foge de medo o Mouro frio,
Do rio Nagotana atè Cambaya
O mar he sangue, sepultura a pràya.

LXXXIII.

O Pago destruido, o Rey tyrano
Na ilha de Bintam se fará forte.
E com ver da Fortuna o desengano,
De nouo tornará a tentàr a sorte:
Dali seus capitaẽs em Christaõ dano
Seraõ ministros da violenta morte,
E chegarâ Malaca a tal estremo,
Que temendo trabalhos tantos, tremo.

LXXXIIII.

Tornarâ Iorge de Albuquerque & inuicto
Successor te serà em trabalho tanto,
E qual tu com valor quasi infinito
Cerco resiste,& do inimigo he espanto.
Dè Garcia Cainho em alto grito
Dirâ a Fama. o valor,& zelo santo,
Alli forte os imigos vai ferindo,
E là piadoso aos pobres acodindo.

LXXXV

Aquelle que deixando a espoſa ãmada
E tenros filhos, rompe o mar furioso:
Naõ respeitando a idade respeitada,
O que manda seu Rey, cumpre animoso:
O que deixa Bintam desbáratada,
E que a Cunda comete generoso,
He Francisco de Sâ no fim dos annos
Dino exemplar de brauos Lusitanos.

LXXXVI.

Esse he teu cláro irmão, que hoje prudente
Cargo illustre ministra soberano,
E coberto de arnes resplandecente
Já assombro foi do fero Mahometano.
Em fim o imitador do auo valente,
Que tomou as galès ao Castelhano,
Vio junto ao fresco Douro a luz primeira,
E a luz verá em Malaca derradeira.

LXXXVII.

Despois que em mil acçoẽs o braço forte
Encher o mar do Oriente de esperança,
A que a todos iguala dura morte,
Lhe abrirá passo a eterna segurança.
Porem ves tu que opoem o peito á sorte
E por seruir seu Rey alegre cansa?
O filho vejo mal remunerado,
E de seus bẽs o neto despojado.

LXXXVIII.

Martim Afonso de Sousa, & Serraõ vejo
Com Lacximana em desigual batalha,
Mortos os choro, & mortos os inuejo
Vencedores da barbara canalha.
Olha outros dous tambem gloria do Tejo
Romper em Linga a armada, q̃ o mar coalha,
Hum Balthasar Rodrigues he de Beja,
Outro Aluaro de Brito a Marte inueja.

LXXXIX.

Manuel de Sousa Alli segue animoso
Com tres lenhos a armada numerosa
Morre, & vence no trance mais glorioso
Que segue ao graõ valor morte gloriosa.
Mas vira os olhos ao varaõ famoso,
Que darâ fim a empresa perigosa,
A Pero Mascarenhas, aquem ama,
Para se empregar nelle sempre a Fama.

LXXXX.

Deste logo ò Patane o rigor sente,
E parcas paga enuolto em medo frió;
E a Lacxamana em terra,& mar potente
Quebranta ostentaçaõ soberba,& brio.
Iá vay sobre Bintaõ, fende a corrente,
Vence impossiueis sobe o fundo rio,
Entra a cidade a vida a tudo nega,
Foje cobarde o Rey,ao fogo a entrega.

LXXXXI.

Vès com quẽ valeroso sofrimento
Vence a propria paixão, senrazoẽs passa?
Escusando chegar ao fim violento
Caso, que tantos males ameassa.
Exemplo seja sempre o pio intento
Aquem ambicioso as leys traspassa.
Ao Rey,& a Deos de quem a paga espera,
Fazer mayor seruiço naõ podera.

LXXXXII.

Olha Iorge Cabral com rigurôza
Guerra, alli do Longou toma vingança,
E já subido a successaõ honroza,
Supremo rege, & nome eterno alcança.
Eis Pero de Faria de paz goza,
E Malaca parece que descança
De quantos tras consigo a dura guerra
Males, que padecera em mar,& em terra.

LXXXXIII.

Mas Dom Paulo da Gama se offerece
Do sol de Gama rayo peregrino
Quanto nelle o valor do pay florece,
Tirando vidas Marte Neptunino:
Entre os feros imigos resplandece,
Entrando o imigo lenho, mas destino
Cruel atalha com acerba morte
Quanto obra co a espada o braço forte.

LXXXXIIII.

Aqui para à vingunça já apercene
O magoado irmão lenhos, & gente,
E por perigos mil àli se atreue
A fender do lentana a graõ corrente.
Ves como em terra salta, & em tempo breue
Entra, & entrega a cidade ao fogo ardente!
Saluase na espessura o Rey medroso,
E Dom Esteuaõ parte vitorioso.

LXXXXV.

Velo sobre o Rey torna, que infestando
De nouo com armada o mar corria.
Tudo lhe abraza, foje o imigo bando,
Entregue a mayor parte â morte fria.
Humilde ali lhe pede a paz jurando
Que nunca mais as armas tomaria;
O valeroso Gama lha concede,
Mas seguros refés primeiro pede,

LXXXXVI.

Velo àcode ao rumor, o Achem rebate
Nesse nocturno assalto inopinado,
E acola resistir feroz combate,
E fugirlhe o de Achem desbaratado:
Males àtalha, presunçõs abate,
E feliz rege de Oriente o estado
Respeitado dos seus, & obedecido,
Do Turco, Persa, & Malabar temido.

LXXXXVII.

Eis rompe o mar (buscando a Turca armada)
Que abre passo a Israel, Pharao castigo,
Sente a força Alcoce da destra irada,
E no vltimo a consume a chama imiga.
Ve Toro sobre si a talhante espada,
Mas por seus seruos a defende & abriga
A mártyr Catherina, que defronte
Tem sacra sepultura em sacro monte.

LXXXXVIII

Eis o heroe valeroso, que fugindo
Do Mundo, & de si mesmo, vence o Inferno,
E por caminhos asperos subindo,
Conquista venturoso o reyno eterno:
Olha que multidaõ o vay seguindo
De almas, que ha de liurar do escuro auerno!
Salue, ó do Ceo na terra peregrino
Elias zelador, Paulo diuino.

LXXXXIX.

Milagroso Francisco, ó quem gozará
Do tempo da tua vinda venturoso!
Graõ Malaca solicita prepara
Condino hospicio ao varaõ glorioso.
Eis chega a Moçambique, onde com rára
Caridade, & cuydado feruoroso
Enfermo no hospital enfermos cura,
E a saude nas almas lhes procura.

LL.

Eis desembarca em Goa, ó quaõ trocádos
Em breues dias faz seus moradores,
Penitentes chorando erros passados,
Chouem dos Ceos auxilios, & fauores:
Desprezandó trabalhos arriscados,
E das desertas prayas os ardores,
No cabo Comorij o ves prégando,
As almas a milhares ao Ceo dando.

LLI.

Deuoto em Meliapor entra, & visitá
De Thomè a venerada sepultura,
E por meyo do santo solicita
Ardente, & santo esprito na alma pura:
Dali passa a Malaca, donde o imita,
Com branda voz rendendo a gente dura,
Que engolfada nos vicios vai perdida,
Dos bẽs que saõ duraueis esquecida.

LLII.

As infernais legioẽs faz dura guerra,
Prègando, & conuertendo o pouo rudo,
Imita a Chriſto, & Chriſto cá na terra
Lhe concede poderes ſobre tudo.
Naquelle moço que lá ves ſe encerra
Eſpirito rebelde, ſurdo, & mudo,
Iá foje o imigo por Xauier rendido,
Iá fala, & graças dá o moço affligido.

LLIII.

Eis em Amboino do Senhor cultiua
A vinha, aquem cultor ánnos faltará,
E cauando de nouo, com fè viua,
A cerca, & de ſeus danos a repara:
E como dos trabalhos naõ ſe eſquiua,
Na aſpereza do Moro, terra auara
Planta ſeu zelo ardente plantas bellas,
Que o fruto hão de ſobir ſobre as eſtrellas.

LLIIII.

Velo torna a Malaca, & juntamente
Vem ſobre ella o de Achem com lenhos cẽto.
Olha Simão de Mello, que valente
Do inimigo reſiſte o marcio intento.
Anima o varaõ ſanto a Chriſtã gente
A que vá do contrario em ſeguimento.
Eis Dom Franciſco Deça o mar cortando
A numeroſa armada vai buſcando.

LLV.

Theatro o Parles do naual conflito
Iá co ſangue do barbaro ſe inunda.
O qual ſe moſtra o Luſitano inuicto,
Conſumida do Achem a gente immunda!
Tudo Franciſco ve em rapto eſprito
Conſola ao dubio pouo a voz jocunda,
Reuelandolhes a inclyta vitoria,
Alcançada dos ſeus com tanta gloria.

LLVI.

No Iapaõ, como o Sol quando amanhéce,
Desterra as treuas, & dá luz ás almas,
O como entre os trabalhos resplandece
Caminhando por neues, & por calmas!
O quanto a vinha do Senhor florece,
E quantas ao Ceo dá triunfantes palmas!
Quantos por elle Deos milagres obra!
O cego vista, o morto vida cobra.

LLVII.

Reluz a santidade na pobreza,
E dos barbaros Reys he venerada,
Taõ grande he da virtude a gentileza,
Que he dos proprios imigos respeitada.
Velo outra vez do mar passa á incerteza,
E para cometer noua jornada,
De Iapaõ torna a Goa, & nunca cansa,
Que busca a Deos, & nelle só descansa.

LLVIII.

Lá da idolatra China o mar nauega
Pela dar toda a Deos seu zelo ardente:
Mas inda naõ merece a gente cega
Ver o lume da Fè resplandecente.
Eis o fim já de seus trabalhos chega,
E a gozar vai do premio eternamente.
Eis o santo cadauer torna a Goa,
E a fama de milagres raros voa.

LLIX.

Aquelle que defende a fortaleza
De tantos Reys, & gente combatida,
Opondo com intrepida braueza
O primeiro ao perigo sempre a vida:
He Dom Pedro da Silua, que só preza
A que a heroicos espiritos conuida;
Este merce do Ceo goza a excelencia
De estrema valentia, & de prudencia.

Mas

LLX.

Mas, ah dór grande! que entre tantã gloria
Morto ves Dom Garcia de Meneſes:
Mas ſe dar pode vida heroica hiſtoria,
Honra eterna ſerâ de Portugueſes.
Olha Gomez Barreto; alta memoria
Deixa de heroicos feitos, quantas vezes
Cõm hum só lenho a toda a armada imiga
Afronta, ou (por melhor dizer) caſtiga.

LLXI.

Vês Chriſtouão de Sâ, que no trabalho
E mayor riſco os feros Iaos rebate.
Eis chega Gil Fernandes de Caruaſhó,
Com que immenſo valor logo combate.
Os Iaos fogem temendo o mortal talho,
Sem que o poſſa deter ſangue de Pate;
Segue o bando Chriſtaõ a heroica prouâ,
Dà co barbaro ſangue ao mar cor noua,

LLXII.

Là cercâ o fero Achem por mar, & terra
Com infinita gente a fortaleza,
Com poucos Dom Leonis dentro ſe encerrà,
Mas ſupre ſeu valor, & ſua deſtreza.
Nota as diuerſas maquinas de guerra,
Dos aſſaltos continos a brauеza,
E da virtude a multidaõ vencida,
Deſpois de tantas vezes rebatida.

LLXIII.

Perdidâ a gente, o credito perdido,
Leuanta cerco o Achem deſeſperado,
Hum filho morto deixa, mal ferido
Leua outro de viuer deſconfiado.
Eis vem para o ſocorro apercebido,
Do primor de amizade eſtimulado,
O bom Rey de Iantana o Mundo vejâ
A prouâ dina de louuor, & inueja.

LLXIIII.

Torna o barbaro Achem ao Marte iroso
Com insolencia os mares infestando:
Mas olha como jâ no rio formoso
Luis de Mello, & Silua o estâ abrazando.
Vencedor entra o jouem valeroso
Em Goa, que o Hidalcaõ quer debellando
Tornar ao seu antigo senhorio,
Mas acha de Atàide oposto o brio.

LLXV.

Essoutro que tambem julgo inuenciuel
Serâ Mathias de Albuquerque; ò quanto
Em Ior se mostra ao Achem terriuel,
Rompendo em breue espaço poder tanto!
Posta a Fortuna aos pés, vence o impossiuel,
Aos nautas causa vniuersal espanto,
Ventos contrasta, brauo mar nauega,
E ao supremo lugar do Oriente chega.

LLXVI.

Alli Dom Ioaõ da Costa anima a gente
Da fome, & enfermidades trabalhada,
E os nauios repara diligente
Com que logo no mar poem grossa armada.
Olha como lâ em Ior destro, & valente
Iuncos abraza, & tem despois cercada
A cidade Dom Pedro de Meneses,
Honra, & gloria de illustres Portugueses.

LLXVII.

Eis resplandece o grande Luis Monteiro,
Conquistador do Ceo, terror do Inferno.
Nunca espada empunhou melhor guerreiro,
Nem rompeo de Neptuno o seyo interno:
Em Chaul, & Damaõ auenturciro
Começarâ a fazer seu nome eterno;
Terâ nesse mar celebres vitorias,
Em fim no Achem o cume de suas glorias.

LLXVIII.

Ves Malaca cercada, & que a defende
Do bom Roque de Mello o valor raro,
Feroz às ondas Luis Monteiro fende,
Por dar â fortaleza illuſtre amparo.
O qual num lenho só tantos offende,
E cuſtar faz ao Achem ſeu odio caro;
Mas ay que o que naõ pode o imigo forte,
Pode o rigor da deſaſtrada ſorte!

LLXIX.

Por culpa de ſoldado pouco eſperto,
Toma a poluora fogo, & num momento
Da infauſta furia o baxel forte aberto
Cubertas, & homẽs voão pelo vento.
O bom Monteiro de viuer incerto,
As ondas torna, onde com nouo alento
Nadándo, conſeruár procura a vida,
Que eſcapara da poluora acendida.

LLXX.

Mas conhecido, quando mais ſe animã,
Perde (ſe a vida ſalua) a liberdade;
Leuaõno ao Rey do Achẽ q̃ tanto o eſtima,
Como ſe então rendera à aurea cidade;
Moſtra o cruel que delle ſe laſtima,
E a que deixe a ley ſanta o perſuade
Tanto em vão com promeſſas, & fauores,
Quanto com aſperezas, & rigores.

LLXXI.

Conſtante perſeuera, & indinado
De infernal furia aceſo o Rey lhe ordena
O fim de tantos ſantos inuejado,
E â ventura mayor cego o condena.
Aquelle grande campo rodeado
De varias gentes â ditoſa pena
O trazem com aquelles caualleiros
Na guerrâ, & no martyrio companheiros.

A ſuã

LLXXII.

A sua vista os estaõ despedaçando
Por lhe causar temor; elle animoso
A vida eterna lhes está lembrando
De que primeiro a gozem invejoso,
Os ministros em fim executando
O barbaro furor do Rey iroso,
Bala o fazem de peça fulminante,
Donde voando ao Céo, sobe triunfante.

LLXXIII.

Olha agora o famoso Andre Furtado
Em tantos trances marciais invicto;
Dino de ser de todos invejado
Taõ heroico valor, taõ alto espirito:
Descerca Cananor, & faz ao usado
Cercador tributario, & no conflito
Naual vence, & o cossario leua à Goa,
Onde de dous triunfos se coroa.

LLXXIIII.

Eis lá segunda vez as ondas fende
A pezar do furor, do mar, & vento:
Logo tres fortes naos de Meca rende;
E auante passa ao principal intento.
Chega a Ceilão, Columbo se defende,
Foje o fero Raju, foje o sedento
De sangue Cutimuça temeroso,
E o capitão o segue vitorioso.

LLXXV.

Tinge em sangue o Cardiga, & a insolencia
Do barbaro castiga, que perdida
(Despois de valerosa resistencia)
A armada deixa, & salua a nado a vida.
Nota com que admirauel diligencia
Em Iafanapatão salta, & vencida
A cruel batalha, mata o Rey imigo,
E Rey poem de sua mão fiel, & amigo.

LLXXVI.

Lá prende o famosissimo Cunhale,
Ganhada a inexpugnauel fortaleza;
Aqui emmudeça a inueja, ou sempre fale,
A pezar seu, louuores da alta empreza.
Agorã cale Roma, Grecia cale:
E tu nota o valor, nota a destreza
Cõm que deita da Cunda a loyra gente
Da vossa Europa intrepida, & valente.

LLXXVII.

Eis do mar de Maluco os vai deitando,
Ganhando fortalezas, & cidades
Nouas ãzas a Fama, & lingoas dando,
E inueja aos q̃ haõ de vir noutras idades.
Hie mão inexpugnauel escalando,
Chouem do muro horrendas tempestades
De tiros, & de hum seixo derribado,
Quasi darâ tributo ao mortal fado.

LLXXVIII.

Na fortaleza què là tem cercada
Sete Reys confiados na vitoria
Da Olandesa ajudados grossa armada;
O espera de suas glorias a mór gloria.
Com pouca gente enferma, & trabalhada
Cousas dinas farà de eterna historia,
E se ha de ver em bronzes esculpida,
Malaca por Furtado defendida.

LLXXIX.

Agora olhã esses dous que em outrã idade
Porião Roma, & Grecia entre as estrellas
Porem jâ lhe prepara a eternidade
Lugar aonde seraõ luzes mais bellas:
Hum por entre a sulfurea tempestade
Da artolharia de Olandesas velas
Socorre a fortaleza em males posta
Este inuicto serâ Fernaõ da Costa.

LLXXX.

Essoutro que acaudilha altos guerreiros
Que os vinte, & cinco se diraõ da Fama
Lhe valerâ nos trances derradeiros
Rompendo tanto imigo & ardente chama
Esse exemplo será de caualleiros
E se quereis saber como se chama
Varaõ que ha de gozar taõ alto espirito
Ioaõ Rodrigues Camelo estâ alli escrito.

LLXXXI.

Eis Dom Martim Afonso, que animoso
O vem a descercar; ó dura sorte!
Quanta esperança, o jouem valeroso,
Ha de atalhar intempestiua morte!
Chore o Tejo teu fado riguroso,
Que a ter mais larga vida, ó Castro forte,
Do graõ Dom Ioaõ de Castro as acçoẽs claras
Emulo de suas glorias imitaras.

LLXXXII.

Aquelle digo, que farâ ditosas
Com seu gouerno as prayas Indianas,
E alcançarâ vitorias taõ glorioſas
Que em muito excederâ as acçoẽs humanas,
Mais te mostrara empresas milagrosas,
Que haõ de alcançar as gentes Lusitanas
Mas a Aurora, que as treuas já desata,
Sobir no carro quer de fina prata.

LLXXXIII.

Importa qúe na armada estejais antes
Que de todo recolha a noute o manto,
E que as aues, que saõ do dia amantes,
A noua luz celebrem com seu canto.
Dizendo assi, das salas rutilantes
Os dous se acharaõ fora com espanto,
Do caualleiro, donde o mar quebrâua,
A vista do batel, que os esperaua.

LIVRO XI.

ARGVMENTO.

Abreu mouendo contra a ponte ousado
Na força do combate ardente bala
Lhe leua lingua, & dentes, & esforçado
Mais nome ganha, quando perde a fala:
Na ponte o claro Afonso auendo entrado,
Mostra que a seu valor nenhum se iguala;
A mãos do illustre Sá Solimão morre,
Geinal a Infanta, aquem amou, socorre.

I.

VIsta a casa famosa amânhecerão
Na armada, & ao forte Afõsoq̃ aguar-
Cuidadoso noticia larga derão (dana
De quanto o Rey tyrano preparaua.
Ira no coraçaõ justa acenderaõ
Que o generoso peito lhe inquietaua,
E vendo que aguardar era danoso
Prudente ordena, & executa iroso.

O junco

II.

O juncó brauo de Geinal guarnece
De gente, artelharia, & de arrombadas,
Nelle mandou a Abrehi que se opuesse
Sobre a ponte, & inimigas estacadas,
Para que a artelharia defendesse
Serem outras de nouo fabricadas,
Atè saõs os feridos pòr o peito
A cidade outra vez com duro effeito.

III.

Tinha na estreita barra o fundo rio
Hum baixo, que a passagem impedia
Nos menores influxos ao nauio,
Que a grandeza das fustas excedia.
Mas de agoas viuas com algum desuio
Sobir o mayor lenho bem podia,
O guerreiro o lugar honroso estima,
A conjunçaõ aguarda, aos seus anima.

IIII.

Logo que vè do Sol a irmã rotunda,
O mayor capitaõ ante si chama
Todos os capitaes, & com facundá
Lingua em desejo bellicoso inflama:
Varoẽs illustres, cuja fama inunda
Des donde cà primeiro o Sol derrama
Seus rayos, até là donde cansado
Se entrega ao mar de Vlysses nauegado.

V

Chegada he a occasiaõ que nos conuida
A dar a esta obra fim, q̃ entre as mãos temos:
Pintaõ calua a occasiaõ, & mal perdida,
Muy tarde, ou nunca mais a cobraremos.
Ao rayo na primeira arremetida
Imitando, o possiuel excedemos,
Porem quanto atègora trabalhamos,
Serà em vão, se Malaca naõ ganhamos.

Senaõ

VI.

Se naõ considerai qual foi o fruto,
Que tirou Anibal de tanta guerra,
Entrou Scipiaõ Carthago, eterno luto
Ficou por elle na Africana terra:
Quanto em dez annos fez o Grego astuto,
Que a gente no fatal cauallo encerra
Mais que a gloria lhe fora afronta clara,
Se Troya com seu muro em pè ficara.

VII.

A nosso Deos seruimos dilatando
Na que hoje he imiga terra, sua ley santa,
Erros abominaueis dissipando,
Que persuade o Inferno a gente tanta
Seruimos nosso Rey, acrescentando.
Cetros ao cetro, que infieis espanta,
E a Lisboa Malaca escala rica
De quanto entre o mar roxo, & a China fica.

VIII.

Em fim deitemós ver o fim da empreza,
Que viemos buscar, mares rompendo
Incognitos, & cheyos de aspereza,
Riguroſas tormentas padecendo.
Com causa o Mundo julgara a fraqueza
Largar o que rendido estamos vendo,
Veja o Oriente, como jâ tem visto,
Que pelos poucos seus peleja Christo.

IX.

Pelo que posta nelle a confiança,
Co a noua luz o assalto dar desejo,
Rompaõse inconuenientes, que a tardança
As mais das vezes ser danosa vejo:
Serâ posta nos Ceos certa a esperança,
A fé de Iosuè agora inuejo;
Que quem com fé taõ alta cometerá,
Tudo para vencer lhe obedecerá.

Disse

X.

Disse; & conformes todos aprouarão
Do forte capitão o nobre intento,
E para seus nauios se tornarão,
Por dar a tudo inteiro comprimento:
A noute apercebendose gastarão,
E vindo a Aurora o bellico instrumento
Que vsou Miseno, causa de sua morte,
Deu final, despertando a gente forte.

XI.

Respondendo ao guerreiro som, ferirão
Logo mil viuos gritos as estrellas,
Que da mòr luz vencidas encobrirão
Naquelle mesmo ponto as faces bellas:
Na cidade os imigos repitirão
O medonho clamor, & co as querellas
Da turba feminil, que o rumor crece
Tornar o Mundo o antigo chaos parece.

XII.

Saem logo da armada o mar abrindo
Os ligeiros batèis co a forte gente,
Aquelle final bellico acodindo,
Que acende o brio ao coraçaõ valente:
Logo Albuquerque o assalto repartindo,
O junco abalar manda, que eminente
Sobre os batéis armados parecia
Castello, que amparandoos se mouia.

XIII.

Seguião pelo liquido elemento
Pouco a pouco os batèis o lenho armado,
Qual pelo prado vagaroso armento
Segue o soberbo touro naõ domado,
Eis que sobre elle chouem cento à cento
Pelouros, que abrem hum, & outro costado,
Elle tambem de si despede rayos,
A Iaos, & Rumes vltimos desmayos.

Nesta

XIIII.

Nesta de fogo tempestade horriuel
Crescia o fogo, & jâ faltauõ vidas,
E Abreu ferido, qual leão terriuel,
Muito mais se embrauece co as feridas:
Valor, & exemplo aos seus daua inuenciuel
Desprezador dos tiros homicidas,
Quando hũa bala afronta, & horror de Marte
Lhe leua os dentes, & da lingoa parte.

XV.

Ficou disforme o que era gentil rosto,
Mas na disformidade a gentileza,
Que mais se ama na opinião do gosto,
Que do valor a fermosura preza:
Não larga Abreu o perigoso posto,
Que incapaz de temor morte despreza,
Porem o sangue falta, as dores crecem,
E as forças pouco a pouco desfalecem.

XVI.

Manda Albuquerque a Mello em continente
Por successor do capitão ferido,
Por companheiro o aceita o esprito ardente,
Que em nenhum modo sabe ser vencido.
E des que o douto Elisio diligente
Remedio aplica ao dano recebido,
Bem mostra aos seus na gloriosa mingoa
Que lhe sobejão mãos, se falta a lingoa.

XVII.

E porque o mar a recolher tornaua
As agoas fluctuantes, que expellira
O juuco, que inda â ponte naõ chegaua,
Faz que o dente tenaz na area fira.
Em tanto o horror do Inferno retrataua
O fogo, o fumo, a confusaõ, a ira
O espantoso rumor da artelharia
A multidão de gritos, que se ouuia.

XVIII.

Gastado o dia na aspera contenda,
A noute perigosa se começa
Taõ espantosa em tudo, & taõ horrenda,
Que naõ sei se ha quem medo naõ conheça.
Traça o Rey como ao junco fogo acenda
No tempo que a nocturna maré deça,
Para o que barco a barcos prender manda,
Que o rio tomão de hũa a outra banda.

XIX.

Estes cheyos de lenha, & pes ardendo
Com a minguante da maré deceraõ,
Fazendo a horrivel noute dia horrendo,
De que as celestes luzes se esconderaõ.
Tanto contrario fogo os Christãos vendo,
Naõ ousarei dizer que naõ temeraõ;
Porem co sempre vsado valor logo
Nos batèis vaõ a contrastar o fogo.

XX.

Cõm tenases, arpeos as acendidas
Balças remando apartão do nauio,
Mas á custa de muito sangue, & vidas
De algũs, aquem foi tumba o fundo rio.
O offerecia aos tiros homicidas
A luz do fogo âquelles que com brio
Honroso o contrastauão gente forte,
Aquem naõ fez torcer o rosto a morte.

XXI.

Liures deste perigo, a crescer torna
A maré fluctuando, & juntamente
A filha de Hyperion à porta adorna,
Por donde Apollo sae do claro Oriente,
Rico orualho de perolas entorna
Sobre o fero Nemeo resplandecente,
Que dos eternos rayos abrazado
Da terçã esquecido ruge irado.

Com

XXII.

Cõm a noua marè ferro leuanta
O brauo junco, & a ponte inimiga ferra
E com a prèssa que ao imigo espanta
Dos batéis juntamente o esquadraõ cerra.
Lima que mais ligeiro se adianta,
Pegado ao junco dâ principio à guerra,
Os feros inimigos se defendem,
E quanto podem defendendo offendem.

XXIII.

Sobem Lima, & Garcia em competencia
Sobre elles pedras, dardos, frechas decem,
Mas qual dous montes firmes â violencia
De feras tempestades, permanecem:
Chegando acima encontraõ resistencia
Mayor, que a seu encontro se offerecem.
Maiano, & Roftação acompanhados
Do valer proprio com tres mil soldados.

XXIIII.

Porèm Garcia que jâ à seu desgosto
Na defendida ponte os pès pusera
Bem do escudo cuberto o peito, & rosto
Esgrime contra os dous a espada fera.
Lima no mesmo ponto sobe ao posto,
E da ponte senhor se considera,
Naõ menos os pagãos de si fiauaõ,
E darlhes logo fim tambem cuydauaõ.

XXV.

Hũs dos outros recebem golpes duros
Crecendo a gente de hũa, & de outra parte
O pó, o fogo, & fumo os ares puros
Perturba, & so já se oume o som de Marte.
Treme a terra, o mar brama, & nos escuros
Aposentos da morte se reparte
O furor, onde blasfemando decem
As almas dos pagãos, que ali perecem.

XXVI.

Do junco já tambem com leue salto
Se tinhaõ Mello, & Abreu lançado â pônte,
Contra quem acodindo ao duro assalto
Estaua Solimão já fronte a fronte.
Por outra parte já sobira ao alto
Coutinho, & tinha morto o fero Oronte
Que com socorro de Bintaõ chegara,
Deixando em triste pranto â espoſa chara.

XXVII.

Sobem Dõ Ioaõ de Souſa, hũ & outro Andrade,
Mas ao mistero Arnaldo que os seguia
Cortou o fio da florida id de
Hum pelouro entregandoo â morte fria.
Do junco neste tempo tempestade
De fogo, setas, lanças decendia
Sobre a multidaõ barbara, hũs matando
Outros ferindo, & aos mais acobardando.

XXVIII.

Porem igual em tudo estaua a sorte,
Sem que resoluçaõ tomasse Marte,
Quando sobindo Afonso brauo, & forte
Se vio das Quinas santas o estandarte:
Como se viraõ nelle o rosto â morte
Perderaõ os pagãos o esforço, & arte,
E quanto valerosos resistiraõ,
Iâ faltos de valor as costas viraõ.

XXIX.

Correndo os segue a bautizada gente,
Quanto encontra arruinando, & desfazendo:
Qual soe no Inuerno rapida crecente
Arrancar pedras, plantas souertendo
Iroso Solimão rocha imminente
O nouo Horacio aquelle curso horrendo
Deter cuida, dez lanças se romperaõ
Iuntas nelle, & mouelo naõ puderaõ.

Elle

XXX.

Elle intrepido aqui, & ali se lança
Qual dos monteiros duros rodeado
Tigre fero, que por tomar vingança
Em lugar de fugir, remete ousado.
De alto a baixo a cabeça a Nuno alcançã,
Que nelle tinha o estoque jâ quebrado,
E fendendo atè os dentes a homicida
Espada deixa, o misero sem vida.

XXXI.

Apos Nuno, a Fernando abre no peito
De tibio sangue fonte caudalosa,
Por donde a alma apressada deixa o estreito
Carcere humano, & sobe a ser ditosa.
Vendo isto Mello, iroso, & com despeito,
Contra elle moue a espada riguroſa,
E tal golpe lhe deu em descuberto,
Que fora pouco auer hum monte aberto.

XXXII.

Porem a concha da Gitana fera,
Aquem guarnecem pranchas de aço fino
Resiste mais, que resistir pudera,
Quando fora de hum seixo diamantino.
Mas do golpe, que o Caucaso rompera,
Quasi fica o pagaõ fora de tino,
E foi dando trasperès, atè affirmarse,
E formidauel torna por vingarse.

XXXIII.

Mas ordenou de Mello a amiga sorte
Que Gerardo com animo atreuido
Entre elle se meteſſe, & o pagaõ forte,
Que leuemente delle foi ferido:
Anticipoulhe o atreuimento a morte
Que a duas mãos o imigo embrauecido
A espada toma, & de alto a baixo o fende,
E quasi feito dous, em terra o estende.

XXXIIII.

Não acobarda o golpe riguroso
A Christã gente, antes acende em ira,
E de offendido o Turco generoso
Lá mais repara, do que golpes tira.
Porem tal vez qual jauali cerdoso,
Que retirandose aos libreos se vira,
Faz rosto, & a ferir torna com braueza,
E dos imigos o valor despreza.

XXXV.

A ferir o naõ torna o inuicto Mello
De Arantèo estoruado, riguroſa
Sorte, & grande valor a socorrelo
O trazem donde o espera a Parca irosa.
Fere o Christaõ guerreiro ao filho bello
De Alcesira de ponta, & a luminosa
Espada, o arnez salsando entrou lá donde
O alento vital o peito esconde.

XXXVI.

Cae morrendo entre os mortos, eclypsadas
As luzes bellas, murchas frescas rosas,
Já de mil bellas damas inuejadas,
Que em flammas acenderão amorosas.
Liures da ponte em tanto as estacadas
Deixão Lima, & Garcia as numerosas
Tropas de imigos ante si leuando,
Malano, & Rostacaõ mortos deixando.

XXXVII.

Cae o brauo Malano, a altiua fronte
Por Garcia atè os olhos diuidida,
E Rostacão por Lima ao mar da ponte
Aberto o peito dando em sangue a vida.
O fero Solimão mouiel monte
Emparando os Malayos, a homicida
Espada esgrime apos de si trazendo
De armadas gentes hum dilluuio horrendo.

Tornão

XXXVIII.

Tornaõ, vendo o valor tanto, àjuntarse
Contra as Christas esquadras as contrarias,
E com nouo furor tornaõ a darse
Cõm diuersas feridas mortes varias:
Forças apuram por auentajarse
Que ali lhe saõ mais que a arte, necessarias,
E emquanto dura o bellicoso brio
Mais que agoa leua sangue o fundo rio.

XXXIX.

Geinal à Ardonio, que fogià alcança,
E de fera estocada em terra o estende:
Quer temerario Argeo darlhe vingança,
Porem sua morte o misero pretende:
Desuialhe Geinal co escudo a lança,
E de horrendo altabaxo ao triste fende
A barbara cabeça em vaõ armada
Contra tal braço, & bem regida espada.

XXXX.

Abdelâ, que jâ a dextra luz perdera
No passado conflito deixa o leito,
Bramando por fartar a sede fera,
Que de sangue Christaõ lhe abraza o peito:
A Fernando, & Matheus à morte dera,
Que encerrou juntos hum materno estreito,
Iuntos do Mundo a luz primeira viraõ,
Iuntos a ver a eterna luz partiraõ.

XXXXI.

Soberbo destas mortes se imagina
Pela Fama sobir ao immortal cume;
Mas a lança de Abreu modestia enfina
Tirandolhe o segundo ocular lume.
Ferilo, vendoo cego, ser indina
Façanha a seu valor o heroe presume,
E o triste deixa com furor interno,
Esgrimidor sem luz, naõ sem gouerno.

XXXXII.

Quis Rajú retiralo compassiuo,
Por seu mal, porque o cego o considera
De Lusitano bando, fero, & esquiuo
Pela vista lhe lança a espada fera.
O pagão já meyo morto vingatiuo
Co subito furor que concebera,
Meya espada deixou nelle escondida,
E caem ambos sem vista, ambos sem vida.

XXXXIII.

Encontrase Ragois co forte Lima
De quem Carol astuto se escapara,
Ao duro encontro o grão pagão se anima,
Mas bem tanta ousadia compra cara:
Porque o Christão guerreiro aquem soblima
O Ceo despois que firme se repara
Contra elle ira brotando se arremessa,
E do peito ás espadoas o atrauessa.

XXXXIIII.

Saida abrindo ao sangue o ferro duro,
Lhe foi cobrindo a vista sombra eterna,
Deixa o cadauer frio, foge o ar puro
A rebelde alma, & dece á grão cauerna.
Solimão era em tanto dos seus muro,
E o Principe Aladino, que gouerna
A Malaya nobreza, tambem corre
Aquella parte a tempo que o socorre.

XXXXV.

Aclamão os pagãos com grito horrendo
A chegada do Principe terriuel,
Elle enuolto em furor fero, & trèmendo
Se offerece ante todos inuenciuel:
Logo seu velho pay raiua vertendo
Tras elle chega, & faz mais do possiuel
A decrepita idade, & longos annos,
A que estauaõ guardados tantos danos.

XXXXVI.

Aqui esteue em seu ponto largo espaço
O rigor, & crueldade da batalha,
Representa Aladim hum monte de aço,
E tudo quanto encontra rompe,& talha
Da outra parte ao pagaõ impedeo passo
Coutinho, que tambem abre, & desmalha,
O Sol perde a cor, vendo o encontro duro,
A terra treme, & treme o centro escuro.

XXXXVII.

Nunca Esteropes, & Pyracmon, & Brontes
Com furia tal a çafra de Vulcano
Golpeando gemer fizeraõ montes
Como os dous por chegarse a estremo dano.
Por força inclinaõ as altiuas frontes,
Aos golpes que ministra odio inhumano,
Em fauor de Aladim crecem Malayos,
E de Coutinho Lusitanos rayos.

XXXXVIII.

Ali se ajuntaõ de hũa, & de outra parte
Dos dous imigos bandos os mais fortes,
Repartindo igualmente o fauor Marte,
Mas com varios sucessos varias sortes:
Na igualdade cruel de esforço, & arte
Infinitas,& varias saõ as mortes,
E infernal confusaõ érà aos ouuidos,
Estrondo, vozes, gritos, & gemidos.

XXXXIX.

Neste tempo do Sol a luz cobria
Nuuem de pó,& de fumo, a que ajudãuaõ
Dando vitorias mil a morte fria
Tiros que de hũa, & outra parte voauaõ:
O bellicoso estrondo ensurdecia,
Os mortos passo aos viuos estoruauaõ,
E entre confusaõ tanta o Sâ famoso
Rayo, vibrando a espada,era espantoso.

Com

L.

Com Solimão se achou peito com peitó,
Daõse os dous fèros com furor violentó
Inimigos mortais abraço estreito,
E fogo exhalaõ co apressado alento:
Tiuer a cada qual por si desfeito
(Quando arrancado naõ do firme assento)
Entre ós braços hum monte, & na dureza
Igual dos dous se via igual firmeza.

LI.

Forcejando très vezès, intricadas
Voltas daõ, logo tórnão afirmarse,
Trauaõse pès com pès, & co as vsadás
Tretas se afastaõ, para mais juntarse:
Atè que bem as forças apuradas
Procura cada qual do outro soltarse;
Iá que hum ao outro em fim desembaraça
A fera espada aperta, o escudo embraça.

LII.

A ferir se anticipa o Turco irado,
E de alto abaixo golpe horrendo tira,
Acha a espada a Garcia reparado,
Mas duro effeito faz a immensa ira:
O grosso escudo parte, & o temperado
Arnez, & no hombro ezquerdo fere, & tirá
(Bem que leue a ferida) em copiosa
Vea sanguino humor com dor penosa.

LIII.

Crece coa dor a ira, à ira aumenta
A força do guerreiro Lusitano,
E na cabeça ao Turco fero assentá
Duro golpe que o chega ao estremo dano.
Naõ pode a furia resistir violenta
A concha do que finge o choro humanó,
Chega fendendo ao casco a espada esquiua,
Abre de quente sangue fonte viua.

LIIII.

Da ferida o pagão no peito iroſo
Furia de nouo concebeo tremenda
E eſpantoſo trouaõ rayo furioſo
De golpes forma tempeſtade horrenda:
Com naõ menos furor o Sâ famoſo
O fim procura da aſpera contenda,
A arte dando quanta ao furor parte,
Mais o Turco ao furor, menos a arte

LV.

Intempeſtiuos golpes mil deſpende,
Que hum monte o menor delles partiria:
Mas Garcia que aquella furia entende,
Algũs rebate, & doutros ſe deſuia:
Hum golpe que nos ares fogo acende
Paſſar deixa, & da eſpada a ponta gula,
Metendo o corpo, & pés, & a fronte irada,
Foi do ferro homicida penetrada.

LVI.

Sanguinoſa corrente aos olhós dece
Da ferida cabeça, & ao pagão cega:
O guerreiro Chriſtam que aſsi o conhece,
Melhor os golpes, & a ſeu ſaluo empega:
Solimaõ que ſua morte reconhece,
A que a falta do ſangue, & viſta o entrega
Ardendo em ira intrepido imagina
A vingança alcançar com ſua ruina.

LVII.

Corre braços abertos Viſſo irado
E de nouo co forte imigo cerra,
Dizendo: Acabarei, porem vingãdo
Vamos no mar dar fim a noſſa guerra:
Iracundo do inuicto Sâ trauado
Precipitarſe intenta, & em tanto a terra
Co proprio ſangue alaga, que deſcendo
Das feridas formaua rio horrendo.

Reſiſte-

LVIII.

Resistelhe Garcia o fero intento,
E firme o aperta, & oprime sua brauẽza,
Perde o sangue o pagaõ, co sangue o alento,
Porem naõ perde a natural fereza:
Faltaõ as forçãs, naõ furor violento,
O vencedor a morte, o Ceo despreza,
E qual co a dor raiuosa o alão costuma,
Lançaõ os olhos fogo, a boca escuma.

LIX.

Em fim â terra vai torre imminente
E o forte vencedor leua consigo:
Vira ao estrondo a pagã, & a Christã gente,
E Garcia se ve em morral perigo:
Que o Principe Aladino impaciente,
Por socorrer, & por vingar o amigo,
Sobre elle vai, vibrando a ardente espadã,
Mas Coutinho se opoem â morte irada.

LX.

O escudo forte deu ao golpe duro,
E mil se tiraõ em igual batalha,
Em tanto que Garcia mal seguro,
Por ver o fim de Solimão trabalha:
Abre largo caminho ao Fado escuro
Por junto ao paladar rompendo a malha
Com agudo punhal, & inteira palma
Alcança, & dece ao abismo a feroz alma.

LXI.

Morto o Turco valente, as costas deraõ
As cateruas pagãs desordenadas;
Grita, ameaça Aladim, mas naõ valeraõ
Injurias, reprensoẽs ao vento dadas.
Detaide ali, & Batraõ o socorreraõ,
Fazendo heroicas prouas, & arriscadas,
Saluase o fero principe da morte,
Mas alcança a Batraõ a aduersa sorte.

Em

LXII.

Em quanto de Coutinho sè repara,
De entre a turba comum frecha se tira
Que riguroſa abrindo o peito; para
Iunto donde a de amor de amor sentira:
Turbaõſe os olhos, perdem a luz clara,
E no vltimo espirar de amor suspira,
Que pronunciar naõ pode o nome amado,
Iâ dos mortais soluços atalhado.

LXIII.

Saluar Detaide em tanto pode a vida,
Acompanhando o principe furioſo,
Que dos seus vendo a barbara fugida,
Se retira, do justo Ceo queixoso.
Naquella parte o Rey apercebida
Tinha a sulfurea mina, & cauteloſo
Aguardaua que o principe passasse,
E nella a Lusitana esquadra entrasse.

LXIIII.

Dauaõ os vencedores no perigo,
Mas aduertido o capitão prudente
Do sabio Etol naõ quis seguir o imigo,
E deter manda a vencedora gente,
Para a vista do Rey, que jâ consigo
Ve poucos, & temor no peito sente,
E trocado o furor em sentimento,
O posto deixa & muda pensamento.

LXV.

Em quanto daõ lugar desbaratadas
As esquadras imigas, fortifica
Afonso a ponte grossas estacadas
Antes muro fortissimo fabrica:
Contra as ruas de imigos occupadas
A artelharia ali ganhada aplica,
Que mortes riguroſas disparaua,
E excelsos edificios derribaua.

Apollo

LXVI.

Apollo ardentes setas despedia
Desde zenit em tanto contra a terra;
E mais que a dos imigos offendia
Aos Lusitanos a celeste guerra:
Tudo co tolar fogo se acende a,
Nas entranhas o viuo ardor se encerra
Daquelles, a que fere sem defensa
Do planeta mayor a flamma intensa.

LXVI.

Sente dos seus o capitão as penas,
E para dar remedio a afflição tanta,
Das naos manda trazer velas, & antenas;
E contra a ardente luz toldos levanta.
Qual soe ao caminhante nas amenas
Ribeiras do Mondego a verde planta,
Quando Phebo no Cancro reuerbera:
Tal aos de Luso a sombra refrigera.

LXVIII.

Porem como os imigos irritados
Vltimas forças, & vltima esperança
Prouar quisessem ou desesperados
Tornassem a morrer pola vingança:
Contra elles manda Afonso aos esforçados
Paiua, Caldeira, & Iaime que descança
Co trabalho buscando o amado objeito,
Que tanto fogo lhe acendeo no peito.

LXIX.

Com Sousa, Castelbranco, Abreu, & Andrade,
Mandou outro esquadrão, que socorresse
O primeiro em qualquer necessidade,
Que o caso bellicoso offerecesse.
Saem os de Luso, & supre a quantidade
O valor, que em qualquer delles florece,
A recebelos saeo imigo bando,
Os Ceos puros com gritos penetrando.

Na

LXX.

Na vanguarda Geinal aueturéiro
Com Lemos, & Coutinho competiá,
E Iaime de Amor vão forte guerreiro
Buſcaua aquelle bem que naõ auia:
Iâ falto de eſperança o caualeiro,
Aſsi ſeu penſamento reprendia:
Que fruto de meu largo mal eſpéro,
Se hũa ſonhada fermoſura quéro?

LXXI.

Sigo (moſtrao a razaõ) hum claro engãno
Que he o que minha eſperança ſolicita?
O de monſtruoſo Amor immenſo dano,
Dor, que tem de infernal ſer infinita.
Mais que meu mal jà temo o deſengano,
E ſerà a liberdade mòr deſdita,
Que he tanto a graue dor de mi querida,
Que ao ponto que faltar, faltarâ a vida.

LXXII.

No penſamento ãmante aſsi diſcorre
E o acicalado ferro eſgrime em tanto
Gente infinita da Malaya morre,
Que obſtinada contraſta valor tanto:
De ſangue caudaloſo rio corre
Pela cidade que ſe enuolue em pranto,
E des que a terra inunda triſtemente
Dâ cor, paga tributo ao graõ tridente.

LXXIII.

Mata o forte Caldéira a Sarmacante,
E Coutinho até o peito fende a Ormontẽ;
Que imprudente com animo arrogante
Ouſou acometelo fronte a froute.
Aſſombra os pagãos golpe ſemelhánte,
Jà naõ receão que o fugir afronte,
As coſtas daõ aos fortes vencedores,
Que os vão ſeguindo com mortais rigores.

Seguindo

LXXIIII.

Seguindo os inimigos fugitiuos
Teixeira, Lemos, & Geinal chegaraõ,
Onde piadoso amor, fados esquiuos
No bellico theatro se ajuntaraõ.
Fogia, os vencedores vingatiuos,
Fontes os olhos, que almas abrazaraõ,
Entre a feminil turba temerosa
Del Rey de Pão a mal guardada esposa.

LXXV.

Na vista fere do Pacem valente
O rayo da affligida fermosura,
Arder o antigo fogo na alma sente,
Que de cinza cubrira sorte dura:
Furioso amante a vida impaciente
Já pola bella amada dar procura
E antes que cheguem a fazerlhe offensa,
Se emprega, & se auentura em sua defensa.

LXXVI.

E disse: Conhecido tẽs senhora,
O esposo, que escolheste, o desprezado
Conhecerâs com minha morte agora,
Posto que atè o morrer me nega o fado.
Em quanto assi dizia, a cortadora
Espada vibra, já detem irado
A Lusitana gente; & a bella Infanta
Num Elefante sobe, & se adianta.

LXXVII.

Iayme, & Lemos, que tarde conheceraõ
A mudança do barbaro atreuido,
Iracundos contra elle se moueraõ,
E duramente foi delles ferido:
Perderaõ triste a vida, & feneceraõ
Vãos cuidados: mas tendo socorrido
De Aladim, & Detaide, a morte a palma
Ferde, & elle segue quem lhe leua a alma.

Alanim

LXXVIII.

Aladim com Detaide se retira,
Tambem â sorte irada obedecendo,
O peito fogo, fogo a vista espira,
Atras por muytas vezes reuoluendo:
Tal o acossado touro ardendo em ira
Contra os feros libreos virando horrendo
Cos fortes cornos diuidindo o vento
Acende os ares co fogoso alento.

LXXIX.

Neste tempo a Malayos riguroso
A recólher a tuba Christã soa;
Ao final obedece o vitorioso
Esquadraõ, bem que a muitos na alma doa.
Do Ceo em tanto o injusto Rey queixoso
Do grande imperio seu perde a coroa,
E em toda a parte tristes & infinitos
Daua o misero pouo ao vento gritos.

LIVRO XII.

ARGVMENTO.

ENtre os tiros crueis Glaura atreuida
Amante o morto esposo busca, & chora;
E de hũa aguda frecha mal ferida
(Ditosa sò na morte) a Christo adora:
Armãose os inimigos, pondo a vida,
Por ver se a sorte sua se melhora,
Ajuda o Ceo ao Lusitano Marte,
E arvora vencedor o alto estandarte.

I.

OCeo lumes piadoso preparaua
A pompa funeral do morto diã,
E quanto o graõ planeta alumiaua,
De negras vestiduras se cobria:
Malaca o sentimentõ acompanhaua
Co tristissimo pranto que se ouuia.
Em toda a parte onde offerece a sorte
Entre tristeza, & horror, rastos de morte.

Neste

II.

Neſte tempo do mar para a cidade
Com horriſono eſtrondo deſpediaõ
Hũa de mortes fera tempeſtade,
Que aos miſeros Malayos conſumiaõ:
Elles tambem immenſa quantidade
De mortiferos tiros deſpendiaõ
Nas tranqueiras Chriſtãs, que â contraposta
Cidade tornaõ aſpera repoſta.

III.

Não pàra a màrcial procella horrenda
No deſcurſo da noute perigoſa,
Das eſtrellas naõ viſta mais tremenda,
Nem a triſtes mortais mais eſpantóſa:
Semelhante era aquella da contenda
A Teucros infelices pauoroſa,
Quando aquentando os orbes feroz chàma
A terra ſe eſtremece, o Ceo rebrama.

IIII.

Afonſo inuicto quando mais canſado,
Prudente Vlyſes, Argos vigilante
As vigias prouè, & em ſi o cuidado
Da ronda ſobre as guardas importante.
Toca a vela de prima ao deſuelado
Iaime de hum ſonho vão guerreiro amante,
Que eleuado em ſeu triſte penſamento,
Acrecenta a hum tormento outro tormento.

V.

Naõ paſſa hora, em que o miſero naõ gema,
E a lamentar a lingoa naõ deſate,
Suſpirando infinitas pela eſtrema
De taõ comprido mal breue remate:
Nem ha mortal perigo que já tema,
A Amor só teme, a Amor ſe humilha, & abate,
E a Amor, quàndo o Sol parte, & quãdo torna,
Deſpojos rende, & ſeu triunfo adorna.

VI.

Etol, què o mouimento das estrellas
Obserua perto delle cuidadoso,
Os suspiros escuta, & vãs querellas,
Que o triste amante aos ventos dâ queixoso:
Do curso por entaõ das luzes bellas
Mais naõ trata, & com animo piedoso,
Com suaues razões brando o conforta,
E a darlhe parte de seu mal o exhorta.

VII.

Emmudece o guerreiro, & quanto alcança
Das sciencias Etol, traz â memoria,
E em fim consulta o mal sem esperança,
E aquella lhe contou sonhada historia.
Cobra (lhe disse o sábio) confiança
Ditoso possuidor de heroica gloria,
Que he a belleza que segues, & que te amâ,
A que alcançada, tês gloriosa Fama.

VIII.

Felice Amor, ditosa aduersidade
Que he pizando asperezas, certa guia
Para os campos, que espiraõ suauidade,
Em primauera eterna, & eterno dia:
Ali consagra o tempo à eternidade,
Quem do caminho do ocio se desuia,
E tanto jâ trabalhos mereceraõ,
Que entre as estrellas altas se puseraõ.

IX.

Tu, que por cima de asperezas tantas,
Mouendo os pès, difficuldades pizas,
Seguindo estampas das diuinas plantas
Desta que suspirando solenizas:
Iâ que entre as fataes asas te leuantas
Tanto, que entre as estrellas te eternizas,
O pensamento deixa de ti indino,
Que escurece o que acquires de diuino.

Iaime

X.

Iaime o conselho escuta, & desengano,
Que do rigor da sorte ja esperaua:
Considera o remedio de seu dano,
E mais que o dano jâ o remedio o agraua
Rompe o silencio em fim, & diz: Tyrano
Noua inuençaõ de mal se me guardaua?
Sua aparente forma amou Narciso,
Eu por sonhada sombra perco o siso.

XI.

Aquem naõ mouêrâ minha desdita
Sisypho ha tanto tempo carregado
De esperança falaz com infinita
Pena do hombro perdida em vão cansado?
O vã, mas bella imagem, na alma escrita,
Incendio que abrasou o mais guardado,
De mi serás eternamente amada:
Sejas deidade, sonho, sombra, ou nada.

XII.

Assi lamenta da paixaõ vencido,
E com graues razoẽs Etol procura
Asperas, & saudaueis do sentido
Alheado apartar a neuoa escura:
Qual medico gentil quando affligido
De intrinseca doença enfermo cura,
Que os remedios aplica mais suaues,
E se naõ saõ de effeito, vsa dos graues.

XIII.

O Iaime (disse) em ti bem claro vejo
Quanto a paixão em nós he poderosa,
Correndo segues o teu vão desejo,
E a razaõ, que te auisa, te he odiosa:
Se te poderas ver, honrado pejo
A causa de teus males vergonhosa
Culpa julgara, & a dor chegara a tanto
Que de arrependimento fora pranto.

XIIII.

A amada fermosura tés á vista,
E tua paixaõ cega a desconhece,
O teu alto valór nobre a conquista,
O teu desejo humilde a desmerece:
Vença a razaõ, & em seu assento assista
Naõ des mais força ao mal, q̃ a alma padece,
Que em quanto vão, humano Amor pretẽdes,
Offendeste ati mesmo, & os Ceos offendes.

XV.

Na alma as razoẽs discretas penẽtraraõ,
E â consideraçaõ caminho abriraõ,
Cuydados differentes começaraõ,
Dos olhos nouas lagrimas cahiraõ:
Moderouse o desejo, mas ficaraõ
Lembranças, que muy tarde se extinguiraõ;
Que se morre a esperança no cuydado,
Ficão memorias viuas do passado.

XVI.

Em quanto Iaime o desengano sente
Entre os mortos da morte & Ceos queixosa
O cadauer amado infelizmente
Busca a jà de Batraõ amada esposa.
Mas entre a multidão da morta gente
E confusaõ da noite tenebrosa
O cuydado amoroso vaõ ficara,
Se a bella face Cynthia naõ mostrara.

XVII.

Com ansia que a dor causa, leuantando
As chorosas estrellas âs estrellas,
Rogos, & vãos queixumes misturando,
Assi roga, assi aos Ceos manda querellas:
Eternas luzes, que passais brilhando
Por celestes caminhos margẽs bellas,
Males de Amor, & morte jâ sentistes.
Mostrai, quem morto adoro, aos olhos tristes.

Daime

XVIII.

Daime morto o que viuo me tiraſtes,
E piadoſas de mi ſereis chamadas,
Baſtem os maes jà, que me cauſaſtes
Tanto tempo em meu dano conjuradas.
Aſsi no claro aſſento que occupaſtes,
Nunca ſejais de nuvẽs eclypſadas,
Deixai que chegue a darlhe ſepultura,
E o golpe em mi execute a Parca dura.

XIX.

E tu, que com três roſtos reſplandeces,
No Ceo, na terra, & lá no eſcuro Inferno,
Tu, que as plantas animas, & enriquéces
O mar profundo com vigor interno:
Os rayos com que as couſas fauoreces,
Communicando teu valor eterno,
Eſtende, & moſtrame entre tantos onde
A noute eſcura o morto bem me eſconde.

XX.

A caſo qual ſe rogos a obrigaraõ,
A face Delia deſcobrio ſerena,
Primeiro os altos montes ſe moſtraraõ
Logo a cidade enuolta em ſangue, & penã.
Entre os que valeroſos acabaraõ,
Como daquelle imperio a ſorte ordena,
Conhece Glaura o jâ perdido eſpoſo,
Exemplo de valor pouco ditoſo.

XXI.

No amado peito a ſeta vè crauada,
Deſmaya o coração â dor rendido,
Cae mais morta em fim, que deſmayada,
Sobre o que tanto amou morto marido:
Quaſi da alma fugaz deſemparada,
A falta lha deteue do ſentido,
Tendo ſuſpenſa a dor, & do accidente
Mortal torna, reſpira, & logo ſente.

XXII.

Torna de nouo a dor, co noũo alento
E lagrimas de nouo os olhos deraõ,
Iâ suspiros o peito manda ao vento,
Com que de nouo os ares se acenderaõ:
Ao triste suspirar o sentimento
Incauto grito ajunta, & dar quiseraõ
Iâ compassiuas, mais que riguroſas
As Parcas fim âs penas lastimoſas.

XXIII.

Fere o grito no teito crystalino,
E soldado ignorante ao vulto tira,
Que por ordem secreta do destino
O lastimoso grito descobrira:
A seta fere o peito alabastrino,
Que parà tanto mal Amor ferira,
Ays à infelice ao Ceo manda queixoſos,
Bem que se jâ mortais, inda amoroſos.

XXIIII.

E cõmo pode, a debil voz leuanta,
Dizendo: O vencedora gente forte,
Iâ comigo piedoſa, & jâ com tanta
Ira, causa cruel de minha morte:
Se entre marcial furor piedade santa
Tem lugar, & o permite minha sorte,
Pois me nega o poder a morte dura,
Ao Siame Batraõ dai sepultura.

XXV.

De Etol a debil voz foi conhecida,
Que o valeroso Iaime aconselhaua,
Porque delle, & de Souſa fora ouuida,
Quando sobre o rochedo se queixaua:
Valer lhe ordena, mas perdendo a vida
Glaura para as tranqueiras se chegaua
Quaſi preſaga da felice sorte,
Que la lhe ordena a momentanea morte.

XXVI.

Albuquèrque ãs eſtancias viſitandó,
A aquella parte chega ao ponto que ella
A laſtima as eſtrellas prouocando
Da que ſeu mal cauſara, ſe querella:
Elle do lamentar dèbil, & brando
Se compadece, & manda recolhella,
Abrem do eſtreito alojamento a porta,
E a triſte ácharaõ entre viua, & morta.

XXVII.

Falta do ſangue, que jâ tem perdido,
Inclinaua a cabeça à dor penoſa,
Qual no ramo do tronco diuidido
Languida & triſte pende murcha roſa.
Etol, aquem mais doe o ſucedido,
Ò primeiro aleuanta; a riguroſa
Ferida inquire com piedoſo intento,
Ella o ſabio conhece, & toma alento.

XXVIII.

Esforçando a voz fraca: differente
Suceſſo jâ me prometeſte, diſſe;
Feliz tu, ſe a pieda de omnipotente
Hoje obrar (lhe reſponde) o que eu prediſſe.
O ſe eſtiueſſe na diuina mente
Que o rayo do diuino Amor feriſſe,
E deſſe luz a eſſa alma, que hoje cega
Jâ quaſi ao ponto de perderſe chega!

XVIX.

O Gláura èmmendarás erros paſſados,
Confeſſando hũ ſó Deos immenſo, eterno,
Que de nada nos fez, & os adornados
Cèos de eſtrellas, mar, terra, & horrẽdo Infer-
Eſte nos redimio, que desherdados (no.
Nos fez do homem primeiro o mao gouerno,
E por ſer juſto, & pio, a offenſa dura
Pagou, ſendo creador, pola creatura.

Pola

XXX.

Pela perdida ouelha suspiraua;
E de a trazer aos hombros se deleita;
Na vinha paga igual a todos daua,
Que tambem ao que chega tarde, aceita:
Pede agoa, que da culpa as almas laua,
E de rebelde, serás alma eleita:
Pede, confia, crè, serâs ditosa,
Serás do eterno esposo, eterna esposa.

XXXI.

Assi dizendo, em fè lhe acende o peito,
O que naõ ve jâ crê, tantos lhe inspira
O Ceo auxilios, & com pio affeito
Pela agoa, que he de vida jâ suspira:
Leuaõ na em braços, & lhe ordenaõ leito
Conforme ão sitio, que instrumentos de ira
Occupão, & âplicar cruas comessa
Elicio, que de Apollo a arte professa.

XXXII.

Ella jâ da esperança, & da Fé chea
Que o Ceo lhe infunde, disse: Antes q̃ agraue
A morte o que he mortal, esta alma fea
Purifique o bautismo, & a culpa laue.
Jâ neste tempo a vista se lhe enlea,
E ao rosto cobre hum pallido suaue
Gos sacros ditos, & agoa o sacerdote
Lhe dà (de Christo esposa) o eterno dote.

XXXIII.

Elicio em tanto jâ das cruas proua
A oculta força, jâ arrancar procura
Co a douta mão o ferro, & a dor renoua
Sempre que arrancar proua a seta dura:
Em quanto cruas aplica, cruas reproua,
E quantos ha segredos na arte, apura.
Dos membros bellos a alma despedida,
Nelle a arte falta, nella falta a vida.

Contem-

XXXIIII.

Contèmpla triſte ao capitão valentè
A tresladada ao Ceo morta belleza,
E bem que graue compaſsiuo ſente
O acerbo caſo, mas a ſorte prèza:
Manda que guardem em lugar decente
O corpo frio, que honras já deſpreza,
Atè com pompa funebre, & piadoſa
Dar ao nobre cadauer tumba honroſa.

XXXV.

No meſmo tempo entre as legioẽs proterbas
De infelices ſucceſſos quebrantadas,
O velho Rey com lagrimas acerbas
Maldiz vãs confianças enganadas.
Aladim arrogante com ſoberbas
Razoẽs vãmente aos ventos derramadas,
Moſtrando que a fortuna deſeſtima,
Aſsi dizendo aos ſeus, & ao pay anima.

XXXVI.

Fortes vãrcẽs, vos ſois do Ceo guardados
Para hoje exercitar piedoſo officio,
Os males reparando naõ cuydados
Deſte imperio que vai em precipicio:
Que o veruos nãs deſditas tão ouſados,
Para mi tenho por felice auſpicio,
aſſegura a eſperança da vitoria,
Que índa ha de eternizar voſſa memoria.

XXXVII.

Moſtrando o valor vltimo pagamos
O que â patria, & ao nobre ſer deuemos,
E quando polà patria aqui morramos,
Da Fama eterna vida alcançaremos:
Rode a Fortuna, nòs tambem façamos
Como oprobrios futuros atalhemos,
E ſe atè o fim nos for imiga a ſorte,
Naõ nos pode tirar a honrada morte.

Iuntas

XXXVIII.

Iuntas logo as reliquias do vencido
E roto campo a noua luz aguarda,
Recuperar cuidando inda o perdido,
Que a nada o peito altiuo se acobarda.
O valente Geinal de Amor ferido,
Que o nouo, & antigo fogo na alma guarda,
Do principe os intentos fauorece,
E a acompanhalo em tudo se offerece.

XXXIX.

Não perde tempo neste ponto o Inferno,
Que de nouo com mil affeitos de ira
O caudilho Asmodeu do escuro eterno
Milhares de infernais guerreiros tira:
Com elle sae tambem do negro Auerno
Alecto, que o furor da guerra inspira,
O viperino açoute sacodindo,
Os mesmos vãos espiritos ferindo.

XXXX.

As leues asas apressada em tanto
A negra espoſa de Charon batia,
E jà que por Memnon banhada em pranto,
A Aurora a nunciaua o nouo dia:
Por dar ilustre fim ao intento santo,
Animoso Albuquerque preuenia
A vencedora esquadra, & assi á memoria
Lhe traz a jà esperada alta vitoria.

XXXXI.

O mais, amigos tendes acabado,
Sò falta que a cidade despejemos
Do pouo infiel, por vos desbaratado,
Guerra facil, que o Ceo em fauor temos:
Em nos dando lugar o imigo irado,
De entre os corpos pagãos apartaremos
Os mortos companheiros, pois auisão
Vidas dadas por Deos, que estrellas pisão.

E permi-

XXXXII.

E permitindo o Ceo que impérios funda,
Como confio, pois por nòs peleja
Que a de abominaçaõ Meſquita immunda,
Caſa a Deos dedicada hoje ſe veja:
Nella eſſes que já o bem eterno inunda,
E martyres de Chriſto o Ceo feſteja,
Sepultura teraõ logo que o voto
Rendais a Deos com animo deuoto.

XXXXIII.

Aſsi diſſe; & dar manda viuo alento
Ao concauo metal, que incitá a guerra,
E ao ſom rouco do eſtreito alojamento
As bandeiras de Luſo deſencerra:
Turba o gritar confuſo, & eſtrondo o vento;
E do peſo oprimida geme a terra,
Retumba o valle, treme o Siame monte,
O abiſmo treme, alteraſe o horizonte.

XXXXIIII.

Com naõ menos valor ao encontro duró
Aladim, & Geinal rapidos correm,
De fumo, & pò ſe eclypſa o rayo puro,
E de hũa, & outra parte muitos morrem:
Mas firme ſempre hum, & outro, viuo muro,
Porq̃ onde hũs mortos caẽ, outros cõcorrẽ;
E chega à eſtar de modo o trance eſtreito,
Que encontra eſcudo a eſcudo, peito a peito.

XXXXV.

Qual ſe Auſtro, & Boreas com furor vehemente
Nuuẽs amontoando, & reuoluendo,
Se encontraſſem violentos, de repente
Com fero eſtrondo, & terremoto horrendo
E obſtinados terror da humana gente
Em pedra, trouoẽs, rayos deſfazendo
Bellicoſas as nuues ſe eſtiueſſem,
Sem que hum ponto de paz ſe concedeſſem.

Taes

XXXXVI.

Tais os imigos bandos com violencia
E pertinacia dura se offendiaõ,
Feroz o assalto, fera a resistencia,
Hús, & outros ganhar terra porfiaõ:
Nesta mortal ferina competencia,
Que nuuês de pò, & fumo confundiaõ,
Heroicas marauilhas se fizeraõ,
Que entre a confusaõ mesma se esconderaõ.

XXXXVII.

O primeiro Aladim despede hum dardo,
Que larga abre em Valerio â morte entrada;
Cae o misero morto, elle galhardo
E fero arranca a luminosa espada:
Fende a cabeça a Alberto, & com Bernardo
De ponta cerra, & a parte mais guardada
Do coraçaõ penetra, & á saida
Do acicalado ferro, sae a vida.

XXXXVIII.

Ao triste naõ valeo a ligeireza,
Que naquelle lugar já lhe valera,
Quando fogindo a barbara fereza
Com Viegas, & Alaida ao mar se derà:
Do principe, que a morte, & armas despreza,
Emulo o valeroso Geinal era,
Mata a Felicio, & contra Simão corre,
Aquem Guilherme por seu mal socorre.

XXXXIX.

O coraçaõ de hum freixo, a que Vulcano
De ponta diamantina o estremo armará,
No grosso escudo rompe do pagano,
Que a Simão deixa, & delle se repara;
Porèm qual se do Olympo soberano
Iupiter rayo iroso disparara,
Que inuisiuel penetra ao monte o peitó,
Sendo num tempo mesmo o estrõdo, & effeito

L.

Tal hórrèndo o Pacem num meſmo inſtante
Moue cótra Guilherme, & â morte o entrega,
E naõ parando a eſpadà rutilante,
Dos hómbros a cabeça a Dinis cega:
Foi contra Iulio, mas achou diante
Lima, que hum golpe fero nelle emprega,
O elmo fino o liureu de ſer ferido,
Mas torna atras alheyo do ſentido.

LI.

O guerreiro â região mandara eſcura
As almas de Audali, & Tucaferno
Com outras, que eſperando ſepultura,
Charonte naõ paſſaua ao negro auerno;
E vai ſobre Geinal, quẽ a Parra dura
Entregar ja cuidaua ao ſono eterno:
Mas torna em ſi o pagaõ, & ſe defende,
E quando lugar acha a Lima offende.

LII.

Iaimè co fortè Arnao ſucceſſor dino
Do forte Solimaõ as forças proua,
Agrauado do Amor, que o deſtino
Ordena, ſegue com heroica proua:
Naõ perde o valeroſo imigo o tino,
E brotando furor, golpes renoua:
Mas com tanta deſtreza ſe combate,
Que antes que o golpe chegue, ſe rebate.

LIII.

Guazel o fim eſtorua deſta guerra,
De Arnao menor irmão naõ menos fortè
Com Iaime de alto abaixo feroz cerra,
Que eſteue quaſi entaõ nas mãos da morte:
Mas Guazel co furor, que nalma encerra,
O golpe naõ acerta bem de córte,
E o guerreiro Chriſtão, que ſente a offenſa,
Deixa a Arnao, & quer delle a recompenſa.

Na

LIIII.

Na garganta soberba a acicalada
Ponta escondeo, que abrio larga saida
Por onde blasfemando a alma indinada
Deixa o corpo, que em terra cae sem vida.
Arnao o naõ vingou, que jâ em trauada
Contenda estaua ao tempo da ferida
Co valer so mello, que acodira,
Quando ir sobre Teixeira Guazel vira.

LV.

Os astros valor grande, curta vida,
E compridos trabalhos destinaraõ
Aos dous fortes irmãos, que da querida
Patria por longos mares apartaraõ:
Que empresa naõ foi delles conseguida,
Em quanto da serena luz gozaraõ,
Até que foi Catai de hum sepultura,
E deste o fim a Parca jâ procura?

LVI.

Sousa, Silua, & Coutinho resistião
Dos feros Iaos a natural braueza,
Que pelas lanças feros se metião,
Por ferir com estremos de bruteza:
Mas como nos caudilhos, que os região,
Faltaua experiencia, & fortaleza,
Sem ordem jâ as esquadras mal regidas
Menos se atreuem, prezaõ mais as vidas.

LVII.

Perem quando o esquadrão Iao se retira,
O valor mostraõ vltimo os Malayos,
Da perda a grande dor fomenta a ira,
E nos magoados peitos gera rayos:
Bem como quando de humor falta, espira
A vela, que entre os tremulos desmayos
Com mor luz breue espaço resplandece,
O vigor esforçando que falece.

O prin-

LVIII.

O principe Aladim os animaua
Mais, que com vozes, com heroicos feitos,
Com que lingoas â Fama eternas daua,
E terror era dos contrarios peitos:
O Lequio capitaõ o acompanhaua,
Opondose aos perigos mais estreitos,
E o principe Detâide em quem naõ falta
Valor, rode a Fortuna baixa, ou alta.

LIX.

Mas desbarata a barbara firmeza
Guzarate esquadraõ, que de Garcia
Naõ pode ndo soffer a fortaleza
Fogindo rompe a imiga companhia:
Rapido o forte Sâ co a ligeireza
Que âs pombas caudal aguia, os perseguia,
E em confusa desordem todos postos,
Iâ poucos mostraõ aos de Luso os rostos.

LX.

Que horrineis, & tremendas cutiladas
Da Lusitana mão recebe o mouro!
Feridas jà naõ daõ curuas espadas,
Nem saõ mais que despojos crizes de ouro:
Rios de sangue correm, que lauadas
As ruas deixaõ com felice agouro
Da bruta mancha, & abominauel cheiro,
Com que monstros Malaca honrou primeiro.

LXI.

Chegaua o tempo da fatal ruina
Daquelle imperio prosperado tanto,
E ao mesmo ponto atè o valor declina
Naquelles que eraõ do Oriente espanto:
Effeito costumado da diuina
Iustiça, qne piedosa, & recta quanto
A mortais o hos o castigo tarda
Em ira aumenta o que a paciencia aguarda.

LXII.

Cõm esta de vitoria alta esperança
A Afonso o seu custodio ali aparece.
A destra armada de fulminea lança,
No esquerdo braço o escudo resplandece:
Como de luz de noua segurança
O coraçaõ magnanimo enriquece,
E entre a de pò, & de fumo nuuem negra
Com voz humana o ar Malayo alegra.

LXIII.

O ponto, ò Afonso, chega que desejàs
Do pretendido fim da alta conquistá,
Olha quantas o Ceo, por qnem pelejas,
Em tua ajuda esquadras hoje alista:
Leuanta os olhos, que Deos quer que vejas
Ideas immortais com mortal vista
Daquelles, que por elle as vidas deraõ,
E dos que com Miguel permaneceraõ.

LXIIII.

Ves ali onde mais arde o conflito,
Entre a Malaya, & Portuguesa gentá
O teu Noronha, jà glorioso esprito,
E os dous Almeidas gloria do Occidente:
Coutinho illustre, & hum Correa inuicto,
E aquelles que neste vltimo Oriente
Seu sangue derramaraõ lâ combatem,
E do guerreiro imigo à furia abatem.

LXV.

Olha acolâ onde esquadraõ superno
Do Custodio da Aurora acaudilhado
Ferindo vai na multidaõ do Auerno,
Que Asmodeu guia contra ti inflammado
Nota como obediente ao Padre Eterno
A retirado vallo jâ expugnado
Por ti, & na prizaõ do fogo a encerra,
Aos guerreiros deixando liure á guerra.

LXVI.

Portanto a espada da gentia, & moura
Seitas destroço agora inuicto aperra,
E a cidade, que o Sol nascendo doura,
Do jugo vil da idolatria liberta.
Caya Babel soberba, Nembrot moura,
E muro funda nessa taipa aberta,
Donde a Fè vâ triunfante, & vencedora
Por todos os confins da clara Aurora.

LXVII.

Disse, & desaparece. E Afonso logo
O inspirado valor executando,
Entra de noüo no mauorcio jogo,
Visiuel rayo abrindo, & derribando:
A espada em hũa mão, & na outra o fogo,
Exemplo aos seus, temor ao imigo dando,
Pelo aberto esquadraõ entra de sorte,
Que rouba o modo de matar â morte.

LXVIII.

Vé que o valente Arnao a espada tira
Tinta em sangue do peito ao inuicto Mello
Que jâ de alento falto, mal respira
Da triste corda morte o rosto bello:
Do caso a compaixaõ lhe acende a irâ
E contra o matador, que a recebello
Sae confiado, iroso se abalança,
Desejoso de gloria, & de vingança.

LXIX.

Daõ se pesados golpes com fereza,
Que lugar o furor naõ deixa â arte,
Mas jâque aquella rigida braueza
A consideraçaõ concedeo parte,
O capitão de Christo coà destreza
A força ajuda no propicio Marte:
Fere o pagão valente em descubèrto,
E o cerebro lhe deixa ao vento aberto.

LXX.

Soſterſe jâ mortal em vão procurâ:
Mas deſpois que jâ aqui, jâ ali ſe inclina,
Qual alto pinho por tormenta dura
Vai com horrendo eſtrepito em ruina:
A gente que o ſeguia mal ſegura
Do medo aconſelhada sò imagina
Como ſaluarſe, & as coſtas dá fogindo
Ao rayo Portugues, que a vay ferindo.

LXXI.

Foje a multidaõ barbara cobarde
Do bautizado pouo perſeguida,
Só o principe Aladim, que em furor arde,
Moſtra deſeſtimar a odioſa vida:
Brama offendido, naõ que o acobarde
Ver de ſeus valedores a fugida,
Mas de valor fazendo heroica proua,
Começa temerario guerra noua.

LXXII.

Em quanto em ira aceſo tanto oſtentâ,
Vè ſobre ſi de tiros nuuem baſta,
Mas contra a feroz turba ſe ſuſtentâ,
E parece que contra todos baſta:
Atè que a força, & multidaõ violenta
Ante ſi o leua, & do perigo o afaſta,
E vendo que ouſar tanto he deſatino
Obedece ao rigor de ſeu deſtino.

LXXIII.

Dâ as coſtas ao furor, porém de ſorte
Que dizer ſe naõ póde que elle fuja,
Nem lhe tira temor da inſtante morte
Que iracundo leão reuolua, & ruja
Forçado a vida ſalua o varaõ forte
Daquelle marcial diluuio, cuja
Desbaratada gente fugitiua
Deixa o patrio terreno á ſorte eſquiua.

O velho

LXXIIII.

O velho páy encontra, que a cidade,
(Iâ naõ ſuâ) deixaua acompanhado
De poucos, em quem força de lealdade
Entaõ pode fazer o medo ouſado:
Geme vendo a paterna mageſtade
Poſta, affligida, no mais triſte eſtado,
De todos quantos via, dependendo,
Amigos, & inimigos jâ temendo.

LXXV.

Ali chega Geinal da vida incerto,
Que eſcapara das mãos do forte Limá,
Do muito ſangue que perdeo cuberto,
O laſſo corpo ſobre a eſpada arrima:
Por mil partes o fino arnez aberto
Acompanhalo em vão Cambir ſe animá,
Que rio de ſeu ſangue a terra eſmalta,
E co a falta do ſangue, a vida falta.

LXXVI.

Iâ o principe Detâide mal ferido
A cidade cos ſeus Darus deixara,
E a naõ ſer de infinitos ſocorrido,
As ſombras vãs de Dite acompanhará:
O bando vencedor ſegue o vencido,
E atè as tranqueiras vltimas naõ para,
A donde planta a inſignia vencedora,
Que o vento alegre eſtende, humilde adorá.

LXXVII.

Aſsi vence Albuquerque forte; & pio
Conſagrar templo a Deos logo procura,
Da Meſquita o tyrano ſenhorio
Tira a Luzbel, & a Chriſto a rende pura.
Aqui ò graõ Philippe, o heroico brio
Humilha, graças dâ, votos pendura,
E âquelles que acabaraõ na glorioſa
Conquiſta, ſepultura dá piedoſa.

LXXVIII.

Agora meu trabalho humilde espera
Que ponhais nelle favoraveis olhos:
Sois Sol, produz o Sol na Primavera
Flores bellas nos asperos abrolhos:
Sou fragil lenho, que em tormenta fera
A vista tenho Syrtes, temo escolhos;
Mas vós Sol, que ás tormentas traz bonança,
Podeis trocar temor em confiança.

FINIS.

EM LISBOA

Por Mathias Rodrigues. Anno de 1634.

REAL · ACAD · DAS · SCIENC · DE · LISBOA · BIBLIOT · COMP